

LIVRO 1 - Questões Discursivas

Português – Frente 1 – Capítulo 1

8 Unicamp 2011



- Nessa tira de Laerte a graça é produzida por um deslizamento de sentido. Qual é ele?
- Descreva esse deslizamento quadro a quadro, mostrando a relação das imagens com o que é dito.

9 Unicamp 2011

GRAMÁTICA

*O substantivo
É o substituto
do conteúdo*

*O adjetivo
É a nossa impressão
sobre quase tudo*

*O diminutivo
É o que aperta o mundo
E deixa miúdo*

*O imperativo
É o que aperta os outros
e deixa mudo*

*Um homem de letras
Dizendo ideias
Sempre se inflama*

*Um homem de ideias
Nem usa letras
Faz ideograma*

*Se altera as letras
E esconde o nome
Faz anagrama*

*Mas se mostro o nome
Com poucas letras
É um telegrama*

*Nosso verbo ser
É uma identidade
Mas sem projeto*

*E se temos verbo
Com objeto
É bem mais direto*

*No entanto falta
Ter um sujeito
Pra ter afeto*

*Mas se é um sujeito
Que se sujeita
Ainda é objeto*

*Todo barbarismo
É o português
Que se repeliu*

*O neologismo
É uma palavra
Que não se ouviu*

*Já o idiotismo
É tudo que a língua
Não traduziu*

*Mas tem idiotismo
Também na fala
De um imbecil*

Composição de Sandra Peres e Luiz Tatit (Palavra Cantada)

- Nessa letra de música são atribuídos sentidos às classificações gramaticais. Escolha duas delas e explique o sentido explorado, justificando sua pertinência ou não.
- Nas duas últimas estrofes, há um deslocamento no uso de "idiotismo". Explique-o.

6 Unicamp 2012 Há notícias que são de interesse público e há notícias que são de interesse do público. Se a celebridade "x" está saindo com o ator "y", isso não tem nenhum interesse público. Mas, dependendo de quem sejam "x" e "y", é de enorme interesse do público, ou de um certo público (numeroso), pelo menos.

As decisões do Banco Central para conter a inflação têm óbvio interesse público. Mas quase não despertam interesse, a não ser dos entendidos.

O jornalismo transita entre essas duas exigências, desafiado a atender às demandas de uma sociedade ao mesmo tempo massificada e segmentada, de um leitor que gravita cada vez mais apenas em torno de seus interesses particulares.

Fernando Barros e Silva, "O jornalista e o assassino". Folha de São Paulo (versão on-line), 18 abr. 2011. Acessado em: 20 dez. 2011.

- A palavra *público* é empregada no texto ora como substantivo, ora como adjetivo. Exemplifique cada um desses empregos com passagens do próprio texto e apresente o critério que você utilizou para fazer a distinção.
- Qual é, no texto, a diferença entre o que é chamado de *interesse público* e o que é chamado de *interesse do público*?

7 Unicamp 2012 O parágrafo reproduzido abaixo introduz a crônica intitulada *Tragédia concretista*, de Luís Martins.

O poeta concretista acordou inspirado. Sonhara a noite toda com a namorada. E pensou: *lábio, lábia*. O *lábio* em que pensou era o da namorada, a *lábria* era a própria. Em todo o caso, na pior das hipóteses, já tinha um bom começo de poema. Todavia, cada vez mais obcecado pela lembrança daqueles lábios, achou que podia aproveitar a sua *lábria* e, provisoriamente desinteressado da poesia pura, resolveu telefonar à criatura amada, na esperança de maiores intimidades e vantagens. Até os poetas concretistas podem ser homens práticos.

Luís Martins, "Tragédia concretista", em *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 132.

- Compare *lábio* e *lábria* quanto à forma e ao significado. Considerando a especificidade do poeta, justifique a ocorrência dessas duas palavras dentro da crônica.
- Explique por que a palavra *todavia* (linha 4) é usada para introduzir um dos enunciados da crônica.

4 Unicamp 2013 Millôr Fernandes foi dramaturgo, jornalista, humorista e autor de frases que se tornaram célebres. Em uma delas, lê-se: *Por quê?* é filosofia. *Porque* é pretensão.

- Explique a diferença no funcionamento linguístico da expressão "porque" indicada nas duas formas de grafá-la.
- Explique o sentido do segundo enunciado do texto (*Porque* é pretensão), levando em consideração a forma como ele se contrapõe ao primeiro enunciado. Considere em sua resposta apenas o sentido atribuído à palavra *pretensão* que se encontra a seguir.

Pretensão: validade exagerada, presunção.

► Instrução: A questão de número 5 toma por base uma crônica de Clarice Lispector (1925-1977).

ESCREVER

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.

Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a "coisa" vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos.

Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros.

Clarice Lispector. *A descoberta do mundo*, 1999.

5 Unesp 2013 Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance.

Ao empregar na frase apresentada o advérbio *eventualmente*, o que revela Clarice Lispector sobre a criação de um conto ou romance?

2 Fuvest 2014 Avalie a redação das seguintes frases:

- O futebol conquistou um papel na sociedade tanto culturalmente como econômico e político.
 - Os clubes buscam a expansão do número de associados bem como reduzir gastos com publicidade.
 - Doravante tais fatos, fica claro que o futebol exerce uma grande influência no cotidiano do brasileiro.
 - O técnico declarou aos jornalistas que, para o próximo jogo, ele tem uma carta na manga do colete.
- Reescreva as frases I e II, corrigindo a falta de paralelismo nelas presente.
 - Reescreva as frases III e IV, eliminando a inadequação vocabular que elas apresentam.

3 Unicamp 2014 *Tenho pena dos astrônomos. Eles podem ver os objetos de sua afeição – estrelas, galáxias, quasares – apenas remotamente: na forma de imagens e telas de computador ou como ondas luminosas projetadas de espectrógrafos antipáticos.*

Mas, muitos de nós, que estudam planetas e asteroides, podem acariciar blocos de nossos amados corpos celestes e induzi-los a revelar seus mais íntimos segredos. Quando eu era aluno de graduação em astronomia, passei muitas noites geladas observando por telescópios aglomerados de estrelas e nebulosas e posso garantir que tocar um fragmento de asteroide é mais gratificante emocionalmente: eles oferecem uma conexão tangível com o que, de outra forma, pareceria distante e abstrato.

Os fragmentos de asteroides que mais me fascinam são os condritos. Esses meteoritos, que compõem mais de 80% dos que se precipitam do espaço, derivam seu nome dos condritos que praticamente todos contêm - minúsculas esferas de material fundido, muitas vezes menores do que um grão de arroz. (...) Quando examinamos finas fatias de condritos sob um microscópio, ficamos sensibilizados da mesma maneira como quando contemplamos pinturas de Wassily Kandinsky e outros artistas abstratos.

(Alan E. Rubin*, Segredos dos meteoritos primitivos. *Scientific American Brasil*, março 2013, p. 49.)

* Alan E. Rubin é geofísico e leciona na Universidade da Califórnia.

- a) Esse trecho, que introduz um artigo científico sobre meteoritos primitivos, apresenta um estilo pouco usual nessa espécie de texto. Indique duas expressões nominais ou verbais do texto que identificam esse estilo.
- b) Nesse trecho, ocorre uma alternância entre o uso da primeira pessoa do singular e o da primeira pessoa do plural. Dê uma justificativa para o uso dessa alternância na passagem.

1 Fvest 2015 Leia o seguinte texto jornalístico:

PARA PARA

Numa de suas recentes críticas internas, a ombudsman desta Folha propôs uma campanha para devolver o acento que a reforma ortográfica roubou do verbo "parar". Faz todo sentido.

O que não faz nenhum sentido é ler "São Paulo para para ver o Corinthians jogar". Pior ainda que ler é ter de escrever.

Juca Kfour, Folha de S. Paulo, 22/09/2014. Adaptado.

- a) No primeiro período do texto, existe alguma palavra cujo emprego conota a opinião do articulista sobre a reforma ortográfica? Justifique sua resposta.
- b) Para evitar o "para para" que desagradou ao jornalista, pode-se reescrever a frase "São Paulo para para ver o Corinthians jogar", substituindo a preposição que nela ocorre por outra de igual valor sintático-semântico ou alterando a ordem dos termos que a compõem. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.

LIVRO 1 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 1 – Capítulo 1

8. a) O humor é produzido pelo deslizamento de sentido do nome da profissão "afinador de piano", que pode ser entendido como aquele que irá deixar as notas musicais do piano em harmonia, como aquele que irá reduzir o tamanho do piano.
- b) No primeiro quadro, "afinador de piano" está no sentido do profissional que ajusta notas de instrumentos musicais, ao menos para o sujeito que é o próprio afinador. Isso é provado pelo diapasão que esse profissional segura. No segundo quadro, o dono do piano revela que entende "afinador" como aquele capaz de reduzir o tamanho do piano. Com essa quebra de expectativa, no terceiro quadro, o afinador de piano se revela um mal-educado ao quebrar o piano na cabeça de seu dono. Aqui temos um novo motivo de humor, pois o afinador não é uma pessoa fina (ou seja, elegante e educada), mas "grossa" (deselegante e mal-educada).

9. a) Deve ficar claro que a letra da música não define as classes gramaticais, mas lhe dá um significado lírico. Diante disso, podemos explicar, por exemplo, "E se temos verbo/ Com objeto/ É bem mais direto". Esse verso é apenas parcialmente correto, pois o verbo pode ser gramaticalmente um transitivo indireto. No verso "Todo barbarismo/ É o português/ Que se repeliu", a definição pode ser considerada correta, pois barbarismo é uma forma linguística que não faz parte da esfera da língua culta.
 - b) O deslocamento ocorre porque "Idiotismo" pode ter dois significados. No penúltimo verso, significa uma construção peculiar de uma determinada língua que não encontra cognatos em outras línguas. No último verso, significa uma linguagem de pessoas que, por algum motivo, são destituídas de inteligência.
6. a) Em "Interesse público", temos o adjetivo, uma vez que o vocábulo "público" está dando uma propriedade ao ser, o substantivo, no caso "Interesse". Em "Interesse do público", o vocábulo "público" está precedido de artigo (em contração com a preposição: "do"), o que faz de "público" um substantivo.
 - b) A expressão "Interesse público" refere-se àquilo que interessa ao cidadão comum, como deveres, direitos, órgãos representativos, contas públicas etc. ("decisões do Banco Central"). Já a expressão "Interesse do público" está ligada ao interesse do expectador em relação àquilo que seria da esfera do privado ("Interesses particulares").
7. a) Os substantivos "lábria" e "lábrio" possuem, em termos formais, semelhança na escrita e na pronúncia, constituindo-se em uma figura muito apreciada pelos poetas concretistas denominada paronomásia, isto é, o trocadilho. No nível do conteúdo, relacionam-se pelo fato de que pela lábria (linguagem com poder de persuasão) chega-se aos lábios. Como o enunciador do texto é escritor, a lábria liga-se à competência linguística e o lábio à temática amorosa presente em muitas obras, inclusive no poema que iria escrever.
4. a) Na primeira ocorrência, funciona como pronome interrogativo em frase interrogativa; na segunda, exerce o papel de conjunção coordenativa explicativa em frase que deve ser entendida como uma declaração (a palavra "porque" usada nas respostas, nas explicações, é uma pretensão).
 - b) O pronome interrogativo "por quê" liga-se à ideia da indagação. Essa relação semântica está relacionada no contexto à Filosofia, ciência que vive de questionamentos. A conjunção explicativa "porque" está relacionada à justificativa, à resposta, à explicação do ser e do mundo; nesse caso, contrapondo-se ao questionamento filosófico, dar uma resposta, ou uma explicação às coisas é presunção, não temos ainda o acesso à verdade, achar a que possuímos é vaidade humana.
5. O advérbio "eventualmente" enfatiza a ideia da possibilidade de algo transformar-se num conto ou num romance. Tal advérbio deixa pressuposto que não é toda ideia que surge que é transformada num texto daquele gênero. Por isso, Clarice afirma que fica "à mercê do tempo" e que "entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos". A criação de um conto ou romance ocorre, portanto, casualmente, quando, nas palavras da escritora, "espontaneamente a 'coisa' vem".

2. a) Há algumas possibilidades de como reescrever as frases. El-las:
- O futebol conquistou um papel na sociedade, tanto culturalmente quanto econômica e politicamente;
 - O futebol conquistou um papel na sociedade, tanto cultural quanto econômico e político;
 - Os clubes buscam a expansão do número de associados bem como a redução dos gastos com publicidade.
 - Os clubes buscam expandir o número de associados bem como reduzir os gastos com publicidade.
- b) Eis as frases reescritas:
- De acordo com/Diante de tais fatos, fica claro que o futebol exerce uma grande influência no cotidiano do brasileiro;
 - O técnico declarou aos jornalistas que, para o próximo jogo, ele tem uma carta na manga.
3. a) Expressões nominais ou verbais pouco usuais em textos de caráter científico, entre outras, são: "mais me fascinam"; "seus mais íntimos segredos".
- b) A utilização da primeira pessoa do singular ("eu") é feita com a intenção de o autor relatar experiências próprias em seu processo de aprendizado. Com a utilização da primeira pessoa do plural ("nós"), se inclui no grupo dos astrônomos, uma vez que o "eu" é o autor e "eles" são os astrônomos.
1. a) No primeiro período do texto, Juca Kfourri usa o verbo "roubar" para referir-se a uma mudança gráfica decorrente da Reforma ("[...] devolver o acento que a reforma ortográfica **roubou** do verbo 'parar'"). Como esse verbo tem conotação negativa para o sujeito da oração, que no caso é "a reforma ortográfica", é possível afirmar que o articulista é contrário a essa mudança gráfica, o que se confirma no segundo parágrafo, quando afirma que é ruim ler e escrever "São Paulo para para ver o Corinthians jogar".
- b) Pode-se evitar a justaposição de "para para", substituindo a preposição "para" pela locução prepositiva de finalidade "a fim de" ("São Paulo para **a fim de** ver o Corinthians jogar") ou alterando a ordem dos termos da frase ("Para ver o Corinthians jogar, São Paulo para").

LIVRO 1 - Questões Discursivas

Português – Frente 1 – Capítulo 2

17 Uerj 2011

DESENCONTRÁRIOS

Mandei a palavra rimar,
ela não me obedeceu.
Falou em mar, em céu, em rosa,
em grego, em silêncio, em prosa.
Parecia fora de si,
a sílaba silenciosa.

Mandei a frase sonhar,
e ela se foi num labirinto.
Fazer poesia, eu sinto, apenas isso.
Dar ordens a um exército,
para conquistar um império extinto.

Paulo Leminski. In: Góes, F. e Martins, A. (Orgs.). *Melhores poemas de Paulo Leminski*. São Paulo: Global, 2001.

Considere a formação da palavra "Desencontrários", título do poema de Paulo Leminski. Separe seus elementos morfológicos. Em seguida, nomeie o primeiro morfema que a compõe e indique seu significado.

16 Unicamp 2012 Os verbetes apresentados em (II) a seguir trazem significados possíveis para algumas palavras que ocorrem no texto intitulado Bicho Gramático, apresentado em (I).

I

Vicente Matheus (1908-1997) foi um dos personagens mais controversos do futebol brasileiro. Esteve à frente do paulista Corinthians em várias ocasiões entre 1959 e 1990. Voluntarioso e faladrão, o uso que fazia da língua portuguesa nem sempre era aquele reconhecido pelos livros. Uma vez, querendo deixar bem claro que o craque do Timão não seria vendido ou emprestado para outro clube, afirmou que "o Sócrates é invendável e imprestável". Em outro momento, exaltando a versatilidade dos atletas, criou uma pérola da lingüística e da zoologia: "Jogador tem que ser completo como o pato, que é um bicho aquático e gramático".

Revista de História da Biblioteca Nacional, jul. 2011, p. 85. (Adapt.)

II

Invendável: que não se pode vender ou que não se vende com facilidade.

Imprestável: que não tem serventia; inútil.

Aquático: que vive na água ou à sua superfície.

Gramático: que ou o que apresenta melhor rendimento nas corridas em pista de grama (diz-se de cavalo).

Dicionário HOJAESS (versão digital on-line), <hojaess.uol.com.br>.

- Descreva o processo de formação das palavras *invendável* e *imprestável* e justifique a afirmação segundo a qual o uso que Vicente Matheus fazia da língua portuguesa "nem sempre era aquele reconhecido pelos livros".
- Explique por que o texto destaca que Vicente Matheus "criou uma pérola da lingüística e da zoologia".

14 Unicamp 2014

Veja também em:

Português - Livro 1 - Frente 1 - Capítulo 1

Na última década, os sites de comércio eletrônico têm alterado preços com base em seus hábitos na Web e atributos pessoais. Qual é a sua situação geográfica e seu histórico de compras? Como você chegou ao site de comércio eletrônico? Em que momentos do dia você o visita? Toda uma literatura emergiu sobre ética, legalidade e promessas econômicas de otimização de preços. E o campo está avançando rapidamente: em setembro passado, o Google recebeu a patente de uma tecnologia que permite que uma companhia precifique de forma dinâmica o conteúdo eletrônico. Pode, por exemplo, subir o preço de um livro eletrônico se determinar que você tem mais chances de comprar aquele item em particular do que um usuário médio; ao contrário, pode ajustar o preço para baixo como um incentivo se julgar que é menos provável que você o compre. E você não saberá que está pagando mais do que outros exatamente pelo mesmo produto.

(Michael Fertik, Um conto de duas internetes. *Scienc&Ar*: American Busi, São Paulo, março 2013, p. 18.)

- Considerando as informações presentes no trecho, explique o sentido de "precificar".
- Substitua os dois conectivos "se" sublinhados, fazendo as adaptações gramaticais necessárias e mantendo o nível de formalidade do período.

15 Unicamp 2014

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 2

A sobrevivência dos meios de comunicação tradicionais demanda foco absoluto na qualidade de seu conteúdo. A internet é um fenômeno de desintermediação. E que futuro aguardam os meios de comunicação, assim como os partidos políticos e os sindicatos, num mundo desintermediado? Só nos resta uma saída: produzir informação de alta qualidade técnica e ética. Ou fazemos jornalismo de verdade, fiel à verdade dos fatos, verdadeiramente fiscalizador dos poderes públicos e com excelência na prestação de serviços, ou seremos descartados por um consumidor cada vez mais fascinado pelo aparente autocontrole da informação na plataforma virtual.

(Carlos Alberto di Franco, Democracia demanda jornalismo independente. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14/10/2013, p. A2.)

- "Desintermediação" é um termo técnico do campo da comunicação. Ele se refere ao fato de que os meios de comunicação tradicionais não mais detêm o monopólio da produção e distribuição de mensagens. Considerando esse "mundo desintermediado", identifique duas críticas ao jornalismo atual formuladas pelo autor.
- Os processos de formação de palavras envolvidos no vocábulo "desintermediação" não ocorrem simultaneamente. Tendo isso em mente, descreva como ocorre a formação da palavra "desintermediação".

13 Unicamp 2015 Os textos abaixo foram retirados da coluna "Caras e bocas", do Caderno Aliás, do jornal *O Estado de São Paulo*.

*"A intenção é **salvar** o Brasil."*

Ana Paula Logulho, professora e entusiasta da segunda "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", que pede uma intervenção militar no país e pretendeu reeditar, no sábado, a passeata de 19 de março de 1964, na capital paulista, contra o governo do Presidente João Goulart.

*"Será um evento **esculhambativo** em homenagem ao outro de São Paulo."*

José Caldas, organizador da "Marcha com Deus e o Diabo na Terra do Sol", convocada pelo Facebook para o mesmo dia, no Rio de Janeiro.

(*O Estado de São Paulo*, 23/03/2014, Caderno Aliás, E4. Negritos presentes no original.)

- Descreva o processo de formação de palavras envolvido em "esculhambativo", apontando o tipo de transformação ocorrida no vocábulo.
- Discorra sobre a diferença entre as expressões "evento esculhambado" e "evento esculhambativo", considerando as relações de sentido existentes entre os dois textos acima.

4 Unicamp 2018 Enquanto viveu em Portugal, o escritor Mário Prata reuniu centenas de vocábulos e expressões usados no português falado na Europa que são diferentes dos termos correspondentes usados no português do Brasil. Reproduzimos abaixo um dos verbetes de seu dicionário.

DESCAPOTÁVEL

É outra palavra que em português faz muito mais sentido do que em brasileiro. Não é mais claro dizer que um carro é descapotável, do que conversível?

Mário Prata, Dicionário de português: schiffelbröwle. São Paulo: Editora Globo, 1993, p. 48.

- Identifique os dois afixos que formam a palavra "descapotável" a partir do substantivo "capota" (cobertura de um automóvel) e explique a função de cada um.
- Explique por que o autor considera, com certo humor, que a palavra "descapotável" do português europeu faz mais sentido de que o termo "conversível", usado no português brasileiro.

LIVRO 1 - Questões Discursivas**Gabarito - Português – Frente 1 – Capítulo 2**

- A palavra "desencontrários" é formada por derivação, processo através do qual de uma palavra se formam outras, por meio da agregação de certos elementos que lhe alteram o sentido, mas sempre se referindo ao valor semântico da palavra primitiva. Assim, há duas possibilidades para a formação da palavra em questão, considerando o radical, prefixos e sufixos e desinências flexionais: des + en + contr + ário + s; des + en + contr + ari + o + s. "Des" é um prefixo que indica negação.
- a) Eis os processos de formação:
 - Invendável: ao verbo "vender" acrescentou-se o sufixo -vel formador de adjetivo. Do adjetivo "vendável", por derivação prefixal (In-), formou-se "Invendável".
 - Imprestável: Por derivação sufixal formou-se o adjetivo "emprestável" com o acréscimo do sufixo -vel ao verbo "emprestar". Então, houve uma construção que não é contemplada pelos manuais de gramática, pois Vicente Matheus troca o fonema "e" pelo fonema "i", construindo o prefixo com um sentido de negação à palavra. Pode-se falar em um caso de neologismo, pois se acrescentou outro significado ao vocábulo "Imprestável": de "não serventia" passou-se a ter o sentido de que "não pode ser emprestado".Dessa forma, o ex-presidente dava aos vocábulos um sentido distinto daquele previsto pelos dicionários; o uso que fazia da língua portuguesa "nem sempre era aquele reconhecido pelos livros".
- b) A passagem que comprova que Vicente Matheus "criou uma pérola da linguística e da zoologia" é "Jogador tem que ser completo como o pato, que é um bicho aquático e gramático". Ao comparar o jogador ao pato, o ex-presidente atribui – por meio do adjetivo "aquático" – uma característica inusitada à ave, por isso a pérola da zoologia. Ao atribuir ao pato o adjetivo "gramático", cria a pérola linguística, pois, ao contrário do que pretendia, caracteriza-a ave por meio de um adjetivo pertinente ao universo da linguística.

14. a) Levando em conta o contexto, deduz-se que o neologismo **precificar** significa *estabelecer o preço, determinar quanto deve ser cobrado pela venda de um produto*.
- b) Substituindo a palavra SE, temos: *Pode, por exemplo, subir o preço de um livro eletrônico caso **determine** que você tem mais chances de comprar aquele item em particular do que um usuário médio; ao contrário, pode ajustar o preço para baixo como um incentivo contanto que julgue que é menos provável que você o compre.*
15. a) Duas críticas ao jornalismo atual formuladas pelo autor podem ser identificadas na seguinte passagem: *"Ou fazemos jornalismo de verdade, fiel à verdade dos fatos, verdadeiramente fiscalizador dos poderes públicos e com excelência na prestação de serviços".* Ou seja, conclui-se dela que o jornalismo atual não é fiel à verdade dos fatos, não fiscaliza verdadeiramente o poder público, tampouco presta serviços públicos com excelência.
- b) Para se formar **desintermediação**, o prefixo **inter-** e o sufixo formador de substantivo **-ção** foram agregados ao verbo **mediar**, formando **intermediação**. A esse vocábulo acrescentou-se o prefixo de sentido negativo **-des**.
13. a) A palavra "esculhambativo" foi formada a partir da palavra-base "esculhambar", que é um verbo, por meio de derivação sufixal: afixou-se o sufixo **-ivo**, formador de adjetivo, ao radical "esculhamb-".
- b) Na expressão "evento esculhambado", a desinência de particípio confere à ação de esculhambar aspecto pontual no passado e confere ao substantivo "evento" papel temático de alvo da ação. Já na expressão "evento esculhambativo", o sufixo **-ivo**, formador de adjetivo, tem papel temático agenteivo, e, portanto, trata-se de um evento que realiza a ação de esculhambar. Isso explica por que a "Marcha com Deus e o Diabo na Terra do Sol", do segundo texto, é "esculhambativo" em relação à segunda "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", do primeiro texto: aquela é agente da ação de esculhambar, isto é, da ação de repreender, de criticar; esta é alvo da ação de esculhambar e, portanto, foi esculhambada, repreendida, criticada.
4. a) O adjetivo "descapotável" é formado a partir do substantivo "capota", por acréscimo do prefixo "des-" e do sufixo "-(a)vel". Como um **carro descapotável** é um veículo do qual se **pode tirar** (ou recolher) a capota, infere-se que o prefixo "des-" tem valor de **processo reverso** (no caso, ao de colocar-se a capota sobre o carro) e que o sufixo "-(a)vel" tem valor de **possibilidade**.
- b) Para o autor faz mais sentido empregar **descapotável** em lugar de conversível para um carro porque a cobertura desses carros chama-se "capota". Portanto, se se trata de um carro que pode ter a **capota** removida ou recolhida, então seria mais direto e mais claro usar uma palavra **derivada** de **capota**, que é o caso de **descapotável**, e não o de **conversível**, que nem é cognato de **capota**. Este adjetivo faz referência a algo que pode converter-se.

LIVRO 1 - Questões Discursivas

Português – Frente 1 – Capítulo 3

► Texto para a questão 23.

SONETO

[Moraliza o poeta nos ocidentes do sol a inconstância dos bens do mundo]

*Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.*

*Porém se acaba o Sol, por que nascia?
Se formosa a Luz é, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?*

*Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sinta-se tristeza.*

*Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.*

Gregório de Matos. *Obras completas de Gregório de Matos*. Salvador: Juaína, 1969, 7 volumes.

23 UFRJ 2011 De forma recorrente, o Barroco lança mão de figuras de sintaxe como recurso expressivo.

- a) Considerando o terceiro e o quarto versos da primeira estrofe do soneto, explicita as duas figuras de sintaxe que, nesses versos, estão relacionadas aos termos oracionais classificados, tradicionalmente, como essenciais ou básicos.
- b) Classifique, quanto à função sintática, os constituintes do último verso da primeira estrofe.

► A questão de número 22 toma por base um trecho da conferência *Sobre algumas lendas do Brasil*, de Olavo Bilac (1865-1918), e um soneto do mesmo autor, utilizado por ele para ilustrar seus argumentos.

Sendo cada homem todo o universo, tem dentro de si todos os deuses, todas as potestades superiores e inferiores que dirigem o universo. (Tudo, se existe objetivamente, é porque existe subjetivamente; tudo existe em nós, porque tudo é criado e alimentado por nós). E esta consideração nos leva ao assunto e à explanação do meu tema. Existem em nós todas as entidades fantásticas, que, segundo a crença popular, enchem a nossa terra: são sentimentos humanos, que, saindo de cada um de nós, personilizam-se, e começam a viver na vida exterior, como mitos da comunhão.

Tupã, demiurgo criador, e o seu Anhangá, demiurgo destruidor. É o eterno dualismo, governando todas as fases religiosas, toda a história mitológica da humanidade. Já entre os persas e os iranianos, na religião de Zoroastro, havia um deus de bondade, Ormuz, e um deus de maldade, Ahriman. A religião de Manés, na Babilônia, não criou a ideia do dualismo; acentuou-a, precisou-a; a base da religião dos maniqueus era a oposição e o contraste da luz e da treva: o mundo visível, segundo eles, era o resultado da mistura desses dois elementos eternamente inimigos. Mas em todos os grandes povos, e em todas as pequenas tribos, sempre houve, em todos os tempos, a concepção desse conflito: e esse conflito perdura no catolicismo, fixado na concepção de Deus e do Diabo. Os nossos Índios sempre tiveram seu Tupã e o seu Anhangá... Ora, o selvagem das margens do Amazonas, do São Francisco e do Paraná compreende os dois demiurgos, porque os sente dentro de si mesmo. E nós, os civilizados do litoral, compreendemos e contemos em nós esses dois princípios antagonicos, Deus e o Diabo. Cada um de vós tem uma arena íntima em que a todo o instante combatem um gênio do bem e um gênio do mal:

*Não és bom, nem és mau: és triste e humano...
Vives ansiando em maldições e preces,
Como se, a arder, no coração tivesses
O tumulto e o clamor de um largo oceano.*

*Pobre, no bem como no mal, padeces;
E, rolando num vórtice vesano*,
Oscilas entre a crença e o desengano,
Entre esperanças e desinteresses.*

*Capaz de horrores e de ações sublimes,
Não ficas das virtudes satisfeito,
Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:*

*E, no perpétuo ideal que te devora,
Residem juntamente no teu peito
Um demônio que ruge e um deus que chora...*

* Vesano: louco, demente, delirante, insensato.

(Últimas conferências e discursos, 1927.)

22 Unesp 2014 Indique a pessoa gramatical dos verbos empregados no soneto e identifique, no plano do conteúdo, a quem o eu lírico se dirige por meio dessa pessoa gramatical.

✓ A questão de número 21 toma por base um poema de Luiz Gama (1830-1882), poeta, jornalista e líder abolicionista brasileiro, nascido livre e vendido como escravo pelo próprio pai, e um excerto da narrativa *Doze anos de escravidão*, de Solomon Northup (1808-1863), homem livre sequestrado em Washington em 1841 e submetido à escravidão em fazendas da Louisiana, livro que serviu de base ao roteiro do filme *12 anos de escravidão*, dirigido por Steve McQueen.

NO CEMITÉRIO DE S. BENEDITO

*Em lúgubre recinto escuro e frio,
Onde reina o silêncio aos mortos dado,
Entre quatro paredes descoradas,
Que o caprichoso luxo não adoma,
5 Jaz da terra coberto humano corpo,
que escravo sucumbiu, livre nascendo!
Das hórridas cadeias desprendido,
Que só forjam sacrílegos tiranos,
Dorme o sono feliz da eternidade.*

10 *Não cercam a morada lutuosa
Os salgueiros, os fúnebres ciprestes,
Nem lhe guarda os umbrais da sepultura
Pesada laje de espartano mármore,
Somente levantado em quadro negro*
15 *Epitáfio se lê, que impõe silêncio!
— Descansam neste lar caliginoso¹
O mísero cativo, o desgraçado!...*

*Aqui não vem rasteira a vil lisonja
Os feitos decantar da tirania,
20 Nem ofuscando a luz da sã verdade
Eleva o crime, perpetua a infâmia.*

*Aqui não se ergue altar ou trono d'buro
Ao torpe mercador de carne humana.
Aqui se curva o filho respeitoso*
25 *Ante a lousa materna, e o pranto em fio
Cai-lhe dos olhos revelando mudo
A história do passado. Aqui nas sombras
Da funda escuridão do horror eterno,
Dos braços de uma cruz pende o mistério,
30 Faz-se o cetro² bordão³, andrajo a túnica,
Mendigo o rei, o potentado⁴ escravo!*

(Primeiros trovos burlescos e outros poemas, 2000.)

¹caliginoso: muito escuro, tenebroso.

²cetro: bastão de comando usado pelos reis.

³bordão: cajado grosso usado como apoio ao caminhar.

⁴potentado: pessoa muito rica e poderosa.

DOZE ANOS DE ESCRAVIDÃO

Houvera momentos em minha infeliz vida, muitos, em que o vislumbre da morte como o fim de sofrimentos terrenos – do túmulo como um local de descanso para um corpo cansado e alquebrado – tinha sido agradável de imaginar. Mas tal contemplação desaparece na hora do perigo. Nenhum homem, em posse de suas forças, consegue ficar imperturbável na presença do “rei dos horrores”. A vida é cara a qualquer coisa viva; o verme rastejante lutar por ela. Naquele momento, era cara para mim, escravizado e tratado tal como eu era.

Sem conseguir livrar a mão dele, novamente o peguei pelo pescoço e dessa vez com uma empunhadura medonha que logo o fez afrouxar a mão. Tibeats ficou enfraquecido e desmobilizado. Seu rosto, que estivera branco de paixão, estava agora preto de asfixia. Aqueles olhos miúdos de serpente que exalavam tanto veneno estavam agora cheios de horror – duas órbitas brancas precipitando-se para fora.

Havia um “demônio à espreita” em meu coração que me instava a matar o maldito cão naquele instante – a manter a pressão em seu odioso pescoço até que o sopro de vida se fosse! Não ousava assassiná-lo, mas não ousava deixá-lo viver. Se eu o matasse, minha vida teria de pagar pelo crime – se ele vivesse, apenas minha vida satisfaria sua sede de vingança. Uma voz lá dentro me dizia para fugir. Ser um andarilho nos pântanos, um fugitivo e um vagabundo sobre a Terra, era preferível à vida que eu estava levando.

(Doze anos de escravidão, 2014.)

21 Unesp 2015 Indique os termos que exercem a função de sujeito nas orações que constituem os versos 24 e 29 do poema de Luiz Gama e o que há de comum nesses versos no que se refere à posição que ocupam em relação aos respectivos predicados.

LIVRO 1 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 1 – Capítulo 3

23. a) As duas figuras de construção sintática são as seguintes: hipérbato (Inversão da ordem canônica dos termos sintáticos “em tristes sombras” e “a formosura”, no terceiro verso, e dos termos “em contínuas tristezas” e “a alegria”, no quarto verso); elipse/zeugma (omissão do verbo “morre” no quarto verso).
22. O eu lírico se dirige ao leitor tomando-o como toda a humanidade. Os verbos estão na segunda pessoa do singular (tu), dirigidos a um destinatário impessoal (um dos usos possíveis de tu, como de seu equivalente você). Portanto, sendo o poema dirigido ao homem em geral, suas características seriam inerentes à espécie humana e sintetizadas nos dois últimos versos: “Residem juntamente no teu peito / Um demônio que ruge e um deus que chora...”
21. Nos dois versos (24 e 29) do poema de Luiz Gama, aos quais o exercício se refere, são encontrados, respectivamente, os seguintes sujeitos: “o filho respeitoso” e “o mistério”. Ambos estão pospostos ao verbo, configurando a frase como ordem indireta, diferente da ordem direta ou padrão, na qual o sujeito vem antes do verbo.

LIVRO 1 - Questões Discursivas

Português – Frente 1 – Capítulo 4

24 Unicamp 2013 A experiência que comprovou a existência da partícula conhecida como bóson de Higgs teve ampla repercussão na imprensa de todo o mundo, pelo papel fundamental que tal partícula teria no funcionamento do universo. Leia o comentário a seguir, retirado de um texto jornalístico, e responda às questões propostas.

Por alguma razão, em língua portuguesa convencionou-se traduzir o apelido do bóson como “partícula de Deus” e não “partícula Deus”, que seria a forma correta.

Folha de S. Paulo, São Paulo, 05 jul. 2012, Caderno Ciência, p. 10.

- a) Explique a diferença sintática que se pode identificar entre as duas expressões mencionadas no trecho reproduzido: “partícula de Deus” e “partícula Deus”.
- b) Explique a diferença de sentido entre uma e outra expressão em português.

► A questão 19 toma por base uma passagem de uma palestra de Amadeu Amaral (1875-1929) proferida em São Paulo, em 1914, e uma charge de Dum.

ÁRVORES E POETAS

Para o botânico, a árvore é um vegetal de grande altura, composto de raiz, tronco e fronde, subdividindo-se cada uma dessas partes numa certa quantidade de elementos: – reduz-se tudo a um esquema. O botânico estuda-lhe o nascimento, o crescimento, a reprodução, a nutrição, a morte; descreve-a; classifica-a. Não lhe liga, porém, maior importância do que aquela que empresta ao mais microscópico dos fungos ou ao mais desinteressante dos cogumelos. O carvalho, com toda a sua corpulência e toda a sua beleza, vale tanto como a relva que lhe cresce à sombra ou a trepadeira desprezível e teimosa que lhe enrosca os sarmentos¹ colubrinos² pelas rugosidades do caule. Por via de regra vale até menos, porque as grandes espécies já dificilmente deparam qualquer novidade. Para o jurista, a árvore é um bem de raiz, um objeto de compra e venda e de outras relações de direito, assim como a paisagem que a enquadra – são propriedades particulares, ou terras devolutas. E há muita gente a quem a vista de uma grande árvore sugere apenas este grito de alma: – “Quanta lenha!...”

O poeta é mais completo. Ele vê a árvore sob os aspectos da beleza e sob o ângulo antropomórfico³: encara-a de pontos de vista comuns à humanidade de todos os tempos. Vê-a na sua graça, na sua força, na sua formosura, no seu colorido; sente tudo quanto ela lembra, tudo quanto ela sugere, tudo quanto ela evoca, desde as impressões mais espontâneas até as mais remotas, mais vagas e mais indefiníveis. Dá-nos, assim, uma noção “humana”, direta e viva da árvore, – pelo menos tão verdadeira quanto qualquer outra.

(Letras floridas, 1976.)

¹sarmento: ramo delgado, flexível.

²colubrino: com forma de cobra, sinuoso.

³antropomórfico: descrito ou concebido sob forma humana ou com atributos humanos.

NOVO CÓDIGO FLORESTAL: BANCADA RURALISTA



(www.dumilustrador.blogspot.com)

19 Unesp 2016 "O botânico estuda-lhe o nascimento, o crescimento, a reprodução, a nutrição, a morte"

Do ponto de vista sintático, que relação os termos sublinhados estabelecem com o verbo? Do ponto de vista semântico, a organização dos substantivos sublinhados aparenta seguir um determinado critério; um desses substantivos, contudo, romperia tal organização. Identifique qual seria esse critério e o substantivo que romperia sua organização.

LIVRO 1 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 1 – Capítulo 4

24. a) A expressão "partícula de Deus" é formada por um substantivo ("partícula", núcleo da expressão) e uma locução adjetiva (preposição mais substantivo), exerce o papel sintático de adjunto adnominal; já a expressão "partícula Deus" é formada por um substantivo ("partícula", núcleo da expressão) e um substantivo adjetivado (exerce o papel de adjetivo) por derivação imprópria (mudança de classe gramatical), também exerce o papel de adjunto adnominal.
- b) Em "partícula de Deus", temos o valor de posse; a partícula é fruto da criação divina, pertence à obra divina; em "partícula Deus", o termo "Deus" deve ser entendido como metáfora, uma partícula que tem a mesma importância que "Deus", por ter um papel fundamental no funcionamento do universo.
19. Quanto à sintaxe, os cinco substantivos coordenados entre si agem como complemento do verbo *estudar*, isto é, são objeto direto dessa forma verbal. Em relação à semântica, os substantivos indicam uma gradação relacionada ao ciclo de vida de um ser. Entre eles, porém, a palavra *nutrição* desfaz essa organização, por não representar uma das etapas do ciclo.

LIVRO 1 - Questões Discursivas

Português – Frente 1 – Capítulo 5

25 Unicamp 2014

Veja também em:

Interpretação de texto • Livro Único • Frente Única • Capítulo 2

Uma cidade como Paris, Zé Fernandes, precisa ter cortesãs de grande pompa e grande fausto. Ora para montar em Paris, nesta tremenda carestia de Paris, uma cocotte com os seus vestidos, os seus diamantes, os seus cavalos, os seus lacaios, os seus camarotes, as suas festas, o seu palacete (...), é necessário que se agremiem umas poucas de fortunas, se forme um sindicato! Somos uns sete, no Clube.

Eu pago um bocadinho...

(Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011, p. 94.)

*cocotte: mulher de hábitos libertinos e vida luxuosa; meretriz.

*fausto: luxo.

- a) Que expressão do texto representa uma marca direta de interação do narrador com outro personagem?
- b) Uma descrição pode ter um efeito argumentativo. Que trecho descritivo do texto reforça a imagem da vida luxuosa das cortesãs na Paris da época (fim do século XIX)?

LIVRO 1 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 1 – Capítulo 5

25. a) A expressão que representa uma marca direta de interação do narrador com outra personagem é o vocativo *Zé Fernandes*.
- b) Estabelecendo oposição com a "tremenda carestia de Paris", o trecho descritivo que reforça a imagem da vida luxuosa das cortesãs na Paris do fim do século XIX é "uma cocotte com os seus vestidos, os seus diamantes, os seus cavalos, os seus lacaios, os seus camarotes, as suas festas, o seu palacete".

LIVRO 1 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 2

26 Unicamp 2012 Os excertos a seguir foram extraídos do *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente.

[...] FIDALGO: *Que leixo na outra vida quem reze sempre por mi.*

DIABO: [...] *E tu viveste a teu prazer, cuidando cá guarecer por que rezem lá por ti!...*

ANJO: *Que querês?*

FIDALGO: *Que me digais, pois parti tão sem aviso, se a barca do paraíso é esta em que navegais.*

ANJO: *Esta é; que me demandais?*

FIDALGO: *Que me leixês embarcar.*

sô fidalgo de solar,

é bem que me recolhais.

ANJO: *Não se embarca tirania neste batel divinal.*

FIDALGO: *Não sei por que haveis por mal Que entr'a minha senhoria.*

ANJO: *Pera vossa fantasia mui estreita é esta barca.*

FIDALGO: *Pera senhor de tal marca nom há aqui mais cortesia? [...]*

ANJO: *Não vindes vós de maneira pera ir neste navio.*

Essoutro vai mais vazio:

a cadeira entrará

e o rabo caberá

e todo vosso senhorio.

Vós irês mais espaçoso

com fumosa senhoria,

cuidando na tirania

do pobre povo queixoso;

e porque, de generoso,

desprezastes os pequenos,

achar-vos-eis tanto menos

quanto mais fostes fumoso. [...]

SAPATEIRO: [...] *E pera onde é a viagem?*

DIABO: *Pera o lago dos danados.*

SAPATEIRO: *Os que morrem confessados, onde têm sua passagem?*

DIABO: *Nom cures de mais linguagem!*

Esta é a tua barca, esta!

[...] *E tu morreste excomungado:*

não o quiseste dizer.

Esperavas de viver,

calaste dous mil enganoso...

tu roubaste bem trint'anos

o povo com teu mester. [...]

SAPATEIRO: *Pois digo-te que não quero!*

DIABO: *Que te pês, hás-de ir, si, si!*

SAPATEIRO: *Quantas missas eu ouvi, não me hão elas de prestar?*

DIABO: *Ouvir missa, então roubar,*

é caminho per'aqui.

Gil Vicente. *Auto da barca do inferno*, em Cleonice Bernardelli (org.), *Antologia do teatro de Gil Vicente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984, p. 57-59 e 68-69.

- Por que razão específica o fidalgo é condenado a seguir na barca do inferno? E o sapateiro?
- Além das faltas específicas desses personagens, há uma outra, comum a ambos e bastante praticada à época, que Gil Vicente condena. Identifique essa falta e indique de que modo ela aparece em cada um dos personagens.

LIVRO 1 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 2

- 26.** a) O fidalgo foi condenado pela tirania, ou seja, por explorar o "pobre povo queixoso" e pela vaidade e arrogância ("[...] desprezastes os pequenos [...]"). Já o sapateiro foi condenado por ter roubado os próprios clientes por meio de seu ofício ("[...] tu roubaste bem trint'anos/o povo com teu mester [...]").
- b) Gil Vicente critica a hipocrisia religiosa, pois tanto o fidalgo quanto o sapateiro se valeram pragmaticamente de comportamentos cristãos com o objetivo de obterem o paraíso celeste. Dizendo de outra forma, faltava-lhes a fé verdadeira e um autêntico sentimento cristão, pois a relação estabelecida por ambos com a religião é meramente funcional e baseada no comércio do céu, isto é, eles demonstram acreditar que o exercício de ritos tradicionais (as orações da esposa do fidalgo e as missas que o sapateiro ouviu) valeria como moeda de troca para a eternidade, apesar dos atos indignos por eles praticados.

LIVRO 1 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 3

23 Unicamp 2016 Leia o soneto abaixo, de Luís de Camões:

*"Cá nesta Babilônia, donde mana
matéria a quanto mal o mundo cria;
cá donde o puro Amor não tem valia,
que a Mãe, que manda mais, tudo profana;*

*cá, onde o mal se afina e o bem se dana,
e pode mais que a honra a tirania;
cá, onde a errada e cega Monarquia
cuida que um nome vão a desengana;*

*cá, neste labirinto, onde a nobreza,
com esforço e saber pedindo vão
às portas da cobiça e da vileza;*

*cá neste escuro caos de confusão,
cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!"*

(Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acesso em 08/09/2015.)

- a) Uma oposição espacial configura o tema e o significado desse poema de Camões. Identifique essa oposição, indicando o seu significado para o conjunto dos versos.
- b) Identifique nos tercetos duas expressões que contemplam a noção de desconcerto, fundamental para a compreensão do tema do soneto e da lírica camoniana.

► A questão 13 toma por base o "Soneto LXVII" ("Considera a vantagem que os brutos fazem aos homens em obedecer a Deus"), de Dom Francisco Manuel de Melo (1608-1666).

*Quando vejo, Senhor, que às alimárias¹
Da terra, da água, do ar, – peixe, ave, bruto –,
Não lhe esquece jamais o alto estatuto
Das leis que lhes pusestes ordinárias;*

*E logo vejo quantas artes² várias
O homem racional, pródigo³ e astuto,
Põe em obrar, ingrato e resoluto,
Obras que a vossas leis são tão contrárias:*

*Ou me esquece quem sois ou quem eu era;
Pois do que me mandais tanto me esqueço,
Como se a vós e a mi não conhecera.*

*Com razão logo por favor vos peço
Que, pois homem tal sou, me façais fera,
A ver se assi melhor vos obedeço.*

(A tudo de Gallope, 1988.)

¹alimária: animal irracional.

²arte: astúcia, ardil.

³pródigo: providente, que se previne, providente, precavido.

13 Unesp 2016 Que contraste é explorado pelo poema como base da argumentação? Justifique sua resposta. Considerando também outros aspectos, em que movimento literário o poema se enquadra?

12 Unicamp 2018 O trecho a seguir corresponde à parte final do primeiro Sermão de Quarta-Feira de Cinza, pregado em 1672 pelo Padre Antonio Vieira.

Em que cuidamos, e em que não cuidamos? Homens mortais, homens imortais, se todos os dias podemos morrer, se cada dia nos imos chegando mais à morte, e ela a nós; não se acabe com este dia a memória da morte. Resolução, resolução uma vez, que sem resolução nada se faz. E para que esta resolução dure, e não seja como outras, tomemos cada dia uma hora em que cuidemos bem naquela hora. De vinte e quatro horas que tem o dia, por que se não dará uma hora à triste alma? Esta é a melhor devoção e mais útil penitência, e mais agradável a Deus, que podeis fazer nesta Quaresma. (...) Tomo a dizer para que vos fique na memória: Quanto tenho vivido? Como vivi? Quanto posso viver? Como é bem que viva? Memento homo.

(Antonio Vieira, Sermões de Quarta-feira de Cinza. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016, p. 102.)

- a) Levando em conta o trecho acima e o propósito argumentativo do Sermão, explique por que, segundo Vieira, se deve preservar "a memória da morte".
- b) Considere as perguntas presentes no trecho acima e explique sua função para a mensagem final do Sermão.

LIVRO 1 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 3

23. a) A oposição está presente entre Babilônia e Sião. O primeiro lugar representa o mal e a tirania, pois está representado na Bíblia como o lugar de escravidão dos judeus; além disso, pode ser associado ao mundo dos sentidos – do filósofo Platão –, lugar Imperfeito e enganoso. Já Sião, segundo o Velho Testamento, é a terra prometida, o sonho, o lugar sublime, ou seja, o mundo das Ideias (Inteligível) – de Platão. A dicotomia do poema, então, aponta para a Ideia amplamente defendida por Camões de que os seres humanos, na Terra, buscam o aperfeiçoamento da alma.
- b) O desconcerto (desarmonia) do mundo é um dos temas fundamentais da obra de Camões e aponta para um mundo material corrupto, vil e, muitas vezes, às avessas. No primeiro terceto, a Imagem do "labirinto" aponta para a tirania dos ricos em face dos pobres; no quarto terceto, a expressão "caos e confusão" manifesta os sentimentos do eu lírico diante do desentendimento humano.
13. No poema mencionado, o contraste é estabelecido entre o comportamento do animal – "almárias" – e do ser humano – "homem racional e astuto". Apesar de este ser dotado de consciência, constantemente desrespeita e questiona as leis divinas. Trata-se de um poema do Barroco, pois é um soneto decassílabo cujo vocabulário é erudito, o tema é religioso e há utilização de oposições. Além disso, o eu lírico finaliza o texto demonstrando arrependimento de seus pecados (angústia) e pede ao "Senhor" que o transforme em animal, em uma clara alusão ao contexto religioso da Contrarreforma, que permeou o século XVI.
12. a) Segundo Vieira, o homem deve preservar a memória da morte porque ela é líquida e certa: o homem é pó e retornará ao pó. O homem tem de ter consciência de que é mortal, efêmero e de que existe a roda do pó, ou seja, quanto mais longe do pó inicial, mais perto do pó final está o homem. Se o homem se dedicar a pensar na sua mortalidade, reconhecerá que será imortal após a morte, na vida eterna; daí a razão de se preocupar com o tipo de vida que está levando, pois esse será o fator determinante para sua entrada no Paraíso.
- b) Como Vieira é um sermoneiro afeto ao Conceptismo, ele questiona seu ouvinte e o instiga a pensar, a refletir sobre o que está sendo pregado. Com essa retórica da provocação, Vieira quer que o homem não se esqueça (*Memento homo*) de que ele é o responsável pelo destino de sua alma, ou seja, que ele se conscientize da necessidade de retificar seus atos em vida para dar tempo de salvar a alma após a morte do corpo.

17 Unicamp 2014 *O vale de Santarém é um destes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita: não há ali nada de grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de cores, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e sente, que não parece senão que a paz, a saúde, o sossego do espírito e o repouso do coração devem viver ali, reina ali um reinado de amor e benevolência. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pesares e as vilezas da vida não podem senão fugir para longe. Imagina-se por aqui o Éden que o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a virgindade do seu coração.*

(Almeida Garrett, *Viagens no minha terra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p.114.)

Entramos a porta da antiga cidadela. – Que espantosa e desgraçosa confusão de entulhos, de pedras, de montes de terra e calça! Não há ruas, não há caminhos, é um labirinto de ruínas feias e torpes. O nosso destino, a casa do nosso amigo é ao pé mesmo da famosa e histórica igreja de Santa Maria de Alcáçova. – Há de custar a achar em tanta confusão.

(Idem, p.211.)

- a) Os excertos transcritos contrastam dois espaços organizadores da narrativa. Caracterize e explique o significado desses espaços para o conjunto do relato ficcional.
- b) A chegada à cidade de Santarém mostra-se decepcionante para o narrador viajante. Explique o motivo dessa decepção, tendo em vista a expectativa do narrador no início do romance.

16 Fuvest 2015 *Andai, ganha-pães, andai; reduzi tudo a cifras, todas as considerações deste mundo a equações de interesse corporal, comprei, vendei, agiotai. No fim de tudo isto, o que lucrou a espécie humana? Que há mais umas poucas de dúzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico? – Que lho digam no Parlamento inglês, onde, depois de tantas comissões de inquérito, já deve de andar orçado o número de almas que é preciso vender ao diabo, o número de corpos que se têm de entregar antes do tempo ao cemitério para fazer um tecelão rico e fidalgo como Sir Roberto Peel, um mineiro, um banqueiro, um granjeiro – seja o que for: cada homem rico, abastado, custa centos de infelizes, de miseráveis.*

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*.

- Destas reflexões feitas pelo narrador de *Viagens na minha terra*, deduz-se que ele tinha em mente um determinado ideal de sociedade. O que caracteriza esse ideal? Explique resumidamente.
- Identifique, em *Viagens na minha terra*, o tipo social sobre o qual, principalmente, irá recair a crítica presente nas reflexões do narrador, no trecho aqui reproduzido. O que, de acordo com o livro, caracteriza esse tipo social?

15 Unicamp 2016 *[...] Eram boas cinco horas da tarde quando desembarcamos no Terreiro do Paço.*

Assim terminou a minha viagem a Santarém; e assim termina este livro.

Tenho visto alguma coisa do mundo, e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas viagens porém fiz, as que mais me interessaram sempre foram as viagens na minha terra.

Se assim pensares, leitor benévolo, quem sabe? pode ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e vá peregrinando por esse Portugal fora, em busca de histórias para te contar.

Nos caminhos de ferro dos barões é que eu juro não andar.

Escusada é a jura, porém.

Se as estradas fossem de papel, fá-las-iam, não digo que não.

Mas de metal!

*Que tenha o governo julzo, que as faça de pedra, que pode, e viajaremos com muito prazer e com muita utilidade e proveito na nossa boa terra.**

(Almeida Garrett, *Viagens no Meu Terra*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012, p. 316.)

- Considerando a crítica ao contexto histórico e político de Portugal, o que significam as referências às possíveis estradas de papel, de metal e de pedra?
- Utilizando elementos do enredo, identifique e descreva o personagem do romance que centraliza a crítica à hipocrisia ideológica e política de Portugal, expressa no excerto acima de maneira irônica.

17. a) No primeiro excerto, o Vale de Santarém é caracterizado como um lugar idealizado e ameno, uma espécie de paraíso onde poderiam ter nascido Adão e Eva. Tal caracterização positiva e otimista é fruto da visão romântica que consiste numa descrição poética da natureza em que pese a ideia de que o próprio narrador identifica seus sentimentos com o objeto descrito. No segundo excerto, a cidade é descrita como um lugar cheio de entulhos com ruas mal conservadas que só atrapalham e tornam o lugar um labirinto. Tal visão também é fruto da escola romântica, pois numa atitude nacionalista, o narrador critica a falta de conservação dos monumentos e da arquitetura (símbolos nacionais) e preocupa-se com a degradação do patrimônio cultural.

b) O narrador viajante fica decepcionado ao chegar à cidade de Santarém, pois constata a perda da identidade nacional: "espantosa e desgraciosa confusão de entulhos, de pedras, de montes de terra e calça". Levando-se em consideração que Almeida Garrett (que pode ser associado com o próprio narrador) fez essa viagem de Lisboa a Santarém, em 1843, a convite do amigo e político Passos Manoel com o intuito de resgatar o passado glorioso e entender a cultura portuguesa àquela época (daí o título "Viagens", ou seja, reflexões a cerca de) esperava encontrar em sua trajetória um pouco mais de patriotismo e preservação cultural, mas não é isso que acontece. Os monumentos foram depredados, as ruas estavam mal conservadas e a arquitetura exalava rococó (Barroco francês). Diante desse retrato, a decepção é iminente.

16. a) O modelo ideal de sociedade defendido pelo narrador de *Viagens na minha terra* seria aquele em que a existência humana fosse marcada por uma relação mais harmoniosa entre os indivíduos e as diferentes classes sociais em que o mundo europeu da primeira metade do século XIX se estruturava.

Fica, portanto, evidente que o ideário social desse narrador está associado, de forma indelével, ao pensamento ilustrado e liberal, cujas raízes se encontram no iluminismo do século XVIII. Há, nessa concepção, uma pesada crítica aos violentos e desumanos processos de produção e acumulação da riqueza por parte de poucos; processos que, por sua vez, relegam milhões de seres humanos à miséria absoluta.

Evidenciam-se também, no discurso do narrador garrettiano, ecos do socialismo utópico presente na primeira metade do século XIX e fortemente ligado ao Romantismo social do período.

b) O tipo social sobre o qual recai a crítica apresentada é o Barão, ou seja, a nova burguesia que, na virada do século XVIII para o século XIX, tomou de assalto o poder e, contraditoriamente, reproduziu os valores e comportamentos da velha aristocracia à qual, em princípio, se opunha.

Em *Viagens na minha terra*, a personagem que melhor espelha essa contradição é Carlos, inicialmente um jovem liberal idealista que lutou ao lado de D. Pedro contra D. Miguel, mas que afinal abdica de seus ideais em nome de uma visão pragmática marcada por um acentuado materialismo.

15. a) Em *Viagens na minha terra*, Almeida Garrett critica os rumos políticos da nação portuguesa do século XIX. Adepto ao liberalismo, mas ao mesmo tempo descrente desse caminho político, o escritor português, ao final do livro, utiliza as estradas como metáforas dos caminhos que poderiam ser traçados por Portugal. As estradas de papel fazem referência à literatura, lugar do sonho da reconstrução, enquanto o metal é considerado símbolo da industrialização e dos nobres poderosos. Por fim, a de pedra indica o passado glorioso, evocado pelo escritor em vários momentos da narrativa (lembremo-nos de que Camões é exaltado em tom nacionalista), e, por vezes, a verdadeira identidade lusitana.
- b) A personagem Carlos é alvo de severas críticas por parte do narrador em primeira pessoa em *Viagens da minha terra*, pois inicia sua caminhada como um revolucionário, cheio de ideias liberais. Exilado de Portugal durante alguns anos, retorna como soldado liberal e luta pela causa, porém, após o reencontro com seus familiares e a revelação de que era filho de Frei Dinis, nunca mais volta a Santarém. Por meio de uma carta enviada a Joaquina, revela que tem pretensões políticas e é barão; portanto, Carlos evidencia sua hipocrisia política e moral, mostrando como seus valores libertários foram corrompidos ao se tornar materialista e conservador.

LIVRO 2 - Questões Discursivas

Português – Frente 1 – Capítulo 9

25 Fuvest 2016 Leia este texto.

O tempo personalizou minha forma de falar com Deus, mas sempre termino a conversa com um pai-nosso e uma ave-maria.

(...)

Metade da ave-maria é uma saudação floreada para, só no final, pedir que ela rogue por nós. No pai-nosso, sempre será um mistério para mim o “mas” do “não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”. Me parece que, a princípio, se o Pai não nos deixa cair em tentação, já estará nos livrando do mal.

Denise Fraga, www1.folha.uol.com.br, 07/07/2015. Adaptado.

- a) Mantendo-se a relação de sentido existente entre os segmentos “não nos deixeis cair em tentação” / “mas livrai-nos do mal”, a conjunção “mas” poderia ser substituída pela conjunção e, de modo a dissipar o “mistério” a que se refere a autora? Justifique.
- b) Sem alterar seu sentido, reescreva o trecho da oração citado pela autora, colocando os verbos “deixeis” e “livrai” na terceira pessoa do singular.

LIVRO 2 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 1 – Capítulo 9

25. a) Sim, pois, no trecho bíblico em questão, a conjunção adversativa “mas” não foi empregada para negar a expectativa originada pela oração anterior, mas para coordenar duas orações, das quais apenas uma apresenta negação (“Senhor, não faça isso, mas faça aquilo”). Por isso, pode-se empregar a conjunção aditiva e em seu lugar, sem que o sentido original seja alterado. Se a conjunção e tivesse sido empregada, Denise Fraga não estranharia a frase, já que cada um dos segmentos expressa um pedido dos homens a Deus: “[Senhor] não nos deixeis cair em tentação e livrai-nos do mal”.
- b) Eis o trecho reescrito: “não nos ~~deixe~~ cair em tentação, mas ~~livre~~-nos do mal”.

LIVRO 2 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 5

► Texto para a questão 28.

SONETO

[Moraliza o poeta nos ocidentes do sol a inconstância dos bens do mundo]

*Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em continuas tristezas a alegria.*

*Porém se acaba o Sol, por que nascia?
Se formosa a Luz é, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?*

*Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sinta-se tristeza.*

*Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.*

Gregório de Matos. *Obras completas de Gregório de Matos*. Salvador: Jaraína, 1969, 7 volumes.

28 UFRJ 2011 Todo soneto apresenta a estruturação: tese, antítese e síntese. Com base nessa informação, faça o seguinte:

- a) Explique de que maneira a síntese do soneto de Gregório de Matos vincula-se ao projeto estético do Barroco.
- b) Descreva como a relação entre os sentimentos de “alegria” e “tristeza” ganha novo sentido no desenrolar do soneto.

► A questão 26 toma por base o “Soneto LXVII” (“Considera a vantagem que os brutos fazem aos homens em obedecer a Deus”), de Dom Francisco Manuel de Melo (1608-1666).

*Quando vejo, Senhor, que às alimárias¹
Da terra, da água, do ar, – peixe, ave, bruto –,
Não lhe esquece jamais o alto estatuto
Das leis que lhes pusestes ordinárias;*

*E logo vejo quantas artes² várias
O homem racional, pródigo³ e astuto,
Põe em obrar, ingrato e resoluto,
Obras que a vossas leis são tão contrárias:*

*Ou me esquece quem sois ou quem eu era;
Pois do que me mandais tanto me esqueço,
Como se a vós e a mi não conhecera.
Com razão logo por favor vos peço
Que, pois homem tal sou, me façais fera,
A ver se assi melhor vos obedeço.*

¹ alimária: animal irracional

² arte: astúcia, ardil.

³ pródigo: providente, que se previne, previdente, precavido.

(A tuba de Colôpe, 1988.)

26 Unesp 2016 Que contraste é explorado pelo poema como base da argumentação? Justifique sua resposta. Considerando também outros aspectos, em que movimento literário o poema se enquadra?

LIVRO 2 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 5

28. a) A síntese do soneto ("A firmeza somente na Inconstância") vincula-se ao projeto estético do Barroco pela problematização de uma questão central: conciliar o Inconciliável, ou seja, aproximar concepções antagônicas como, por exemplo, "tristeza"/"alegria" e "Luz"/"sombra".
- b) A concepção mais comum de que a alegria é inviabilizada por contínuas tristezas é resignificada, ou seja, alegria e tristeza podem coexistir ("E na alegria sinto-se tristeza").
26. No poema mencionado, o contraste é estabelecido entre o comportamento do animal – "almírias" – e do ser humano – "homem racional e astuto". Apesar de este ser dotado de consciência, constantemente desrespeita e questiona as leis divinas. Trata-se de um poema do Barroco, pois é um soneto decassílabo cujo vocabulário é erudito, o tema é religioso e há utilização de oposições. Além disso, o eu lírico finaliza o texto demonstrando arrependimento de seus pecados (angústia) e pede ao "Senhor" que o transforme em animal, em uma clara alusão ao contexto religioso da Contrarreforma, que permeou o século XVII.

LIVRO 2 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 6

20 Fuvest 2014 Observe o seguinte trecho de *Til*, de José de Alencar, no qual o narrador caracteriza a personagem Berta:

Contradição viva, seu gênio é o ser e o não ser. Busquem nela a graça da moça e encontrarão o estouvamento do menino; porém mal se apercebiam da ilusão, que já a imagem da mulher despontará em toda sua esplêndida fascinação. A antítese banal do anjo-demônio torna-se realidade nela, em quem se cambiam no sorriso ou no olhar a serenidade celeste com os fulvos lampejos da paixão, à semelhança do firmamento onde ao radiante matiz da aurora sucedem os fulgores sinistros da procela.

- a) Segundo o narrador, Berta é uma "contradição viva", cujo "gênio ser e o não ser". Como essa característica da personagem se relaciona à principal função que ela desempenha na trama do romance?
- b) Considerando a expressão "anjo-demônio" no contexto cultural da época em que foi escrito o romance, justifica-se o fato de o narrador classificá-la como "antítese banal"? Explique resumidamente.

21 Unkamp 2014 O excerto a seguir é o trecho final de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida.

O segredo que a Maria-Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fora, acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major.

Está pois explicada a benevolência deste para com o Leonardo, que fora ao ponto de não só disfarçar e obter perdão de todas as suas faltas, como de alcançar-lhe aquele rápido acesso de posto.

Fica também explicada a presença do major em casa da Maria-Regalada.

Depois disto entraram todos em conferência. O major desta vez achou o pedido muito justo, em consequência do fim que se tinha em vista. Com a sua influência tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dois papéis: — um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de Sargento de Milícias.

Além disto recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho, que se achava religiosamente intacto.

.....

Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo à cerimônia a família em peso.

(Manuel Antonio de Almeida, *Memórias de Um Sargento de Milícias*. Curitiba: Ateliê Ed., 2000)

- a) Que diferença significativa pode ser estabelecida entre a condição inicial do herói do romance e sua condição final, reproduzida no trecho acima?
- b) Essa condição foi alcançada por mérito de Leonardo? Justifique.

19 Fuvest 2018 Leia o texto e responda ao que se pede.

— Não veem teus olhos lá o formoso jacarandá, que vai subindo às nuvens? A seus pés ainda está a seca raiz da murta frondosa, que todos os invernos se cobria de rama e bagos vermelhos, para abraçar o tronco irmão. Se ela não morresse, o jacarandá não teria sol para crescer tão alto.*

José de Alencar, *Tracema*.

* **murta**: arbusto, árvore pequena.

- a) É possível relacionar a imagem da murta ao destino de Iracema no romance? Explique.
- b) A frase "Se ela não morresse, o jacarandá não teria sol para crescer tão alto" pode ser entendida como uma alegoria do processo de colonização do Brasil? Explique.

LIVRO 2 - Questões Discursivas**Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 6**

20. a) Berta, ao longo da narrativa, desconhece o fato de ser filha ilegítima de Luís Galvão, senhor das Fazendas das Palmas, e frequenta a propriedade rural como amiga de Afonso e Linda, filhos legítimos de Luís e, portanto, seus meios-irmãos. Tendo sido criada por Nhá Tudinha (uma pequena proprietária rural da região) como filha adotiva e irmã de Miguel, Berta também circula pelo mundo dos despossuídos e dos miseráveis que habitam nas imediações do latifúndio de Luís Galvão, destacando-se aí o jagunço João Fera e Zana, a escrava louca. Assim sendo, a principal função exercida por Berta, na trama do romance, é a de mediadora entre dois mundos, ou seja, ela representa o elo entre os habitantes da casa-grande da Fazenda das Palmas e os demais personagens associados ao universo da escravidão e ao universo das relações baseadas no favor e no agregamento. O fato de Berta ser descrita pelo narrador como uma "contradição viva" ou um misto de "ser e não ser" – fenômeno que abarca até mesmo o estatuto de sua feminilidade (a estranha fusão entre "a graça da moça" e "o estouvamento do menino") – ecoa a ambivalência de sua função. Dizendo de outra forma, a androginia ou o caráter duplice associado a Berta está em conexão direta com o mundo das relações sociais de que ela é a mediação.

b) Em grande medida, pode-se afirmar que Berta é uma personagem marcada estruturalmente por uma espécie de "antítese banal", uma vez que a oposição "anjo-demônio", que lhe é atribuída pelo narrador, enquadra-se nos preceitos do Romantismo, movimento ao qual o romance *Trilíbia* se filia, mesmo que apresentando alguns aspectos desviantes face às convenções estabelecidas pela escola.

O maniqueísmo presente no binômio "anjo-demônio" se constitui, portanto, um lugar-comum da sensibilidade dos herdeiros de Victor Hugo e de Lord Byron, revelando, por sua vez, a existência, no imaginário romântico, de uma figura feminina que oscila permanentemente entre o "Angelismo" (a "Mater gloriosa", "O eterno feminino") e o "Satanismo" ("Femme fatale", "La belle dame sans merci").

No entanto, chama a atenção o fato de Berta ser uma esquisita síntese dessas imagens de per si opostas, o que torna dificultosa a aceitação de que a personagem deva ser entendida como uma "antítese banal", segundo as afirmações do narrador, ainda que essa junção de opostos não seja de todo desconhecida de outras heroínas alencarianas, tais como Auréla, de *Senhora*, ou Lúcia, de *Lucíola*.

21. a) Entre a condição inicial do protagonista do romance e a condição final há duas mudanças significativas: posição social e econômica e estrutura familiar. A primeira refere-se à ideia de que Leonardo surge como pertencente às camadas baixas do Rio de Janeiro e termina por ascender socialmente ao receber heranças dos parentes. A segunda faz alusão ao fato de que inicialmente ao ser visto como "filho de uma pisadela e de um beliscão" é desprezado pela mãe (Maria da Hortaliça volta para Portugal com o comandante do navio que a trouxe para o Brasil) e pelo pai (Leonardo Pataca deixa o filho aos cuidados do Barbelro – seu compadre – para se aventurar amorosamente com a cigana). Mas ao final quando se reencontra com o seu grande amor (Luisinha) faz questão de estruturar sua própria família, ao contrário do que fizeram seus pais.

b) A condição final alcançada por Leonardo não é fruto do esforço e determinação dessa personagem, pois na condição de anti-herói (malandro que vive ao sabor do acaso) ele não se preocupava com sua conduta, em arranjar emprego ou zelar pela própria imagem. Ao longo do romance, ao conquistar a simpatia das outras personagens, Leonardo é constantemente ajudado. São exemplos: a Parteira (sua grande protetora) que livra o afilhado da prisão ao pedir ajuda à amiga Maria Regalada, o Barbelro que cria o afilhado e lhe dá todo o carinho possível e o Major Vidigal, que não só permite Leonardo sair da prisão como eleva a patente dessa personagem de simples granadeiro a sargento da milícia carioca. Além disso, a sorte parece estar ao lado de Leonardo, pois ganha dinheiro sem trabalhar (recebe heranças) e o seu casamento só foi possível pelo fato do marido de Luisinha, José Manuel, ter morrido.

LIVRO 2 - Questões Discursivas**Português – Frente 2 – Capítulo 7**

39 Fuvest 2012 Leia o excerto de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, para responder ao que se pede.

CALDO ENTORNADO

A comadre, tendo deixado o major entregue à sua vergonha, dirigira-se imediatamente para a casa onde se achava Leonardo para felicitá-lo e contar-lhe o desespero em que a sua fuga tinha posto o Vidigal [...]. A comadre, segundo seu costume, aproveitou o ensejo, e depois que se aborreceu de falar no major desenrolou um sermão ao Leonardo, [...]. O tema do sermão foi a necessidade de buscar o Leonardo uma ocupação, de abandonar a vida que levava, gostosa sim, porém sujeita a emergências tais como a que acabava de dar-se. A sanção de todas as leis que a pregadora impunha ao seu ouvinte eram as garras do Vidigal.

Você concorda com as afirmações que seguem? Justifique suas respostas.

- a) Vê-se, no excerto, que a comadre procura incutir em Leonardo princípios morais destinados a corrigir o comportamento do afilhado.
- b) No sermão que prega a Leonardo, a comadre manifesta a convicção de que o trabalho é fator decisivo na formação da personalidade de um jovem.

40 Unicamp 2012 Os animais desempenham um papel simbólico no romance *Iracema*. Dentre eles, destacam-se o cão Japi e a jandaia (ou ará), que aparecem nos excertos a seguir.

Poti voltou de perseguir o inimigo. [...]

O cão fiel o seguia de perto, lambendo ainda nos pelos do focinho a maragem do sangue tabajara, de que se fartara; o senhor o acariciava satisfeito de sua coragem e dedicação. Fora ele quem salvara Martim [...].

– Os maus espíritos da floresta podem separar outra vez o guerreiro branco de seu irmão pitiguara. O cão te seguirá daqui em diante, para que mesmo de longe Poti acuda a teu chamado.

– Mas o cão é teu companheiro e amigo fiel.

– Mais amigo e companheiro será de Poti, servindo a seu irmão que a ele. Tu o chamarás Japi; e ele será o pé ligeiro com que de longe corramos um para o outro. [...]

Tanto que os dois guerreiros tocaram as margens do rio, ouviram o latir do cão, que os chamava, e o grito da ará, que se lamentava.

A ará, pousada no jirau fronteiro, alonga para sua formosa senhora os verdes tristes olhos. Desde que o guerreiro branco pisou a terra dos tabajaras, Iracema a esqueceu. [...]

Iracema lembrou-se que tinha sido ingrata para a jandaia esquecendo-a no tempo da felicidade; e agora ela vinha para a consolar no tempo da desventura. [...]

Na seguinte alvorada foi a voz da jandaia que a despertou. A linda ave não deixou mais sua senhora [...].

A jandaia pousada no olho da palmeira repetia tristemente:

– Iracema!

Desde então os guerreiros pitiguaras, que passavam perto da cabana abandonada e ouviam ressoar a voz plangente da ave amiga, se afastavam, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia.

E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio.

José de Alencar. Iracema. São Paulo: Ática, 1992, p. 52 e p. 80.

- Explique o papel simbólico desempenhado pelo cão.
- Explique o papel simbólico desempenhado pela jandaia, ou ará.

35 Fuvest 2013 Leia com atenção o trecho de *Til*, de José de Alencar, para responder ao que se pede.

[Berta] — Agora creio em tudo no que me disseram, e no que se pode imaginar de mais horrível. Que assassines por paga a quem não te fez mal, que por vingança pratiquem crueldades que espantam, eu concebo; és como a suçuarana, que às vezes mata para estancar a sede, e outras por desfastio entra na mangueira e estraçalha tudo. Mas que te vendas para assassinar o filho de teu benfeitor, daquele em cuja casa foste criado, o homem de quem recebeste o sustento; eis o que não se compreende; porque até as feras lembram-se do benefício que se lhes fez, e têm um faro para conhecerem o amigo que as salvou.

[Jão] — Também eu tenho, pois aprendi com elas; respondeu o bugre; e sei me sacrificar por aqueles que me querem. Não me torno, porém, escravo de um homem, que nasceu rico, por causa das sobras que me atirava, como atiraria a qualquer outro, ou a seu negro. Não foi por mim que ele fez isso; mas para se mostrar ou por vergonha de enxotar de sua casa a um pobre-diabo. A terra nos dá de comer a todos e ninguém se morre por ela.

[Berta] — Para ti, portanto, não há gratidão?

[Jão] — Não sei o que é; demais, Galvão já pôs-me quites dessa dívida da farinha que lhe comi. Estamos de contas justas! acrescentou Jão Fera com um suspiro profundo.

- Nesse trecho, Jão Fera refere-se de modo acerbo a uma determinada relação social (aquela que o vinculava, anteriormente, ao seu “benfeitor”, conforme diz Berta), revelando o mal-estar que tal relação lhe provoca. Que relação social é essa e em que consiste o mal-estar que lhe está associado?
- A fala de Jão Fera revela que, no contexto sócio-histórico em que estava inserido, sua posição social o fazia sentir-se ameaçado de ser identificado com um outro tipo social – identificação, essa, que ele considera intolerável. De que identificação se trata e por que Jão a abomina? Explique sucintamente.

36 Fuvest 2013 Embora seja, com frequência, irônico a respeito do livro e de si mesmo, o narrador das *Viagens na minha terra* não deixa de declarar ao leitor que essa obra é “primeiro que tudo”, “um símbolo”, na medida em que, diz ele, “uma profunda ideia [...] está oculta debaixo desta ligeira aparência de uma viagemzinha que parece feita a brincar, e no fim de contas é uma coisa séria, grave, pensada [...]”. Tendo em vista essas declarações do narrador e considerando a obra em seu contexto histórico e literário, responda ao que se pede.

- Do ponto de vista da história social e política de Portugal, o que está simbolizado nessa viagem?
- Considerada, agora, do ponto de vista da história literária, o que essa obra de Garrett representa na evolução da prosa portuguesa? Explique resumidamente.

37 Unicamp 2013 [...] Quando o Bugre sai da fuma, é mau sinal: vem ao faro do sangue como a onça. Não foi de balde que lhe deram o nome que tem. E faz garbo disso!

– Então você cuida que ele anda atrás de alguém?

– Sou capaz de apostar. É uma coisa que toda a gente sabe. Onde se encontra Jão Fera, ou houve morte ou não tarda.

Estremeceu Inhá com um ligeiro arrepio, e voltando em torno a vista inquieta, aproximou-se do companheiro para falar-lhe em voz submissa:

– Mas eu tenho-o encontrado tantas vezes, aqui perto, quando vou à casa de Zana, e não apareceu nenhuma desgraça.

– É que anda farejando, ou senão deram-lhe no rasto e estão-lhe na cola.

– Coitado! Se o prendem!

– Ora qual. Dançará um bocadinho na corda!

– Você não tem pena?

– De um malvado, Inhá!

– Pois eu tenho!

José de Alencar, *il.* em *Obra completa*, vol. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958, p. 825.

O trecho do romance *Til* transcrito anteriormente evidencia a ambivalência que caracteriza a personagem Jão Fera ao longo de toda a narrativa.

- Explícite quais são as duas faces dessa ambivalência.
- Exemplifique cada face dessa ambivalência com um episódio do romance.

38 Unicamp 2013 Em uma passagem célebre de *Memórias de um sargento de milícias*, pode-se ler, a respeito da personagem de Leonardo Pataca, que “o homem era romântico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquele tempo”.

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 19.

- De que maneira a passagem explícita o lugar peculiar ocupado pelo livro de Manuel Antônio de Almeida no Romantismo brasileiro?
- Como essa peculiaridade do livro se manifesta, de maneira geral, na caracterização das personagens e na construção do enredo?

32 Fuvest 2014 Observe o seguinte trecho de *TII*, de José de Alencar, no qual o narrador caracteriza a personagem Berta:

Contradição viva, seu gênio é o ser e o não ser. Busquem nela a graça da moça e encontrarão o estouvamento do menino; porém mal se apercebiam da ilusão, que já a imagem da mulher desportará em toda sua esplêndida fascinação. A antítese banal do anjo-demônio torna-se realidade nela, em quem se cambiam no sorriso ou no olhar a serenidade celeste com os fulvos lampejos da paixão, à semelhança do firmamento onde ao radiante matiz da aurora sucedem os fulgores sinistros da procela.

- Segundo o narrador, Berta é uma "contradição viva", cujo "gênio é ser e o não ser". Como essa característica da personagem se relaciona à principal função que ela desempenha na trama do romance?
- Considerando a expressão "anjo-demônio" no contexto cultural da época em que foi escrito o romance, justifica-se o fato de o narrador classificá-la como "antítese banal"? Explique resumidamente.

33 Unicamp 2014 O excerto a seguir é o trecho final de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida.

O segredo que a Maria-Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fora, acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major.

Está pois explicada a benevolência deste para com o Leonardo, que fora ao ponto de não só disfarçar e obter perdão de todas as suas faltas, como de alcançar-lhe aquele rápido acesso de posto.

Fica também explicada a presença do major em casa da Maria-Regalada.

Depois disto entraram todos em conferência. O major desta vez achou o pedido muito justo, em consequência do fim que se tinha em vista. Com a sua influência tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dois papéis: — um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de Sargento de Milícias.

Além disto recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho, que se achava religiosamente intacto.

Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo à cerimônia a família em peso.

(Manuel Antonio de Almeida, *Memórias de Um Sargento de Milícias*. Cotia: Ateliê Ed., 2000)

- Que diferença significativa pode ser estabelecida entre a condição inicial do herói do romance e sua condição final, reproduzida no trecho acima?
- Essa condição foi alcançada por mérito de Leonardo? Justifique.

34 Unicamp 2014 *O vale de Santarém é um destes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita: não há ali nada de grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de cores, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e sente, que não parece senão que a paz, a saúde, o sossego do espírito e o repouso do coração devem viver ali, reina ali um reinado de amor e benevolência. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pesares e as vilezas da vida não podem senão fugir para longe. Imagina-se por aqui o Éden que o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a virgindade do seu coração.*

(Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p.114.)

Entramos a porta da antiga cidadela. — Que espantosa e desgraçada confusão de entulhos, de pedras, de montes de terra e calça! Não há ruas, não há caminhos, é um labirinto de ruínas feias e torpes. O nosso destino, a casa do nosso amigo é ao pé mesmo da famosa e histórica igreja de Santa Maria de Alcáçova. — Há de custar a achar em tanta confusão.

(Idem, p. 211.)

- Os excertos transcritos contrastam dois espaços organizadores da narrativa. Caracterize e explique o significado desses espaços para o conjunto do relato ficcional.
- A chegada à cidade de Santarém mostra-se decepcionante para o narrador viajante. Explique o motivo dessa decepção, tendo em vista a expectativa do narrador no início do romance.

31 Fuvest 2015 *Andai, ganha-pães, andai; reduzi tudo a cifras, todas as considerações deste mundo a equações de interesse corporal, comprei, vendei, agiotai. No fim de tudo isto, o que lucrou a espécie humana? Que há mais umas poucas de dúzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico? — Que lho digam no Parlamento inglês, onde, depois de tantas comissões de inquérito, já deve de andar orçado o número de almas que é preciso vender ao diabo, o número de corpos que se têm de entregar antes do tempo ao cemitério para fazer um tecelão rico e fidalgo como Sir Roberto Peel, um mineiro, um banqueiro, um granjeiro — seja o que for: cada homem rico, abastado, custa centos de infelizes, de miseráveis.*

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*.

- Destas reflexões feitas pelo narrador de *Viagens na minha terra*, deduz-se que ele tinha em mente um determinado ideal de sociedade. O que caracteriza esse ideal? Explique resumidamente.
- Identifique, em *Viagens na minha terra*, o tipo social sobre o qual, principalmente, irá recair a crítica presente nas reflexões do narrador, no trecho aqui reproduzido. O que, de acordo com o livro, caracteriza esse tipo social?

25 Fuvest 2015 Responda ao que se pede.

- Qual é a relação entre o "sistema de filosofia" do "Humanitismo", tal como figurado nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e as correntes de pensamento filosófico e científico presentes no contexto histórico-cultural em que essa obra foi escrita? Explique resumidamente.
- De que maneira, em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, são encaradas as correntes de pensamento filosófico e científico de grande prestígio na época em que o romance foi escrito? Explique sucintamente.

26 Fuvest 2015 *A uma religiosidade de superfície, menos atenta ao sentido íntimo das cerimônias do que ao colorido e à pompa exterior, quase carnal em seu apego ao concreto (...); transigente e, por isso mesmo, pronta a acordos, ninguém pediria, certamente, que se elevasse a produzir qualquer moral social poderosa. Religiosidade que se perdia e se confundia num mundo sem forma e que, por isso mesmo, não tinha forças para lhe impor sua ordem.*

Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*. Adaptado.

Tendo em vista estas reflexões de Sérgio Buarque de Holanda a respeito do sentido da religião na formação do Brasil, responda ao que se pede.

- Essas reflexões se aplicam à sociedade representada nas *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida? Justifique resumidamente.
- Os juízos aqui expressos por Sérgio Buarque de Holanda encontram exemplificação em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, especialmente na parte em que se narra o período de formação do menino Brás Cubas? Justifique sucintamente.

30 Unicamp 2016 "[...] *Eram boas cinco horas da tarde quando desembarcamos no Terreiro do Paço.*

Assim terminou a minha viagem a Santarém; e assim termina este livro.

Tenho visto alguma coisa do mundo, e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas viagens porém fiz, as que mais me interessaram sempre foram as viagens na minha terra.

Se assim pensares, leitor benévolo, quem sabe? pode ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e vá peregrinando por esse Portugal fora, em busca de histórias para te contar.

Nos caminhos de ferro dos barões é que eu juro não andar.

Escusada é a jura, porém.

Se as estradas fossem de papel, fá-las-iam, não digo que não.

Mas de metal!

Que tenha o governo juízo, que as faça de pedra, que pode, e viajaremos com muito prazer e com muita utilidade e proveito na nossa boa terra."

(Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*. Costa, SP: Ateliê Editorial, 2012, p. 316.)

- Considerando a crítica ao contexto histórico e político de Portugal, o que significam as referências às possíveis estradas de papel, de metal e de pedra?
- Utilizando elementos do enredo, identifique e descreva o personagem do romance que centraliza a crítica à hipocrisia ideológica e política de Portugal, expressa no excerto acima de maneira irônica.

23 Fuvest 2016 No capítulo CXIX das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o narrador declara: "Quero deixar aqui, entre parêntesis, meia dúzia de máximas" das muitas que escrevi por esse tempo." Nos itens a) e b) encontram-se reproduzidas duas dessas máximas. Considerando-as no contexto da obra a que pertencem, responda ao que se pede.

* **máxima**: fórmula breve que enuncia uma observação de valor geral; provérbio.

- "Matamos o tempo; o tempo nos enterra."
Pode-se relacionar essa máxima à maneira de viver do próprio Brás Cubas? Justifique sucintamente.
- "Suporta-se com paciência a cólica do próximo."
A atitude diante do sofrimento alheio, expressa nessa máxima, pode ser associada a algum aspecto da filosofia do "Humanitismo", formulada pela personagem Quincas Borba? Justifique sua resposta.

24 Fuvest 2016 Leia este texto.

Mas o meu novíssimo amigo, debruçado da janela, batia as palmas – como Catão para chamar os servos, na Roma simples. E gritava: — Ana Vaqueira! Um copo de água, bem lavado, da fonte velha! Pulei, imensamente divertido:

— Oh Jacinto! E as águas carbonatadas? E as fosfatadas? E as esterilizadas? E as sódicas?...

O meu Príncipe atirou os ombros com um desdém soberbo. E aclamou a aparição de um grande copo, todo embaciado pela frescura nevada da água refulgente, que uma bela moça trazia num prato. Eu admirei sobretudo a moça... Que olhos, de um negro tão líquido e sério! No andar, no quebrar da cinta, que harmonia e que graça de ninfa latina!

E apenas pela porta desaparecera a esplêndida aparição:

— Oh Jacinto, eu daqui a um instante também quero água! E se compete a esta rapariga trazer as coisas, eu, de cinco em cinco minutos, quero uma coisa!... Que olhos, que corpo... Caramba, menino! Eis a poesia, toda viva, da serra...

O meu Príncipe sorria, com sinceridade:

— Não! Não nos iludamos, Zé Fernandes, nem façamos Arcádia. É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe bem. Para isso a fez a Natureza, assim sã e rija (...).

Éça de Queirós, A cidade e os serras

- No período em que Jacinto passa a viver na serra, tornam-se relativamente frequentes, no romance, as referências à cultura da Antiguidade Clássica. Consideradas no contexto da obra, o que conotam as referências que o narrador, no excerto, faz a aspectos dessa cultura?
- Considerando-a no contexto em que aparece, explique a expressão "nem façamos Arcádia", empregada por Jacinto.

22 Fuvest 2018 Leia o texto e responda ao que se pede.

É de crer que D. Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: — Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: — chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tomar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

- a) Pode-se afirmar que, neste excerto, além de resumir a existência de D. Plácida, o narrador expressa uma certa concepção de trabalho? Justifique.
- b) De que maneira o ritmo textual, que caracteriza a possível resposta dos sacristãos, colabora para a caracterização de D. Plácida?

LIVRO 2 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 7

39. a) A afirmação está correta, pois está explicitado, no sermão mencionado, que a comadre está preocupada com as atitudes desalinhadas e com as consequências da vida Ilbertina do seu afilhado. Era preciso, para Leonardo, "uma ocupação, de abandonar a vida que levava", e as consequentes punições devidas à sua vida Ilbertina e vadia. As sanções seriam aplicadas, sobretudo, pelo major Mdigal, personagem que representa a polícia carioca e que, no decorrer do romance, prende Leonardo algumas vezes.
b) A afirmação está incorreta. Não há, em nenhum trecho do sermão, a convicção de que a comadre deseja que Leonardo tenha um emprego, ao contrário, ela admite que o seu afilhado levava uma vida "gostosa sim". A preocupação central recal em relação às possíveis punições acerca do estilo de vida malandro do anti-herói Leonardo.
40. a) O cão Japi pertencia a Poti, e foi dado pelo selvagem potiguara a Martim em sinal de amizade e de fidelidade. O animal simboliza, portanto, a união permanente entre o ameríndio e o colonizador europeu.
b) A Jandala, ou ará, é uma ave que acompanha Iracema ao longo da narrativa, ausentando-se apenas quando Martim está próximo. Após a morte, a indígena tabajara é enterrada ao lado de uma carnaúba e a Jandala permanece no topo da árvore como guardiã fiel da sepultura de sua senhora. Ao retornar de Portugal, Martim encontra a ará no mesmo lugar. Porém, ela já não canta mais o nome de Iracema. Portanto, além da fidelidade, a ará pode simbolizar o declínio da civilização indígena diante do colonizador europeu.
35. a) A relação social entre João Fera e Afonso (pai de Luís Galvão) é de apadrinhamento, pois o bugre foi adotado pelo fazendeiro, tornando-se uma espécie de agregado. Tal situação é comprovada pelas expressões "teu benfitor" e "homem de quem recebeste sustento". Já o mal-estar é associado a dois motivos: primeiro, a ideia de que Afonso agiu não apenas por compaixão, mas para mostrar sua posição social superior ao ajudar um "pobre – diabo" com "sobras"; segundo, a postura inescrupulosa de Luís Galvão, que, em sua juventude, seduziu, enganou e abandonou Besita (mãe de Berta e grande amor de João Fera). Esse ato foi considerado uma traição pelo bugre, pois considerava Luís Galvão um irmão a quem ele sempre defendeu.
b) João Fera abomina ser tratado como um escravo, "um negro" que apenas recebe ordens e trabalha com a enxada (serviço braçal, depreciativo e indigno no contexto social em que o personagem está inserido). Por isso, prefere tomar-se um matador de aluguel, pois é o tipo de serviço que o torna um homem livre.
36. a) A viagem que o autor fez, em 1843, de Lisboa a Santarém não serve somente para descrever lugares e evocar paisagens, e sim para exaltar símbolos patrióticos lusitanos do passado, como Luís de Camões, e recriar uma atmosfera nacionalista. Além disso, por se tratar de uma obra publicada após a guerra civil portuguesa (1828-1834), o autor frequentemente coloca, lado a lado, características de um Portugal antigo (frades) e características de um Portugal novo (barões) numa tentativa de entender qual Portugal ele estaria vivendo. Em suma, a viagem tem com simbolismo principal, a busca, por parte do autor, das raízes portuguesas e, sobretudo, da identidade cultural lusitana.

- b) A obra de Almeida Garrett foi considerada, na época de publicação, extremamente inovadora por se tratar de um gênero híbrido, ou nas palavras do próprio autor “despropositado e inclassificável”. Há diversos gêneros literários que foram misturados de maneira dinâmica no romance: relato jornalístico, romance histórico, novela passional, narrativa epistolar e traços biográficos. Almeida Garrett soube utilizar muito bem todos esses gêneros a partir da construção da obra: duas narrativas que se entrelaçam e se combinam (a viagem de Lisboa a Santarém e a história de Joaquina, a menina dos rouxinóis). Além disso, muitos mecanismos literários dão à obra um tom de modernidade: comentários em relação a diversos assuntos (digressão), explicações sobre a própria narrativa (metalinguagem) e, sobretudo, uma constante e desafiadora conversa com o leitor. Mecanismos que mais tarde seriam amplamente utilizados por Machado de Assis.
37. a) A ambivalência de João Fera é explicitada pela sua natureza de “monstro angelical”. O lado monstruoso da personagem é referente à sua transformação em um matador de aluguel (chamado de facinora no romance) que é temido pelos habitantes das terras de Santa Bárbara, por isso o apelido “Fera”. O lado angelical é comprovado pelos atos de bondade e proteção à menina Berta, que, ao final do romance, consegue transformá-lo em lavrador.
- b) A monstruosidade de João Fera é exemplificada na passagem em que ele vinga a morte de sua amada, Besita, ao esfaquear, como se fosse um animal, o corpo de Barroso/Ribeiro – assassino de Besita. Nessa mesma cena, Berta, ao se deparar com tamanha violência, expulsa João dali, que, enrustecido, acaba chorando.
38. a) O trecho “o homem era romântico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquele tempo” indica características que permeiam todo o livro: a ironia ao próprio Romantismo exagerado e o uso de uma linguagem simples e direta. Esses artifícios, não tão frequentes nos livros tipicamente românticos da época, proporcionaram certo distanciamento do livro de Manuel Antônio de Almeida com relação ao próprio Romantismo. Por isso, “Memórias de um sargento de milícias” é considerado um romance extemporâneo, ou seja, obra romântica, mas que apresenta características excêntricas: ironia, linguagem simples, cenas não idealizadas e ausência de herói.
- b) As personagens de “Memórias de um sargento de milícias” não pertencem à burguesia, ao contrário, são estereótipos das camadas populares do Rio de Janeiro, do período joanino, e não apresentam traços de idealização (típicos do Romantismo), mas ausentes na obra de Manuel Antônio de Almeida). Além disso, o protagonista é um anti-herói, ou seja, Leonardinho é um malandro que vive sem preocupações e ao sabor do acaso. O enredo, diferentemente das obras tipicamente românticas, não aponta para uma edificação moral dos personagens para servir de exemplo aos leitores, ou seja, não há preocupação em demonstrar qualquer tipo de julgamento moral, pois não existe maniqueísmo: divisão das personagens em boas ou más.
32. a) Berta, ao longo da narrativa, desconhece o fato de ser filha ilegítima de Luís Galvão, senhor das Fazendas das Palmas, e frequenta a propriedade rural como amiga de Afonso e Linda, filhos legítimos de Luís e, portanto, seus meios-irmãos. Tendo sido criada por Nhá Tudinha (uma pequena proprietária rural da região) como filha adotiva e irmã de Miguel, Berta também circula pelo mundo dos despossuídos e dos miseráveis que habitam nas imediações do latifúndio de Luís Galvão, destacando-se aí o jagunço João Fera e Zana, a escrava louca. Assim sendo, a principal função exercida por Berta, na trama do romance, é a de mediadora entre dois mundos, ou seja, ela representa o elo entre os habitantes da casa-grande da Fazenda das Palmas e os demais personagens associados ao universo da escravidão e ao universo das relações baseadas no favor e no agregamento.
- O fato de Berta ser descrita pelo narrador como uma “contradição viva” ou um misto de “ser e não ser” – fenômeno que abarca até mesmo o estatuto de sua feminilidade (a estranha fusão entre “a graça da moça” e “o estouvamento do menino”) – ecoa a ambivalência de sua função. Dizendo de outra forma, a androginia ou o caráter duplice associado a Berta está em conexão direta com o mundo das relações sociais de que ela é a mediação.
- b) Em grande medida, pode-se afirmar que Berta é uma personagem marcada estruturalmente por uma espécie de “antítese banal”, uma vez que a oposição “anjo-demônio”, que lhe é atribuída pelo narrador, enquadra-se nos preceitos do Romantismo, movimento ao qual o romance *711* se filia, mesmo que apresentando alguns aspectos desviantes face às convenções estabelecidas pela escola.
- O maniqueísmo presente no binômio “anjo-demônio” se constitui, portanto, um lugar-comum da sensibilidade dos herdeiros de Victor Hugo e de Lord Byron, revelando, por sua vez, a existência, no imaginário romântico, de uma figura feminina que oscila permanentemente entre o “Angelismo” (a “Mater gloriosa”, “O eterno feminino”) e o “Satanismo” (“*Femme fatale*”, “*La belle dame sans merci*”).
- No entanto, chama a atenção o fato de Berta ser uma esquisita síntese dessas imagens de per si opostas, o que torna dificultosa a aceitação de que a personagem deva ser entendida como uma “antítese banal”, segundo as afirmações do narrador, ainda que essa junção de opostos não seja de todo desconhecida de outras heroínas alencarianas, tais como Aurélio, de *Senhora*, ou Lúcia, de *Lucíola*.
33. a) Entre a condição inicial do protagonista do romance e a condição final há duas mudanças significativas: posição social e econômica e estrutura familiar. A primeira refere-se à ideia de que Leonardo surge como pertencente às camadas baixas do Rio de Janeiro e termina por ascender socialmente ao receber heranças dos parentes. A segunda faz alusão ao fato de que inicialmente ao ser visto como “filho de uma pisadela e de um bellscão” é desprezado pela mãe (Maria da Hortaliça volta para Portugal com o comandante do navio que a trouxe para o Brasil) e pelo pai (Leonardo Pataca deixa o filho aos cuidados do Barbeiro – seu compadre – para se aventurar amorosamente com a cigana). Mas ao final quando se reencontra com o seu grande amor (Luisinha) faz questão de estruturar sua própria família, ao contrário do que fizeram seus pais.

- b) A condição final alcançada por Leonardo não é fruto do esforço e determinação dessa personagem, pois na condição de anti-herói (malandro que vive ao sabor do acaso) ele não se preocupava com sua conduta, em arranjar emprego ou zelar pela própria imagem. Ao longo do romance, ao conquistar a simpatia das outras personagens, Leonardo é constantemente ajudado. São exemplos: a Parteira (sua grande protetora) que livra o afilhado da prisão ao pedir ajuda à amiga Maria Regalada, o Barbeiro que cria o afilhado e lhe dá todo o carinho possível e o Major Vidigal, que não só permite Leonardo sair da prisão como eleva a patente dessa personagem de simples granadeiro a sargento da milícia carioca. Além disso, a sorte parece estar ao lado de Leonardo, pois ganha dinheiro sem trabalhar (recebe heranças) e o seu casamento só foi possível pelo fato do marido de Luisinha, José Manuel, ter morrido.
34. a) No primeiro excerto, o Vale de Santarém é caracterizado como um lugar idealizado e ameno, uma espécie de paraíso onde poderiam ter nascido Adão e Eva. Tal caracterização positiva e otimista é fruto da visão romântica que consiste numa descrição poética da natureza em que pese a ideia de que o próprio narrador identifica seus sentimentos com o objeto descrito. No segundo excerto, a cidadela é descrita como um lugar cheio de entulhos com ruas mal conservadas que só atrapalham e tornam o lugar um labirinto. Tal visão também é fruto da escola romântica, pois numa atitude nacionalista, o narrador critica a falta de conservação dos monumentos e da arquitetura (símbolos nacionais) e preocupa-se com a degradação do patrimônio cultural.
- b) O narrador viajante fica decepcionado ao chegar à cidade de Santarém, pois constata a perda da identidade nacional: "espantosa e desgraciosa confusão de entulhos, de pedras, de montes de terra e calça". Levando-se em consideração que Almeida Garrett (que pode ser associado com o próprio narrador) fez essa viagem de Lisboa a Santarém, em 1843, a convite do amigo e político Passos Manoel com o intuito de resgatar o passado glorioso e entender a cultura portuguesa àquela época (daí o título "Viagens", ou seja, reflexões a cerca de) esperava encontrar em sua trajetória um pouco mais de patriotismo e preservação cultural, mas não é isso o que acontece. Os monumentos foram depredados, as ruas estavam mal conservadas e a arquitetura exalava rococó (Barroco francês). Diante desse retrato, a decepção é iminente.
31. a) O modelo ideal de sociedade defendido pelo narrador de *Viagens na minha terra* seria aquele em que a existência humana fosse marcada por uma relação mais harmoniosa entre os indivíduos e as diferentes classes sociais em que o mundo europeu da primeira metade do século XIX se estruturava. Fica, portanto, evidente que o ideário social desse narrador está associado, de forma indelével, ao pensamento ilustrado e liberal, cujas raízes se encontram no Iluminismo do século XVIII. Há, nessa concepção, uma pesada crítica aos violentos e desumanos processos de produção e acumulação da riqueza por parte de poucos; processos que, por sua vez, relegam milhões de seres humanos à miséria absoluta. Evidenciam-se também, no discurso do narrador garretiano, ecos do socialismo utópico presente na primeira metade do século XIX e fortemente ligado ao Romantismo social do período.
- b) O tipo social sobre o qual recai a crítica apresentada é o Barão, ou seja, a nova burguesia que, na virada do século XVIII para o século XIX, tomou de assalto o poder e, contraditoriamente, reproduziu os valores e comportamentos da velha aristocracia à qual, em princípio, se opunha. Em *Viagens na minha terra*, a personagem que melhor espelha essa contradição é Carlos, inicialmente um jovem liberal idealista que lutou ao lado de D. Pedro contra D. Miguel, mas que afinal abdica de seus ideais em nome de uma visão pragmática marcada por um acentuado materialismo.
25. a) O "Humanitismo" se constitui em uma demolidora sátira ao pensamento científico dominante na segunda metade do século XIX, isto é, ao evolucionismo, ao darwinismo social, ao positivismo e, até mesmo, ao espiritismo, para citar os sistemas mais conhecidos. Todas essas doutrinas tinham como base uma visão otimista da realidade e se constituíam, em última instância, em formas de justificação da dominação de classe presente no coração da moderna sociedade capitalista contemporânea ao autor. O absurdo dessas concepções ficava ainda mais evidente em um país como o Brasil, onde a força de trabalho era majoritariamente constituída pela escravidão negra. Portanto, a frase síntese do "Humanitismo", "Ao vencedor as batatas", apesar de uma aparência risonha e bem-humorada, traz como pano de fundo a amarga realidade da exploração social do mundo capitalista moderno, na qual a vitória dos mais fortes sobre os mais fracos é vista como "natural" e meritocrática.
- b) Em linhas gerais, pode-se afirmar que *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, como romance expressivo do Naturalismo literário, incorpora a grande maioria das teorias que, naquela altura do século XIX, eram consideradas científicas, mas que, à luz do pensamento atual, não passam de ilações pseudocientíficas. Entre as teorias mais presentes em *O cortiço*, podem ser citadas o determinismo e as concepções racistas que acreditavam explicar de forma "objetiva" o comportamento de várias personagens. Destaque-se Jerônimo e Pombinha, cujas trajetórias são decididamente explicadas pelas pressões do meio, da raça e do momento histórico.
26. a) O mundo social representado por *Memórias de um sargento de milícias* tem como centro o Rio de Janeiro do período joanino. Nesse universo, todas as relações são regidas por uma dinâmica social designada por Antonio Candido como "dialética da malandragem". Oscilando permanentemente entre a "ordem" e a "desordem", as personagens desse romance têm seu comportamento marcado por uma constante flutuação moral, isto é, seu comportamento não é regido por um rigoroso e inquebrantável código ético. Nesse contexto, a religião também se apresenta marcada por seus aspectos exteriores e meramente ritualísticos, ou seja, trata-se de uma religiosidade epidérmica, em última instância, hipócrita. Portanto, as afirmações feitas por Sérgio Buarque de Holanda encontram, nessa obra literária, um exemplo cabal.
- b) *Memórias póstumas de Brás Cubas* demonstra, ainda de forma mais contundente, as afirmações presentes no trecho transcrito no corpo da questão, pois, como seu foco é a crítica ao comportamento da elite patriarcal, católica e escravocrata brasileira contemporânea ao autor, a presença da religiosidade ocupa lugar central no fluxo narrativo. Tome-se, como exemplo, a desabusada comparação que o narrador-personagem Brás Cubas faz entre seu livro e o *Pentateuco*, de Moisés. Em um país como o Brasil, marcado secularmente pela escravidão negra, os valores cristãos católicos estavam permanentemente em xeque diante da realidade social da nação. Portanto, a religiosidade oficial funcionava como uma espécie de justificação de um estado de relações humanas marcadas pela brutalidade da escravidão que impedia a religião de se constituir em um elemento verdadeiro da organização moral dos indivíduos. A infância de Brás Cubas pode ser tomada como um bom exemplo dessa religiosidade epidérmica e feita de conveniências, pois foi marcada, entre outros aspectos, pela convivência com uma mãe beata e simplória e com um tio cônego siderado pelas hierarquias eclesásticas, o que não impediu o jovem Cubas de espancar e martirizar negros, chegando mesmo a usá-los como montaria em seus folguedos infantis.

30. a) Em *Viagens na minha terra*, Almeida Garrett critica os rumos políticos da nação portuguesa do século XIX. Adepto ao liberalismo, mas ao mesmo tempo descrente desse caminho político, o escritor português, ao final do livro, utiliza as estradas como metáforas dos caminhos que poderiam ser traçados por Portugal. As estradas de papel fazem referência à literatura, lugar do sonho da reconstrução, enquanto o metal é considerado símbolo da industrialização e dos nobres poderosos. Por fim, a de pedra indica o passado glorioso, evocado pelo escritor em vários momentos da narrativa (lembremo-nos de que Camões é exaltado em tom nacionalista), e, por vezes, a verdadeira identidade lusitana.
- b) A personagem Carlos é alvo de severas críticas por parte do narrador em primeira pessoa em *Viagens da minha terra*, pois inicia sua caminhada como um revolucionário, cheio de ideias liberais. Exilado de Portugal durante alguns anos, retorna como soldado liberal e luta pela causa, porém, após o reencontro com seus familiares e a revelação de que era filho de Frei Dinis, nunca mais volta a Santarém. Por meio de uma carta enviada a Joaquina, revela que tem pretensões políticas e é barão; portanto, Carlos evidencia sua hipocrisia política e moral, mostrando como seus valores liberais foram corrompidos ao se tornar materialista e conservador.
23. a) Sim, a relação da máxima com a vida de Brás Cubas pode ser efetivada uma vez que o protagonista sempre mostrou ser, durante suas memórias, um *bon-vivant*, um homem que nunca gostou de trabalhar, o que é comprovado ao término do romance com o balanço de sua vida. Para Brás, foi vantajoso não ter suado para conquistar o pão de cada dia. Ele sempre usufruiu do patrimônio familiar, nunca se dedicou com afinco a uma profissão, cursou a faculdade de maneira leviana, foi um advogado sem grande expressividade e foi um deputado mediocre, sem atuação política. Brás Cubas passou a vida vivendo no ócio, matando o tempo, até ser morto por ele.
- b) Sim, pois a teoria do Humanitismo, formulada por Quincas Borba, preconiza a luta pela vida, pela sobrevivência, mesmo que para isso haja a necessidade de uma guerra. A "lei do mais forte", que tanto é valorizada no Humanitismo, é baseada no extremo individualismo, contrário à sensibilização diante do sofrimento alheio. Para uma vitória, há de haver uma derrota, portanto, se o mal não é do homem, não há razão de padecimento. Entre dois cães brigando por um osso, a dor do perdedor é facilmente suportada pelo vencedor, pois "pimenta nos olhos dos outros é refresco".
24. a) À época em que Jacinto passa a viver na serra, ele começa a apreciar a natureza e enaltecer a vida simples do campo, abrindo mão das águas sofisticadas encontradas na França pela água da velha fonte. Nesse momento, passa a ler poetas latinos, como Horácio (um tanto quanto bucólico); além disso, em virtude de sua aproximação com o bucolismo, Jacinto se apropria de uma postura clássica, ou mesmo neoclássica, arcádica, valorizando o campo (*Locus amoenus*) e a vida desprovida de luxo (*Inutilia truncat*). Essa tendência também é valorizada pela escola literária setecentista denominada *Arcadismo*.
- b) A postura de valorização da simplicidade adotada por Jacinto é compatível com a tendência arcáde. Porém, ao perceber o entusiasmo do amigo José Fernandes por sua empregada, como se munido por muita racionalidade, aconselha-o a parar de se iludir em achar que tudo é belo e que Ana Vaqueira poderia ser uma linda ninfa e, mais tarde, quem sabe, uma namorada. Ao utilizar o imperativo [...] nem façamos Arcádia", Jacinto quer dizer, de maneira pragmática, nada fantasiosa, que a realidade é outra: a empregada não serve para relações sentimentais que, porventura, o amigo pudesse chegar a ter com ela.

22. a) Sim, o narrador expressa uma concepção de trabalho, porém contrária à concepção que vigorava à época do Romantismo como sendo uma atividade enobrecedora do homem. Brás Cubas, de maneira sarcástica, apresenta uma forma de trabalho que danifica Dona Plácida, e não a dignifica, não havendo, para ela, possibilidade alguma de ascensão nem mesmo de realização pessoal, mantendo-se na esfera da exclusão social.
- b) A vida de Dona Plácida segue o ritmo da necessidade de sobrevivência, na tentativa de acerto e na fuga do erro em suas decisões, escapando de situações perigosas e buscando soluções, lembrando o ritmo do ir e vir na tentativa de fugir de situações ameaçadoras – ritmo esse presente nas orações que compõem o período acima.

LIVRO 2 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 8

31 Unkamp 2014 *Quase sempre levava-lhe presentes (...) e perguntava-lhe se precisava de roupa ou de calçada. Mas um belo dia, apresentou-se tão ébrio, que a diretora lhe negou a entrada. (...) Tempos depois, Senhorinha entregou à mãe uma conta de seis meses de pensão do colégio, com uma carta em que a diretora negava-se a conservar a menina (...). Foi à procura do marido; (...) Jerônimo apareceu afinal, com um ar triste de vicioso envergonhado que não tem ânimo de deixar o vício (...).*

— *Eu não vim cá por passeio! prosseguiu Piedade entre lágrimas! Vim cá para saber da conta do colégio!...*

— *Pague-a você!, que tem lá o dinheiro que lhe deixei! Eu é que não tenho nenhum! (...)*

E as duas, mãe e filha, desapareceram; enquanto Jerônimo (...) monologava, furioso (...). A mulata então aproximou-se dele, por detrás; segurou-lhe a cabeça entre as mãos e beijou-o na boca... Jerônimo voltou-se para a amante... E abraçaram-se com ímpeto, como se o breve tempo roubado pelas visitas fosse uma interrupção nos seus amores.

(Aluísio de Azevedo, *O Cortiço*. São Paulo: Ática, 1983, p. 137 e 139.)

O cortiço não dava ideia do seu antigo caráter. (...) e, com imenso pavor, viram que a venda, a sebosa bodega, onde João Romão se fez gente, ia também entrar em obras. (...) levantaria um sobrado, mais alto que o do Miranda (...). E a crioula? Como havia de ser? (...) Como poderia agora mandá-la passear assim, de um momento para outro, se o demônio da crioula o acompanhava já havia tanto tempo e toda a gente na estalagem sabia disso? (...) Mas, só com lembrar-se da sua união com aquela brasileira fina e aristocrática, um largo quadro de vitórias rasgava-se defronte da desensofrida avidez de sua vaidade. (...) caber-lhe-ia mais tarde tudo o que o Miranda possuía...

(Idem, p. 133 e 145.)

- a) Considerando-se a pirâmide social representada na obra, em que medida as personagens Rita Baiana e Bertoleza, referidas nos excertos, poderiam ser aproximadas?
- b) Levando em conta a relação das personagens com o meio, compare o final das trajetórias do português Jerônimo e do português João Romão.

30 Fuvest 2016 Leia estes dois excertos das obras indicadas e responda ao que se pede.

(...) *Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.*

Manuel António de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*.

Na ocasião em que Léonie partia pelo braço do amante, acompanhada até o portão por um séquito de lavadeiras, a Rita, no pátio, beliscou a coxa de Jerônimo e soprou-lhe à meia voz:

— Não lhe caia o queixo! ...

O cavouqueiro teve um desdenhoso sacudir d'ombros.

— *Aquela pra cá nem pintada!*

E, para deixar bem patente as suas preferências, virou o pé do lado e bateu com o tamanca na canela da mulata.

— *Olha o bruto! ... queixou-se esta, levando a mão ao lugar da pancada. Sempre há de mostrar que é galego!*

Aluísio Azevedo, *O cortiço*.

- a) Embora os excertos pertençam a romances de diferentes estilos de época – um é romântico e outro, naturalista –, é bastante visível que, neles, o modo de representar as relações de caráter erótico apresenta várias semelhanças. Essa similaridade é sobretudo pontual, isto é, mais concentrada nesses excertos, ou, ao contrário, ela continua a ocorrer, ao longo dos romances? Explique resumidamente.
- b) Em ambos os excertos, assim como no conjunto das obras a que pertencem, é notória a predisposição a retratar as personagens de origem portuguesa de um modo bastante peculiar, influenciado por uma determinada corrente de opinião, existente no contexto histórico-social dos períodos em que as obras foram escritas. Identifique esse modo de representar tais personagens e a corrente de opinião que o influencia. Explique sucintamente.

LIVRO 2 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 8

31. a) Rita Baiana e Bertoleza estão inseridas no grupo social dos pobres e marginalizados. Ambas são vistas como objetos diante dos homens. A primeira pelo fato de ter seduzido Firmo e depois Jerônimo através de suas danças sensuais e hipnóticas de "cobra que amaldiçoa", já a segunda, que, aliás, era escrava, por manter uma relação não amorosa, mas praticamente contratual com João Romão e ainda ser descartada quando não mais necessária ao comerciante português. Além disso, as duas personagens, devido ao determinismo presente em toda a obra, se aproximam de homens estrangeiros (portugueses) considerados superiores e bem-sucedidos como forma de se aperfeiçoarem: Rita Baiana abandona Firmo para ficar com o português Jerônimo e Bertoleza une-se a João Romão para conquistar sua carta de alforria.
- b) O meio social é um componente determinista que influencia os personagens em "O cortiço". No caso do português Jerônimo que era trabalhador, sério, casado e pai de família, ele sucumbe à bebida, à malandragem e aos apelos sexuais de Rita Baiana abandonando a mulher (Piedade) e a filha (Senhorinha). Passa por um processo de "abrasileiramento" e torna-se malandro. João Romão, também português, que era ganancioso e inescrupuloso, aprende a malandragem e a utiliza em benefício próprio explorando os trabalhadores e aqueles que estão à sua volta sempre no intuito de ganhar mais dinheiro e se tornar poderoso. Começa como trabalhador de uma vendinha e termina como comerciante bem-sucedido e dono de um conjunto de casinhas de aluguel. Em suma, o primeiro apresenta uma trajetória de decadência moral e sucumbe ao meio, já o segundo de ascensão econômica, pois se adapta ao meio e o domina.
30. a) Essa similaridade continua a ocorrer ao longo dos romances, a saber: em *Memórias de um sargento de milícias*, Luisinha conquista Leonardo por meio da música, uma vez ele fica apaixonado ao ouvi-la cantar. O narrador faz questão de dizer que ela era namorada e leviana feito um sopro. Rita Baiana, em *O cortiço*, conquista Jerônimo também por meio da música, que seria o samba, ritmo contagiante e quente, e pela dança voluptuosa, deixando-o apaixonado. O jogo de sedução, portanto, é similar.
- Outro exemplo seria a cigana, em *Memórias de um sargento de milícias*, que conquista Leonardo Pataca e, posteriormente, o mestre de cerimônias por meio de ardis sensuais. O narrador salienta o fato de Leonardo ter tido oportunidade de se relacionar com a cigana uma vez que estava "apatacado", ou seja, tinha dinheiro para "conquistar a posse do adorado objeto". O mesmo ocorre com Pombinha, de *O cortiço*, no final do romance, momento em que ela explora os homens por meio da lascívia. Ambas praticam o jogo de sedução para lucro próprio.
- b) Os imigrantes portugueses, apresentados nos excertos, são identificados como grosseiros, sem educação, rudes no tratamento com mulheres, uma vez que, no excerto de *Memórias de um sargento de milícias*, o flerte é iniciado por meio de uma pisadela que Leonardo assenta no pé de Maria. No segundo excerto, Jerônimo se iguala a Leonardo no tocante aos modos estúpidos de tratar uma mulher pois, para demonstrar a sua preferência por Rita, dá-lhe um pontapé na perna. Maria, que é portuguesa, aceita o flerte de Leonardo e responde com um beliscão, ou seja, pratica o flerte do mesmo nível que Leonardo. Rita, por sua vez, que não é portuguesa, não aceita a grosseria de Jerônimo, chamando-lhe bruto e concluindo sua opinião com a seguinte frase: "Sempre há de mostrar que é galego", ou seja, Jerônimo, com sua indelicadeza, não nega ser português.

Era muito comum a opinião de que Portugal, à época da colonização, mandou ao Brasil a "escória" da sociedade portuguesa. Essa "escória" seria composta de criminosos degredados, e isso teria ocasionado o espalhamento de má conduta e de mazela social pela terra brasileira. Essa corrente de opinião acreditava que a formação da sociedade brasileira se deu por meio de degenerações. Os imigrantes portugueses eram vistos como brutos, sem lapidação cultural e grosseiros no seu modo de viver, haja vista João Romão, que teve de se modelar para se integrar à sociedade burguesa.

LIVRO 2 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 9

► As questões de números 35 e 36 tomam por base um trecho da conferência *Sobre algumas lendas do Brasil*, de Olavo Bilac (1865-1918), e um soneto do mesmo autor, utilizado por ele para ilustrar seus argumentos.

Sendo cada homem todo o universo, tem dentro de si todos os deuses, todas as potestades superiores e inferiores que dirigem o universo. (Tudo, se existe objetivamente, é porque existe subjetivamente; tudo existe em nós, porque tudo é criado e alimentado por nós). E esta consideração nos leva ao assunto e à explanação do meu tema. Existem em nós todas as entidades fantásticas, que, segundo a crença popular, enchem a nossa terra: são sentimentos humanos, que, saindo de cada um de nós, personalizam-se, e começam a viver na vida exterior, como mitos da comunhão.

Tupã, demiurgo criador, e o seu Anhangá, demiurgo destruidor. É o eterno dualismo, governando todas as fases religiosas, toda a história mitológica da humanidade. Já entre os persas e os iranianos, na religião de Zoroastro, havia um deus de bondade, Ormuz, e um deus de maldade, Ahriman. A religião de Manés, na Babilônia, não criou a ideia do dualismo; acentuou-a, precisou-a; a base da religião dos maniqueus era a oposição e o contraste da luz e da treva: o mundo visível, segundo eles, era o resultado da mistura desses dois elementos eternamente inimigos. Mas em todos os grandes povos, e em todas as pequenas tribos, sempre houve, em todos os tempos, a concepção desse conflito: e esse conflito perdura no catolicismo, fixado na concepção de Deus e do Diabo. Os nossos índios sempre tiveram seu Tupã e o seu Anhangá... Ora, o selvagem das margens do Amazonas, do São Francisco e do Paraná compreende os dois demiurgos, porque os sente dentro de si mesmo. E nós, os civilizados do litoral, compreendemos e contemos em nós esses dois princípios antagônicos, Deus e o Diabo. Cada um de vós tem uma arena íntima em que a todo o instante combatem um gênio do bem e um gênio do mal:

*Não és bom, nem és mau: és triste e humana...
Vives ansiando em maldições e preces,
Como se, a arder, no coração tivesses
O tumulto e o clamor de um largo oceano.*

*Pobre, no bem como no mal, padeces;
E, rolando num vórtice vesano*,
Oscilas entre a crença e o desengano,
Entre esperanças e desinteresses.*

*Capaz de horrores e de ações sublimes,
Não ficas das virtudes satisfeito,
Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:*

*E, no perpétuo ideal que te devora,
Residem juntamente no teu peito
Um demônio que ruge e um deus que chora...*

(Últimas conferências e discursos, 1917.)

* **vesano**: louco, demente, delirante, insensato.

35 Unesp 2014 O conferencista Olavo Bilac sugere que, apesar da diferença de credos, as religiões se filiam a um mesmo princípio. Que princípio é esse e o que origina no âmbito religioso?

36 Unesp 2014 No soneto, Bilac explicita sua concepção do homem. Apresente o aspecto mais importante dessa concepção.

► Para responder às questões de 32 a 34, leia o soneto de Raimundo Correia (1859-1911).

*Esbraseia o Ocidente na agonia
O sol... Aves em bandos destacados,
Por céus de ouro e de púrpura raiados,
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...*

*Delineiam-se, além, da serra
Os vértices de chama aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia...*

*Um mundo de vapores no ar flutua...
Como uma informe nódoa, avulta e cresce
A sombra à proporção que a luz recua...*

*A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula... Anoi-tece.*

(Poesia completa e prosa, 1961.)

32 Unesp 2018

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro único - Frente única - Capítulo 4

- Que processo o soneto de Raimundo Correia retrata?
- A primeira estrofe do soneto é composta por três períodos simples em ordem indireta ("Esbraseia o Ocidente na agonia / O sol"; "Aves em bandos destacados, / Por céus de ouro e de púrpura raiados, / Fogem"; e "Fecha-se a pálpebra do dia"). Reescreva esses três períodos em ordem direta.

33 Unesp 2018

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro único - Frente única - Capítulo 13

- Há no soneto menção a um sentimento que permeia e circunda a natureza retratada. Que sentimento é esse? Do que decorre tal sentimento?
- Verifica-se na terceira estrofe a ocorrência de uma antítese. Que termos configuram essa antítese?

34 Unesp 2018

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro único - Frente única - Capítulo 13

- Transcreva da primeira estrofe um exemplo de personificação. Justifique sua resposta.
- Cite duas características que permitem filiar esse soneto à estética parnasiana.

LIVRO 2 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 9

35. Para Bilac, as religiões filiam-se a um mesmo princípio: "o eterno dualismo", onde o homem teria dentro de si "um gênio do bem e um gênio do mal", originando o dualismo religioso em qualquer delas, sejam politeístas ou monoteístas. O que o originaria, no âmbito religioso, seria o sentimento conflituoso do ser humano, que o projetaria exteriormente em seus símbolos ou mitos.
36. Segundo Bilac, a essência da natureza humana é a contradição constante, o dualismo do ser humano, a presença de elementos positivos e negativos dentro de cada pessoa, "o bom e o mal". E, em vários versos, aparece esse dualismo, tenso e inconciliável: "Oscilar entre maldições e preces/, capaz de horrores e de ações sublimes / Residem juntamente no teu peito / Um demônio que ruga e um deus que chora". Desse conflito, decorreriam a ânsia e a triste condição humana.
32. a) O processo descrito por Raimundo Correia é o fim do dia, ou seja, o anoitecer ou o crepúsculo. Evidencia-se esse processo nos versos "Fecha-se a pálpebra do dia/ A sombra à proporção que a luz recua.../ A natureza apática esmaece.../ Pouco a pouco, entre as árvores, a lua/ Surge trêmula, trêmula... Anoitece."
- b) Os hiperbatos, ao serem colocados na ordem direta, ficariam da seguinte forma:
- 1) O sol esbraseia o Ocidente na agonia.
 - 2) Aves fogem em bandos destacados por céus ralados de ouro e de púrpura.
 - 3) A pálpebra do dia fecha-se.
33. a) O sentimento que permeia o eu lírico ao longo de todo soneto é melancolia, conforme se lê no quarto verso da segunda estrofe, "Uns tons suaves de melancolia...". Este sentimento é decorrente do próprio findar do dia, do momento crepuscular.
- b) Na terceira estrofe, especificamente em seu terceiro verso, "A sombra à proporção que a luz recua...", há uma antítese que se realiza pelo uso de termos opostos sombra/luz.
34. a) Na primeira estrofe, especificamente em seu quarto verso, "Fecha-se a pálpebra do dia...", há uma prosopopeia ou personificação. Ela se realiza à medida em que tanto o termo pálpebras quanto o gesto de fechá-las, característicos de seres animados, são atribuídos ao dia.
- b) As características que fazem do soneto uma produção da estética parnasiana podem ser, por exemplo:
- 1) a descrição minuciosa do crepúsculo;
 - 2) o gosto por termos rebuscados (Esbraseia/aureolados/esmaece);
 - 3) a valorização da forma clássica do soneto chamado de italiano, petrarquiano ou camoniano, ou seja, composto por 2 quartetos e 2 tercetos, e rimas dispostas sistematicamente em ABBA; ABBA; CDC; DCD.

LIVRO 2 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 11

► As questões de números 37 e 38 focalizam um excerto de um comentário de Fernando Pessoa (1888-1935) e um poema de Olegário Mariano (1889-1958).

NOTA PRELIMINAR

1 – Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção.

2 – Todo o estado de alma é uma paisagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E – mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem – pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser "Há sol nos meus pensamentos," ninguém compreenderá que os meus pensamentos estão tristes.

3 – Assim tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo – num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva – e, também, a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma – é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que "na ausência da amada o sol não brilha", e outras coisas assim.

(Obra poética, 1965.)

PAISAGEM HOLANDESA

Não me saís da memória. És tu, querida amiga,
Uma imagem que eu vi numa aguarela¹ antiga.
Era na Holanda. Um fim de tarde. Um céu lavado.
Frondes abrindo no ar um pálio recortado...
5 Um moinho à beira d'água e imensa e desconforme
A pincelada verde-azul de um barco enorme
A casaria além... Perto o cais refletindo
Uma barra de sombra entre as águas bulindo...
E, debruçada ao cais, olhando a tarde imensa,
10 Uma rapariguinha olha as águas e pensa...
É loira e triste. Nos seus olhos claros anda
A mesma paz que envolve a paisagem da Holanda.
Paira o silêncio... Uma ave passa, arminho² e gaza³,
À flor d'água, acenando adeus com o lenço da asa...
15 É a saudade de Alguém que anda extasiado, a esmo,
Com a paisagem da Holanda escondida em si mesmo,
Com aquela rapariga a sofrer e a cismar
Num pôr de sol que dá vontade de chorar...
Ai não ser eu um moinho isolado e tristonho
20 Para viver como na paz de um grande sonho,
A refletir a minha vida singular
Na água dormente, na água azul do teu olhar...

(Todo um rito de poesia, 1957.)

¹aguarela: aquarela.

²aminho: pele ou pelo do arminho; muito alvo, muito branco, alvura (sentido figurado).

³gaza: tecido fino, transparente, feito de seda ou algodão.

37 Unesp 2015 O terceiro verso do poema de Olegário Mariano apresenta doze sílabas métricas e é constituído por três segmentos distintos. Transcreva esses três segmentos e, analisando-os um a um, como se fossem versos independentes, aponte o que há de comum e o que há de diferente entre eles, sob os pontos de vista do número de sílabas métricas e das posições dos acentos.

38 Unesp 2015 Considerando o que teoriza Fernando Pessoa em sua "Nota preliminar" sobre paisagem interna e paisagem externa, a que conclusão se chega sobre o modo como o eu lírico se expressa no poema "Paisagem holandesa"?

LIVRO 2 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 11

37. O verso citado na questão é: "Era na Holanda. Um fim de tarde. Um céu lavado". Escandindo individualmente cada membro do verso, teríamos o seguinte resultado:

E / ra, / na Ho / lan / da
1 2 3 4
Um / fim / de / tar / de
1 2 3 4
Um / céu / la / va / do
1 2 3 4

Os três "fragmentos" são constituídos por quatro sílabas poéticas, ou seja, são tetrassílabos. No primeiro fragmento de verso, os acentos tônicos se encontram na primeira e quarta sílabas, enquanto que no segundo e terceiro fragmentos, os acentos se localizam na segunda e quarta sílabas métricas. Observe-se que as sílabas destacadas em negrito representam as tônicas de cada fragmento de verso.

38. As emoções expressas pela voz lírica do poema "Paisagem holandesa" são suscitadas pela contemplação de uma aquarela que reproduz uma paisagem tipicamente flamenga na qual está presente um moinho, a atmosfera fluvial e uma bela jovem, também contemplativa. Um sentimento de suave melancolia percorre a paisagem e produz no poeta a sensação de trazer dentro si aquele mundo contemplado ("Com a paisagem da Holanda escondida em si mesmo"). Além disso, nos olhos azuis da figura feminina, ele vê refletida sua "vida singular". O Intricado jogo estabelecido entre a aquarela, a paisagem holandesa e os sentimentos do poeta acabam por exemplificar, então, as afirmações presentes no texto do escritor lusitano, ou seja, o "mundo interior" e o "mundo exterior" estão fundidos de tal forma no poema de Olegário Mariano que ambos se tornam Incompreensíveis na ausência do outro.

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Português – Frente 1 – Capítulo 13

44 Fuvest 2012 Leia atentamente este texto:

"*Dos púlpitos dessa igreja, o padre Antônio Vieira pronunciara com sua voz de fogo os sermões mais célebres de sua carreira*", escreveu Jorge Amado, protestando [contra o projeto de demolição da igreja da Sé]. Conta Jorge que correu na época [décênio de 1930] a notícia de que o arcebispo embolsou gorjeta grande para permitir que a Companhia Linha Circular de Carris da Bahia abatesse o templo. Não há provas do suborno, é certo, mas o fato é que o arcebispo, em documento assinado por ele mesmo, deu a sua "inteira aquiescência" à obra destrutiva. A irritação anticlerical de Jorge Amado subiu então ao ponto de ele fazer o elogio dos "índios patriotas" que, nos primeiros dias coloniais, haviam realizado uma "experiência culinária" com o bispo Sardinha. Acrescentando ainda que, naquela década de 1930, baiano já não gostava de bispo nem como alimento.

Antônio Risério. *Uma história da cidade do Bahia*. (Adapt.).

- a) As expressões "inteira aquiescência" e "índios patriotas", citadas no texto, procedem, ambas, da mesma fonte (autor que utilizou tais expressões)? Justifique sua resposta.
- b) Tendo em vista o contexto, é correto afirmar que a expressão "experiência culinária" é usada com sentido irônico?

43 Fuvest 2014 Leia o seguinte texto, que trata das diferenças entre fala e escrita:

Talvez ainda mais digno de atenção seja o desaparecimento [na escrita] da mímica e das inflexões ou variações do tom da voz. A sua falta tem de ser suprida por outros recursos.

É, neste sentido, que se torna altamente instrutiva a velha anedota, que nos conta a indignação de um rico fazendeiro ao receber de seu filho um telegrama com a frase singela – "mande-me dinheiro", que ele lia e relia emprestando-lhe um tom rude e imperativo. O bom homem não era tão néscio quanto a anedota dá a entender: estava no direito de exigir da formulação verbal uma qualidade que lhe fizesse sentir a atitude filial de carinho e respeito e de refugar uma frase que, sem a ajuda de gestos e entoação adequada, soa à leitura espontaneamente como rispida e seca.

J. Mattoso Câmara Jr., *Manual de expressão oral e escrita*. Adaptado.

- a) Considerando-se que o verbo da frase do telegrama está no imperativo, se essa mesma frase fosse dita em uma conversa telefônica, haveria possibilidade de o pai entendê-la de modo diferente? Explique.

LIVRO 3 - Questões Discursivas

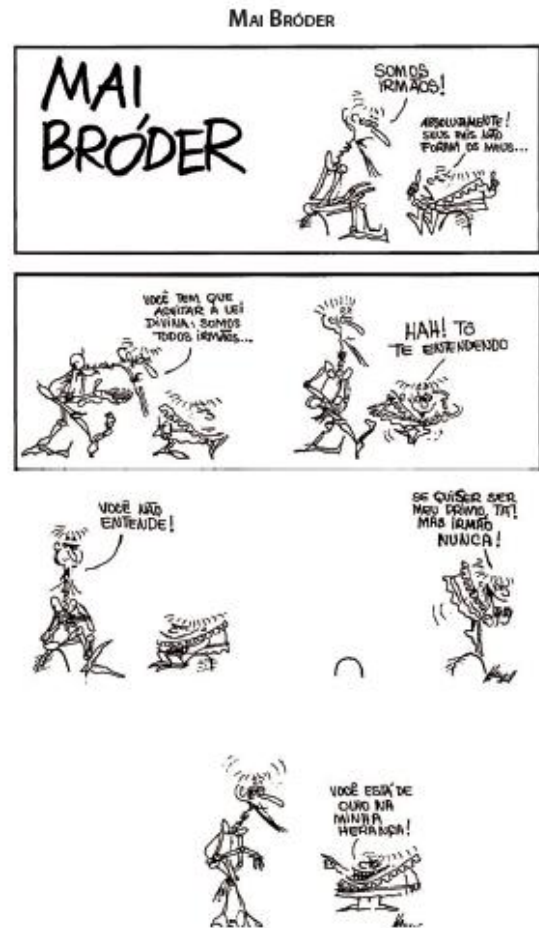
Gabarito - Português – Frente 1 – Capítulo 13

44. a) As citações referem-se a autores diferentes; a expressão "Intelra aquiescência" foi extraída de um documento assinado pelo próprio arcebispo; já "Índios patriotas" remete às palavras de Jorge Amado, o qual fez uma crítica irônica em relação à atitude do religioso (suborno).
- b) A ironia existe, pois na referência à obra de Oswald, em que o bispo Sardinha é devorado pelos índios, existe a crítica humorada, sugerindo-se o mesmo fim para o arcebispo corrupto.
43. a) Caso fosse dita em uma conversa telefônica, a frase do filho poderia ser entendida de modo diferente pelo pai, já que esse meio de comunicação permite que as inflexões de voz de uma pessoa sejam transmitidas. Dessa forma, o pai saberia discernir, do tom brando de um pedido, o tom ríspido e seco de uma ordem.
- b) Segundo o excerto, o pai "estava no direito de exigir da formulação verbal uma qualidade que lhe fizesse sentir a atitude filial de carinho e respeito". Dessa forma, reescrita, a frase do telegrama poderia ser assim redigida: "Pai, mande-me dinheiro, por favor".

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Português – Frente 1 – Capítulo 14

- Instruções: A questão de número 46 toma por base uma tira de Henfil (1944-1988).



Henfil. A volta do Freud: uma antologia histórica: charges, 1994.

- 46 Unesp 2013** Tomando como referência o sistema ortográfico, explique por que o cartunista Henfil, ao apertuguesar, com intenção irônica, a expressão inglesa *my brother*, colocou o acento agudo em *Bróder*.

- 40 Fuvest 2017** Examine a seguinte citação:

É menor pecado elogiar um mau livro, sem lê-lo, do que depois de o haver lido. Por isso, agradeço imediatamente depois de receber o volume.
Carlos Drummond de Andrade, Passos na Ilha.

- a) Explique por que o autor agradece "imediatamente depois de receber o volume".
- b) Levando em conta o contexto, reescreva duas vezes o trecho "sem lê-lo", substituindo "sem" por "sem que", na primeira vez, e por "mesmo não", na segunda.

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 1 – Capítulo 14

46. Tomando como referência o sistema ortográfico, explique por que o cartunista Henfil, ao apertuguesar, com intenção irônica, a expressão inglesa *my brother*, colocou o acento agudo em *Bróder*. Segundo a lógica por trás das leis que regem a prosódia do português, palavras que terminam com a consoante /r/ geralmente são oxítonas (e.g. todas as formas verbais infinitivas como "amar", "vender" e "partir" e substantivos como "calor" e "torpor"). Dessa forma "bróder" foge a essa tendência, pois, em vez de ser oxítona como esperado, é paroxítona (/bróder/). Portanto, essa quebra de expectativa deve ser marcada na escrita (o que ocorre por meio da acentuação), pois, do contrário, tal palavra poderia ser lida como oxítona (/broder/) e não como paroxítona.
40. a) O autor agradece "imediatamente depois de receber o volume" (livro) porque considera um pecado de intensidade menor agradecer por receber um livro ruim que ainda não leu. No entanto, agradecer por um livro ruim após a sua leitura é considerado um grande pecado (hipocrisia), o qual o autor, Carlos Drummond de Andrade, não tinha intenção de cometer. Dos males, o autor escolhe o menor.
- b) Trecho para análise: "É menor pecado elogiar um mau livro, sem lê-lo, do que depois de o haver lido."
1ª Reescrita: "É menor pecado elogiar um mau livro, sem que o tenha lido, do que depois de o haver lido."

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Português – Frente 1 – Capítulo 15

► Instruções: A questão de número 46 toma por base uma tira de Henfil (1944-1988).



Henfil. A volta do Fradim: uma antologia histórica: charges, 1994.

- 46 Unesp 2013 Tomando como referência o sistema ortográfico, explique por que o cartunista Henfil, ao apertuguesar, com intenção irônica, a expressão inglesa *my brother*, colocou o acento agudo em *Bróder*.

LIVRO 3 - Questões Discursivas

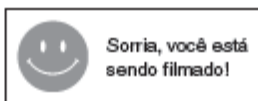
Gabarito - Português – Frente 1 – Capítulo 15

46. a) Na primeira estrofe, a palavra "qual" pode ser substituída pela conjunção comparativa "como", já que estabelece semelhança entre a terra que arde e a fogueira de São João.
- b) Na segunda estrofe, a palavra "viu" tem função fática, ou seja, é utilizada para se certificar de que o interlocutor está atento ao discurso, sendo possível, portanto, substituí-la pelas palavras "ouviu", "escutou" ou "entendeu", por exemplo.
- c) Não. Nessas estrofes são utilizadas também figuras de linguagem, tais como a comparação ("a terra ardendo"/ "qual fogueira de São João"); a sinédoque, que representa o todo através da parte ("coração" é utilizado para se referir à pessoa amada); e a metáfora (que relaciona o "verde dos olhos" à plantação). Além disso, podemos considerar que o uso da função fática ("viu") e a linguagem coloquial contribuem como recursos poéticos para o texto.

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Português – Frente 1 – Capítulo 16

50 Fuvest 2012 Leia este aviso, comum em vários lugares públicos:



- a) As pessoas que não gostam de ser filmadas prefeririam uma mensagem que dissesse o contrário. Para atender a essas pessoas, reescreva o aviso, usando a primeira pessoa do plural e fazendo as modificações necessárias.
- b) Criou-se, recentemente, a palavra "gerundismo", para designar o uso abusivo do gerúndio. Na sua opinião, esse tipo de desvio ocorre no aviso acima? Explique.

51 Unicamp 2012 O texto a seguir é parte de uma campanha promovida pela ANER (Associação Nacional de Editores de Revistas).

SURFAMOS A INTERNET, NADAMOS EM REVISTAS

A Internet empolga. Revistas envolvem.

A Internet agarra. Revistas abraçam.

A Internet é passageira. Revistas são permanentes.

E essas duas mídias estão crescendo.

Um dado que passou quase despercebido em meio ao barulho da Internet foi o fato de que a circulação de revistas aumentou nos últimos cinco anos. Mesmo na era da Internet, o apelo das revistas segue crescendo. Pense nisto: o Google existe há 12 anos. Durante esse período, o número de títulos de revistas no Brasil cresceu 234%. Isso demonstra que uma mídia nova não substitui uma mídia que já existe. Uma mídia estabelecida tem a capacidade de seguir prosperando, ao oferecer uma experiência única.

É por isso que as pessoas não deixam de nadar só porque gostam de surfar.

(Imprensa, n. 267, p. 17, maio 2011. (Adapt.).

- a) O verbo *surf* pode ser usado como transitivo ou intransitivo. Exemplifique cada um desses usos com enunciados que aparecem no texto da campanha. Indique, justificando, em qual desses usos o verbo assume um sentido necessariamente figurado.
- b) Que relação pode ser estabelecida entre o título da campanha e o trecho reproduzido a seguir? Como essa relação é sustentada dentro da campanha?

A Internet empolga. Revistas envolvem.

A Internet agarra. Revistas abraçam.

A Internet é passageira. Revistas são permanentes.

► Instrução: As questões de números **52** e **53** tomam por base uma passagem de um conto de Machado de Assis (1839-1908).

UM HOMEM SUPERIOR

Quis a desgraça de Medeiros [patrão de Clemente] que os negócios lhe corresse mal; duas ou três catástrofes comerciais o puseram às portas da morte.

Clemente Soares fez quanto pôde para salvar a casa de que dependia o seu futuro, mas nenhum esforço era possível contra um desastre marcado pelo destino, que é o nome que se dá à tolice dos homens ou ao concurso das circunstâncias.

Achou-se sem emprego nem dinheiro.

[...]

No pior da sua posição, recebeu Clemente uma carta em que o comendador o convidava a ir passar algum tempo na fazenda.

Sabedor da catástrofe de Medeiros, queria o comendador naturalmente dar a mão ao rapaz. Este não esperou que repetisse o convite. Escreveu logo dizendo que daí a um mês se poria em marcha.

*Efetivamente um mês depois saía Clemente Soares em caminho do município de***, onde era a fazenda do comendador Brito.*

O comendador esperava-o ansioso. E não menos ansiosa estava a moça, não sei se porque já lhe tivesse amor, se porque ele fosse uma distração no meio da monótona vida rural.

Recebido como amigo, tratou Clemente Soares de pagar a hospitalidade, fazendo-se conviva alegre e divertido.

Ninguém o poderia melhor do que ele.

Dotado de grande perspicácia, compreendeu em poucos dias como entendia o comendador a vida do campo, e tratou de o lisonjear por todos os modos.

Infelizmente, dez dias depois da sua chegada à fazenda, adoeceu gravemente o comendador Brito, por maneira que o médico poucas esperanças deu à família.

Era ver o zelo com que Clemente Soares servia de enfermeiro do doente, procurando por todos os meios suavizar-lhe os males. Passava noites em claro, ia aos povoados quando era necessário fazer alguma coisa mais importante, consolava o doente já com palavras de esperanças, já com animada conversa, cujo fim era distraí-lo de pensamentos lúgubres.

— Ah! dizia o pobre velho, que pena que eu o não conhecesse há mais tempo! Bem vejo que é um verdadeiro amigo.

— Não me elogie, comendador, dizia Clemente Soares, não me elogie, que é tirar o mérito, se o há, destes deveres agradáveis ao meu coração.

O procedimento de Clemente influiu no ânimo de Carlotinha, que nesse desafio de solicitude soube mostrar-se esposa dedicada e reconhecida. Ao mesmo tempo fez com que em seu coração se desenvolvesse o gérmen de afeto que Clemente de novo lhe lançara.

Carlotinha era uma moça frívola; mas a doença do marido, a perspectiva da viuvez, o desvelo do rapaz, tudo fez nela uma profunda revolução.

E mais que tudo, a delicadeza de Clemente Soares, que, durante esse tempo de tão graves preocupações para ela, nenhuma palavra de amor lhe dirigiu.

Era impossível que o comendador escapasse à morte.

Machado de Assis. Contos Aluminenses, vol. II. São Paulo: Editora Mérito, 1962, p. 103-105.

52 Unesp 2012 Dotado de grande perspicácia, compreendeu em poucos dias como entendia o comendador a vida do campo, e tratou de o lisonjear por todos os modos.

Explique em que medida o verbo "lisonjear", empregado na frase, representa uma síntese da atitude de Clemente Soares ante o comendador, na passagem apresentada.

53 Unesp 2012 O que sugere com certa malícia o narrador, ao empregar a forma verbal *soube* no fragmento apresentado, dizendo que Carlotinha *soube* mostrar-se esposa dedicada e reconhecida, quando poderia ter dito que ela “mostrou-se esposa dedicada e reconhecida”?

49 Fuvest 2013 Leia as seguintes manchetes:

Grupo I

Esperada, na Câmara, a mensagem pedindo a decretação do estado de guerra
Jornal do Brasil, 07 de outubro de 1937.

Encerrou seus trabalhos a Conferência de Paris
Folha da Manhã, 16 de julho de 1947.

Causaram viva apreensão nos E.U.A. os discos voadores
Folha da Manhã, 30 de julho de 1952.

Grupo II

Quase metade dos médicos receita o que indústria quer
Folha de S. Paulo, 31 de maio de 2010.

Novo terminal de Cumbica atenderá 19 milhões ao ano
Folha de S. Paulo, 26 de junho de 2011.

MEC divulga hoje resultados do Enem por escolas
Zero Hora, 22 de novembro de 2012.

- a) Cada um dos grupos de manchetes acima reproduzidos, por ter sido escrito em épocas diferentes, caracteriza-se pelo uso reiterado de determinados recursos linguísticos. Indique um recurso linguístico que caracteriza as manchetes de cada um desses grupos.
- b) Manchetes jornalísticas costumam suprimir vírgulas. Transcreva a última manchete de cada grupo, acrescentando vírgulas onde forem cabíveis, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

47 Fuvest 2014

Veja também em:

Português - Livro 1 - Frente 1 - Capítulo 1

Leia o seguinte texto, para atender ao que se pede:

CONVERSA DE ABRIL

É abril, me perdoareis. Estou completamente cansado. Retorno à aldeia depois de três dias de galope de jipe pelas estradas confusas de caminhões e poeira e explosões. Tenho no bolso um caderno de notas. Quereis que vos descreva essas montanhas e vales, e o que fazem os seres humanos neste tempo de primavera? Deixai-me estirar o corpo na cama; depois tiro as botas. Ouvi-me. As montanhas, já vos descreverei as montanhas.

Rubem Braga*

*Rubem Braga foi correspondente de guerra junto à FEB, Força Expedicionária Brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial. O fragmento acima pertence a uma de suas crônicas desse período.

- a) Reescreva o seguinte trecho, dando-lhe características narrativas e empregando a terceira pessoa do plural, em lugar da segunda: “Tenho no bolso um caderno de notas. Quereis que vos descreva essas montanhas e vales, e o que fazem os seres humanos neste tempo de primavera?”
- b) Tendo em vista as informações contidas no excerto, o início do texto – “É abril” – é coerente com o emprego do pronome *este*, em “neste tempo de primavera”? Explique.

48 Unesp 2014 *E nós, os civilizados do litoral, compreendemos e contemos em nós esses dois princípios [...].*

Cláudio Biaz. *Últimas conferências e discursos*, 1927.

Qual a forma infinitiva do verbo destacado e em que tempo e modo está flexionado?

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 1 – Capítulo 16

50. a) Sorriamos, (nós) não estamos sendo filmados.
b) O sufixo “-ismo” em “gerundismo” tem conotação negativa, o que evidencia um uso em desacordo com a variante culta escrita. Tal uso caracteriza-se pelo emprego do gerúndio para projetar ação futura no lugar do futuro do presente. Por exemplo, vou estar escrevendo, no lugar de escreverei/vou escrever; vou estar estudando, no lugar de estudarei/vou estudar. Na frase dada, não se observa esse uso. A frase “você está sendo filmado” indica um processo contínuo.
51. a) Em “gostam de surfar”, o verbo “surfar” atua como intransitivo e possui, no contexto, sentido denotativo; em “surfamos a internet”, o verbo atua como transitivo direto (“a internet” seria o objeto direto) e assume sentido conotativo, figurado, com o sentido de ter acesso à internet.
b) Estabelece-se uma analogia e uma oposição entre o surfar, uso da internet, e o nadar, leitura de revistas; ambos são emocionantes, envolvem o receptor, mas o primeiro é passageiro e o segundo permanente. A expressão “nadamos em revistas” também remete ao fato de que há muitos livros sendo editados, apesar do avanço da informática (emprega-se o verbo nadar com o mesmo sentido de “nadando em dinheiro”).
52. Desempregado, Clemente é convidado a visitar o comendador Brito, cujo auxílio poderia mudar-lhe a situação desfavorável em que se encontrava. Esperando conseguir alguma vantagem, bajula, exalta a autoestima do comendador. O verbo “lisonjear”, que significa enaltecer exageradamente aspirando à obtenção de privilégios, ilustra bem o caráter interesseiro de Clemente, que queria apenas obter vantagens do enfermo.

53. O verbo *saber* dispara o implícito de que a atitude de Carlotinha foi construída com uma segunda intenção; novamente a enunciação do texto enfatiza o jogo entre o ser e parecer; Carlotinha tinha como objetivo Clemente Soares, fazia um jogo de cenas. Se o verbo *saber* não fosse empregado (mostrou-se esposa dedicada e reconhecida), a informação seria entendida de forma literal, isto é, passaria a ideia de que a atitude da esposa era sincera.
49. a) Nas manchetes antigas, inicia-se com o verbo e o sujeito está posposto a ele; nas manchetes mais modernas, o sujeito está à esquerda do verbo. Há ainda uma diferença morfológica: nas manchetes antigas, há a presença de artigo no sujeito, o que não ocorre nas manchetes mais atuais.
b) Apenas dois adjuntos adverbiais receberiam vírgula: "nos EUA" (primeiro grupo) e "hoje" (no segundo grupo).
47. a) Nesta questão, foi pedido ao candidato que escrevesse o trecho em questão "dando-lhe características narrativas e empregando a terceira pessoa do plural, em lugar da segunda". Entretanto, o trecho já contém características narrativas, a saber, verbos no presente, progressão temporal e predomínio de substantivos concretos. O que a banca poderia estar pedindo com o comando da questão seria que o candidato marcasse o discurso direto presente no trecho (ou transformá-lo em discurso indireto), o que alteraria o momento da enunciação do presente para o passado. Trata-se de uma questão imprecisa da Fuvest.
Eis uma possibilidade de reescrita: "Naquele momento, eu tinha no bolso um caderno de notas. Perguntei se eles queriam que lhes descrevesse essas montanhas e vales, e o que faziam os seres humanos naquele tempo de primavera".
Eis outra: "Escrevi-lhes: 'Tenho no bolso um caderno de notas'. E perguntei: 'Querem que lhes descreva essas montanhas e vales, e o que fazem os seres humanos neste tempo de primavera?'".
b) Para responder corretamente a esta questão, o candidato deveria estar muito atento às informações textuais. Como, no Brasil, o mês de abril insere-se na estação de outono, o candidato poderia pensar que há incoerência no trecho "neste tempo de primavera", já que essa estação não ocorre em abril, mas de setembro a dezembro. Entretanto, as informações textuais indicam que o enunciador está narrando um fato no momento em que ele ocorre. Sendo assim, o mês é abril, e a estação é primavera. O enunciador está cansado por ter chegado de uma viagem, motivo pelo qual pede ao interlocutor para deixá-lo "estirar o corpo na cama". O cansaço é tanto que ele deixa para tirar as botas posteriormente, bem como deixa para depois a descrição das montanhas e dos vales pelos quais passou e a descrição do que fazem os seres humanos naquele tempo de primavera. Portanto, o trecho "neste tempo de primavera" está coerente com o início "é abril", o que permite inferir que o enunciador está em um país do hemisfério Norte.
48. No trecho em questão, esse verbo está flexionado no modo indicativo, que aponta uma ação de ocorrência certa concomitante ao momento do discurso. *Contemos* é a primeira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo cujo infinitivo é *contar*.

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 8

66 Fuvest 2011 Considere o seguinte excerto de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e responda ao que se pede.

[...] desde que Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranquila seriedade de animal bom e forte, o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior. O cavouqueiro, pelo seu lado, cedendo às imposições mesológicas, enfarava a esposa, sua congênere, e queria a mulata, porque a mulata era o prazer, a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívia de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes.

Tendo em vista as orientações doutrinárias que predominam na composição de *O cortiço*, identifique e explique aquela que se manifesta no trecho **a** e a que se manifesta no trecho **b**, a seguir:

- a) "o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração".
b) "cedendo às imposições mesológicas".

67 Unifesp 2011 Leia os textos.

TEXTO A

Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões a priori; hoje analisa-se a posteriori, por processos tão exatos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca de uma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. O verdadeiro autor do naturalismo não é pois Zola – é Claude Bernard*. A arte tornou-se o estudo dos fenômenos vivos e não a idealização das imaginações inatas...

Eça de Queirós. *Idealismo e Realismo*.

* Claude Bernard (1813-1878) foi importante médico e fisiologista francês.

TEXTO B

Tinham passado três anos quando [Luísa] conheceu Jorge. Ao princípio não lhe agradou. Não gostava dos homens barbados; depois percebeu que era a primeira barba, fina, rente, muito macia decerto; começou a admirar os seus olhos, a sua frescura. E sem o amar, sentia ao pé dele como uma fraqueza, uma dependência e uma que breira, uma vontade de adormecer encostada ao seu ombro, e de ficar assim muitos anos, confortável, sem receio de nada. Que sensação quando ele lhe disse: Vamos casar, hem! Viu de repente o rosto barbado, com os olhos muito luzidios, sobre o mesmo travesseiro, ao pé do seu! Fez-se escarlate. Jorge tinha-lhe tomado a mão; ela sentia o calor daquela palma larga penetrá-la, tomar posse dela; disse que sim; ficou como idiota, e sentia debaixo do vestido de merino dilatarem-se docemente os seus seios. Estava noiva, enfim! Que alegria, que descanso para a mamã!

Eça de Queirós. *O primo Basílio*.

- a) Vistas à luz dos princípios teóricos expostos no texto A, qual o sentido das reações de Luisa diante de Jorge e de seu pedido de casamento (texto B)?
- b) Reescreva as seguintes frases do texto B, substituindo os termos destacados por outros que não alterem o sentido que possuem no texto original:
- Ao princípio não **lhe** agradou.
 - Que sensação quando **ele** lhe disse: [...]

62 Fvest 2012 Leia o trecho de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, para responder ao que se pede.

Um dia [Ezequiel] amanheceu tocando corneta com a mão; dei-lhe uma cornetinha de metal.

Comprei-lhe soldadinhos de chumbo, gravuras de batalhas que ele mirava por muito tempo, querendo que lhe explicasse uma peça de artilharia, um soldado caído, outro de espada alçada, e todos os seus amores iam para o de espada alçada. Um dia (ingênua idade!) perguntou-me impaciente:

- Mas, papai, por que é que ele não deixa cair a espada de uma vez?
- Meu filho, é porque é pintado.
- Mas então por que é que ele se pintou?

Ri-me do engano e expliquei-lhe que não era o soldado que se tinha pintado no papel, mas o gravador, e tive de explicar também o que era gravador e o que era gravura: as curiosidades de Capitu, em suma.

- a) Se estabelecermos uma analogia ou um paralelo entre a gravura, de que se fala no excerto, e o romance *Dom Casmurro*, os termos "gravador" e "gravura" corresponderão a que elementos internos do romance?
- b) Continuando no mesmo paralelo entre "gravura" e *Dom Casmurro*, pode-se considerar que a lição dada pelo pai ao filho, a respeito da gravura, serve de advertência também para o leitor do romance? Justifique sua resposta.

63 Fvest 2012 Leia o excerto de *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós, e responda ao que se pede.

Na sala, a tia Vicência ainda nos esperava desconsolada, entre todas as luzes, que ardiam no silêncio e paz do serão debandado:

- Ora uma coisa assim! Nem querem ficar para tomar um copinho de geleia, um cálice de vinho do Porto!
- Esteve tudo muito desanimado, tia Vicência! – exclamei desafogando o meu tédio. – Todo esse mulherio emudeceu, os amigos com um ar desconfiado...

Jacinto protestou, muito divertido, muito sincero:

- Não! Pelo contrário. Gostei imenso. Excelente gente! E tão simples... Todas estas raparigas me pareceram ótimas. E tão frescas, tão alegres! Vou ter aqui bons amigos, quando verificarem que eu não sou miguelista.

Então contamos à tia Vicência a prodigiosa história de D. Miguel escondido em Tormes... Ela ria! Que coisas! E mau seria...

- Mas o Sr. Jacinto, não é?
- Eu, minha senhora, sou socialista...

- a) Defina sucintamente o *miguelismo* a que se refere o texto e indique a relação que há entre essa corrente política e a história do Brasil.
- b) Tendo em vista o contexto da obra, explique o que significa, para Jacinto, ser "socialista".

64 Unicamp 2012 Os trechos a seguir foram extraídos de *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós.

Mas dentro, no peristilo, logo me surpreendeu um elevador instalado por Jacinto – apesar do 202 ter somente dois andares, e ligados por uma escadaria tão doce que nunca ofendera a asma da Sr. D. Angelina! Espaçoso, tapetado, ele oferecia, para aquela jornada de sete segundos, confortos numerosos, um divã, uma pele de urso, um roteiro das ruas de Paris, prateleiras gradeadas com charutos e livros. Na antecâmara, onde desembarcamos, encontrei a temperatura macia e tépida duma tarde de Maio, em Guiães. Um criado, mais atento ao termômetro que um piloto à agulha, regulava destramente a boca dourada do calorífero. E perfumadores entre palmeiras, como num terraço santo de Benares, esparziam um vapor, aromatizando e salutarmente umedecendo aquele ar delicado e superfino.

Eu murmurei, nas profundidades do meu assombrado ser:

– Eis a Civilização!

[...]

– Meus amigos, há uma desgraça...

Dorman pulou na cadeira: – Fogo?

– Não, não era fogo. Fora o elevador dos pratos que inesperadamente, ao subir o peixe de S. Alteza, se desarranjara, e não se movia, enalhado!

[...]

O Grão-Duque lá estava, debruçado sobre o poço escuro do elevador, onde mergulhara uma vela que lhe avermelhava mais a face esbraseada. Espreitei, por sobre o seu ombro real. Em baixo, na treva, sobre uma larga prancha, o peixe precioso alvejava, deitado na travessa, ainda fumegando, entre rodelas de limão. Jacinto, branco como a gravata, torturava desesperadamente a mola complicada do ascensor. Depois foi o Grão-Duque que, com os pulsos cabeludos, atirou um empuxão tremendo aos cabos em que ele rolava. Debalde! O aparelho enrijara numa inércia de bronze eterno.

Eça de Queirós. *A cidade e as serras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006, p. 28, p. 63.

- a) Levando em consideração os dois trechos, explique qual é o significado do enguiço do elevador.
- b) Como o desfecho do romance se relaciona com esse episódio?

65 Unicamp 2012 Os trechos a seguir foram extraídos de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Eu, leitor amigo, aceito a teoria do meu velho Marcolini, não só pela verossimilhança, que é muita vez toda a verdade, mas porque a minha vida se casa bem à definição. Cantei um duo terníssimo, depois um trio, depois um quatuor...

[...]

Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as cousas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares, e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. *Dom Casmurro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008, p. 213.

- a) Como a narrativa de Bento Santiago pode ser relacionada com a afirmação de que a verossimilhança é "muita vez toda a verdade"?
- b) Considerando essa relação, explicita o desafio que o segundo trecho propõe ao leitor.

60 Fuvest 2013 No excerto a seguir, narra-se parte do encontro de Brás Cubas com Quincas Borba, quando este, reduzido à miséria, mendigava nas ruas do Rio de Janeiro.

Tirei a carteira, escolhi uma nota de cinco mil-réis, – a menos limpa, – e dei-lha [a Quincas Borba]. Ele recebeu-a com os olhos cintilantes de cobiça. Levantou a nota ao ar, e agitou-a entusiasmado.

— *In hoc signo vinceres!* bradou.

E depois beijou-a, com muitos ademanos de temura, e tão ruidosa expansão, que me produziu um sentimento misto de nojo e lástima. Ele, que era arguto, entendeu-me; ficou sério, grotescamente sério, e pediu-me desculpa da alegria, dizendo que era alegria de pobre que não via, desde muitos anos, uma nota de cinco mil-réis.

— *Pois está em suas mãos ver outras muitas,* disse eu.

— *Sim? acudiu ele, dando um bote para mim.*

— *Trabalhando, concluí eu.*

In hoc signo vinceres: citação em latim que significa "Com este sinal vencerás" (frase que teria aparecido no céu, junto de uma cruz, ao Imperador Constantino, antes de uma batalha).

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

- Tendo em vista a autobiografia de Brás Cubas e as considerações que, ao longo de suas *Memórias póstumas*, ele tece a respeito do tema do trabalho, comente o conselho que, no excerto, ele dá a Quincas Borba: "— Trabalhando, concluí eu".
- Tendo, agora, como referência, a história de D. Plácida, contada no livro, discuta sucintamente o mencionado conselho de Brás Cubas.

61 Unicamp 2013 Leia os seguintes trechos de *Viagens na minha terra* e de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

Benévolo e paciente leitor, o que eu tenho decerto ainda é consciência, um resto de consciência: acabemos com estas digressões e perenais divagações minhas.

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969, p. 187.

Neste despropositado e inclassificável livro das minhas Viagens, não é que se quebre, mas enreda-se o fio das histórias e das observações por tal modo, que, bem o vejo e o sinto, só com muita paciência se pode deslindar e seguir em tão embaraçada meada.

Idem, p. 292.

Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás íntimo, por que o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em *Romances*, v.1. Rio de Janeiro: Garnet, 1993, p. 140.

- No que diz respeito à forma de narrar, que semelhanças entre os dois livros são evidenciadas pelos trechos apresentados?
- Que tipo de leitor esta forma de narrar procura frustrar, e de que maneira esse leitor é tratado por ambos os narradores?

56 Fuvest 2014 No breve "Prólogo da 3ª edição" das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, assinado pelo autor, Machado de Assis, constava o seguinte trecho:

Capistrano de Abreu, noticiando a publicação do livro, perguntava: "As *Memórias póstumas de Brás Cubas* são um romance?" Macedo Soares, em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigavelmente as *Viagens* na minha terra. Ao primeiro respondia já o defunto Brás Cubas (como o leitor viu e verá no prólogo dele que vai adiante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quanto ao segundo, *assim se explicou o finado: "Trata-se de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo? Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garrett na terra dele, Sterne na terra dos outros. De Brás Cubas se pode talvez dizer que viajou à roda da vida.*

O que faz do meu Brás Cubas um autor particular é o que ele chama "rabugens de pessimismo". Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir dos seus modelos. É taça que pode ter labores de igual escola, mas leva outro vinho.

Machado de Assis

Considerando esse trecho no contexto da obra à qual se incorpora, atenda ao que se pede.

- Identifique um aspecto das *Memórias póstumas de Brás Cubas* capaz de ter suscitado a dúvida expressa por Capistrano de Abreu. Explique resumidamente.
- Em que consistem os "labores de igual escola", a que se refere o autor, no final do trecho? Explique sucintamente.

57 Fuvest 2014 Considere o excerto abaixo, no qual o narrador de *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós, contempla a cidade de Paris.

[...] E por aquela doce tarde de maio eu saí para tomar no terraço um café cor de chapéu-coco, que sabia a fava.

Com o charuto aceso contemplei o Boulevard, àquela hora em toda a pressa e estridor da sua grossa sociabilidade. A densa torrente dos ônibus, calhambeques, carroças, parelhas de luxo, rolava vivamente, com toda uma escura humanidade formigando entre patas e rodas, numa pressa inquieta. Aquele movimento indescritivo e rude depressa entonteceu este espírito, por cinco quietos anos afeito à quietação das serras imutáveis. Tentava então, puerilmente, repousar nalguma forma imóvel, ônibus que parara, fiacre que estacara num brusco escorregar da pileca; mas logo algum dorso apressado se encafiava pela portinhola da tipoia, ou um cacho de figuras escuras trepava sofregamente para o ônibus – e, rápido, recomeçava o rolar retumbante.

- No trecho "com toda uma escura humanidade formigando entre patas e rodas", pode-se reconhecer a marca de qual escola literária? Justifique sucintamente sua resposta.
- Tendo em vista que *contemplar* significa "fixar o olhar em (alguém, algo ou si mesmo), com encantamento, com admiração" (Dicionário Houaiss) ou "olhar, observar, atenta ou embevecidamente" (Dicionário Aurélio), qual é a experiência vivida pelo narrador, no excerto, e que sentido ela tem no contexto da época em que se passa a história narrada no romance?

58 Unicamp 2014 [...] *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.*

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Artek Editorial, 2001, p. 101.)

Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura... (...) Outra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra aragem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Cedi (...). Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro.

— *Pela minha vontade, já; pela dos outros, daqui a um ano.*

Virgília replicou:

— *Promete que algum dia me fará baronesa?*

— *Marquesa, porque serei marquês.*

Desde então fiquei perdido.

(Idem, p. 138.)

[...] *Virgília deixou-se estar de pé; durante algum tempo ficamos a olhar um para o outro, sem articular palavra. Quem diria? De dois grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia ali, vinte anos depois; havia apenas dois corações murchos, devastados pela vida e saciados dela, não sei se em igual dose, mas enfim saciados.*

(Idem, p. 76)

- No romance, Brás Cubas estabelece vínculos amorosos, em diferentes momentos, com Marcela e com Virgília. Explique a natureza desses dois vínculos, considerando a classe social das personagens envolvidas.
- Considerando o último excerto, como o narrador Brás Cubas avalia sua vivência amorosa ao final do romance?

59 Unicamp 2014 *Quase sempre levava-lhe presentes (...) e perguntava-lhe se precisava de roupa ou de calçado. Mas um belo dia, apresentou-se tão ébrio, que a diretora lhe negou a entrada. (...) Tempos depois, Senhorinha entregou à mãe uma conta de seis meses de pensão do colégio, com uma carta em que a diretora negava-se a conservar a menina (...). Foi à procura do marido; (...) Jerônimo apareceu afinal, com um ar triste de vicioso envergonhado que não tem ânimo de deixar o vício (...).*

— *Eu não vim cá por passeio! prosseguiu Piedade entre lágrimas! Vim cá para saber da conta do colégio!...*

— *Pague-a você!, que tem lá o dinheiro que lhe deixei! Eu é que não tenho nenhum! (...)*

E as duas, mãe e filha, desapareceram; enquanto Jerônimo (...) monologava, furioso (...). A mulata então aproximou-se dele, por detrás; segurou-lhe a cabeça entre as mãos e beijou-o na boca... Jerônimo voltou-se para a amante... E abraçaram-se com ímpeto, como se o breve tempo roubado pelas visitas fosse uma interrupção nos seus amores.

(Aluisio de Azevedo, *O Cortiço*. São Paulo: Ática, 1983, p. 137 e 139.)

O cortiço não dava ideia do seu antigo caráter. (...) e, com imenso pasmo, viram que a venda, a sebosa bodega, onde João Romão se fez gente, ia também entrar em obras. (...) levantaria um sobrado, mais alto que o do Miranda (...). E a crioula? Como havia de ser? (...) Como poderia agora mandá-la passear assim, de um momento para outro, se o demônio da crioula a acompanhava já havia tanto tempo e toda a gente na estalagem sabia disso? (...) Mas, só com lembrar-se da sua união com aquela brasileira fina e aristocrática, um largo quadro de vitórias rasgava-se defronte da desensofrida avidez de sua vaidade. (...) caber-lhe-ia mais tarde tudo o que o Miranda possuía...

(Idem, p. 133 e 145.)

- Considerando-se a pirâmide social representada na obra, em que medida as personagens Rita Baiana e Bertoleza, referidas nos excertos, poderiam ser aproximadas?
- Levando em conta a relação das personagens com o meio, compare o final das trajetórias do português Jerônimo e do português João Romão.

54 Fuvest 2015 Responda ao que se pede.

- Qual é a relação entre o "sistema de filosofia" do "Humanitismo", tal como figurado nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e as correntes de pensamento filosófico e científico presentes no contexto histórico-cultural em que essa obra foi escrita? Explique resumidamente.
- De que maneira, em *O cortiço*, de Aluisio Azevedo, são encarradas as correntes de pensamento filosófico e científico de grande prestígio na época em que o romance foi escrito? Explique sucintamente.

55 Fuvest 2015 *A uma religiosidade de superfície, menos atenta ao sentido íntimo das cerimônias do que ao colorido e à pompa exterior, quase carnal em seu apego ao concreto (...); transigente e, por isso mesmo, pronta a acordos, ninguém pediria, certamente, que se elevasse a produzir qualquer moral social poderosa. Religiosidade que se perdia e se confundia num mundo sem forma e que, por isso mesmo, não tinha forças para lhe impor sua ordem.*

Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*. Adaptado.

Tendo em vista estas reflexões de Sérgio Buarque de Holanda a respeito do sentido da religião na formação do Brasil, responda ao que se pede.

- Essas reflexões se aplicam à sociedade representada nas *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida? Justifique resumidamente.
- Os juízos aqui expressos por Sérgio Buarque de Holanda encontram exemplificação em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, especialmente na parte em que se narra o período de formação do menino Brás Cubas? Justifique sucintamente.

52 Fuvest 2016 No capítulo CXIX das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o narrador declara: "Quero deixar aqui, entre parêntesis, meia dúzia de máximas* das muitas que escrevi por esse tempo." Nos itens a) e b) encontram-se reproduzidas duas dessas máximas. Considerando-as no contexto da obra a que pertencem, responda ao que se pede.

*Máxima: fórmula breve que enuncia uma observação de valor geral; provérbio.

- "Matamos o tempo; o tempo nos enterra."
Pode-se relacionar essa máxima à maneira de viver do próprio Brás Cubas? Justifique sucintamente.
- "Suporta-se com paciência a cólica do próximo."
A atitude diante do sofrimento alheio, expressa nessa máxima, pode ser associada a algum aspecto da filosofia do "Humanitismo", formulada pela personagem Quincas Borba? Justifique sua resposta.

53 Fuvest 2016 Leia estes dois excertos das obras indicadas e responda ao que se pede.

(...) Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Manuel António de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*

Na ocasião em que Léonie partia pelo braço do amante, acompanhada até o portão por um séquito de lavadeiras, a Rita, no pátio, beliscou a coxa de Jerônimo e soprou-lhe à meia voz:

— Não lhe caia o queixo! ...

O cavouqueiro teve um desdenhoso sacudir d'ombros.

— Aquela pra cá nem pintada!

E, para deixar bem patente as suas preferências, virou o pé do lado e bateu com o tamanco na canela da mulata.

— Olha o bruto! ... queixou-se esta, levando a mão ao lugar da pancada. Sempre há de mostrar que é galego!

Aluísio Azevedo, *O cortiço*

- a) Embora os excertos pertençam a romances de diferentes estilos de época – um é romântico e outro, naturalista –, é bastante visível que, neles, o modo de representar as relações de caráter erótico apresenta várias semelhanças. Essa similaridade é sobretudo pontual, isto é, mais concentrada nesses excertos, ou, ao contrário, ela continua a ocorrer, ao longo dos romances? Explique resumidamente.
- b) Em ambos os excertos, assim como no conjunto das obras a que pertencem, é notória a predisposição a retratar as personagens de origem portuguesa de um modo bastante peculiar, influenciado por uma determinada corrente de opinião, existente no contexto histórico-social dos períodos em que as obras foram escritas. Identifique esse modo de representar tais personagens e a corrente de opinião que o influencia. Explique sucintamente.

54 Fuvest 2016 Leia este texto.

Mas o meu novíssimo amigo, debruçado da janela, batia as palmas – como Catão para chamar os servos, na Roma simples. E gritava:

— Ana Vaqueira! Um copo de água, bem lavado, da fonte velha!

Pulei, imensamente divertido:

— Oh Jacinto! E as águas carbonatadas? E as fosfatadas? E as esterilizadas? E as sódicas?...

O meu Príncipe atirou os ombros com um desdém soberbo. E aclamou a aparição de um grande copo, todo embaciado pela frescura nevada da água refulgente, que uma bela moça trazia num prato. Eu admirei sobretudo a moça... Que olhos, de um negro tão líquido e sério! No andar, no quebrar da cinta, que harmonia e que graça de ninfa latina!

E apenas pela porta desaparecera a esplêndida aparição:

— Oh Jacinto, eu daqui a um instante também quero água! E se compete a esta rapariga trazer as coisas, eu, de cinco em cinco minutos, quero uma coisa!... Que olhos, que corpo... Caramba, menino! Eis a poesia, toda viva, da serra...

O meu Príncipe sorria, com sinceridade:

— Não! Não nos iludamos, Zé Fernandes, nem façamos Arcádia.

É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe bem. Para isso a fez a Natureza, assim sã e rija (...).

Eça de Queirós, *A cidade e as serras*

- a) No período em que Jacinto passa a viver na serra, tornam-se relativamente frequentes, no romance, as referências à cultura da Antiguidade Clássica. Consideradas no contexto da obra, o que conotam as referências que o narrador, no excerto, faz a aspectos dessa cultura?
- b) Considerando-a no contexto em que aparece, explique a expressão "nem façamos Arcádia", empregada por Jacinto.

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 8

66. a) Em "o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração", explicita-se o determinismo de raça, ou seja, a influência da raça (figurativizada na frase por "sangue da mestiça") e da genética no comportamento humano. Outra orientação doutrinária seria a da eugenia, pois Rita Baiana, ao querer se relacionar com um branco, estaria buscando aprimorar a sua raça.
- b) No trecho "cedendo às imposições mesológicas", há o determinismo do meio, em que o ambiente em que o ser humano vive influencia e determina o seu caráter. Desse modo, Jerônimo representa o europeu que, sendo influenciado agora pelo meio em que vive, é corrompido e levado a se enfiar de sua esposa Piedade, sendo instigado pelos trópicos a cometer a traição.
67. a) A reação de Luísa é de certa frieza em relação ao companheiro. Expressões como "não lhe agradou", "não gostava dos homens barbados; depois percebeu que era a primeira barba [...]"; "E sem o amar", "que descanso para a mamã" comprovam esse comportamento, o qual se relaciona com a ideia contida no terceiro período do texto A: "Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões a priori; hoje analisa-se a posteriori, por processos tão exatos como os da própria fisiologia."
- b) Em "não lhe agradou", o pronome oblíquo átono é anafórico e retoma Luísa; substituindo, teremos: Ao princípio não agradou a ela (ou "a Luísa"). Em "ele lhe disse", o pronome pessoal do caso reto também exerce função anafórica e retoma "Jorge"; substituindo, teremos: Jorge lhe disse..
68. a) O rosbife, usado como metáfora para se referir ao Naturalismo, representa algumas características desse período literário, que retratava a realidade humana e as mazelas da sociedade incluindo aspectos fisiológicos e cenas por vezes repugnantes em suas descrições. Tais características podem ser identificadas com facilidade em *O cortiço*, como nas passagens referentes à decadência de Jerônimo, ao enriquecimento de João Romão e a situação de escravidão de Bertoleza (que foge da servidão forçada para a servidão voluntária a Romão), bem como no início do fluxo menstrual de Pombinha e de sua relação erótica com Léonie.
- b) A expressão "doce leite romântico" é claramente uma referência ao Romantismo e à realidade idealizada, característica das obras desse período, presente em *Itacema* através do engrandecimento da paisagem brasileira; do relacionamento harmonioso entre um europeu e nativos; e da exaltação da bravura indígena, por exemplo.

62. a) Os termos mencionados "gravador" e "gravura" correspondem, respectivamente, ao narrador (Bentinho) e à narrativa do romance (elaborada pelo próprio Bento Santiago).
- b) Sim, pois a lição do narrador-protagonista ao seu filho, ou seja, de que o soldado é uma representação da realidade, representa uma metáfora, uma advertência ao leitor. Assim como o soldado é uma "gravura" e, portanto, criado por alguém para representar o real, o romance que o leitor lê também é uma "gravura", uma narrativa fictícia, criada com o intuito de revelar os sentimentos do "gravador" (Bentinho) conforme sua visão pessoal dos fatos narrados.
63. a) Miguelismo, em Portugal, foi uma vertente política do absolutismo monárquico do Antigo Regime, cujo principal representante foi o rei d. Miguel. A ligação histórica entre o miguelismo e o Brasil se dá da seguinte maneira: depois do falecimento do rei português d. João VI, em 1826, d. Pedro (herdeiro da coroa lusitana e Imperador do Brasil) nomeia sua filha como rainha, mas d. Miguel se opõe e toma o poder. Em 1831, d. Pedro I abdica do trono brasileiro e retorna a Portugal para destronar seu irmão Miguel e instalar o liberalismo.
- b) Para Jacinto de Tormes, ser socialista significa dar assistência material às pessoas por meio de uma visão paternalista, ou seja, minimizar a pobreza, mas não no sentido de dividir igualmente os bens materiais. No contexto do romance, o personagem principal é chamado de "o pai dos pobres", pois Jacinto ajuda na construção de casas para os seus trabalhadores pobres e também financia a construção de uma farmácia e uma escola.
64. a) O enguiço do elevador, que transportava o peixe para o banquete oferecido por Jacinto de Tormes à seleta sociedade presente no seu palacete dos Champs-Élysées, é narrado na primeira parte do romance e revela, ironicamente, os aspectos negativos da modernidade tecnológica tão cara ao protagonista da narrativa. Por meio desse pequeno incidente, evidencia-se a fragilidade do progresso tecnológico. Progresso em que Jacinto inicialmente depositava toda a sua esperança e convicção.
- b) O desfecho do romance marca tanto o afastamento de Jacinto em relação à modernidade tecnológica presente em sua vida parisiense quanto um desencanto da personagem diante das ideologias que justificavam, ingenuamente, a supremacia da técnica na existência humana. Ao final da narrativa, Jacinto mantém, nas serras portuguesas, alguns elementos de sua antiga realidade urbana; avanços tecnológicos, – como, por exemplo, o telefone –, que não produzem uma mudança qualitativa naquele ambiente rural. O senhor de Tormes acaba optando por uma vida no campo marcada pela simplicidade e por um universo de relações e de valores fortemente tradicionais e arcaicos, em boa medida avessos à modernidade tecnológica outrora valorizada por ele.
65. a) O relato apresentado por Bento Santiago baseia-se na afirmação da culpa de Capitu. No entanto, o narrador-personagem não apresenta nenhuma prova irrefutável do adultério que teria sido cometido pela esposa e por seu melhor amigo. A narrativa do ex-seminarista passa por "verossímil", não sendo necessariamente verdadeira. Podemos, então, afirmar que, na frase destacada, há uma falácia, pois a verossimilhança se confunde com a veracidade. Trata-se, portanto, de uma ardilosa operação retórica do narrador para enredar o leitor em suas suposições.
- b) Segundo Bento Santiago, cabe ao leitor preencher as lacunas de sua narrativa, ou seja, o leitor deveria distanciar-se criticamente daquilo que é exposto no relato e buscar a decifração dos enigmas que o livro apresenta. Bento Santiago, sem dúvida alguma, não é um narrador confiável. Portanto, não podemos tomar como certa a traição imputada por Bentinho a Capitu. Desconfiar do narrador seria a tarefa fundamental para desarmar a armadilha central que estrutura todos os níveis de significação de *Dom Casmurro*. Ao proceder dessa forma, o leitor seria capaz de "preencher" as muitas "lacunas" presentes ao longo da narrativa.
60. a) O conselho que Brás Cubas dirige a Quincas Borba é irônico e hipócrita, pois o trabalho nunca foi uma atividade exercida pelo protagonista da história. Membro da elite carioca da 2ª metade do século XIX, Brás Cubas relacionou-se, na sua adolescência, com uma prostituta (Marcela) roubando dinheiro do pai, logo depois enviado para Coimbra cursa e formase em direito cuja profissão não exerce e por último, no capítulo final "Das negativas" ainda se vangloria afirmando: "coube-me a boa fortuna de não comprar o pão como suor do meu rosto".
- b) D. Plácida, costureira de Virgília, é uma personagem humilde que trabalhou com dedicação durante grande parte de sua vida desde os dez anos de idade, mas que não conseguiu grandes objetivos em vida, pois morreu na miséria. A ironia machadiana com relação à D. Plácida é evidente, pois o momento em que ela consegue um pouco mais de dinheiro é quando ele acaba se esquecendo dos bons costumes e da moral e aceita ser a medianeira (fachada de adultério) da relação extraconjugal entre Brás Cubas e Virgília. Evidencia-se, então, a ideia de que o trabalho não é garantia de um futuro promissor.
61. a) Os trechos dos livros "Viagens na minha terra", de Almeida Garrett, e "Memórias póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis, demonstram a utilização de dois mecanismos muito utilizados pelos respectivos narradores das obras mencionadas: metalinguagem e digressão. A metalinguagem é um mecanismo que consiste na explicação da estrutura narrativa e comentários da própria obra pelo narrador. Já a digressão tem como função interromper o fluxo narrativo para que o narrador faça comentários que podem ser filosóficos, literários ou históricos.
- b) Os narradores das duas obras mencionadas frustram o leitor acostumado às obras cujas narrativas são lineares, ou seja, enredos com começo, meio e fim bem definidos. Ao contrário, os enunciadores de "Memórias póstumas de Brás Cubas" e "Viagens na minha terra" adotaram a narrativa alinear, ou seja, o enredo é permeado de *flashbacks* (retornos ao passado), *flashforwards* (antecipações) e digressões, tornando a narrativa fragmentada e descontínua. Todas essas técnicas exigem um leitor mais crítico e paciente, diferente do leitor acostumado aos romances folhetinescos e românticos, muito comuns durante grande parte do século XIX. A ironia é o principal meio de interação entre os narradores dos livros destacados e o leitor. Em "Viagens na minha terra", há respeitosa ironia "benévola e paciente leitor", já em "Memórias póstumas de Brás Cubas", há uma ironia feroz e agressiva: "o maior defeito deste livro és tu, leitor".

56. a) *Memórias póstumas de Brás Cubas* se caracteriza como uma narrativa em que a linearidade é constantemente rompida pelas digressões do narrador-personagem, ou seja, seu fluxo é atravessado pelo caráter reflexivo presente nas intervenções de Brás Cubas, cuja diversidade temática produz, ao fim e ao cabo, uma diluição do aspecto narrativo que, normalmente, deveria predominar em um romance.
- O próprio Brás compara o seu estilo ao caminhar de um "êbrio" que se move em zigue-zague, avançando e retrocedendo sobre os próprios passos. Associa-se ainda a esse aspecto o constante diálogo que o narrador estabelece com o leitor, no qual a propensão metalinguística se faz presente. Todas essas características fazem com que *Memórias póstumas de Brás Cubas* se afaste muito das convenções romanescas oitocentistas, levando, então, Capistrano de Abreu a se perguntar se o livro realmente deveria ser considerado um romance.
- b) Apesar de pertencerem a momentos literários diferentes, Xavier de Maistre, Laurence Sterne e Almeida Garrett são escritores que se inscrevem na tradição do romance digressivo fortemente associado ao nascimento da forma romanesca. Dessa maneira, Machado de Assis, ao mesmo tempo em que reconhece sua filiação aos quadros estéticos que o antecedem ("taça que pode ter lavores de igual escola"), afirma o traço que o distingue dos autores citados ("mas leva outro vinho").
- Portanto, o vocábulo *escola* deve ser entendido mais propriamente como tradição do que como estética literária, uma vez que o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* se enquadra no universo do Realismo, enquanto os autores por ele enumerados (em particular, o escritor lusitano) seriam expressão da literatura romântica.
57. a) É possível reconhecer na frase citada as marcas estilísticas do Naturalismo, cujo traço mais explícito ali presente seria a tendência à zoomorfixação, ou seja, manifesta-se no trecho um desejo de aproximar o comportamento humano ao do animal. Tal aspecto é perceptível no emprego do vocábulo *formigando* com a finalidade de representar o comportamento febril das massas humanas em uma metrópole típica do século XIX, como era a Paris finissecular descrita no romance de Eça de Queirós.
- b) A experiência vivida pelo narrador é a do choque contínuo presente no movimento incessante das massas humanas que perambulam por uma grande cidade europeia do século XIX. Nesse caos urbano, manifestam-se, de forma incontornável, os efeitos da segunda revolução industrial (1850-1917).
- Portanto, o vocábulo *contemplar*, empregado no trecho transcrito, assume uma dimensão irônica diante de seu significado corrente marcado por uma carga semântica positiva ("encantamento", "admiração" e "embevecimento"), uma vez que revela uma experiência conflitiva por parte do narrador-personagem José Fernandes. Dizendo de outra forma, o narrador parece se sentir "atropelado" pelo vertiginoso movimento da "grosseza socialidade" de uma Paris *Belle époque* em tudo distante do sossego das serras portuguesas a que ele estava acostumado ("este espírito... afeito à quietação das serras imutáveis").
58. a) Aos dezessete anos de idade, Brás Cubas teve seu primeiro grande amor: Marcela – prostituta, gananciosa, aventureira e de condição social inferior a do protagonista. A relação entre os dois se baseou em sexo (Brás Cubas e dinheiro (Marcela). A frase lapidar usada pelo protagonista revela essa situação: "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos". O resultado dessa aventura (Brás Cubas roubou dinheiro do próprio pai para pagar os serviços de Marcela) foi um "castigo" que o velho Bento Cubas lhe deu: uma viagem a Coimbra para fazer o curso de Direito. Já Virgília (chamada de Ursa Maior – pelo fato de pertencer à alta classe social e ser filha de um político influente chamado Dutra) foi namorada de Brás Cubas por algum tempo, pois Bento Cubas arranjara o casamento pensando no futuro político do filho: alcançar o ministério. O namoro não dá certo, Virgília casa-se com um homem mais sagaz em termos de política, Lobo Neves, e por ironia do destino, alguns anos depois, Brás Cubas e Virgília se reencontram num baile, dançam, percebem que se gostavam e iniciam uma relação ilícita que duraria muitos anos.
- b) Brás Cubas avalia de maneira pessimista e irônica a vivência amorosa ao final de sua vida. Essa ideia evidencia-se pela seguinte frase usada pelo protagonista e narrador: "nada mais havia ali, vinte anos depois; havia apenas dois corações murchos, devastados pela vida e saciados dela". Ou seja, ao invés de tentar lembrar os bons momentos dessa relação, Brás Cubas prefere aludir ao vazio que ficou. Essa postura antecipa o que viria a ser o conteúdo do capítulo final do livro: "Das negativas". Nesse capítulo, o protagonista demonstra um total niilismo ao afirmar que não se casou, não foi ministro, mas pelo menos não deixou nenhum legado miserável pelo fato de não ter tido filhos.
59. a) Rita Baiana e Bertoleza estão inseridas no grupo social dos pobres e marginalizados. Ambas são vistas como objetos diante dos homens. A primeira pelo fato de ter seduzido Firmo e depois Jerônimo através de suas danças sensuais e hipnóticas de "cobra que amaldiçoa"; já a segunda, que, aliás, era escrava, por manter uma relação não amorosa, mas praticamente contratual com João Romão e ainda ser descartada quando não mais necessária ao comerciante português. Além disso, as duas personagens, devido ao determinismo presente em toda a obra, se aproximam de homens estrangeiros (portugueses) considerados superiores e bem-sucedidos como forma de se aperfeiçoarem: Rita Baiana abandona Firmo para ficar com o português Jerônimo e Bertoleza une-se a João Romão para conquistar sua carta de alforria.
- b) O meio social é um componente determinista que influencia os personagens em "O cortiço". No caso do português Jerônimo que era trabalhador, sério, casado e pai de família, ele sucumbe à bebida, à malandragem e aos apelos sexuais de Rita Baiana abandonando a mulher (Fiedade) e a filha (Senhorinha). Passa por um processo de "brasileiramento" e torna-se malandro. João Romão, também português, que era ganancioso e inescrupuloso, aprende a malandragem e a utiliza em benefício próprio explorando os trabalhadores e aqueles que estão à sua volta sempre no intuito de ganhar mais dinheiro e se tornar poderoso. Começa como trabalhador de uma vendinha e termina como comerciante bem-sucedido e dono de um conjunto de casinhas de aluguel. Em suma, o primeiro apresenta uma trajetória de decadência moral e sucumbe ao meio, já o segundo de ascensão econômica, pois se adapta ao meio e o domina.

54. a) O "Humanitismo" se constitui em uma demolidora sátira ao pensamento científico dominante na segunda metade do século XIX, isto é, ao evolucionismo, ao darwinismo social, ao positivismo e, até mesmo, ao espiritismo, para citar os sistemas mais conhecidos. Todas essas doutrinas tinham como base uma visão otimista da realidade e se constituíam, em última instância, em formas de justificação da dominação de classe presente no coração da moderna sociedade capitalista contemporânea ao autor. O absurdo dessas concepções ficava ainda mais evidente em um país como o Brasil, onde a força de trabalho era majoritariamente constituída pela escravidão negra. Portanto, a frase síntese do "Humanitismo", "Ao vencedor as batatas", apesar de uma aparência risonha e bem-humorada, traz como pano de fundo a amarga realidade da exploração social do mundo capitalista moderno, na qual a vitória dos mais fortes sobre os mais fracos é vista como "natural" e meritocrática.
- b) Em linhas gerais, pode-se afirmar que *O cortiço*, de Aluisio de Azevedo, como romance expressivo do Naturalismo literário, incorpora a grande maioria das teorias que, naquela altura do século XIX, eram consideradas científicas, mas que, à luz do pensamento atual, não passam de ilações pseudocientíficas. Entre as teorias mais presentes em *O cortiço*, podem ser citadas o determinismo e as concepções racistas que acreditavam explicar de forma "objetiva" o comportamento de várias personagens. Destaquem-se Jerônimo e Pombinha, cujas trajetórias são decididamente explicadas pelas pressões do meio, da raça e do momento histórico.
55. a) O mundo social representado por *Memórias de um sargento de milícias* tem como centro o Rio de Janeiro do período joanino. Nesse universo, todas as relações são regidas por uma dinâmica social designada por Antonio Candido como "dialética da malandragem". Oscilando permanentemente entre a "ordem" e a "desordem", as personagens desse romance têm seu comportamento marcado por uma constante flutuação moral; isto é, seu comportamento não é regido por um rigoroso e inquebrantável código ético. Nesse contexto, a religião também se apresenta marcada por seus aspectos exteriores e meramente ritualísticos, ou seja, trata-se de uma religiosidade epidérmica, em última instância, hipócrita. Portanto, as afirmações feitas por Sérgio Buarque de Holanda encontram, nessa obra literária, um exemplo cabal.
- b) *Memórias póstumas de Brás Cubas* demonstra, ainda de forma mais contundente, as afirmações presentes no trecho transcrito no corpo da questão, pois, como seu foco é a crítica ao comportamento da elite patriarcal, católica e escravocrata brasileira contemporânea ao autor, a presença da religiosidade ocupa lugar central no fluxo narrativo. Tome-se, como exemplo, a desabusada comparação que o narrador-personagem Brás Cubas faz entre seu livro e o *Pentateuco*, de Moisés. Em um país como o Brasil, marcado secularmente pela escravidão negra, os valores cristãos católicos estavam permanentemente em xeque diante da realidade social da nação. Portanto, a religiosidade oficial funcionava como uma espécie de justificação de um estado de relações humanas marcadas pela brutalidade da escravidão que impedia a religião de se constituir em um elemento verdadeiro da organização moral dos indivíduos.
52. a) Sim, a relação da máxima com a vida de Brás Cubas pode ser efetivada uma vez que o protagonista sempre mostrou ser, durante suas memórias, um *bon-vivant*, um homem que nunca gostou de trabalhar, o que é comprovado ao término do romance com o balanço de sua vida. Para Brás, foi vantajoso não ter suado para conquistar o pão de cada dia.
- Ele sempre usufruiu do patrimônio familiar, nunca se dedicou com afinco a uma profissão, cursou a faculdade de maneira leviana, foi um advogado sem grande expressividade e foi um deputado medíocre, sem atuação política. Brás Cubas passou a vida vivendo no ócio, matando o tempo, até ser morto por ele.
- b) Sim, pois a teoria do Humanitismo, formulada por Quincas Borba, preconiza a luta pela vida, pela sobrevivência, mesmo que para isso haja a necessidade de uma guerra. A "lei do mais forte", que tanto é valorizada no Humanitismo, é baseada no extremo individualismo, contrário à sensibilização diante do sofrimento alheio. Para uma vitória, há de haver uma derrota, portanto, se o mal não é do homem, não há razão de padecimento. Entre dois cães brigando por um osso, a dor do perdedor é facilmente suportada pelo vencedor, pois "pimenta nos olhos dos outros é refresco".
53. a) Essa similaridade continua a ocorrer ao longo dos romances, a saber: em *Memórias de um sargento de milícias*, Luisinha conquista Leonardo por meio da música, uma vez ele fica apaixonado ao ouvi-la cantar. O narrador faz questão de dizer que ela era namorada e leviana feito um sopro. Rita Baiana, em *O cortiço*, conquista Jerônimo também por meio da música, que seria o samba, ritmo contagiante e quente, e pela dança voluptuosa, deixando-o apaixonado. O jogo de sedução, portanto, é similar. Outro exemplo seria a cigana, em *Memórias de um sargento de milícias*, que conquista Leonardo Patata e, posteriormente, o mestre de cerimônias por meio de ardis sensuais. O narrador salienta o fato de Leonardo ter tido oportunidade de se relacionar com a cigana uma vez que estava "apatacado", ou seja, tinha dinheiro para "conquistar a posse do adorado objeto". O mesmo ocorre com Pombinha, de *O cortiço*, no final do romance, momento em que ela explora os homens por meio da lascívia. Ambas praticam o jogo de sedução para lucro próprio.
- b) Os imigrantes portugueses, apresentados nos excertos, são identificados como grosseiros, sem educação, rudes no tratamento com mulheres, uma vez que, no excerto de *Memórias de um sargento de milícias*, o flerte é iniciado por meio de uma pisadela que Leonardo assenta no pé de Maria. No segundo excerto, Jerônimo se iguala a Leonardo no tocante aos modos estúpidos de tratar uma mulher pois, para demonstrar a sua preferência por Rita, dá-lhe um pontapé na perna. Maria, que é portuguesa, aceita o flerte de Leonardo e responde com um beliscão, ou seja, pratica o flerte do mesmo nível que Leonardo. Rita, por sua vez, que não é portuguesa, não aceita a grosseria de Jerônimo, chamando-lhe bruto e concluindo sua opinião com a seguinte frase: "Sempre há de mostrar que é galego", ou seja, Jerônimo, com sua indelicadeza, não nega ser português. Era muito comum a opinião de que Portugal, à época da colonização, mandou ao Brasil a "escória" da sociedade portuguesa. Essa "escória" seria composta de criminosos degredados, e isso teria ocasionado o espalhamento de má conduta e de mazela social pela terra brasileira. Essa corrente de opinião acreditava que a formação da sociedade brasileira se deu por meio de degenerações. Os imigrantes portugueses eram vistos como brutos, sem lapidação cultural e grosseiros no seu modo de viver, haja vista João Romão, que teve de se modelar para se integrar à sociedade burguesa.
54. a) À época em que Jacinto passa a viver na serra, ele começa a apreciar a natureza e enaltecer a vida simples do campo, abrindo mão das águas sofisticadas encontradas na França pela água da velha fonte. Nesse momento, passa a ler poetas latinos, como Horácio (um tanto quanto bucólico); além disso, em virtude de sua aproximação com o bucolismo, Jacinto se apropria de uma postura clássica, ou mesmo neoclássica, arcádica, valorizando o campo (*Locus amoenus*) e a vida desprovida de luxo (*Inutilia truncat*). Essa tendência também é valorizada pela escola literária setecentista denominada *Arcadismo*.

b) A postura de valorização da simplicidade adotada por Jacinto é compatível com a tendência árcade. Porém, ao perceber o entusiasmo do amigo José Fernandes por sua empregada, como se munido por muita racionalidade, aconselha-o a parar de se iludir em achar que tudo é belo e que Ana Vaqueira poderia ser uma linda ninfa e, mais tarde, quem sabe, uma namorada. Ao utilizar o imperativo “[...] nem façamos Arcádia”, Jacinto quer dizer, de maneira pragmática, nada fantasiosa, que a realidade é outra: a empregada não serve para relações sentimentais que, porventura, o amigo pudessem chegar a ter com ela.

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 9

► As questões de números 69 e 70 tomam por base um trecho da conferência *Sobre algumas lendas do Brasil*, de Olavo Bilac (1865-1918), e um soneto do mesmo autor, utilizado por ele para ilustrar seus argumentos.

Sendo cada homem todo o universo, tem dentro de si todos os deuses, todas as potestades superiores e inferiores que dirigem o universo. (Tudo, se existe objetivamente, é porque existe subjetivamente; tudo existe em nós, porque tudo é criado e alimentado por nós). E esta consideração nos leva ao assunto e à explanação do meu tema. Existem em nós todas as entidades fantásticas, que, segundo a crença popular, enchem a nossa terra: são sentimentos humanos, que, saindo de cada um de nós, personalizam-se, e começam a viver na vida exterior, como mitos da comunhão.

Tupã, demiurgo criador, e o seu Anhangá, demiurgo destruidor. É o etemo dualismo, governando todas as fases religiosas, toda a história mitológica da humanidade. Já entre os persas e os iranianos, na religião de Zoroastro, havia um deus de bondade, Ormuz, e um deus de maldade, Ahriman. A religião de Manés, na Babilônia, não criou a ideia do dualismo; acentuou-a, precisou-a; a base da religião dos maniqueus era a oposição e o contraste da luz e da treva: o mundo visível, segundo eles, era o resultado da mistura desses dois elementos eternamente inimigos. Mas em todos os grandes povos, e em todas as pequenas tribos, sempre houve, em todos os tempos, a concepção desse conflito: e esse conflito perdura no catolicismo, fixado na concepção de Deus e do Diabo. Os nossos índios sempre tiveram seu Tupã e o seu Anhangá... Ora, o selvagem das margens do Amazonas, do São Francisco e do Paraná compreende os dois demiurgos, porque os sente dentro de si mesmo. E nós, os civilizados do litoral, compreendemos e contemos em nós esses dois princípios antagônicos, Deus e o Diabo. Cada um de vós tem uma arena íntima em que a todo o instante combatem um gênio do bem e um gênio do mal:

*Não és bom, nem és mau: és triste e humano...
Vives ansiando em maldições e preces,
Como se, a arder, no coração tivesses
O tumulto e o clamor de um largo oceano.*

*Pobre, no bem como no mal, padeces;
E, rolando num vórtice vesano*,
Oscilas entre a crença e o desengano,
Entre esperanças e desinteresses.*

*Capaz de horrores e de ações sublimes,
Não ficas das virtudes satisfeito,
Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:*

*E, no perpétuo ideal que te devora,
Residem juntamente no teu peito
Um demônio que rug e um deus que chora...*

* Vesano: louco, demente, delirante, insensato.

(*Últimas conferências e discursos*, 1927.)

69 Unesp 2014 O conferencista Olavo Bilac sugere que, apesar da diferença de credos, as religiões se filiam a um mesmo princípio. Que princípio é esse e o que origina no âmbito religioso?

70 Unesp 2014 No soneto, Bilac explicita sua concepção do homem. Apresente o aspecto mais importante dessa concepção.

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 9

- 69.** Para Bilac, as religiões filiam-se a um mesmo princípio: "o eterno dualismo", onde o homem teria dentro de si "um gênio do bem e um gênio do mal", originando o dualismo religioso em qualquer delas, sejam politeístas ou monoteístas. O que o originaria, no âmbito religioso, seria o sentimento conflituoso do ser humano, que o projetaria exteriormente em seus símbolos ou mitos.
- 70.** Segundo Bilac, a essência da natureza humana é a contradição constante, o dualismo do ser humano, a presença de elementos positivos e negativos dentro de cada pessoa, "o bem e o mal". E, em vários versos, aparece esse dualismo, tenso e inconciliável: "Oscilar entre maldições e preces/, capaz de horrores e de ações sublimes / Residem juntamente no teu peito / Um demônio que rug e um deus que chora". Desse conflito, decorreriam a ânsia e a triste condição humana.

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 10

72 Unifesp 2011 Leia o poema.

*De linho e rosas brancas vais vestido,
sonho virgem que cantas no meu peito!..
És do Luar o claro deus eleito,
das estrelas puríssimas nascido.*

*Por caminho aroma!, enfiorecido,
alvo, sereno, límpido, direito,
segues radiante, no esplendor perfeito,
no perfeito esplendor indefinido...*

*As aves sonorizam-te o caminho..
E as vestes frescas, do mais puro linho
e as rosas brancas dão-te um ar nevado...*

*No entanto, ó Sonho branco de quermesse!
Nessa alegria em que tu vais, parece
que vais infantilmente amortalhado!*

Cruz e Sousa. *Sonho Branco*.

- a) Identifique o movimento literário ao qual está associado o poema, apontando uma característica típica dessa tendência. Transcreva um verso ou fragmento do poema que exemplifique sua resposta.
- b) Liste, de um lado, dois substantivos e, de outro, quatro adjetivos, dispersos ao longo do poema para criar sua atmosfera luminosa e etérea, ao gosto do movimento literário em que se insere. Identifique os versos que, em certo momento, criam uma tensão em relação à trajetória pura e vivificante do poema, introduzindo uma nota sombria em sua atmosfera.

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 10

72. a) Cruz e Sousa é poeta simbolista; o simbolismo pautou-se, sobretudo, pelo subjetivismo (no qual se inclui o individualismo), pelo espiritualismo e pelo onírico (exploração do inconsciente); é constante, na poesia simbolista, a musicalidade, a sinestesia, a ideia de transparência e translucidez.
- onírico: "sonho virgem.../ó Sonho branco"
 - espiritualismo: "És do Luar o claro deus eleito"
 - musicalidade (aliterações e assonâncias): "rosas brancas vais vestido.../no perfeito esplendor indefinido"
 - sinestesia: "As aves sonorizam-te.../E as vestes frescas"
- b) No poema, os vocábulos responsáveis pela atmosfera luminosa e etérea são:
- | substantivos | adjetivos |
|--------------|-----------|
| sonho | branca |
| lunar | claro |
| estrela | alvo |
| ar | límpido |
| sonho | branco |
| radiante | |
- Na última estrofe, o conectivo "No entanto", cujo valor semântico é de oposição, introduz um termo cujo sentido liga-se ao negativo: "amortalhada"; a referência à morte quebra a expectativa do leitor, criando uma tensão em relação à trajetória pura.

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 13 e 14

52 Fvest 2014 No poema "Sentimento do mundo", que abre o livro homônimo de Carlos Drummond de Andrade, dizem os versos iniciais:

*Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,*

Considerando esses versos no contexto da obra a que pertencem, responda ao que se pede.

- a) Que desejo do poeta fica pressuposto no verso "Tenho apenas duas mãos"?
- b) No poema de abertura do primeiro livro de Carlos Drummond de Andrade – *Alguma poesia* (1930) – apareciam os conhecidos versos

*Mundo mundo vasto mundo
mais vasto é meu coração.*

Quando, anos depois, o poeta afirma ter "o sentimento do mundo", ele ratifica ou altera o ponto de vista que expressara nos citados versos de seu livro de estreia? Explique sucintamente.

53 Unicamp 2014

OPERÁRIO NO MAR

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na sua blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. (...) Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos (...).

(Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 23.)

- a) No trecho citado, o eu lírico se pergunta sobre o destino do operário: "Para onde vai ele, pisando assim tão firme?" Tendo em mente a crítica político-social que estrutura o conjunto do livro, explique a razão da dúvida do eu lírico.
- b) No fragmento do poema "Operário no mar", o eu lírico manifesta os sentimentos de vergonha e de desprezo na sua relação com o operário. Qual é a posição do eu lírico no que diz respeito ao papel do artista como agente de transformação da realidade social?

54 Unicamp 2014

CRIANÇAS LADRONAS

Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos Capitães da Areia, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe.

(Jorge Amado, *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 9.)

O Sem-Pernas já tinha mesmo (certo dia em que penetrara num parque de diversões armado no Passeio Público) chegado a comprar entrada para um [carrossel], mas o guarda o expulsou do recinto porque ele estava vestido de farrapos. Depois o bilheteiro não quis lhe devolver o bilhete da entrada, o que fez com que o Sem-Pernas metesse as mãos na gaveta da bilheteria, que estava aberta, abafasse o troco, e tivesse que desaparecer do Passeio Público de uma maneira muito rápida, enquanto em todo o parque se ouviam os gritos de: "Ladrão!, ladrão!" Houve uma tremenda confusão enquanto o Sem-Pernas descia muito calmamente a Gamboa de Cima, levando nos bolsos pelo menos cinco vezes o que tinha pago pela entrada. Mas o Sem-Pernas preferiria, sem dúvida, ter rodado no carrossel [...].

(idem, p. 63.)

- a) O primeiro excerto é representativo do conjunto de textos jornalísticos que iniciam *Capitães da Areia*. Que voz social eles expressam?
- b) O narrador, no segundo trecho, adere a um ponto de vista social que caracteriza a ficção de Jorge Amado. Que ponto de vista é esse?

48 Fuvest 2015 Leia o poema de Drummond para responder às questões relativas a dois versos de sua última estrofe.

ELEGIA 1938

*Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual
Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.
À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.*

*Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.*

*Caminhas entre mortos e com eles conversas
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.
Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.*

(Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*.)

Considerando-se a "Elegia 1938" no contexto de *Sentimento do mundo*, explique sucintamente

- a) a que se refere o eu lírico com a expressão "felicidade coletiva"?
- b) o que simboliza, para o eu lírico, a "ilha de Manhattan"?

49 Unicamp 2015 Os guardas vêm nos seus calcanhares. Sem-Pernas sabe que eles gostarão de o pegar, que a captura de um dos Capitães da Areia é uma bela façanha para um guarda. Essa será a sua vingança. Não deixará que o peguem. (...) Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é este homem que corre em sua perseguição (...). Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. (...) Sem-Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio.

(Jorge Amado, *Capitães da Areia*. 19ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 242-243.)

- a) Levando em conta o trecho em questão e a obra como um todo, qual é a imagem dos socialmente excluídos de quem Sem-Pernas é representativo no trecho?
- b) "Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam". Diante dessa lembrança recorrente, evocada durante sua perseguição pelos policiais, qual é o sentido da simbólica vingança de Sem-Pernas?

50 Unicamp 2015 Leia os excertos a seguir.

Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia.

(Gadilano Ramos, *Vidas secas*. 118ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 25.)

Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e sala. Era para um cristão endoiçar. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos.

(Gadilano Ramos, *Vidas secas*. 118ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 25.)

- Nos excertos citados, a seca e a falta de educação formal afetam a existência das personagens. Levando em conta o caráter crítico e político do romance, relacione o problema da seca com a questão da escolarização no que diz respeito à personagem Fabiano.
- "Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares." Descreva uma passagem do romance em que, por não saber ler e escrever, Fabiano é prejudicado e não consegue se defender.

51 Unicamp 2015

OS OMBROS SUPORTAM O MUNDO

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

Tempo de absoluta depuração.

Tempo em que não se diz mais: meu amor.

Porque o amor resultou inútil.

E os olhos não choram.

E as mãos tecem apenas o rude trabalho.

E o coração está seco.

Em vão as mulheres batem à porta, não abriás.

Ficaste sozinho, a luz apagou-se,

mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.

É todo certeza, já não sabes sofrer.

E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?

Teus ombros suportam o mundo

e ele não pesa mais que a mão de uma criança.

As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios

provam apenas que a vida prossegue

e nem todos se libertaram ainda.

Alguns, achando bárbaro o espetáculo,

prefeririam (os delicados) morrer.

Chegou um tempo em que não adianta morrer.

Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.

A vida apenas, sem mistificação.

(Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 51.)

- Na primeira estrofe, o eu lírico afirma categoricamente que "o coração está seco". Que imagem, nessa primeira estrofe, explica o fato de o coração estar seco? Justifique sua resposta.
- O último verso ("A vida apenas, sem mistificação") fornece para o leitor o sentido fundamental do poema. Levando-se em conta o conjunto do poema, que sentido é sugerido pela palavra "mistificação"?

47 Fuvest 2016 Leia o texto.

(...) Muita gente o tinha odiado. E ele odiara a todos. Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é este homem que corre em sua perseguição na figura dos guardas. Se o levarem, o homem rirá de novo. Não o levarão. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. Sobee para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo.

A praça toda fica em suspenso por um momento. "Se jogou", diz uma mulher, e desmaia. Sem-Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio. O cachorro late entre as grades do muro.



Elevador Lacerda. www.clickgratis.com.br.

Jorge Amado, *Capitães do Areio*

Para responder ao que se pede, atente para as informações referentes à localização espacial dessa cena, na qual se narram a perseguição e a morte de Sem-Pernas.

- A cena se passa diante do conhecido Elevador Lacerda (foto acima), que vem a ser um dos mais famosos "cartões-postais" de Salvador, Bahia. Qual é o efeito de sentido introduzido na cena por essa característica da localização espacial?
- Observe que o Elevador Lacerda, de uso público, situa-se no desnível brusco e pronunciado que, em Salvador, separa a "Cidade Alta" (parte mais moderna da cidade, considerada seu centro econômico) da "Cidade Baixa" (sobretudo portuária e popular). Que sentido essa característica do espaço confere à cena?

46 Fuvest 2018 Leia o texto e atenda ao que se pede.

A MÁQUINA DO MUNDO

*E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco*

*se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas
lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,*

*a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.**

(...)

Carlos Drummond de Andrade, *Citro enigma*.

*carpir-se: lamentar-se.

- a) O ponto de vista do eu lírico em relação à "máquina do mundo" ilustra as principais características de *Claro enigma*? Justifique.
- b) Transcreva o verso que sintetiza o evento sublime de que trata o texto.

LIVRO 3 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 13 e 14

52. a) Em *Sentimento do mundo*, a imagem das mãos é constantemente investida de significados marcados por carga semântica ora positiva, ora negativa. Assim, as mãos podem significar tanto a tênue possibilidade de união fraterna entre os homens quanto a impotência do sujeito lírico diante das imensas contradições do "mundo caduco" com o qual ele tem de haver-se.

Nos versos em questão, apesar da evidente carga negativa que o advérbio *apenas* impõe às mãos, está pressuposto o desejo do poeta de agir no mundo em busca da solidariedade sonhada: as mãos simbolizam a predisposição do sujeito lírico para o encontro com o outro.

- b) A partir de uma classificação proposta pelo crítico Affonso Romano Sant'Anna, convencionou-se afirmar que, no centro da experiência poética drummondiana, encontrar-se-ia o permanente conflito do "eu" com o "mundo". Dentro desse quadro, afirma-se ainda que esse conflito apresentaria três momentos claramente definidos:

1. O eu maior que o mundo.
2. O eu menor que o mundo.
3. O eu igual ao mundo.

Sentimento do mundo seria, em linhas gerais, expressão da segunda fase da poética drummondiana, aspecto que os seguintes versos do poema "Mundo grande" confirmariam:

*Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me cantar.*

(...)

*Sim, meu coração é muito pequena.
Só agora vejo que nele não cabem os homens.*

Portanto, diante dos grandes impasses histórico-sociais, que caracterizaram a vida brasileira e o mundo ao longo dos anos de 1930 e 1940 – e com os quais o sujeito lírico, manifesto em *Sentimento do mundo*, trava uma áspera luta –, faz-se necessária uma mudança de perspectiva do próprio sujeito diante do mundo. Essa mudança é marcada pelo sentimento de aguda redução dos poderes do "eu" diante da imensidão conflitiva do "mundo" e se afasta da visão plenipotenciária (ainda que marcada pela ironia) presente nos versos "Mundo mundo vasto mundo / mais vasto é meu coração", do "Poema das sete faces", de *Alguma poesia*, citados pela questão.

53. a) A dúvida do eu lírico refere-se ao contexto sociopolítico em que o poema e o livro estão inseridos: ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas e o momento conturbado em que vivia a Europa (início da 2ª Guerra Mundial, nazismo, fascismo e, também, a divisão do mundo entre capitalismo e socialismo). Dentro de todo esse contexto

encontra-se o operário, ora decidido "pisando assim tão firme", ora alienado "não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens". Essa atitude antitética é a mesma do eu lírico: de um lado a vontade de se rebelar contra o capitalismo ("a fábrica"), do outro, a dúvida (o socialismo poderia ser um caminho? – tendência do livro) e a incapacidade de sair da própria alienação e fazer com que os outros também saiam.

- b) O eu lírico (o próprio Drummond) sente dificuldade de se identificar com operário, pois não pertence à mesma classe social da personagem. Nesse sentido, a visão do artista (poeta) é cética e pessimista: pode o artista fazer denúncia social e estabelecer paradigmas revolucionários à sociedade se aquele que escreve não é operário, não nasceu na favela, não é pobre? Para que haja expressão artística é preciso compreensão e, sobretudo, proximidade da realidade constatada e descrita, daí as constantes dúvidas e dificuldades do eu lírico em fazer com que as pessoas não fiquem alienadas.

54. a) O primeiro excerto faz parte de um conjunto de textos jornalísticos que precede o romance propriamente dito e que traz como título "CRIANÇAS LADRONAS". Evidencia-se, então, que o trecho, assim como toda a reportagem, representa a opinião da burguesia de Salvador, pois não há preocupação em tratar com profundidade o problema da cidade (a exclusão social e o abandono dos meninos) e sim de mostrar o perigo que a sociedade passa diante de "assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe". O tom de noticiário policial sensacionalista e o tratamento preconceituoso dado aos meninos são características típicas de uma sociedade que prefere fazer justiça o mais rápido possível a realizar uma prévia discussão fundamentada.

- b) O narrador, no segundo trecho e em toda a obra, defende os desfavorecidos e marginalizados (no caso específico a personagem Sem-Pernas que é tratado com preconceito por causa de sua vestimenta). Isso se deve ao fato de que Jorge Amado ao denunciar o problema da infância abandonada e da exclusão social se coloca ao lado dos capitães da areia, pois defende a ideia de que eles são mais vítimas do sistema do que culpados. O autor, então, utiliza uma estrutura panfletária e propagandística de esquerda evidenciando sua ideologia, embasada na ideia de que só a revolução popular poderia minimizar as injustiças sociais, tanto que a crítica classifica "Capitães da Areia" como romance de realismo proletário.

48. a) *Sentimento do mundo* é um livro de poesia abertamente marcado pelas contradições históricas do tempo de sua gênese, ou seja, as décadas de 1930 e 1940, período em que a consciência social do autor mineiro se aguçava e caminhava em direção a um ideário socialista.

Portanto, a ideia da "felicidade coletiva" encontra-se associada a essa concepção de um mundo mais justo, no qual os homens partilhassem das mesmas condições de vida, ou seja, uma realidade que superasse o "triste mundo fascista" que emerge do próprio capitalismo como uma estrutura indissociável de si mesmo.

A "felicidade coletiva" passa necessariamente pela utopia socialista e só por ela poderia ser realizada, mas, segundo as irônicas palavras do poeta, os homens presentes poderiam "[...] adiar para outro século" aquilo que, na verdade, seria a única coisa premente a ser realizada.

- b) A ilha de Manhattan simboliza, de forma metonímica, a sociedade capitalista contemporânea do poeta e em cujo coração a barbárie da guerra encontra sua justificação.

Manhattan, Nova Iorque e os Estados Unidos seriam a fonte de todo o mal e de toda a desumanização que galopa a passos largos, conduzindo a humanidade ao horror da destruição em escala global.

Portanto, os símbolos mais ostensivos do capital motivam na voz lírica o desejo de vê-los reduzidos a pó, tarefa para a qual se sente incapaz de sozinho realizar.

49. a) O mundo social representado no romance *Capitães da areia* é complexo e contraditório. Nele, a grande maioria das instituições (Polícia, Igreja, Reformatório, meios de comunicação etc.) trata os excluídos como marginais, isto é, indivíduos que vivem sempre em guerra aberta com esta mesma estrutura social que os segrega e os aliena de suas próprias benesses.

No entanto, alguns poucos percebem que grande parte da violência presente na vida dos miseráveis encontra sua explicação nessa ordem social injusta baseada em uma extrema desigualdade. Entre eles, destaca-se o Padre José Pedro, sacerdote que, movido por sinceros sentimentos, busca ajudar os meninos no limite de suas pequenas possibilidades, pois o lugar por ele ocupado na rígida hierarquia da Igreja Católica é quase insignificante.

Ainda a esse foco alinha-se o próprio narrador, que faz de seu livro uma forma de denúncia radical das enormes injustiças que caracterizam a sociedade brasileira sua contemporânea.

- b) Em um episódio anterior, que é recuperado no fragmento transcrito na questão, fica evidente que Sem-Pernas fora vítima do arbítrio e da violência policial que não são incomuns na vida brasileira. O menino estivera na cadeia e fora violentamente espancado, enquanto um desconhecido assistira rindo ao grotesco espetáculo.

Portanto, na eminência de ser novamente preso e submetido à nova violência, Sem-Pernas preferiu o suicídio, ato que frustraria o comportamento sádico de seus algozes e, ao mesmo tempo, exporia a brutalidade de seus métodos, que tem como resultado a autoimolação conscientemente praticada por ele, um adolescente mal saído da infância.

50. a) A realidade descrita em *Vidas Secas* pode ser tomada como um exemplo cabal de um fenômeno conhecido no Brasil como "indústria da seca", caracterizado pela associação perversa entre condições climáticas adversas à vida humana – as recorrentes secas presentes na realidade nordestina brasileira – e uma estrutura fundiária (entenda-se social e econômica) que se alimenta, em benefício próprio, da miséria gerada por essas mesmas condições.

Nesse contexto, a falta de escolaridade de Fabiano, personagem símbolo de todo esse drama humano, manifesta-se como mais um dos elementos determinantes para a manutenção de sua exclusão. Analfabetismo e exploração brutal da mão de obra são duas chagas terríveis presentes secularmente na estrutura social brasileira.

- b) Ao longo da narrativa, manifesta-se de forma preponderante a "incapacidade" de Fabiano em se expressar claramente e de assim se fazer entender. Dessa forma, paira sobre o romance a sugestão de que, se possuísse a aptidão para se comunicar, Fabiano poderia, talvez, minimizar a brutal exploração de que é vítima.

Sem dúvida alguma, a passagem em que essa enorme dificuldade de comunicação revela-se de forma explícita como prejudicial a Fabiano encontra-se no capítulo "Contas", pois, ao realizar o acerto com o patrão, o vaqueiro percebe uma diferença entre o que ele acreditava ser-lhe devido e o que realmente lhe é dado. Ao questionar essa diferença que lhe é desfavorável, recebe a costumeira explicação de que se tratava da cobrança dos juros devidos ao adiantamento feito pelo patrão.

Fabiano não consegue entender o que são juros, apesar de perceber precariamente que a cobrança de taxas sobre o que lhe é devido se constitui como um mecanismo financeiro perverso, cuja única finalidade é mantê-lo dependente do patrão.

51. a) O verso "E o coração está seco" relaciona-se de forma mais direta com a imagem presente no verso anterior, que diz: "Tempo em que não se diz mais: meu amor".

A associação inevitável entre esses dois versos deve-se à convencional ligação entre o "coração" e os sentimentos, entre eles o amor, isto é, na tradição literária ocidental, o "coração" é concebido como o centro da vida emocional humana.

Outra possibilidade seria aproximar o fragmento citado ("o coração está seco") do verso "E os olhos não choram", pois a ausência das lágrimas reforça a ideia de que o sujeito lírico encontra-se em um estado de absoluta privação emocional.

A imagem do "coração seco" sintetiza de forma violenta o grau de desilusão da voz lírica diante de qualquer possibilidade de uma existência autenticamente humana em um mundo marcado pela destruição em escala global, a qual caracterizou as décadas de 1930 e 1940, período da gênese dos poemas que compõem *Sentimento do mundo*.

O agudo desencantamento presente no poema "Os ombros suportam o mundo" revela a amarga e a irônica lucidez do poeta mineiro diante da realidade do mundo capitalista moderno, no qual a vida humana se encontra totalmente danificada.

- b) Os poemas presentes em *Sentimento do mundo* trazem, de diversas formas, inscrita em si mesmos, a adesão do poeta de Itabira aos ideais do socialismo. No coração desses ideais, encontram-se a crítica e o desmascaramento impiedosos dos perversos mecanismos de justificação ideológica que estão na base de manutenção do sistema capitalista.

Diante da brutal realidade vivida pelos homens modernos, tudo se prova inútil para o poeta. Deus, amor, lágrimas, erotismo, solidariedade e o medo da velhice e da aproximação da própria extinção manifestam-se como elementos que prendem a maioria dos homens à vida e que demonstram a incapacidade humana de se libertar de seus próprios fantasmas. Não passam, portanto, de formas enganadoras, isto é, mistificadoras da realidade.

Em última instância, tudo aquilo de que a voz lírica abdicou ao longo de sua exposição poética seriam manifestações de formas de escapismo ("mistificação") diante da extrema dureza de uma existência marcada por insolúveis contradições.

LIVRO 4 - Questões Discursivas

Português – Frente 1 – Capítulo 18

- ✓ A questão de número 73 focaliza um excerto de um comentário de Fernando Pessoa (1888-1935) e um poema de Olegário Mariano (1889-1958).

NOTA PRELIMINAR

1 – Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção.

2 – Todo o estado de alma é uma paisagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E – mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem – pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser "Há sol nos meus pensamentos", ninguém compreenderá que os meus pensamentos estão tristes.

3 – Assim tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo – num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva – e, também, a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma – é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que “na ausência da amada o sol não brilha”, e outras coisas assim.

(Obra poética, 1965.)

PAISAGEM HOLANDESA

Não me saís da memória. És tu, querida amiga,
Uma imagem que eu vi numa aquarela¹ antiga.
Era na Holanda. Um fim de tarde. Um céu lavado.
Frondes abrindo no ar um pálio recortado...

5 Um moinho à beira d'água e imensa e desconforme

A pincelada verde-azul de um barco enorme.
A casaria além... Perto o cais refletindo

Uma barra de sombra entre as águas bulindo...

E, debruçada ao cais, olhando a tarde imensa,

10 Uma rapariguinha olha as águas e pensa...

É loira e triste. Nos seus olhos claros anda

A mesma paz que envolve a paisagem da Holanda.

Paira o silêncio... Uma ave passa, arminho² e gaza³,

À flor d'água, acenando adeus com o lenço da asa...

15 É a saudade de Alguém que anda extasiado, a esmo,

Com a paisagem da Holanda escondida em si mesmo,

Com aquela rapariga a sofrer e a cismar

Num pôr de sol que dá vontade de chorar...

Ai não ser eu um moinho isolado e tristonho

20 Para viver como na paz de um grande sonho,

A refletir a minha vida singular

Na água dormente, na água azul do teu olhar...

(*Toda uma vida de poeta*, 1957.)

¹ aquarela: aquarela.

² arminho: pele ou pelo do arminho; muito alvo, muito branco, alvura (sentido figurado).

³ gaza: tecido fino, transparente, feito de seda ou algodão.

73 Unesp 2015 “Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção”.

Na oração transcrita, que inicia o comentário de Fernando Pessoa, explique por que, sob o ponto de vista gramatical, a forma verbal “acontece” está flexionada na terceira pessoa do singular.

LIVRO 4 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 1 – Capítulo 18

73. A forma verbal “acontece” está na 3ª pessoa do singular, porque é flexionada pelo sujeito da oração – “um duplo fenômeno de percepção”. Tal função sintática tem como núcleo, como vocábulo nuclear, o substantivo “fenômeno”, que se encontra no singular. Dessa forma, aplicou-se a regra geral de concordância verbal, na qual o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito.

LIVRO 4 - Questões Discursivas

Português – Frente 1 – Capítulo 20

► A questão **56** toma por base o “Soneto LXVII” (“Considera a vantagem que os brutos fazem aos homens em obedecer a Deus”), de Dom Francisco Manuel de Melo (1608-1666).

*Quando vejo, Senhor, que às alimárias¹
Da terra, da água, do ar, – peixe, ave, bruto –,
Não lhe esquece jamais o alto estatuto
Das leis que lhes pusestes ordinárias;*

*E logo vejo quantas artes² várias
O homem racional, pródigo³ e astuto,
Põe em obrar, ingrato e resoluto,
Obras que a vossas leis são tão contrárias:*

*Ou me esquece quem sois ou quem eu era;
Pois do que me mandais tanto me esqueço,
Como se a vós e a mi não conhecera.*

*Com razão logo por favor vos peço
Que, pois homem tal sou, me façais fera,
A ver se assi melhor vos obedeço.*

(A fúta de Calope, 1988.)

¹ alimária: animal irracional.

² arte: astúcia, ardil.

³ pródigo: providente, que se previne, previdente, precavido.

56 Unesp 2016 No primeiro verso, a que classe de palavras pertence o termo “que” e qual sua função na frase? No quarto verso, a que classe de palavras pertence o termo “que” e qual sua função na frase?

LIVRO 4 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 1 – Capítulo 20

56. A palavra *que* presente no primeiro verso é uma conjunção integrante, cuja funcionalidade é fazer a interligação entre a oração principal (“Quando vejo, Senhor, [...]”) e a oração subordinada substantiva objetiva direta (“[...] que as alimárias [...]”). No quarto verso, a palavra *que*, por sua vez, é um pronome relativo, que exerce a função sintática de objeto direto e cuja funcionalidade é introduzir a oração subordinada adjetiva restritiva (“[...] que lhes pusestes ordinárias [...]”).
Observação: Vale lembrar que não são as conjunções que exercem funções sintáticas, mas sim as orações subordinadas introduzidas por elas.

LIVRO 4 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 12

✓ As questões de números 74 e 75 focalizam um excerto de um comentário de Fernando Pessoa (1888-1935) e um poema de Olegário Mariano (1889-1958).

NOTA PRELIMINAR

1 – Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção.

2 – Todo o estado de alma é uma paisagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E – mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem – pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser “Há sol nos meus pensamentos”, ninguém compreenderá que os meus pensamentos estão tristes.

3 – Assim tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo – num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva – e, também, a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma – é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que “na ausência da amada o sol não brilha”, e outras coisas assim.

(Ótica poética, 1965.)

PAISAGEM HOLANDESA

*Não me saís da memória. És tu, querida amiga,
Uma imagem que eu vi numa aquarela¹ antiga.
Era na Holanda. Um fim de tarde. Um céu lavado.
Frondes abrindo no ar um pálio recortado...*

5 *Um moinho à beira d'água e imensa e desconforme*

A pincelada verde-azul de um barco enorme.

A casaria além... Perto o cais refletindo

Uma barra de sombra entre as águas bulindo...

E, debruçada ao cais, olhando a tarde imensa,

10 *Uma rapariguinha olha as águas e pensa...*

É loira e triste. Nos seus olhos claros anda

A mesma paz que envolve a paisagem da Holanda.

Paira o silêncio... Uma ave passa, arminho² e gaza³,

À flor d'água, acenando adeus com o lenço da asa...

15 *É a saudade de Alguém que anda extasiado, a esmo,*

Com a paisagem da Holanda escondida em si mesmo,

Com aquela rapariga a sofrer e a cismar

Num pôr de sol que dá vontade de chorar...

Ai não ser eu um moinho isolado e tristonho

20 *Para viver como na paz de um grande sonho,*

A refletir a minha vida singular

Na água dormente, na água azul do teu olhar...

(Todo uma vida de poesia, 1957.)

¹ aquarela: aquarela.

² arminho: pele ou pelo do arminho; muito alvo, muito branco, alvura (sentido figurado).

³ gaza: tecido fino, transparente, feito de seda ou algodão.

74 Unesp 2015 O terceiro verso do poema de Olegário Mariano apresenta doze sílabas métricas e é constituído por três segmentos distintos. Transcreva esses três segmentos e, analisando-os um a um, como se fossem versos independentes, aponte o que há de comum e o que há de diferente entre eles, sob os pontos de vista do número de sílabas métricas e das posições dos acentos.

75 Unesp 2015 Considerando o que teoriza Fernando Pessoa em sua “Nota preliminar” sobre paisagem interna e paisagem externa, a que conclusão se chega sobre o modo como o eu lírico se expressa no poema “Paisagem holandesa”?

LIVRO 4 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 12

74. O verso citado na questão é: “Era na Holanda. Um fim de tarde. Um céu lavado”. Escandindo individualmente cada membro do verso, teríamos o seguinte resultado:

E	/	ra,	/	na	Ho	/	lan	/	da
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Um / fim / de / tar / de									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Um / céu / la / va / do									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

O três “fragmentos” são constituídos por quatro sílabas poéticas, ou seja, são tetrasilabas. No primeiro fragmento de verso, os acentos tônicos se encontram na primeira e quarta sílabas, enquanto que no segundo e terceiro fragmentos, os acentos se localizam na segunda e quarta sílabas métricas. Observe-se que as sílabas destacadas em negrito representam as tônicas de cada fragmento de verso.

75. As emoções expressas pela voz lírica do poema “Paisagem holandesa” são suscitadas pela contemplação de uma aquarela que reproduz uma paisagem tipicamente flamenga na qual está presente um moinho, a atmosfera fluvial e uma bela jovem, também contemplativa.

Um sentimento de suave melancolia percorre a paisagem e produz no poeta a sensação de trazer dentro si aquele mundo contemplado (“Com a paisagem da Holanda escondida em si mesmo”). Além disso, nos olhos azuis da figura feminina, ele vê refletida sua “vida singular”.

O intricado jogo estabelecido entre a aquarela, a paisagem holandesa e os sentimentos do poeta acabam por exemplificar, então, as afirmações presentes no texto do escritor lusitano, ou seja, o “mundo interior” e o “mundo exterior” estão fundidos de tal forma no poema de Olegário Mariano que ambos se tornam incompreensíveis na ausência do outro.

LIVRO 4 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 13

► Textos para a questão 76.

Texto I

O artista brasileiro moderno tende a desconfiar do dado imediato, isto é, do lugar da natureza, da cultura, da história em que os outros querem situá-lo no mundo. Entende-se: o dado, aquilo que é constituído pelo passado natural e cultural, é, no Brasil, tomado principalmente como o tempo do subdesenvolvimento, da dependência cultural, política e econômica, da escravatura. É da reação contra essa situação que surge a tendência construtiva de quase toda a nossa melhor arte. Nesse processo, não é o Brasil do passado que determina o Brasil moderno. Ao contrário: é o Brasil moderno que reinventa o Brasil do passado. [...] Para o artista brasileiro, pensar sobre o Brasil – pensar o Brasil – não pode deixar de ser reinventá-lo. E creio que grande parte dos artistas modernos, os vários modernismos desde 22, o concretismo, o neoconcretismo, a bossa nova, o tropicalismo e os artistas contemporâneos sempre se encontraram nessa mesma situação ante a tarefa da inventio Brasileira: da descoberta-invenção do Brasil.

Antonio Cicero. "O construtivismo brasileiro". Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 nov. 2010. Ilustrada, p. E 12.

Texto II

*Tua orla Bahia
No benefício destas águas profundas
E o mato encrespado do Brasil
Uma jangada leva os teus homens morenos
De chapéu de palha
Pelos campos de batalha
Da renascença
Este mesmo mar azul
Feito para as descidas
Dos hidroplanos de meu século
Frequentado rendez-vous
De Holandeses de Condes e de Padres
Que Amaralina atualiza
Poste das saudades transatlânticas
Riscando o ocre fotográfico
Entre Itapoã e o farol tropical*

*A bandeira nacional agita-se sobre o Brasil
A cidade alteia cúpulas
Torres coqueiros
Árvores transbordando em mangas-rosas
Até os navios ancorados*

*Forte de São Marcelo
Panela de pedra da história colonial
Cozinhando palmas
E as tuas ruas entreposto do Mundo
E os teus sertanejos asfaltados
E o teu ano de igrejas diferentes
Com um grande dia santo*

Oswald de Andrade. "Versos batidos". Cadernos de poesia do abnno Oswald poesias reunidas. São Paulo: Circulo do Livro, s.d. pp. 145-146.

76 Uesc 2011 Explique como se processa, no poema de Oswald de Andrade (modernista de 22), a reinvenção do Brasil comentada no texto I. Documente sua resposta com versos do texto II.

77 UFU 2011 Em vários capítulos de *Memórias sentimentais de João Miramar*, Oswald de Andrade apresenta a paisagem urbana e caótica, bem como a diversidade da população.

Higienópolis fervilhou iluminações passos no jardim idas à rua de crianças com jogos.

O irmão de José Chelinini interveio esgalgo almofadinha impávido com sobriquete de Periquito e furtados cigarros. Back batuta de ampeonatos sapecava shoots no muro longe do quintal, tratando de canjas a mim e ao conde, interventores estabanados.

Os pais vieram si sinhore lembrando nos olhos praias satisfeitas de golfos humildes de Itália.

E gaffes jantaram vinhos finos.

Oswald de Andrade. *Memórias sentimentais de João Miramar*.

Vocabulário:
esgalgo: magro.
sobriquete: apelido.

- a) Com base no comentário acima, redija um texto explicando o espaço urbano em que se desenrola este fragmento da narrativa.
- b) Identifique, nos estrangeirismos presentes no texto, três influências culturais que se mesclaram à cultura brasileira no início do século XX.

► Texto para a questão 78.

De outras e muitas grandezas vos poderíamos ilustrar, senhoras Amazonas, não fora perlongar demasiado esta epístola; todavia, com afirmar-vos que esta é, por sem dúvida, a mais bela cidade terráquea, muito hemos feito em favor destes homens de prol. Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirmos da etnologia da terra, e dentre muita surpresa e assombro que se nos depaou, por certo não foi das menores tal originalidade linguística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e ¹multifário, ²crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas ³apóstrofes, e também nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteirmos, solícito; e nos será grata empresa vô-las ensinarmos aí chegado. Mas si de tal desprezível língua se utilizam na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! [...]

Mário de Andrade. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Agir, 2008. pp. 107-108.

Vocabulário:
multifário (ref. 1): que se apresenta sobre vários aspectos.
crasso (ref. 2): grosseiro, grande.
apóstrofes (ref. 3): interpretação direta e imprevista do orador, que se dirige a alguém.

78 UFBA 2011 A partir da realidade linguística explicitada por **Macunaíma** no texto "Carta para Icamíabas", comente o ponto de vista dessa personagem sobre a língua no Brasil.

LIVRO 4 - Questões Discursivas
Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 13

76. Segundo Antonio Cicero, a tendência construtiva do que existe de melhor na arte brasileira moderna é a "reinvenção" do Brasil do passado, ou seja, a mudança de perspectiva dos artistas brasileiros que passam a valorizar o primitivo e o natural, reagindo à ideia de que o passado foi marcado pelo subdesenvolvimento e dependência da escravatura. Oswald de Andrade iniciou o movimento Pau-Brasil, cujo programa era libertar a poesia "das influências nefastas das velhas civilizações em decadência", apontando o primitivismo como caminho a ser seguido, isto é, criar uma arte baseada nas características do povo brasileiro, com absorção crítica da modernidade europeia. O projeto visava a um desligamento dos modelos poéticos importados do século passado, pondo um fim à grandiloquência e à seriedade. Assim, usa o verso livre, a ausência de pontuação, a linguagem coloquial, reduzida, telegráfica e o predomínio de um "português" genuinamente brasileiro para a descrição da paisagem ou de cenas do cotidiano ("Uma jangada leva os teus homens morenos/De chapéu de palha"). Oswald de Andrade foi o inaugurador, em nossa literatura, da transposição de técnicas de cinema – "montagem" de cenas, tentativa de descontinuidade para causar a impressão de "imagens simultâneas" – para o texto literário ("Dos hidroplanos de meu século/Frequentado rendez-vous/De Holandeses de Condes e de Padres/Que Amaralina atualiza/Poste das saudades transatlânticas/Riscando o ocre fotográfico", "Torres coqueiros/Árvores transbordando em mangas-rosas/Até os navios ancorados"). A poesia de Oswald é precursora de um movimento que vai marcar a cultura brasileira na década de 60: o Concretismo. Suas ideias, recuperadas também na década de 60, reaparecem no Tropicalismo.
77. a) O trecho faz referência à cidade de São Paulo, seu desenvolvimento urbano acelerado, como indica a metáfora "fervilhou iluminações". Há uma referência ao bairro de Higienópolis que se vê diante da explosão populacional, ou de um crescimento urbano desorganizado, próprio das megacidades, impulsionado, principalmente, pela chegada de centenas de imigrantes vindos de várias regiões da Europa.
- b) Podem ser identificadas, no mínimo, três influências culturais presentes nos estrangeirismos: em *back* e *shoots*, vemos a presença da cultura inglesa que, no início do século XX, trouxe o futebol para o país. Por outro lado, *si sinfore*, refere-se à presença de italianos em São Paulo, imigrantes que, vindos para a lavoura, também se fixaram na cidade para o trabalho na indústria, por salários baixos, formando bairros que hoje são famosos pela presença dessa cultura, como o Bexiga. Já em *gaffes*, fica nítida a influência da cultura francesa na tentativa de imitação dessa classe social em ascensão.
78. A personagem Macunaíma enfoca a diversidade de uso do idioma português no Brasil, notadamente no centro urbano (São Paulo). Ao se referir ao fato de os paulistanos falarem em uma língua e escreverem em outra, ele chama a atenção do leitor para a existência de uma norma-padrão (seguida pelos brasileiros na língua escrita) e de um registro coloquial, informal, típico da língua oral. É importante salientar que, na narrativa, por meio da carta para Icamíabas, o autor ironiza os puristas, que defendiam a petrificação da língua (língua de Camões) e não aceitavam as mudanças ocorridas no português do Brasil decorrentes da mestiçagem do idioma. Vale ressaltar que os modernistas de 22 (a obra *Macunaíma* faz parte deste contexto de inovações e experimentalismos linguísticos) se posicionaram contra o purismo linguístico, defendendo uma língua "natural e neológica".

LIVRO 4 - Questões Discursivas
Português – Frente 2 – Capítulo 14
93 Unicamp 2011

POÉTICA I

*De manhã, escureço
De dia, tardeo
De tarde anoiteço
De noite ardo*

*A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.
Outros que contem
Passo por passo
Eu morro ontem*

*Nasço amanhã
Ando onde há espaço.
– Meu tempo é quando.*

Novo York, 1950. Vinícius de Moraes. *Antologia poética*. São Paulo: Cia das Letras, 2009. p. 272.

- a) A poesia é um lugar privilegiado para constatar que a língua é muito mais produtiva do que preveem as normas gramaticais. Isso é particularmente visível no modo como o poema explora os marcadores temporais e espaciais. Comente dois exemplos presentes no poema que confirmem essa afirmação.
- b) As duas últimas estrofes apresentam uma oposição entre o eu lírico e os outros. Explique o sentido dessa oposição.

94 Unicamp 2011 Leia os seguintes trechos de *O cortiço* e *Vidas secas*.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. [...] Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulhavam os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Aluísio Azevedo. *O cortiço*. Ficção completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 462.

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos – e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera. [...] – Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.

Chegara naquela situação medonha – e ali estava, forte, até gordo, fumando seu cigarro de palha.

– Um bicho, Fabiano. [...]

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007. pp.18-19.

- Ambos os trechos são narrados em terceira pessoa. Apesar disso, há uma diferença de pontos de vista na aproximação das personagens com o mundo animal e vegetal. Que diferença é essa?
- Explique como essa diferença se associa à visão de mundo expressa em cada romance.

95 Unifesp 2011 Leia o texto.

Fazia um mês que eu chegara ao colégio. Um mês de um duro aprendizado que me custara suores frios. Tinha também ganho o meu apelido: chamavam-me de Doidinho. O meu nervoso, a minha impaciência mórbida de não parar em um lugar, de fazer tudo às carreiras, os meus recolhimentos, os meus choros inexplicáveis, me batizaram assim pela segunda vez. Só me chamavam de Doidinho. E a verdade é que eu não repelia o apelido. Todos tinham o seu. Havia o Coruja, o Pão-Duro, o Papa-Figo. Este era o pobre do Aurélio, um amarelo inchado não sei de que doença, que dormia junto de mim. Vinha um parente levá-lo e trazê-lo todos os anos. Em S. João não ia para casa, e só voltava no fim do ano porque não havia outro jeito. A família tinha vergonha dele em casa. Nunca vi uma pessoa tão feia, com aquele corpanzil bambo de papangu. Apanhava dos outros somente com o grito: – Vou dizer a Seu Maciel! – Mas não ia, coitado. Nem esta coragem de enredo, ele tinha. Dormia com um ronco de gente morrendo e a boca aberta, babando. Às vezes, quando eu acordava de noite, ficava com medo do pobre do Aurélio. Ouvia falar que era de amarelos assim que saíam os lobisomens. Certas ocasiões não podia se levantar, e dias inteiros ficava na cama, com um lenço amarrado na cabeça. E o seu Maciel não respeitava nem esta enfermidade ambulante: dava no pobre também.

José Lins do Rego. *Doidinho*.

- Doidinho*, cuja primeira edição é de 1933, é obra inserida no "Regionalismo de 30". Transcreva um fragmento do texto que apresente algum aspecto ligado a essa tendência, justificando sua escolha.
- Levante três características da personagem Papa-Figo e, além disso, transcreva um trecho do texto em que fique patente que ela era vítima de intolerância no colégio.

90 Fuvest 2012 Leia o seguinte excerto de *Capitães da areia*, de Jorge Amado, e responda ao que se pede.

O sertão comove os olhos de Volta Seca. O trem não corre, este vai devagar, cortando as terras do sertão. Aqui tudo é lírico, pobre e belo. Só a miséria dos homens é terrível. Mas estes homens são tão fortes que conseguem criar beleza dentro desta miséria. Que não farão quando Lampião libertar toda a caatinga, implantar a justiça e a liberdade?

Compare a visão do sertão que aparece no excerto de *Capitães da areia* com a que está presente no livro *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, considerando os seguintes aspectos:

- a terra (o meio físico).
- o homem (o sertanejo).

Responda, conforme solicitado, considerando cada um desses aspectos nas duas obras citadas.

91 Unicamp 2012 O excerto a seguir foi extraído do poema *Balada feroz*, de Vinícius de Moraes.

[...] Lança o teu poema inocente sobre o rio venéreo engolindo
[as cidades

Sobre os casebres onde os escorpiões se matam à visão dos
[amores miseráveis

Deita a tua alma sobre a podridão das latrinas e das fossas
Por onde passou a miséria da condição dos escravos e dos gênios.

[...]

Amarra-te aos pés das garças e solta-as para que te levem
E quando a decomposição dos campos de guerra te ferir as
[narinas, lança-te sobre a cidade mortuária

Cava a terra por entre as tumefações e se encontrares um velho
[canhão soterrado, volta

E vem atirar sobre as borboletas cintilando cores que comem
[as fezes verdes das estradas.

[...]

Suga aos cínicos o cinismo, aos covardes o medo, aos avaros
[o ouro

E para que apodreçam como porcos, injeta-os de pureza!

E com todo esse pus, faz um poema puro
E deixa-o ir, armado cavaleiro, pela vida

E ri e canta dos que pasmados o abrigarem
E dos que por medo dele te derem em troca a mulher e o pão.

Canta! canta, porque cantar é a missão do poeta
E dança, porque dançar é o destino da pureza

Faz para os cemitérios e para os lares o teu grande gesto obscuro
Carne morta ou carne viva – toma! Agora falo eu que sou um!

Vinícius de Moraes. *Antologia Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 51-53.

- Como é próprio do modernismo poético, os versos apresentados contrariam a linguagem mais depurada e as imagens mais elevadas da lírica tradicional. Como podemos definir as imagens predominantes em *Balada feroz*? A que se referem tais imagens?
- Qual é o papel da poesia e do poeta diante da realidade representada?

92 Unicamp 2012 Os trechos a seguir foram extraídos de *Memórias de um sargento de milícias* e *Vidas secas*, respectivamente.

O som daquela voz que dissera "abra a porta" lançara entre eles, como dissemos, o espanto e o medo. E não foi sem razão; era ela o anúncio de um grande aperto, de que por certo não poderiam escapar. Nesse tempo ainda não estava organizada a polícia da cidade, ou antes estava-o de um modo em harmonia com as tendências e ideias da época. O major Vidigal era o rei absoluto, o árbitro supremo de tudo o que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuía a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua imensa alçada não haviam testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; ele resumia tudo em si; a sua justiça era infalível; não havia apelação das sentenças que dava, fazia o que queria, ninguém lhe tomava contas. Exercia enfim uma espécie de inquirição policial. Entretanto, fazamos-lhe justiça, dados os descontos necessários às ideias do tempo, em verdade não abusava ele muito de seu poder, e o empregava em certos casos muito bem empregado.

Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 21.

Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano:

– Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira:

– Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme.

Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia.

Graciliano Ramos, *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 28.

- a) Que semelhanças e diferenças podem ser apontadas entre o Major Vidigal, de *Memórias de um sargento de milícias*, e o soldado amarelo, de *Vidas secas*?
- b) Como essas semelhanças e diferenças se relacionam com as características de cada uma das obras?

86 Fuvest 2013 Leia o seguinte poema.

TRISTEZA DO IMPÉRIO

Os conselheiros angustiados
ante o colo ebúrneo
das donzelas opulentas
que ao piano abemolavam
"bus-co a cam-pi-na se-re-na
pa-ra-li-vre sus-pi-rar",
esqueciam a guerra do Paraguai,
o enfado bolorento de São Cristóvão,
a dor cada vez mais forte dos negros
e sorvendo mecânicos
uma pitada de rapé,
sonhavam a futura libertação dos instintos
e ninhos de amor a serem instalados nos arranha-céus de Copacabana,
com rádio e telefone automático.

Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*.

- a) Compare sucintamente "os conselheiros" do Império, tal como os caracteriza o poema de Drummond, ao protagonista das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.
- b) Ao conjugar de maneira intempestiva o passado imperial ao presente de seu próprio tempo, qual é a percepção da história do Brasil que o poeta revela ser a sua? Explique resumidamente.

87 Unicamp 2013 Ocupavam-se em descobrir uma enorme quantidade de objetos. Comunicaram baixinho um ao outro as surpresas que os enchiam. Impossível imaginar tantas maravilhas juntas. O menino mais novo teve uma dúvida e apresentou-a timidamente ao irmão. Seria que aquilo tinha sido feito por gente? O menino mais velho hesitou, espiou as lojas, as toldas iluminadas, as moças bem-vestidas. Encolheu os ombros. Talvez aquilo tivesse sido feito por gente. Nova dificuldade chegou-lhe ao espírito, soprou-a no ouvido do irmão. Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência. Vistas de longe, eram bonitas. Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem.

Graciliano Ramos, *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 82.

Sinhá Vitória precisava falar. Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru, secando, morrendo. Queria enganar-se, gritar, dizer que era forte, e a quentura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. Chegou-se a Fabiano, amparou-o e amparou-se, esqueceu os objetos próximos, os espinhos, as arribações, os urubus que farejavam carniça. Falou no passado, confundiu-se com o futuro. Não poderiam voltar a ser o que já tinham sido?

Mem, p.120.

- a) O contraste entre as preciosidades dos altares da igreja e das prateleiras das lojas, no primeiro excerto, e as árvores transformadas em garranchos, no segundo, caracteriza o conflito que perpassa toda a narrativa de *Vidas secas*. Em que consiste este conflito?
- b) No primeiro excerto, encontra-se posta uma questão recorrente em *Vidas secas*: a relação entre linguagem e mundo. Explique em que consiste esta relação na passagem acima.

88 Unicamp 2013 O excerto a seguir foi extraído do poema *Ode no Cinquentenário do Poeta Brasileiro*, de Carlos Drummond de Andrade, que homenageia o também poeta Manuel Bandeira.

[...] Por isso sofremos: pela mensagem que nos confias
entre ônibus, abafada pelo pregão dos jomais e mil queixas operárias;
essa insistente mas discreta mensagem
que, aos cinquenta anos, poeta, nos trazes;
e essa fidelidade a ti mesmo com que nos apareces
sem uma queixa no rosto entretanto experiente,
mão firme estendida para o aperto fraterno
– o poeta acima da guerra e do ódio entre os homens –,
o poeta ainda capaz de amar Esmeralda embora a alma anoiteça,
o poeta melhor que nós todos, o poeta mais forte
– mas haverá lugar para a poesia?
Efetivamente o poeta Rimbaud fartou-se de escrever,
o poeta Maiakovski suicidou-se,
o poeta Schmidt abastece de água o Distrito Federal..
Em meio a palavras melancólicas,
ouve-se o surdo rumor de combates longínquos

*(cada vez mais perto, mais, daqui a pouco dentro de nós).
E enquanto homens suspiram, combatem ou simplesmente
[ganham dinheiro,
ninguém percebe que o poeta faz cinquenta anos,
que o poeta permaneceu o mesmo, embora alguma coisa de
[extraordinário se houvesse passado,
alguma coisa encoberta de nós, que nem os olhos traíram nem as
[mãos apalparam,
susto, emoção, enternecimento,
desejo de dizer: Emanuel, disfarçado na meiguice elástica dos abraços,
e uma confiança maior no poeta e um pedido lancinante para que
não nos deixe sozinhos nesta cidade
em que nos sentimos pequenos à espera dos maiores acontecimentos.
[...]*

Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 49.

- a) O que, no poema, leva o eu lírico a perguntar: "mas haverá lugar para a poesia?"
b) É possível afirmar que a figura de Manuel Bandeira, evocada pelo poeta, se contrapõe ao sentimento de pessimismo expresso no poema e no livro *Sentimento do mundo*. Explique por quê.

89 Unicamp 2013 Leia o seguinte trecho do romance "Capitães da Areia", de Jorge Amado:

Agora [Pedro Bala] comanda uma brigada de choque formada pelos Capitães da Areia. O destino deles mudou, tudo agora é diverso. Intervêm em comícios, em greves, em lutas obreiras. O destino deles é outro. A luta mudou seus destinos.

Jorge Amado, *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 268.

- a) Explique a mudança pela qual os Capitães da Areia passaram, e o que a tornou possível.
b) Que relação se pode estabelecer entre esse desfecho e a tendência política do romance de Jorge Amado?

83 Fuvest 2014 No poema "Sentimento do mundo", que abre o livro homônimo de Carlos Drummond de Andrade, dizem os versos iniciais:

*Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,*

Considerando esses versos no contexto da obra a que pertencem, responda ao que se pede.

- a) Que desejo do poeta fica pressuposto no verso "Tenho apenas duas mãos"?
b) No poema de abertura do primeiro livro de Carlos Drummond de Andrade – **Alguma poesia** (1930) – apareciam os conhecidos versos

*Mundo mundo vasto mundo
mais vasto é meu coração.*

Quando, anos depois, o poeta afirma ter "o sentimento do mundo", ele ratifica ou altera o ponto de vista que expressara nos citados versos de seu livro de estreia? Explique sucintamente.

84 Unicamp 2014

OPERÁRIO NO MAR

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na sua blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. (...) Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos (...).

(Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 23.)

- a) No trecho citado, o eu lírico se pergunta sobre o destino do operário: "Para onde vai ele, pisando assim tão firme?" Tendo em mente a crítica político-social que estrutura o conjunto do livro, explique a razão da dúvida do eu lírico.
b) No fragmento do poema "Operário no mar", o eu lírico manifesta os sentimentos de vergonha e de desprezo na sua relação com o operário. Qual é a posição do eu lírico no que diz respeito ao papel do artista como agente de transformação da realidade social?

85 Unicamp 2014

CRIANÇAS LADRONAS

Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos Capitães da Areia, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe.

(Jorge Amado, *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 9.)

O Sem-Pernas já tinha mesmo (certo dia em que penetrara num parque de diversões armado no Passeio Público) chegado a comprar entrada para um [carrossel], mas o guarda o expulsou do recinto porque ele estava vestido de farrapos. Depois o bilheteiro não quis lhe devolver o bilhete da entrada, o que fez com que o Sem-Pernas metesse as mãos na gaveta da bilheteria, que estava aberta, abafasse o troco, e tivesse que desaparecer do Passeio Público de uma maneira muito rápida, enquanto em todo o parque se ouviam os gritos de: "Ladrão!, ladrão!" Houve uma tremenda confusão enquanto o Sem-Pernas descia muito calmamente a Gamboa de Cima, levando nos bolsos pelo menos cinco vezes o que tinha pago pela entrada. Mas o Sem-Pernas preferiria, sem dúvida, ter rodado no carrossel [...].

(Idem, p. 63.)

- a) O primeiro excerto é representativo do conjunto de textos jornalísticos que iniciam *Capitães da Areia*. Que voz social eles expressam?
b) O narrador, no segundo trecho, adere a um ponto de vista social que caracteriza a ficção de Jorge Amado. Que ponto de vista é esse?

79 Fuvest 2015 Leia o poema de Drummond para responder às questões relativas a dois versos de sua última estrofe.

ELEGIA 1938

*Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Práticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.
Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.
À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.*

*Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.*

*Caminhas entre mortos e com eles conversas
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.*

*Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.*

Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo.

Considerando-se a "Elegia 1938" no contexto de **Sentimento do mundo**, explique sucintamente

- a que se refere o eu lírico com a expressão "felicidade coletiva"?
- o que simboliza, para o eu lírico, a "ilha de Manhattan"?

80 Unicamp 2015 *Os guardas vêm nos seus calcanhares. Sem-Pernas sabe que eles gostarão de o pegar, que a captura de um dos Capitães da Areia é uma bela façanha para um guarda. Essa será a sua vingança. Não deixará que o peguem. (...) Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é este homem que corre em sua perseguição (...). Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. (...) Sem-Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio.*

(Jorge Amado, Capitães da Areia. 19ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 242-243.)

- Levando em conta o trecho em questão e a obra como um todo, qual é a imagem dos socialmente excluídos de quem Sem-Pernas é representativo no trecho?
- "Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam". Diante dessa lembrança recorrente, evocada durante sua perseguição pelos policiais, qual é o sentido da simbólica vingança de Sem-Pernas?

81 Unicamp 2015 Leia os excertos a seguir.

Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia.

(Graciliano Ramos, Vidas secas. 118ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 25.)

Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos.

(Graciliano Ramos, Vidas secas. 118ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 35.)

- Nos excertos citados, a seca e a falta de educação formal afetam a existência das personagens. Levando em conta o caráter crítico e político do romance, relacione o problema da seca com a questão da escolarização no que diz respeito à personagem Fabiano.
- "Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares." Descreva uma passagem do romance em que, por não saber ler e escrever, Fabiano é prejudicado e não consegue se defender.

82 Unicamp 2015

OS OMBROS SUPTAM O MUNDO

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

Tempo de absoluta depuração.

Tempo em que não se diz mais: meu amor.

Porque o amor resultou inútil.

E os olhos não choram.

E as mãos tecem apenas o rude trabalho.

E o coração está seco.

Em vão as mulheres batem à porta, não abrirás.

Ficaste sozinho, a luz apagou-se,

mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.

É toda certeza, já não sabes sofrer.

E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?

Teus ombros suportam o mundo

e ele não pesa mais que a mão de uma criança.

As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios

provam apenas que a vida prossegue

e nem todos se libertaram ainda.

Alguns, achando bárbaro o espetáculo,

prefeririam (os delicados) morrer.

Chegou um tempo em que não adianta morrer.

Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.

A vida apenas, sem mistificação.

(Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 51.)

- Na primeira estrofe, o eu lírico afirma categoricamente que "o coração está seco". Que imagem, nessa primeira estrofe, explica o fato de o coração estar seco? Justifique sua resposta.
- O último verso ("A vida apenas, sem mistificação") fornece para o leitor o sentido fundamental do poema. Levando-se em conta o conjunto do poema, que sentido é sugerido pela palavra "mistificação"?

80 Fuvest 2016 Leia o texto.

(...) Muita gente o tinha odiado. E ele odiara a todos. Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é este homem que corre em sua perseguição na figura dos guardas. Se o levarem, o homem rirá de novo. Não o levarão. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo.

A praça toda fica em suspenso por um momento. "Se jogou", diz uma mulher, e desmaia. Sem-Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio. O cachorro late entre as grades do muro.



Elevador Lacerda. www.clickgratis.com.br.

Jorge Amado, *Capitães do Areia*

Para responder ao que se pede, atente para as informações referentes à localização espacial dessa cena, na qual se narram a perseguição e a morte de Sem-Pernas.

- A cena se passa diante do conhecido Elevador Lacerda (foto acima), que vem a ser um dos mais famosos "cartões-postais" de Salvador, Bahia. Qual é o efeito de sentido introduzido na cena por essa característica da localização espacial?
- Observe que o Elevador Lacerda, de uso público, situa-se no desnível brusco e pronunciado que, em Salvador, separa a "Cidade Alta" (parte mais moderna da cidade, considerada seu centro econômico) da "Cidade Baixa" (sobretudo portuária e popular). Que sentido essa característica do espaço confere à cena?

LIVRO 4 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 14

- Os marcadores espaciais e temporais que expandem a linguagem para além dos limites da gramática são realizados por associações antitéticas como em "De manhã, escureço", nexos aparentemente arbitrários como no verso "O este é meu norte" e até mesmo absurdo como em "Nasço amanhã".
 - O eu lírico se distancia com relação aos outros, pois estes insistem em viver de acordo com uma visão de mundo tradicional de uma sequência temporal linear "passo por passo". Para o eu lírico, o tempo é experiência subjetiva e passional, subordinada às regras criativas e não objetivas.
- No livro *O cortiço*, essa diferença realiza-se unicamente sob o ponto de vista do narrador. Em *Vidas secas*, essa relação e até mesmo essa identificação com o mundo animal se constrói a partir do ponto de vista do próprio personagem.
 - Em *O cortiço*, essa relação se dá sob influência do naturalismo que considerava a condição humana essencialmente degradante. Por outro lado, em *Vidas Secas* a aproximação entre mundo humano e animal ocorre sob a influência do pensamento que afirma as condições sociais (que tem causas políticas/econômicas) são as responsáveis pelas condições quase desumanas dos personagens.
- Esse momento da literatura é marcado por uma visão realista e crítica dos problemas socioeconômicos do Nordeste e de outras regiões. No regionalismo de 1930, o autor descreve sua terra e sua gente de forma crítica e não idealizada, com o objetivo, principalmente, de compreender o momento presente e as injustiças sociais. Explora-se a personagem nas suas características sociais e psicológicas. No texto de José Lins do Rego, observa-se o regionalismo na linguagem em "...com aquele corpanzil bambo de papangu...". O termo papangu remete ao vocabulário nordestino, significa pessoa que sai com fantasia específica; palhaço do carnaval; nesse sentido, o autor insere um pouco da cultura daquela região no romance. Já em "Dormia com ronco de gente morrendo...", "...que era de amarelos assim que saíam os lobisomens", o foco passa a ser a realidade social, vista de forma cruel e patológica.
 - Entre as características descritas, temos:
 - a feiura: "...nunca vi uma pessoa tão feia..."
 - aparência doentia, comilão: "...um amarelo inchado...Dormia com um ronco de gente morrendo..."
 - vítima dos amigos: "Apanhava dos outros..."
 - babava: "...a boca aberta, babando..."
 - aparência assustadora: "Ouvia falar que era de amarelos assim que saíam os lobisomens".
 - covardia: não tinha coragem nem para se defender das agressões do colégio nem do Senhor Maciel que "não respeitava nem esta enfermidade ambulante: dava no pobre também."

O fato de ser vítima da intolerância dos colegas está presente em: "Apanhava dos outros somente com o grito..." e "...seu Maciel não respeitava nem esta enfermidade ambulante: dava no pobre também."
- No excerto citado do livro *Capitães da areia*, o personagem Volta Seca olha para o sertão e descreve aspectos positivos e certa esperança, mesmo diante da miséria: "Aqui tudo é lírico, pobre e belo". Já em *Vidas secas*, o espaço físico geralmente aparece como um elemento que castiga os personagens, nivelando-os ao patamar dos animais, principalmente na época da seca.
 - Fabiano, em *Vidas secas*, representa o ser humano resignado. É um personagem carente de pensamento e palavras, sujeito alienado que não tem forças para lutar contra a opressão física (sertão) e política (soldado amarelo). Diferentemente, Volta Seca e Lampião, em *Capitães da areia*, representam a possibilidade da luta contra a injustiça e a desigualdade, mesmo diante de forças políticas e físicas opressoras: "estes homens são tão fortes que conseguem criar beleza dentro desta miséria".

91. a) As imagens presentes em "Balada feroz" são marcadas por uma dimensão escatológica ("latrinas", "fossas", "fezes"), ou seja, estão relacionadas à ideia de apodrecimento e de putrefação. Imagens que, por sua vez, referem-se a um mundo em colapso, que marcha para seu próprio aniquilamento. A atmosfera presente no poema associa-se ao período que antecede a Segunda Guerra Mundial, pois os versos de Vinicius de Moraes transcritos na questão foram compostos no final da década de 1930.
- b) Segundo os versos apresentados, o papel do poeta e o da poesia seria o de transformar a matéria putrefata do mundo em um "poema puro", ou seja, a matéria conflitiva do mundo deveria ser purificada pelo poeta, caberia à sensibilidade lírica sublimar o "pus" em poesia. Assim sendo, a partir da tragédia social humana que lhe é contemporânea, o poeta deveria produzir algo que permitisse a redenção espiritual de seu tempo ("Lança o teu poema inocente [...]").
- O raciocínio implícito nesses versos revela o mal disfarçado peso da tradição religiosa cristã na produção inicial de Vinicius de Moraes, aspecto que nem mesmo o emprego exímio do verso livre pode superar. Sob a capa da modernidade formal insinua-se uma visão conservadora e idealizada da função da arte no mundo moderno. Não é, portanto, destituído de consciência crítica que o próprio poeta, na advertência que abre sua *Antologia Poética*, afirme que a poesia de sua primeira fase seria fruto "dos preconceitos e enjoamentos de sua classe e do seu meio [...]".
92. a) Tanto o "Major Vidigal" quanto o "soldado amarelo" apresentam um comportamento marcado pela arbitrariedade e pelo autoritarismo. No entanto, no caso particular da personagem de *Memórias de um sargento de milícias*, nem sempre os atos arbitrários produzem injustiça e dolo para aqueles que são atingidos pela ação do Major. Já o soldado amarelo tem sua ação marcada integralmente pela brutalidade e pela injustiça.
- b) O mundo representado em *Memórias de um sargento de milícias* é regido do princípio ao fim pela ambivalência. Portanto, a figura do Vidigal está estruturalmente marcada pela ambiguidade, aspecto presente na descrição de seu comportamento que oscila entre a ordem e a desordem. Um exemplo dessa dualidade se manifesta no fato de que o caráter autoritário e arbitrário do Major nem sempre produz uma ação injusta.
- Por sua vez, o mundo representado em *Vidas secas* está marcado por relações sociais baseadas na violenta exploração dos sertanejos, ou seja, não há ambiguidade no universo ficcional criado por Graciliano Ramos. O soldado amarelo e suas ações são expressão da absoluta brutalidade que perpassa toda a existência do nordestino brasileiro.
86. a) Pertencentes a uma elite interessada em suas realizações pessoais e íntimas, os "conselheiros", do poema de Drummond estão alheios aos problemas sociais do país como a Guerra do Paraguai e a escravidão. Dessa maneira, simbolizam a alienação, tema central do livro *Sentimento do Mundo*. Brás Cubas também pertence à elite e tem uma atitude muito semelhante a dos conselheiros, pois não demonstra muita preocupação com os problemas sociais do Brasil e ocupa grande parte de sua vida em satisfazer os seus desejos, sobretudo sexuais: iniciou-se amorosamente com a prostituta Marcela e teve uma relação extraconjugal com Virgília.
- b) O poeta demonstra uma visão crítica e pessimista com relação à história do Brasil pelo fato de evidenciar a tese de que as elites pertencentes à década de 1930 (época da publicação do livro) continuam com a mesma postura das elites do período Imperial, ou seja, preocupadas não com o bem-estar coletivo, mas individual é íntimo (numa atitude praticamente hedonista).
87. a) Os dois excertos mencionados são exemplos da exclusão pela qual a família de flagelados nordestinos está submetida. No primeiro caso, nas "preciosidades dos altares das igrejas e das prateleiras das lojas", há referência à exclusão dos meninos pelo fato deles não terem capacidade linguística para interpretar, decifrar e entender os nomes que os homens dão aos objetos, ou seja, exclusão em termos de cultura. No segundo caso, "árvores transformadas em garranchos" há referência ao fato de sinhá Vitória, muito menos o restante da família, não poder fazer algo contra o clima hostil e determinista que perpassa todo o romance, apontando assim para uma exclusão proveniente da natureza.
- b) Pelo fato de os meninos não dominarem a linguagem há uma relação conflituosa deles com o mundo. O não conhecimento dos nomes dos objetos ("Provavelmente aquelas coisas tinham nomes") acarreta na impossibilidade de entenderem o significado de tudo aquilo que está ao redor deles e, principalmente, na ausência de conhecimento, pois eles não podem decifrar o mundo. Lembremo-nos, ainda, o fato de os próprios meninos não terem nome próprio, ou seja, estão linguisticamente fadados a não entenderem o mundo e a si mesmos.
88. a) A pergunta do eu lírico "mas haverá lugar para a poesia?" é uma referência ao contexto histórico-literário pelo qual o livro *Sentimento do mundo*, publicado em 1940, estava inserido. Em termos históricos, o poema e o livro fazem menção a uma época sombria: crescimento vertiginoso do nazifascismo na Europa, início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, em âmbito nacional, a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945). Todos esses acontecimentos levam o eu lírico a indagar o papel e o espaço da poesia. Além disso, em termos literários, o livro em questão está inserido na chamada 2ª fase da obra de Drummond, denominada de "eu menor que o mundo" numa clara alusão ao fato de o eu lírico sentir-se muitas vezes pequeno ou incapaz diante da alienação do mundo e, às vezes, do próprio poeta. Há, então, a triste constatação de que "os homens suspiram, combatem ou simplesmente ganham dinheiro" marcas da falta de lirismo, poesia, humanidade, de um tempo em que "ninguém percebe que o poeta faz cinquenta anos".
- b) Carlos Drummond de Andrade não só no poema mencionado, mas em todo o livro *Sentimento do Mundo*, mostra um lado mais melancólico, às vezes, abatido e pessimista, ao contrário dos versos que fazem menção a Manuel Bandeira, que é "o poeta acima da guerra e do ódio entre os homens" ou, ainda, aquele que não tem uma "queixa no rosto", ou seja: de um lado, temos um Drummond mais melancólico; do outro, um Bandeira mais otimista. Importante ressaltar que Manuel Bandeira, além de enfrentar durante toda a sua vida a tuberculose, passou da riqueza à pobreza e perdeu quase todos os familiares em pouco tempo, mas, diante de todas essas tragédias, conseguiu transformá-las em poesia cotidiana, simples e otimista.
89. a) A mudança dos capitães da areia é, sobretudo, em termos de postura social e política. No início do romance, eram meros coadjuvantes da história, ou seja, vistos como marginais por diversos setores da sociedade de Salvador, praticavam pequenos delitos pela sobrevivência. Durante o enredo se transformam e começam a participar ativamente dos processos sociais e políticos ao defenderem os direitos dos trabalhadores, pois "intervêm em comícios e greves". A possibilidade de mudança teve como eixo propagador o processo de conscientização política pelo qual Pedro Bala passou. O líder dos capitães da areia ao conhecer o passado do pai (líder grevista assassinado) por intermédio do trabalhador João de Adão e ao se tornar amigo de um universitário com ideias revolucionárias de esquerda, Alberto, transmite a mensagem a todos os garotos que eles deveriam lutar pelos trabalhadores contra as injustiças sociais.

b) Jorge Amado foi um escritor panfletário, ou seja, não escondia suas convicções políticas e revolucionárias de esquerda. Para o escritor baiano, a sociedade estava dividida entre pobres e ricos e ele faz questão de se colocar ao lado dos primeiros. Todas essas convicções aparecem em *Capitães da areia*, romance de realismo proletário que denuncia as mazelas da sociedade baiana da primeira metade do século XX e que traz em seu desfecho uma mensagem explícita: a transformação da sociedade só será possível pela conscientização política e luta dos operários contra o sistema capitalista vigente. Postura incorporada e materializada pelos comandos de Pedro Bala ao final do romance.

83. a) Em *Sentimento do mundo*, a imagem das mãos é constantemente investida de significados marcados por carga semântica ora positiva, ora negativa. Assim, as mãos podem significar tanto a tênue possibilidade de união fraterna entre os homens quanto a impotência do sujeito lírico diante das imensas contradições do "mundo caduco" com o qual ele tem de haver-se.

Nos versos em questão, apesar da evidente carga negativa que o advérbio *apenas* impõe às mãos, está pressuposto o desejo do poeta de agir no mundo em busca da solidariedade sonhada: as mãos simbolizam a predisposição do sujeito lírico para o encontro com o outro.

- b) A partir de uma classificação proposta pelo crítico Affonso Romano Sant'Anna, convencionou-se afirmar que, no centro da experiência poética drummondiana, encontrar-se-ia o permanente conflito do "eu" com o "mundo". Dentro desse quadro, afirma-se ainda que esse conflito apresentaria três momentos claramente definidos:

1. O eu maior que o mundo.
2. O eu menor que o mundo.
3. O eu igual ao mundo.

Sentimento do mundo seria, em linhas gerais, expressão da segunda fase da poética drummondiana, aspecto que os seguintes versos do poema "Mundo grande" confirmariam:

*Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar.*

(...)

*Sim, meu coração é muito pequena.
Só agora vejo que nele não cabem os homens.*

Portanto, diante dos grandes impasses histórico-sociais, que caracterizaram a vida brasileira e o mundo ao longo dos anos de 1930 e 1940 – e com os quais o sujeito lírico, manifesto em *Sentimento do mundo*, trava uma áspera luta –, faz-se necessária uma mudança de perspectiva do próprio sujeito diante do mundo. Essa mudança é marcada pelo sentimento de aguda redução dos poderes do "eu" diante da imensidão conflitiva do "mundo" e se afasta da visão plenipotenciária (ainda que marcada pela ironia) presente nos versos "Mundo mundo vasto mundo / mais vasto é meu coração", do "Poema das sete faces", de *Alguma poesia*, citados pela questão.

84. a) A dúvida do eu lírico refere-se ao contexto sociopolítico em que o poema e o livro estão inseridos: ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas e o momento conturbado em que vivia a Europa (início da 2ª Guerra Mundial, nazismo, fascismo e, também, a divisão do mundo entre capitalismo e socialismo). Dentro de todo esse contexto encontra-se o operário, ora decidido "pisando assim tão firme", ora alienado "não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens". Essa atitude antitética é a mesma do eu lírico: de um lado a vontade de se rebelar contra o capitalismo ("a fábrica"), do outro, a dúvida (o socialismo poderia ser um caminho? – tendência do livro) e a incapacidade de sair da própria alienação e fazer com que os outros também saiam.

b) O eu lírico (o próprio Drummond) sente dificuldade de se identificar com operário, pois não pertence à mesma classe social da personagem. Nesse sentido, a visão do artista (poeta) é cética e pessimista: pode o artista fazer denúncia social e estabelecer paradigmas revolucionários à sociedade se aquele que escreve não é operário, não nasceu na favela, não é pobre? Para que haja expressão artística é preciso compreensão e, sobretudo, proximidade da realidade constatada e descrita, daí as constantes dúvidas e dificuldades do eu lírico em fazer com que as pessoas não fiquem alienadas.

85. a) O primeiro excerto faz parte de um conjunto de textos jornalísticos que precede o romance propriamente dito e que traz como título "CRIANÇAS LADRONAS". Evidencia-se, então, que o trecho, assim como toda a reportagem, representa a opinião da burguesia de Salvador, pois não há preocupação em tratar com profundidade o problema da cidade (a exclusão social e o abandono dos meninos) e sim de mostrar o perigo que a sociedade passa diante de "assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe". O tom de noticiário policial sensacionalista e o tratamento preconceituoso dado aos meninos são características típicas de uma sociedade que prefere fazer justiça o mais rápido possível a realizar uma prévia discussão fundamentada.

b) O narrador, no segundo trecho e em toda a obra, defende os desfavorecidos e marginalizados (no caso específico a personagem Sem-Pernas que é tratado com preconceito por causa de sua vestimenta). Isso se deve ao fato de que Jorge Amado ao denunciar o problema da infância abandonada e da exclusão social se coloca ao lado dos capitães da areia, pois defende a ideia de que eles são mais vítimas do sistema do que culpados. O autor, então, utiliza uma estrutura panfletária e propagandística de esquerda evidenciando sua ideologia, embasada na ideia de que só a revolução popular poderia minimizar as injustiças sociais, tanto que a crítica classifica "Capitães da Areia" como romance de realismo proletário.

79. a) *Sentimento do mundo* é um livro de poesia abertamente marcado pelas contradições históricas do tempo de sua gênese, ou seja, as décadas de 1930 e 1940, período em que a consciência social do autor mineiro se aguçava e caminhava em direção a um ideário socialista. Portanto, a ideia da "felicidade coletiva" encontra-se associada a essa concepção de um mundo mais justo, no qual os homens partilhassem das mesmas condições de vida, ou seja, uma realidade que superasse o "triste mundo fascista" que emerge do próprio capitalismo como uma estrutura indissociável de si mesmo.

A "felicidade coletiva" passa necessariamente pela utopia socialista e só por ela poderia ser realizada, mas, segundo as irônicas palavras do poeta, os homens presentes poderiam "[...] adiar para outro século" aquilo que, na verdade, seria a única coisa premente a ser realizada.

- b) A ilha de Manhattan simboliza, de forma metonímica, a sociedade capitalista contemporânea do poeta e em cujo coração a barbárie da guerra encontra sua justificação.

Manhattan, Nova Iorque e os Estados Unidos seriam a fonte de todo o mal e de toda a desumanização que galopa a passos largos, conduzindo a humanidade ao horror da destruição em escala global.

Portanto, os símbolos mais ostensivos do capital motivam na voz lírica o desejo de vê-los reduzidos a pó, tarefa para a qual se sente incapaz de sozinho realizar.

80. a) O mundo social representado no romance *Capitães da areia* é complexo e contraditório. Nele, a grande maioria das instituições (Polícia, Igreja, Reformatório, meios de comunicação etc.) trata os excluídos como marginais, isto é, indivíduos que vivem sempre em guerra aberta com esta mesma estrutura social que os segrega e os aliena de suas próprias benesses.

No entanto, alguns poucos percebem que grande parte da violência presente na vida dos miseráveis encontra sua explicação nessa ordem social injusta baseada em uma extrema desigualdade. Entre eles, destaca-se o Padre José Pedro, sacerdote que, movido por sinceros sentimentos, busca ajudar os meninos no limite de suas pequenas possibilidades, pois o lugar por ele ocupado na rígida hierarquia da Igreja Católica é quase insignificante.

Ainda a esse foco alinha-se o próprio narrador, que faz de seu livro uma forma de denúncia radical das enormes injustiças que caracterizam a sociedade brasileira sua contemporânea.

- b) Em um episódio anterior, que é recuperado no fragmento transcrito na questão, fica evidente que Sem-Pernas fora vítima do arbitrio e da violência policial que não são incomuns na vida brasileira. O menino estivera na cadeia e fora violentamente espancado, enquanto um desconhecido assistira rindo ao grotesco espetáculo.

Portanto, na eminência de ser novamente preso e submetido à nova violência, Sem-Pernas preferiu o suicídio, ato que frustraria o comportamento sádico de seus algozes e, ao mesmo tempo, exporia a brutalidade de seus métodos, que tem como resultado a autoimolação conscientemente praticada por ele, um adolescente mal saído da infância.

81. a) A realidade descrita em *Vidas Secas* pode ser tomada como um exemplo cabal de um fenômeno conhecido no Brasil como "indústria da seca", caracterizado pela associação perversa entre condições climáticas adversas à vida humana – as reincidentes secas presentes na realidade nordestina brasileira – e uma estrutura fundiária (entenda-se social e econômica) que se alimenta, em benefício próprio, da miséria gerada por essas mesmas condições. Nesse contexto, a falta de escolaridade de Fabiano, personagem símbolo de todo esse drama humano, manifesta-se como mais um dos elementos determinantes para a manutenção de sua exclusão. Analfabetismo e exploração brutal da mão de obra são duas chagas terríveis presentes secularmente na estrutura social brasileira.

- b) Ao longo da narrativa, manifesta-se de forma preponderante a "incapacidade" de Fabiano em se expressar claramente e de assim se fazer entender. Dessa forma, paira sobre o romance a sugestão de que, se possuísse a aptidão para se comunicar, Fabiano poderia, talvez, minimizar a brutal exploração de que é vítima.

Sem dúvida alguma, a passagem em que essa enorme dificuldade de comunicação revela-se de forma explícita como prejudicial a Fabiano encontra-se no capítulo "Contas", pois, ao realizar o acerto com o patrão, o vaqueiro percebe uma diferença entre o que ele acreditava ser-lhe devido e o que realmente lhe é dado. Ao questionar essa diferença que lhe é desfavorável, recebe a costumeira explicação de que se tratava da cobrança dos juros devidos ao adiantamento feito pelo patrão.

Fabiano não consegue entender o que são juros, apesar de perceber precariamente que a cobrança de taxas sobre o que lhe é devido se constitui como um mecanismo financeiro perverso, cuja única finalidade é mantê-lo dependente do patrão.

82. a) O verso "E o coração está seco" relaciona-se de forma mais direta com a imagem presente no verso anterior, que diz: "Tempo em que não se diz mais: meu amor".

A associação inevitável entre esses dois versos deve-se à convencional ligação entre o "coração" e os sentimentos, entre eles o amor, isto é, na tradição literária ocidental, o "coração" é concebido como o centro da vida emocional humana.

Outra possibilidade seria aproximar o fragmento citado ("o coração está seco") do verso "E os olhos não choram", pois a ausência das lágrimas reforça a ideia de que o sujeito lírico encontra-se em um estado de absoluta privação emocional.

A imagem do "coração seco" sintetiza de forma violenta o grau de desilusão da voz lírica diante de qualquer possibilidade de uma existência autenticamente humana em um mundo marcado pela destruição em escala global, a qual caracterizou as décadas de 1930 e 1940, período da gênese dos poemas que compõem *Sentimento do mundo*.

O agudo desencantamento presente no poema "Os ombros suportam o mundo" revela a amarga e a irônica lucidez do poeta mineiro diante da realidade do mundo capitalista moderno, no qual a vida humana se encontra totalmente danificada.

- b) Os poemas presentes em *Sentimento do mundo* trazem, de diversas formas, inscrita em si mesmos, a adesão do poeta de Itabira aos ideais do socialismo. No coração desses ideais, encontram-se a crítica e o desmascaramento impiedosos dos perversos mecanismos de justificação ideológica que estão na base de manutenção do sistema capitalista.

Diante da brutal realidade vivida pelos homens modernos, tudo se prova inútil para o poeta. Deus, amor, lágrimas, erotismo, solidariedade e o medo da velhice e da aproximação da própria extinção manifestam-se como elementos que prendem a maioria dos homens à vida e que demonstram a incapacidade humana de se libertar de seus próprios fantasmas. Não passam, portanto, de formas enganadoras, isto é, mistificadoras da realidade.

Em última instância, tudo aquilo de que a voz lírica abdicou ao longo de sua exposição poética seriam manifestações de formas de escapismo ("mistificação") diante da extrema dureza de uma existência marcada por insolúveis contradições.

80. a) Sem-Pernas, depois de um assalto malsucedido, é perseguido por policiais. Ele vai praticar um delito na Cidade Alta, espaço marcado por boas condições econômicas. Assim que percebe estar acuado, prefere morrer a se entregar aos policiais, uma vez que já tinha passado, outrora, por experiências negativas e humilhantes, em virtude de uma captura policial. O prazer de não ser capturado novamente é maior que o de viver.

Sem-Pernas salta da Cidade Alta para a Baixa, ou seja, abandona a parte da cidade que sempre o rejeitou e o excluiu para alcançar a outra que sempre o acolheu, ao lado dos pobres e marginalizados. O suicídio, para ele, conota libertação.

- b) No decorrer do romance, deparamo-nos com a presença constante de dualidades: de um lado, os signos do poder e, de outro, os oprimidos, pobres e excluídos. O Elevador Lacerda se mostra entre os dois pontos dicotômicos, situando-se entre o alto e o baixo, o rico e o pobre, servindo de elo entre essas duas partes e tendo a função de unir os espaços tão antagônicos. Sem-Pernas, excluído do plano alto, migra para o plano baixo, de onde originou e onde vivia. O Elevador Lacerda nos transmite a ideia de integração espacial. No entanto, no campo social e econômico, essa integração não existe, e a cidade continua sendo marcada por antagonismos.

LIVRO 4 - Questões Discursivas

Português – Frente 2 – Capítulo 15

96 UFU 2011 Entre as características marcantes de *Prosas seguidas de odes mínimas* pode-se ressaltar o olhar questionador que vários de seus textos lançam sobre os dilemas da vida urbana contemporânea, como é possível verificar no poema "Ao shopping center".

*Pelos teus círculos
vagamos sem rumo
nós almas penadas
do mundo do consumo.*

*Do elevador ao céu
pela escada ao inferno:
os extremos se tocam
no castigo eterno.*

*Cada loja é um novo
prego em nossa cruz.
Por mais que compremos
estamos sempre nus
nós que por teus círculos
vagamos sem perdão
à espera (até quando?)
da Grande Liquidação.*

José Paulo Paes. *Prosas seguidas de odes mínimas*.

Identifique e explique, no mínimo, três recursos poéticos usados no texto acima para questionar o senso comum que afirma o *shopping center* como um espaço de prazer nas grandes cidades.

► Texto para a questão 97.

*Leslie acenou para um camponês.
– Lázaro, venha cá.
– Sim, seu Lelo – disse Lázaro.
– Conta aqui ao padre Nando, lá do mosteiro, como é que te trataram na polícia.
– Ah, eu guardei a cara do sargento que me cuspiu em cima. Aquele eu corto de peixeira um dia. Os que me bateram ainda vai. Mas foi por nada, seu padre. Eu sou homem temente a Deus e nunca tinha tido conhecimento de polícia. Mas o sargento me cuspiu. Feito eu fosse uma poça d'água na rua que a gente cospe assim de desafogo, pra ver se acerta. Eu corto ele, seu padre.
– Você não deve lutar com as mesmas armas – disse Nando. – Lute pelos seus direitos mas perdoe quem lhe ofendeu pessoalmente.
Impaciente, vermelho, pronunciando os nomes de qualquer jeito Leslie demonstrava conhecimento íntimo da situação.
– Conta aqui ao padre Nando, Nequinho – disse Leslie – a história da desonra de tua filha pelo capataz.
– Eu conto mas Jesus Cristo já me falou. Já me esclareceu para corrigir os malfeitos. Bença, padre.*

*– Deus te abençoe – disse Nando. – Desgraçaram tua menina?
– Quase na cara da gente. Aquele porco. Não tinha dez braços da casa de farinha.*

Houve até quem escutou um grito da menina antes dele tapar a boca dela. Grito pertinho. E depois a gente ainda ouvia o galope do cavalo dele quando Maria do Egito já estava na porta de casa toda molhada de lágrima e com o sanguinho ainda quente no vestido dela.

Nando fez o sinal da cruz, num momento de genuíno horror.

– Que Deus perdoe este monstro. Você deu parte dele, Nequinho?

– Deus – disse Leslie – mas ainda não aconteceu coisa nenhuma. O capataz é o braço direito do senhor de engenho, que deve ter achado a história compreensível, até corriqueira. [...]

Antonio Callado. *Quavap*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. pp. 38-39.

97 UFBA 2011 Com base no fragmento transcrito e na leitura da obra, destaque e comente dois aspectos da realidade social presentes na narrativa ficcional.

98 Unicamp 2016 "(...) E, páginas adiante, o padre se portou ainda mais excelentemente, porque era mesmo uma brava criatura. Tanto assim, que, na despedida, insistiu:

– Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua."

(Jodo Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*, em *Sagarana*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001, p. 380.)

"(...) Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento.

Daí, mais, olhou, procurando João Lomba, e disse, agora sussurrando, sumido:

*– Põe a bênção na minha filha..., seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!
Depois morreu."*

(Idem, p. 413.)

- O segundo excerto, de certo modo, confirma os ditos do padre apresentados no primeiro. Contudo, "a hora e a vez" do protagonista não são asseguradas, segundo a narrativa, pela reza e pelo trabalho. O que lhe garantiu ter "a sua hora e a sua vez"?
- "A hora e a vez" de Nhô Augusto relacionam-se aos encontros que ele tem com outro personagem, Joãozinho Bem-Bem, em dois momentos da narrativa. Em cada um desses momentos, Nhô Augusto precisa realizar uma escolha. Indique quais são essas escolhas que importam para o processo de transformação do personagem protagonista.

► Para responder às questões 57 e 58, leia o trecho inicial do conto "Desenredo", do escritor João Guimarães Rosa (1908-1967).

Do narrador a seus ouvintes:

– *Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivlíia ou Irlvíia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.*

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sonriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas muito tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retralido, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que – deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que de leve a ferira, leviano modo.

Jó Joaquim, derrubadamente surpreso, no absurdo desistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios, calores, quiçá lágrimas, devolvido ao barro, entre o inefável e o infando. Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos; chegou a maldizer de seus próprios e gratos abusos. Reteve-se de vê-la. Proibia-se de ser pseudopersonagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude.

Ela – longe – sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhosa.

Soubes-o logo Jó Joaquim, em seu franciscanato, dolorido mas já medicado. Vai, pois, com a amada se encontrou – ela sutil como uma colher de chá, grude de engodos, o firme fascínio. Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se. Alegres, sim, para feliz escândalo popular, por que forma fosse.

(Ditameio, 1979.)

57 Unesp 2018

Veja também em:

Português - Livro 1 - Frente 1 - Capítulo 1

- a) Considere os seguintes provérbios:
1. "A desgraça vem sem ser chamada."
 2. "À desgraça ninguém foge."
 3. "Até com a desgraça a gente se acostuma."
 4. "Desgraça pouca é bobagem."
 5. "A desgraça de uns é o bem de outros."
- Qual dos provérbios mais se aproxima da ideia contida em "O trágico não vem a conta-gotas" (6^a parágrafo)? Justifique sua resposta.
- b) Reescreva a frase "Com elas quem pode, porém?" (2^a parágrafo), substituindo o pronome "elas" pelo seu referente e a conjunção "porém" por outra de sentido equivalente.

58 Unesp 2018

- a) No contexto do conto, explique sucintamente o sentido do trecho "Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos" (7^a parágrafo).
- b) Transcreva dois pequenos trechos em que se verifica certa insegurança do narrador a respeito dos eventos narrados.

LIVRO 4 - Questões Discursivas

Gabarito - Português – Frente 2 – Capítulo 15

96. O poema faz uso de várias imagens que associam o shopping ao martírio religioso ou à condenação eterna da alma: "almas penadas", "castigo eterno", "prego em nossa cruz", "vagamos sem perdão" são os mais evidentes núcleos de sentido metafórico presentes no poema que dão ao consumo um caráter doloroso. Também podem-se citar intertextualidades com a Bíblia e o inferno de Dante (*Divina comédia*), remetendo a aspectos apocalípticos. Outros recursos: metonímias, como "almas penadas" para representar os consumidores e "shopping" representando toda a sociedade de consumo. Pode-se também pensar nos recursos fônicos, como rimas, *enjambement*, as maiúsculas alegorizantes, como em "Grande Liquidação" (sugerindo O FIM), entre outros.
97. No fragmento, podem-se destacar os seguintes aspectos da realidade social presentes na narrativa
- a situação do trabalhador rural, vítima da pobreza, da exploração através do trabalho e da violência de quem tem o poder;
 - o desrespeito à mulher, à família dos menos favorecidos. A mulher é estuprada e a aplicabilidade da lei para punir o contraventor é impedida por quem tem o poder;
 - a situação dos índios, vítimas da ação dos missionários (ameaça à preservação da cultura indígena) e as contradições do SPI. A narrativa evidencia a obstinação de Fontoura, à frente do Posto Capitão Vasconcelos, na defesa da criação do Parque do Xingu e a sua luta para proteger os índios e preservar a sua cultura. Já o diretor do SPI, Ramiro Castanho, vê a vida dos índios como "vida de bicho" e a cultura indígena como sinônimo de atraso. Ramiro, na verdade, usa o cargo para defender interesses pessoais.
98. a) "A hora e a vez" do protagonista Augusto Matruga acontecem quando ele salva uma família inteira de ser dizimada, no Arraial do Rala-Coco, ao lutar epicamente com o líder dos jagunços, Joãozinho Bem-Bem. As motivações que levaram Nhô Augusto à sua redenção foram uma mistura de fé e violência, pois ele sente prazer ao derrotar seu adversário, depois de sete anos e meio de prazeres reprimidos.
- b) A primeira escolha consiste no fato de Augusto Matruga ter recusado o convite de Joãozinho Bem-Bem, logo que eles se conheceram e tiveram uma simpatia mútua, para fazer parte do bando de jagunços deste, por mais que a sede de vingança contra seus inimigos ainda fosse forte. A segunda aponta para o clímax da narrativa, pois o protagonista, ao re-encontrar o líder dos jagunços, resolve defender pessoas inocentes de um vilarejo, luta e mata Joãozinho Bem-Bem antes de também morrer. Portanto, as escolhas que Matruga faz constituem o seu caráter de ser humano permeado de bem e mal (ambiguidade), característica principal das personagens de Guimarães Rosa.
57. a) O provérbio que melhor se aproxima de "O trágico não vem a conta-gotas" é "Desgraça pouca é bobagem", pois ambos trazem a ideia quantitativa de "trágico" e "desgraça", respectivamente observada em "conta-gotas" e "pouca", ou seja, trazem a ideia de que "o trágico", "a desgraça" não acontece paulatinamente, mas de uma só vez e com grande intensidade.
- b) O pronome "elas" tem como referente "mulheres". A conjunção coordenativa adversativa "porém" pode ser substituída por outras de igual valor semântico como "mas, todavia, contudo, entretanto, no entanto". Assim, teríamos: "Com as mulheres quem pode, contudo?".
58. a) O narrador usa a expressão "Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos" para referir-se à condição da personagem Livíria, também chamada de Rivlíia ou Irlvíia, por ter envolvimento amoroso com três homens, o marido e dois amantes, sendo um deles Jó Joaquim.
- b) A insegurança do narrador quanto aos eventos narrados pode ser verificada em trechos como "todo fim é impossível?" ou "o marido faleceu, afogado ou de tifo".

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 1

15 Fuvest 2011 Leia o seguinte texto e responda ao que se pede.

EM BOCA FECHADA BEM-TE-VI NÃO FAZ NINHO

Campos de Melo passou todos os anos de sua vereança sem dar uma palavra. Era o boca de siri da câmara municipal de Cuité. Até que, uma tarde, ergueu o busto, como quem ia falar. O presidente da Mesa, mais do que depressa, disse:

— Tem a palavra o nobre vereador.

Então, em meio do grande silêncio, o grande mudo falou.

— Peço licença para fechar a janela, pois estou constipado.

José Cândido de Carvalho. *Se eu morre, telefone para o céu.*

- a) Tendo em vista o contexto, é correto afirmar que, tanto do ponto de vista da estrutura quanto da mensagem, o título do texto constitui um provérbio?
- b) Que frase do texto contribui de maneira mais decisiva para dar um caráter anedótico a essa breve narrativa? Justifique sua escolha.

16 Fuvest 2011 Leia o texto a seguir e responda ao que se pede.

Tem-se discutido muito sobre as funções essenciais da linguagem humana e a hierarquia natural que há entre elas. É fácil observar, por exemplo, que é pela posse e pelo uso da linguagem, falando oralmente ao próximo ou mentalmente a nós mesmos, que conseguimos organizar o nosso pensamento e torná-lo articulado, concatenado e nítido; é assim que, nas crianças, a partir do momento em que, rigorosamente, adquirem o manejo da língua dos adultos e deixam para trás o balbúcio e a expressão fragmentada e difusa, surge um novo e repentino vigor de raciocínio, que não só decorre do desenvolvimento do cérebro, mas também da circunstância de que o indivíduo dispõe agora da língua materna, a serviço de todo o seu trabalho de atividade mental. Se se inicia e desenvolve o estudo metódico dos caracteres e aplicações desse novo e preciso instrumento, vai, concomitantemente, aperfeiçoando-se a capacidade de pensar, da mesma sorte que se aperfeiçoa o operário com o domínio e o conhecimento seguro das ferramentas da sua profissão. É este, e não outro, antes de tudo, o essencial proveito de tal ensino.

J. Mattoso Câmara Jr. *Manual de expressão oral e escrita.* (Adapt.).

- a) Transcreva o trecho em que o autor trata da relação da linguagem com o pensamento.
- b) Transcreva o trecho em que o autor trata da relação da linguagem com a fisiologia.
- c) Segundo o autor, qual é o "essencial proveito" do ensino da língua?

17 Fuvest 2011 Leia o excerto de **A cidade e as serras**, de Eça de Queirós, e responda ao que se pede.

Era um domingo silencioso, enevoado e macio, convidando às voluptuosidades da melancolia. E eu (no interesse da minha alma) sugeri a Jacinto que subíssemos à basílica do Sacré-Coeur, em construção nos altos de Montmartre. [...]

Mas a basílica em cima não nos interessou, abafada em tapumes e andaimes, toda branca e seca, de pedra muito nova, ainda sem alma. E Jacinto, por um impulso bem jacíntico, caminhou gulosamente para a borda do terraço, a contemplar Paris. Sob o céu cinzento, na planície cinzenta, a cidade jazia, toda cinzenta, como uma vasta e grossa camada de calça e telha. E, na sua imobilidade e na sua mudez, algum rolo de fumo**, mais tênue e ralo que o fumar de um escombros mal apagado, era todo o vestígio visível de sua vida magnífica.*

*Calça: pó ou fragmentos de argamassa ressequida, que sobram de uma construção ou resultam da demolição de uma obra de alvenaria.

**Fumo: fumaça.

- a) Em muitas narrativas, lugares elevados tornam-se locais em que se dão percepções extraordinárias ou revelações. No contexto da obra, é isso que irá acontecer nos "altos de Montmartre", referidos no trecho? Justifique sua resposta.
- b) Tendo em vista o contexto histórico da obra, por que é Paris a cidade escolhida para representar a vida urbana? Explique sucintamente.
- c) Sintetizando-se os termos com que, no excerto, Paris é descrita, que imagem da cidade finalmente se obtém? Explique sucintamente.

18 Fuvest 2011 Entre as variedades de preconceito enumeradas a seguir, aponte aquelas que o grupo dos "capitães da areia" (do romance homônimo) rejeita e aquelas que acata e reforça: preconceito de raça e cor; de religião; de gênero (homem e mulher); de orientação sexual. Justifique suas respostas.

19 Fuvest 2011 Examine o seguinte texto para responder ao que se pede.

POÉTICA

De manhã escureço

De dia tarde

De tarde anoiteço

De noite ardo

A oeste a morte

Contra quem vivo

Do sul cativo

O este é meu norte.

Outros que contem

Passo por passo:

Eu morro ontem

Nasço amanhã

Ando onde há espaço

— Meu tempo é quando.

Vinícius de Moraes. *Antologia poética.*

- a) Do ponto de vista da organização formal dada ao conjunto do poema, o poeta mostra-se vinculado à tradição literária. Essa afirmação tem fundamento? Justifique sua resposta.
- b) Do ponto de vista da mensagem configurada no poema, o poeta expressa sua oposição até mesmo a coordenadas fundamentais da experiência. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.

20 Unicamp 2011 Consumir suplementos de vitaminas depois de praticar exercícios físicos pode reduzir a sensibilidade à insulina, o hormônio que conduz a glicose às células de todo o corpo. Temporariamente, um pouco de estresse oxidativo – processo combatido por algumas vitaminas e que danifica as células – ajuda a evitar o diabetes tipo 2, causado pela resistência à insulina, concluíram pesquisadores das universidades de Jena, na Alemanha, e Harvard, nos Estados Unidos. Desse estudo, publicado em maio na PNAS, participaram 40 pessoas, metade delas com treinamento físico prévio, metade sem. Os dois grupos foram divididos em subgrupos que tomaram ou não uma combinação de vitaminas C e E. Todos os subgrupos praticaram exercícios durante quatro semanas e passaram por exames de avaliação de sensibilidade da glicose à insulina antes e após esse período. Apenas exercícios físicos, sem doses adicionais de vitaminas, promovem a longevidade e reduzem o diabetes tipo 2. Ao contrário do que se pensava, os resultados negam que o estresse oxidativo seja um efeito colateral indesejado da atividade física vigorosa: ele é na verdade parte do mecanismo pelo qual quem se exercita é mais saudável. A conclusão é clara: nada de antioxidantes depois de correr.

*Quando vitaminas atrapalham? Revista Pesquisa FAPESP 160, jan. 2009, p. 40. (Adapt.)

- a) Por se tratar de um texto de divulgação científica, apresenta recursos linguísticos próprios a esse gênero. Quais são eles? Transcreva dois trechos em que esses recursos estão presentes.
- b) O experimento em questão concluiu que as vitaminas atrapalham. Explique como os pesquisadores chegaram a essa conclusão.

21 Unicamp 2011 Pouco antes de morrer, meu pai me chamou ao escritório e me entregou um livro de capa preta que eu nunca havia visto. Era o dicionário analógico de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Ficava quase escondido, perto dos cinco grandes volumes do dicionário Caldas Aulete, entre outros livros de consulta que papai mantinha ao alcance da mão numa estante giratória. Isso pode te servir, foi mais ou menos o que ele então me disse, no seu falar meio grunhido. E por um bom tempo aquele livro me ajudou no acabamento de romances e letras de canções, sem falar das horas que eu o folheava à toa. Palavra puxa palavra e escarafunchar o dicionário analógico foi virando para mim um passatempo (desenfado, esparecimento, entretém, solaz, recreio, filistria). O resultado é que o livro, herdado já em estado precário, começou a se esfarelar nos meus dedos. Encostei-o na estante das relíquias ao descobrir, num sebo atrás da Sala Cecília Meireles, o mesmo dicionário em encadernação de percalina. Com esse livro escrevi novas canções e romances, decifrei enigmas, fechei muitas palavras cruzadas. E ao vê-lo dar sinais de fadiga, saí de sebo em sebo pelo Rio de Janeiro para me garantir um dicionário analógico de reserva. Encontrei dois, mas não me dei por satisfeito, fiquei viciado no negócio. Dei de vasculhar livrarias país a fora, só em São Paulo adquiri meiadúzia de exemplares, e ainda rematei o último à venda na Amazon, com antes que algum aventureiro o fizesse. Eu já imaginava deter o

monopólio (açambarcamento, exclusividade, hegemonia, senhorio, império) de dicionários analógicos da língua portuguesa, não fosse pelo senhor João Ubaldo Ribeiro, que ao que me consta também tem um, quiçá carcomido pelas traças (brocas, carunchos, busanos, cupins, térmitas, cáries, lagartas-rosadas, gafanhotos, bichos-carpinteiros). Hoje sou surpreendido pelo anúncio dessa nova edição do dicionário analógico de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Sinto como se invadissem minha propriedade, revirassem meus baús, espalhassem aos ventos meu tesouro. Trata-se para mim de uma terrível (funesta, nefasta, macabra, atroz, abominável, dilacerante, miseranda) notícia.

Francisco Buarque de Hollanda. In: Francisco F. dos S. Azevedo. Dicionário Analógico da Língua Portuguesa (ideias afins/thesaurus). 2ª edição atualizada e revista. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. (Adapt.)

- a) A partir do texto de Chico Buarque que introduz o dicionário analógico recentemente reeditado, proponha uma definição para esse tipo de dicionário.
- b) Mostre a partir de que pistas do texto sua definição foi elaborada.

22 Unicamp 2011

ENTRE LUZ E FUSCO

Entre luz e fusco, tudo há de ser breve como esse instante. Nem durou muito a nossa despedida, foi o mais que pôde, em casa dela, na sala de visitas, antes do acender das velas; aí é que nos despedimos de uma vez. Juramos novamente que havíamos de casar um com o outro, e não foi só o aperto de mão que selou o contrato, como no quintal, foi a conjunção das nossas bocas amorosas... talvez risque isso na impressão, se até lá não pensar de outra maneira; se pensar, fica. E desde já fica, porque, em verdade, é a nossa defesa. O que o mandamento divino quer é que não juremos em vão pelo santo nome de Deus. Eu não ia mentir ao seminário, uma vez que levava um contrato feito no próprio cartório do céu. Quanto ao sebo, Deus, como fez as mãos limpas, assim fez os lábios limpos, e a malícia está antes na tua cabeça perversa que na daquele casal de adolescentes... oh! minha doce companheira da meninice, eu era puro, e puro fiquei, e puro entrei na aula de S. José, a buscar de aparência a investidura sacerdotal, e antes dela a vocação. Mas a vocação eras tu, a investidura eras tu.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Cota: Ateliê Editorial, 2008. pp. 195-196.

- a) Em que medida a imagem presente no título desse capítulo de Dom Casmurro define a natureza da narrativa do romance?
- b) No emprego da segunda pessoa, não há coincidência do interlocutor. Indique duas marcas linguísticas que evidenciam essa não coincidência, explicitando qual é o interlocutor em cada caso.

23 Unicamp 2011 Leia a passagem seguinte, de *Capitães da areia*:

Pedro Bala olhou mais uma vez os homens que nas docas carregavam fardos para o navio holandês. Nas largas costas negras e mestiças brilhavam gotas de suor. Os pescoços musculosos iam curvados sob os fardos. E os guindastes rodavam ruidosamente. Um dia iria fazer uma greve como seu pai... Lutar pelo direito... Um dia um homem assim como João de Adão poderia contar a outros meninos na porta das docas a sua história, como contavam a de seu pai. Seus olhos tinham um intenso brilho na noite recém-chegada.

Jorge Amado. Capitães da areia. São Paulo: Cia das Letras, 2008. p. 88.

- a) Que consequências a descoberta de sua verdadeira origem tem para a personagem de Pedro Bala?
- b) Em que medida o trecho pode definir o contexto literário em que foi escrito o romance de Jorge Amado?

24 Unicamp 2011 Leia os seguintes trechos de *Memórias de um sargento de milícias* e *Vidas secas*, que descrevem o estado de ânimo das personagens ao final de uma festa:

Acabado o fogo, tudo se pôs em andamento, levantaram-se as esteiras, espalhou-se o povo. D. Maria e sua gente puseram-se também em marcha para casa, guardando a mesma disposição com que tinham vindo. Desta vez porém Luisinha e Leonardo, não é dizer que vieram de braço, como este último tinha querido quando foram para o Campo, foram mais adiante do que isso, vieram de mãos dadas muito familiar e ingenuamente. Este ingenuamente não sabemos se se poderá com razão aplicar ao Leonardo. Conversaram por todo o caminho como se fossem dois conhecidos muito antigos, dois irmãos de infância, e tão distraídos iam que passaram à porta da casa sem parar, e já estavam muito adiante quando os síos de D. Maria os fizeram voltar. A despedida foi alegre para todos e tristíssima para os dois.

Manuel Antonio de Almeida. *Memórias de um sargento de milícias*. Capítulo XXI - "O fogo no Campo". São Paulo: Ática, 2004. p. 71.

Baleia cochilava, de quando em quando balançava a cabeça e franzia o focinho. A cidade se enchera de suores que a desconcertavam.

Sinhá Vitória enxergava, através das barracas, a cama de seu Tomás da bolandeira, uma cama de verdade.

Fabiano roncava de papo para cima, as abas do chapéu cobrindo-lhe os olhos, o quengo sobre as botinas de vaqueta. Sonhava, agoniado, e Baleia percebia nele um cheiro que o tomava irreconhecível. Fabiano se agitava, soprando. Muitos soldados amarelos tinham aparecido, pisavam-lhe os pés com enormes reiuas e ameaçavam-no com facões terríveis.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2007. pp. 82-3.

- Explique as diferenças do estado de ânimo das personagens ao final dos dois episódios.
- A partir dessa diferença, explique o significado que as duas festas têm em cada um dos romances.

25 Unicamp 2011 Os trechos a seguir, do *Auto da barca do inferno* e das *Memórias de um sargento de milícias*, tratam, de maneira cômica, dos "pecados" de duas personagens que, cada uma a seu modo, representam uma autoridade. Leia-os com atenção e responda às questões propostas em seguida.

Frade

*Ah, Corpo de Deus consagrado!
Pela fé de Jesus Cristo,
quéu não posso entender isto!
Eu hei-de ser condenado?
Um padre tão namorado
e tanto dado à virtude!
Assi Deus me dê saúde
que eu estou maravilhado!*

Diabo

*Não façamos mais detença.
Embarcai e partiremos:
tomareis um par de remos.*

Frade

Não ficou isso r'avença!

Diabo

Pois dada está já a sentença!

Frade

*Par Deus! Essa ser'ela!
Não vai em tal caravela
minha senhora Florença.
Como? Por ser namorado
e folgar com ua mulher
se há um frade de se perder,
com tanto salmo rezado?*

Diabo

Ora estás bem aviado!

Frade

Mas estás bem corregido!

Diabo

*Devoto padre marido,
haveis de ser cá pingado...*

Gil Vicente. *Auto do bauto do inferno*. São Paulo: Ática, 2006. pp. 35-6.

Os leitores estão já curiosos por saber quem é ela, e têm razão; vamos já satisfazê-los. O major era pecador antigo, e no seu tempo fora daqueles de quem se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje alguma coisa que às vezes lhe recordava o passado: essa alguma coisa era a Maria-Regalada que morava na Prainha. Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz, como vulgarmente se diz: era de um gênio sobremaneira folgazão, vivia em contínua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto: daí é que vinha o apelido – regalada – que haviam juntado ao seu nome.

Manuel Antonio de Almeida. *Memória de um sargento de milícias*. Capítulo XLV - "Empenhos". São Paulo: Ática, 2004. p. 142.

- O que há de comum na caracterização da conduta do Frade, na peça, e do major Vidigal, no romance?
- Que diferença entre as obras faz com que essas personagens tenham destinos distintos?

26 Unicamp 2011 Pensando nos pares amorosos, já se afirmou que "há n'O cortiço um pouco de *lracema* coada pelo Naturalismo."

Antonio Candido. "De cortiço em cortiço". In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p.142.

Partindo desse comentário, leia o trecho a seguir e responda às questões.

O chorado arrastava-os a todos, despoticamente, desesperando aos que não sabiam dançar. Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante. (...) Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca. Isto era o que Jerônimo sentia, mas o que o tonto não podia conceber. De todas as impressões daquele resto de domingo só lhe ficou no espírito o entorpecimento de uma desconhecida

embriaguez, não de vinho, mas de mel chuchurreado no cálice de flores americanas, dessas muito alvas, cheirosas e úmidas, que ele na fazenda via debruçadas confidencialmente sobre os límosos pântanos sombrios, onde as oiticas trescalam um aroma que entristece de saudade. (...) E ela só foi ter com ele, levando-lhe a chávena fumegante da perfumosa bebida que tinha sido a mensageira dos seus amores; assentou-se ao rebordo da cama e, segurando com uma das mãos o pires, e com a outra a xícara, ajudava-o a beber, gole por gole, enquanto seus olhos o acarinhavam, cintilantes de impaciência no antegoço daquele primeiro enlace.

Depois, atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doido.

Alaísio Azevedo. *O Cortiço*. Ficção Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 498 e 581.

- a) Na descrição do trecho anterior, identifique dois aspectos que permitem aproximar Rita Baiana de Iracema, mostrando os limites dessa semelhança.
- b) Identifique uma semelhança e uma diferença entre Jerônimo e Martim.

► Instrução: As questões de números 27 a 29 tomam por base um texto que integra uma reportagem da revista *Fotografe Melhor* e fragmentos de um artigo de Elisabeth Seraphim Prosser, professora e pesquisadora de História da Arte e de Metodologia da Pesquisa Científica da Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

27 Unesp 2011 As intervenções urbanas conhecidas como grafite, pichação, lambe-lambe e outras são muitas vezes apontadas como perturbações e sujeira. Os dois textos apresentados, todavia, analisam a questão com maior abertura crítica. Com base no que informam, levante dois aspectos que refutam a afirmação segundo a qual "a arte de rua é produto de desocupados, malandros e arruaceiros".

28 Unesp 2011 Partindo da máxima segundo a qual "um exemplo vale mais do que mil palavras", aponte o que o autor do texto da revista *Fotografe Melhor* deixa óbvio ao leitor, sob o ponto de vista estético, ao mencionar, no parágrafo final, o fato de que artistas de rua foram convidados a pintar fachadas externas do museu Tate Modern de Londres.

29 Unesp 2011 Demonstre, com base nos textos e na imagem, que a arte de rua pode apresentar, além de características estéticas, também características de participação política.

OS AVANÇOS DA GENÉTICA NOS FILMES

Uma boa forma de se pensar as possibilidades e riscos no avanço das ciências é se aventurar nas ficções literárias e cinematográficas. Enquanto os cientistas devem zelar para não fazer especulações infundadas, os autores de ficção tratam de dar asas à imaginação e projetar em histórias emocionantes as possíveis aplicações da ciência e alguns de seus efeitos inesperados.

A possibilidade de recriação da vida humana ou do controle que poderíamos ter sobre seus corpos e destinos são alguns dos grandes temas que há muito tempo vêm sendo explorados. O que seria de nossa vida se soubéssemos como prolongá-la indefinidamente? Como ficariam nossos corpos se pudéssemos transformá-los à vontade ou se conseguíssemos fabricar seres para nos substituírem nas tarefas duras e chatas? Não seria uma maravilha se pudéssemos implantar ou fazer um download de memórias e conhecimentos que nos dispensassem de ter que aprender "na marra", com muito estudo e algumas experiências ruins? Que tal poder escolher e reconfigurar nossas características e as das pessoas com quem convivemos?

Nosso imaginário é povoado por robôs, clones, artificios fantásticos, instrumentos poderosos e tecnologias sofisticadas que aparecem sob variadas formas nos enredos de diversos filmes. *Metrópolis*, *Frankenstein*, *Blade Runner*, *Inteligência Artificial*, *Eu Robô* e *Matrix* são alguns que se tornaram clássicos, pois foram marcantes para gerações e continuam sendo referidos e revisitados. De maneira geral, retratam como boas ideias podem ter desdobramentos imprevistos e indesejáveis. É o que acontece, por exemplo, nas narrativas utópicas que descrevem sociedades ideais, mas que se revelam sombrias e nada atraentes quando conhecidas de perto, como nos filmes 1984 ou *Brazil*.

Isto obviamente não invalida, nem deveria desestimular, os avanços do conhecimento. Pelo contrário! Juntamente com as dúvidas que essas histórias lançam sobre nossas certezas e expectativas, elas suscitam interrogações e recolocam questões fundamentais. Se a engenharia genética pode fazer as pessoas melhores, mais saudáveis, mais desejáveis, por que não seguir em frente? Quais seriam as implicações dessa seleção artificial?

Assistir e conversar sobre o filme *GATTACA* é uma boa forma de entrar nessa discussão. O nome da produção e do local onde se passa vem das letras com que representamos as sequências do DNA (G, A, T, C). Mais precisamente, as iniciais das bases químicas dessas moléculas: Guanina, Adenina, Timina e Citosina. O filme retrata uma sociedade organizada e estratificada de forma racional, tomando como base o levantamento genético dos indivíduos. Aparentemente, uma forma de se aproveitar melhor, e para o bem comum, as características e o potencial de cada um. Acontece que um jovem, inconformado com o destino que seus genes "defeituosos" lhe reservara, falseia sua identidade genética para assumir a profissão com que sempre sonhara, a de espaçonauta. Boa parte da trama e do suspense do filme advém do fato de que sua verdadeira identidade biológica, inválida para aquela atividade, tinha que ser ocultada todo o tempo e com muita astúcia, pois a manutenção da ordem social se baseava em constantes escaneamentos genéticos. As situações enfrentadas pelo personagem nos levam a compartilhar sua percepção de injustiça, e torcer pela subversão ao sistema.

Bernardo Jefferson de Oliveira. Os avanços da genética nos filmes. *pré-Univesp*, edição 6, 15 dez. 2010. <www.univesp.insisuperior.sp.gov.br>.

13 Unesp 2012 No primeiro parágrafo e em outras passagens do artigo, Bernardo Jefferson de Oliveira destaca que os literatos e os cineastas desfrutaram de uma liberdade que os cientistas não têm ante suas próprias descobertas científicas. Que liberdade é essa?

► Instrução: A questão de número 14 toma por base uma tira do cartunista Laerte (Laerte Coutinho, 1951-).



14 Unesp 2012 Na tira de Laerte, aponte o que o aluno não percebeu de imediato como primeira lição de Fagundes.

7 Fuvest 2013 Examine o seguinte anúncio publicitário:



Revista Valor (Especial), Julho de 2011. (Adapt.)

- a) Qual é a relação de sentido existente entre a imagem de uma folha de árvore e as expressões "Mapeamento logístico" e "caminho", empregadas no texto que compõe o anúncio reproduzido?
- b) A que se refere o advérbio "aqui", presente no texto do anúncio?

8 Fuvest 2013 Leia este texto:

Entre 1808, com a abertura dos portos, e 1850, no auge da centralização imperial, modificara-se a pacata, fechada e obsoleta sociedade. O país europeizava-se, para escândalo de muitos, iniciando um período de progresso rápido, progresso conscientemente provocado, sob moldes ingleses. O vestuário, a alimentação, a mobília mostram, no ingênuo deslumbramento, a subversão dos hábitos lusos, vagorosamente rompidos com os valores culturais que a presença europeia infiltrava, justamente com as mercadorias importadas. O contato litorâneo das duas culturas, uma dominante já no período final da segregação colonial, articula-se no ajustamento das economias. Ao Estado, a realidade mais ativa da estrutura social, coube o papel de intermediar o impacto estrangeiro, reduzindo-o à temperatura e à velocidade nativas.

Raymundo Faoro, Os donos do poder

- a) Considerado o contexto, é inteiramente adequado o emprego, no texto, das expressões "europeizava-se" e "presença europeia"? Explique sucintamente.
- b) As palavras "litorâneo" e "temperatura" foram usadas, ambas, no texto, em seu sentido literal? Justifique sua resposta.

9 Fuvest 2013 Leia o texto.

Na mídia em geral, nos discursos, em mensagens publicitárias, na fala de diferentes atores sociais, enfim, nos diversos contextos em que a comunicação se faz presente, deparamo-nos repetidas vezes com a palavra *cidadania*. Esse largo uso, porém, não toma seu significado evidente. Ao contrário, o fato de admitir vários empregos deprecia seu valor conceitual, isto é, sua capacidade de nos fazer compreender certa ordem de eventos. Assim, pode-se dizer que, contemporaneamente, a palavra *cidadania* atende bastante bem a um dos usos possíveis da linguagem, a comunicação, mas caminha em sentido inverso quando se trata da cognição, do uso cognitivo da linguagem. Por que, então, a palavra *cidadania* é constantemente evocada, se o seu significado é tão pouco esclarecido?

Maria Alice Rezende de Carvalho, Gidsonário e diretos.

- a) Segundo o texto, em que consistem o uso comunicativo e o "uso cognitivo" da linguagem? Explique resumidamente.
- b) Responda sucintamente a pergunta que encerra o texto: "Por que, então, a palavra *cidadania* é constantemente evocada, se o seu significado é tão pouco esclarecido?"

10 Unicamp 2013

NOITE DE AUTÓGRAFOS
IVAN ANGELO

A leitora, vistosa, usando óculos escuros num ambiente em que não eram necessários, se posta diante do autor sentado do outro lado da mesa de autógrafos e estende-lhe o livro, junto com uma pergunta:

– O que é crônica?

O escritor considera responder com a célebre tirada de Rubem Braga, "se não é aguda, é crônica", mas se contém, temendo que ela não goste da brincadeira. [...] Responde com aquele jeito de quem falou disso algumas vezes:

– É um texto de escritor, necessariamente de escritor, não de jornalista, que a imprensa usa para pôr um pouco de lirismo, de leveza e de emoção no meio daquelas páginas e páginas de dados objetivos, informações, gráficos, notícias... É coisa **efêmera**: jornal dura um dia, revista dura uma semana.

Já se prepara para escrever a dedicatória e ela volta a perguntar:

– E o livro de crônicas, então?

Ele olha a fila, constrangido. Escreve algo brevíssimo, assina e devolve o livro à leitora [...]. Ela recebe o volume e não se vai, esperando a resposta. Ele abrevia, irônico:

– É a crônica tentando escapar da reciclagem do papel. Ela fica com ambição de estante, pretensiosa, quer status literário. Ou então pretensioso é o autor, que acha que ela merece ser salva e promovida. [...]

– Mais respeito. A crônica é a nossa última reserva de estilo.

Veja São Paulo, São Paulo, 25 jul. 2012, p. 170.

Efêmero: de pouca duração; passageiro, transitório.

A certa altura do diálogo, a leitora pergunta ao escritor que dava autógrafos:

– E o livro de crônicas, então?"

- a) A pergunta da leitora incide sobre uma das características do gênero crônica mencionadas pelo escritor. Explique que característica é esta.
- b) Explique o funcionamento da palavra então na pergunta em questão, considerando o sentido que esta pergunta expressa.

► Instrução: A questão de número 11 toma por base uma passagem do *Manual do Roteiro*, do professor de Técnica do roteiro, consultor e conferencista Syd Field.

ESCREVENDO O ROTEIRO

Escrever um roteiro é um fenômeno espantoso, quase misterioso. Num dia você está com as coisas sob controle, no dia seguinte sob o controle delas, perdido em confusão e incerteza. Num dia tudo funciona, no outro não; ninguém sabe como ou por quê. É o processo criativo; que desafia análises; é mágica e maravilha.

Tudo o que foi dito ou registrado sobre a experiência de escrever desde o início dos tempos resume-se a uma coisa — escrever é sua experiência particular, pessoal. De ninguém mais.

Muita gente contribui para a feitura de um filme, mas o roteirista é a única pessoa que se senta e encara a folha de papel em branco.

Escrever é trabalho duro, uma tarefa cotidiana, de sentar-se diariamente diante de seu bloco de notas, máquina de escrever ou computador, colocando palavras no papel. Você tem que investir tempo.

Antes de começar a escrever, você tem que achar tempo para escrever.

Quantas horas por dia você precisa dedicar-se a escrever?

*Depende de você. Eu trabalho cerca de quatro horas por dia, cinco dias por semana. John Millius escreve uma hora por dia, sete dias por semana, entre 5 e 6 da tarde. Stirling Silliphant, que escreveu *The Towering Inferno* (Inferno na Torre), às vezes escreve 12 horas por dia. Paul Schrader trabalha com a história na cabeça por meses, contando-a para as pessoas até que ele a conheça completamente; então ele "pula na máquina" e a escreve em cerca de duas semanas. Depois ele gastará semanas polindo e consertando a história.*

Você precisa de duas a três horas por dia para escrever um roteiro.

Olhe para a sua agenda diária. Examine o seu tempo. Se você trabalha em horário integral, ou cuidando da casa e da família, seu tempo é limitado. Você terá que achar o melhor horário para escrever. Você é o tipo de pessoa que trabalha melhor pela manhã? Ou só vai acordar e ficar alerta no final da tarde? Tarde da noite pode ser um bom horário. Descubra.

Syd Field. *Manual do roteiro*, 1995.

11 Unesp 2013 No sétimo parágrafo do texto de Syd Field, que informação o autor passa ao aprendiz de roteirista com os diversos exemplos que apresenta?

► Instrução: A questão de número 12 toma por base uma passagem do romance *Canaã*, de Graça Aranha (1868-1931).

CANAÃ

— Hoje — disse Milkau quando chegaram a um trecho desembaraçado da praia —, devemos escolher o local para a nossa casa.

— Oh! não haverá dificuldade, neste deserto, de talhar o nosso pequeno lote... — desdenhou Lentz.

— Quanto a mim, replicou Milkau, uma ligeira inquietação de vago terror se mistura ao prazer extraordinário de recomençar a vida pela fundação do domicílio, e pelas minhas próprias mãos... O que é lamentável nesta solenidade primitiva é a intervenção inútil do Estado...

— O Estado, que no nosso caso é o agrimensor Felicíssimo...

— Não seria muito mais perfeito que a terra e as suas coisas fossem propriedade de todos, sem venda, sem posse?

— O que eu vejo é o contrário disto. É antes a venalidade de tudo, a ambição, que chama a ambição e espraia o instinto da posse. O que está hoje fora do domínio amanhã será a presa do homem. Não acredita que o próprio ar que escapa à nossa posse será vendido, mais tarde, nas cidades suspensas, como é hoje a terra? Não será uma nova forma da expansão da conquista e da propriedade?

— Ou melhor, não vê a propriedade tornar-se cada dia mais coletiva, numa grande ânsia de aquisição popular, que se vai alastrando e que um dia, depois de se apossar dos jardins, dos palácios, dos museus, das estradas, se estenderá a tudo?... O sentimento da posse morrerá com a desnecessidade, com a supressão da ideia da defesa pessoal, que nele tinha o seu repouso..

— Pois eu — ponderou Lentz —, se me fixar na ideia de converter-me em colono, desejarei ir alargando o meu terreno, chamar a mim outros trabalhadores e fundar um novo núcleo, que signifique fortuna e domínio... Porque só pela riqueza ou pela força nos emanciparemos da servidão.

— O meu quinhão de terra — explicou Milkau — será o mesmo que hoje receber; não o ampliarei, não me abandonarei à ambição, ficarei sempre alegremente reduzido à situação de um homem humilde entre gente simples. Desde que chegamos, sinto um perfeito encantamento: não é só a natureza que me seduz aqui, que me festeja, é também a suave contemplação do homem. Todos mostram a sua doçura íntima estampada na calma das linhas do rosto; há como um longínquo afastamento da cólera e do ódio. Há em todos uma resignação amorosa... Os naturais da terra são expansivos e alvissareiros da felicidade de que nos parecem os portadores... Os que vieram de longe esqueceram as suas amarguras, estão tranquilos e amáveis; não há grandes separações, o próprio chefe troca no lar o seu prestígio pela espontaneidade niveladora, que é o feliz gênio da sua raça. Vendo-os, eu adivinho o que é todo este País — um recanto de bondade, de olvido e de paz. Há de haver uma grande união entre todos, não haverá conflitos de orgulho e ambição, a justiça será perfeita; não se imolarão vítimas aos rancores abandonados na estrada do exílio. Todos se purificarão e nós também nos devemos esquecer de nós mesmos e dos nossos preconceitos, para só pensarmos nos outros e não perturbarmos a serenidade desta vida...

Graça Aranha. *Canaã*, 1936.

12 Unesp 2013 Em sua última fala no fragmento do romance *Canaã*, coerentemente com o que manifestou nas falas anteriores, a personagem Milkau, ao informar o que pretende fazer com seu quinhão de terra, acaba expressando sua própria concepção de mundo. Releia essa fala e faça uma síntese dessa concepção da personagem.

1 Fuvest 2015 Leia a seguinte mensagem publicitária de uma empresa da área de logística:

A GENTE ANDA NA LINHA PARA LEVAR SUA EMPRESA MAIS LONGE

Mudamos o jeito de transportar contêineres no Brasil e Mercosul. Através do modal ferroviário, oferecemos soluções logísticas econômicas, seguras e sustentáveis.

- Visando a obter maior expressividade, recorre-se, no título da mensagem, ao emprego de expressão com duplo sentido. Indique essa expressão e explique sucintamente.
- Segundo o anúncio, uma das vantagens do produto (transporte ferroviário) nele oferecido é o fato de esse produto ser "sustentável". Cite um motivo que justifique tal afirmação.

LIMITE INFERIOR

Aprendi muito com o economista-filósofo Roberto de Oliveira Campos, particularmente quando tive a honra e a oportunidade de conviver com ele durante anos na Câmara dos Deputados. Sentávamos juntos e assistíamos aos mesmos discursos, alguns muito bons e sábios.

Frequentemente, diante de alguns incontroláveis colegas que exerciam uma oratória de alta visibilidade, com os dois braços agitados tentando encontrar uma ideia, Roberto me surpreendia com a afirmação: "Delfim, acabo de demonstrar um teorema". E sacava uma mordaz conclusão crítica contra o incauto orador.

Um belo dia, um falante e conhecido deputado ensurdeceu o plenário com uma gritaria que entupiu os ouvidos dos colegas. A quantidade de sandices ditas no longo discurso com o ar de quem estava inventando o mundo fez Roberto reagir com incontida indignação. Soltou de supetão: "Delfim, construí um axioma, uma afirmação preliminar que deve ser aceita pela fé, sem exigir prova: a ignorância não tem limite inferior". E completou, com a perversidade de sua imensa inteligência: "Com ele poderemos construir mundos maravilhosos".

Antonio Delfim Netto, Folha de S. Paulo, 17/09/2014. Adaptado.

- Explique por que o axioma formulado por Roberto de Oliveira Campos tornaria possível "construir mundos maravilhosos".
- Identifique o trecho do texto que explica o emprego da expressão "oratória de alta visibilidade".

3 Fuvest 2015 Examine a tirinha.



Fernando Gonsales, Miquel Nadal: Cadê o ratinho do titio? São Paulo: Devir, 2011.

- De acordo com o contexto, o que explica o modo de falar das personagens representadas pelas duas traças?
- Mantendo o contexto em que se dá o diálogo, reescreva as duas falas do primeiro quadrinho, empregando o português usual e gramaticalmente correto.

✓ As questões de números 4 e 5 tomam por base um poema de Luiz Gama (1830-1882), poeta, jornalista e líder abolicionista brasileiro, nascido livre e vendido como escravo pelo próprio pai, e um excerto da narrativa *Doze anos de escravidão*, de Solomon Northup (1808-1863), homem livre sequestrado em Washington em 1841 e submetido à escravidão em fazendas da Louisiana, livro que serviu de base ao roteiro do filme *12 anos de escravidão*, dirigido por Steve McQueen.

NO CEMITÉRIO DE S. BENEDITO

Em lúgubre recinto escuro e frio,
Onde reina o silêncio aos mortos dado,
Entre quatro paredes descoradas,
Que o caprichoso luxo não adorna,
5 Jaz da terra coberto humano corpo,
que escravo sucumbiu, livre nascendo!
Das hórridas cadeias desprendido,
Que só forjam sacrílegos tiranos,
Dorme o sono feliz da eternidade.

10 Não cercam a morada lutuosa
Os salgueiros, os fúnebres ciprestes,
Nem lhe guarda os umbrais da sepultura
Pesada laje de espartano mármore,
Somente levantado em quadro negro
15 Epitáfio se lê, que impõe silêncio!
— Descansam n'este lar caliginoso¹
O mísero cativo, o desgraçado!...

Aqui não vem rasteira a vil lisonja
Os feitos decantar da tirania,
20 Nem ofuscando a luz da sã verdade
Eleva o crime, perpetua a infâmia.

Aqui não se ergue altar ou trono d'ouro
Ao torpe mercador de carne humana.
Aqui se curva o filho respeitoso
25 Ante a lousa materna, e o pranto em fio
Cai-lhe dos olhos revelando mudo
A história do passado. Aqui nas sombras
Da funda escuridão do horror eterno,
Dos braços de uma cruz pende o mistério,
30 Faz-se o cetro² bordão³, andrajo a túnica,
Mendigo o rei, o potentado⁴ escravo!

(Primeiras trovos burlescos e outros poemas, 2000.)

¹caliginoso: muito escuro, tenebroso.
²cetro: bastão de comando usado pelos reis.
³bordão: cajado grosso usado como apoio ao caminhar.
⁴potentado: pessoa muito rica e poderosa.

DOZE ANOS DE ESCRAVIDÃO

Houvera momentos em minha infeliz vida, muitos, em que o vislumbre da morte como o fim de sofrimentos terrenos – do túmulo como um local de descanso para um corpo cansado e alquebrado – tinha sido agradável de imaginar. Mas tal contemplação desaparece na hora do perigo. Nenhum homem, em posse de suas forças, consegue ficar imperturbável na presença do "rei dos horrores". A vida é cara a qualquer coisa viva; o verme rastejante lutará por ela. Naquele momento, era cara para mim, escravizado e tratado tal como eu era.

Sem conseguir livrar a mão dele, novamente o peguei pelo pescoço e dessa vez com uma empunhadura medonha que logo o fez afrouxar a mão. Tibeats ficou enfraquecido e desmobilizado. Seu rosto, que estivera branco de paixão, estava agora preto de asfixia. Aqueles olhos miúdos de serpente que exalavam tanto veneno estavam agora cheios de horror – duas órbitas brancas precipitando-se para fora.

Havia um "demônio à espreita" em meu coração que me instava a matar o maldito cão naquele instante – a manter a pressão em seu odioso pescoço até que o sopro de vida se fesses! Não ousava assassiná-lo, mas não ousava deixá-lo viver. Se eu o matasse, minha vida teria de pagar pelo crime – se ele vivesse, apenas minha vida satisfaria sua sede de vingança. Uma voz lá dentro me dizia para fugir. Ser um andarilho nos pântanos, um fugitivo e um vagabundo sobre a Terra, era preferível à vida que eu estava levando.

(Doze anos de escravidão, 2014.)

4 Unesp 2015 Tanto no poema de Luiz Gama quanto no excerto de Solomon Northup se verifica uma mesma concepção de morte para os escravos. Explique essa concepção comum aos dois textos e, a seguir, transcreva um verso da primeira estrofe do poema e a frase do primeiro parágrafo do excerto que expressam essa concepção.

5 Unesp 2015 O filme *12 anos de escravidão*, considerado uma excelente obra de arte cinematográfica pela crítica, tem seu roteiro baseado na narrativa *Doze anos de escravidão*. Assistindo-se ao filme e lendo a narrativa, percebe-se, por exemplo, a ausência no filme de algumas cenas presentes na narrativa. Esse fato deve ser considerado uma falha do filme? Justifique sua resposta.

✓ A questão de números **6** focaliza um excerto de um comentário de Fernando Pessoa (1888-1935) e um poema de Olegário Mariano (1889-1958).

NOTA PRELIMINAR

1 – Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção.

2 – Todo o estado de alma é uma paisagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E – mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem – pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser "Há sol nos meus pensamentos", ninguém compreenderá que os meus pensamentos estão tristes.

3 – Assim tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo – num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva – e, também, a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma – é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que "na ausência da amada o sol não brilha", e outras coisas assim.

(Obra poética, 1965.)

PAISAGEM HOLANDESA

Não me saís da memória. És tu, querida amiga,
Uma imagem que eu vi numa aguarela¹ antiga.
Era na Holanda. Um fim de tarde. Um céu lavado.
Fronde abrindo no ar um pálio recortado...
5 Um moinho à beira d'água e imensa e desconforme
A pincelada verde-azul de um barco enorme.
A casaria além... Perto o cais refletindo
Uma barra de sombra entre as águas bulindo...
E, debruçada ao cais, olhando a tarde imensa,
10 Uma rapariguinha olha as águas e pensa...
É loira e triste. Nos seus olhos claros anda
A mesma paz que envolve a paisagem da Holanda.
Paira o silêncio... Uma ave passa, arminho² e gaza³,
À flor d'água, acenando adeus com o lenço da asa...
15 É a saudade de Alguém que anda extasiado, a esmo,
Com a paisagem da Holanda escondida em si mesmo,
Com aquela rapariga a sofrer e a cismar
Num pôr de sol que dá vontade de chorar...
Ai não ser eu um moinho isolado e tristonho
20 Para viver como na paz de um grande sonho,
A refletir a minha vida singular
Na água dormente, na água azul do teu olhar...

(Todo um vida de poesia, 1957.)

¹aguarela: aquarela.

²arminho: pele ou pelo do arminho; muito alvo, muito branco, alvura (sentido figurado).

³gaza: tecido fino, transparente, feito de seda ou algodão.

6 Unesp 2015 No primeiro período do segundo parágrafo, Fernando Pessoa faz uma afirmação categórica, mas ainda nesse mesmo parágrafo a atenua. Transcreva o período em que ocorre essa atenuação e explique a razão apresentada pelo escritor para fazê-la.

1 Fuvest 2018 Leia o texto.

A COMPLICADA ARTE DE VER

Ela entrou, deitou-se no divã e disse: "Acho que estou ficando louca". Eu fiquei em silêncio aguardando que ela me revelasse os sinais da sua loucura. "Um dos meus prazeres é cozinhar. Vou para a cozinha, corto as cebolas, os tomates, os pimentões – é uma alegria! Entretanto, faz uns dias, eu fui para a cozinha para fazer aquilo que já fizera centenas de vezes: cortar cebolas. Ato banal sem surpresas. Mas, cortada a cebola, eu olhei para ela e tive um susto. Percebi que nunca havia visto uma cebola. Aqueles anéis perfeitamente ajustados, a luz se refletindo neles: tive a impressão de estar vendo a rosácea de um vitral de catedral gótica. De repente, a cebola, de objeto a ser comido, se transformou em obra de arte para ser vista! E o pior é que o mesmo aconteceu quando cortei os tomates, os pimentões... Agora, tudo o que vejo me causa espanto."

Ela se calou, esperando o meu diagnóstico. Eu me levantei, fui à estante de livros e de lá retirei as "Odes Elementares", de Pablo Neruda. Procurei a "Ode à Cebola" e lhe disse: "Essa perturbação ocular que a acometeu é comum entre os poetas. Veja o que Neruda disse de uma cebola igual àquela que lhe causou assombro: 'Rosa de água com escamas de cristal'. Não, você não está louca. Você ganhou olhos de poeta... Os poetas ensinam a ver".

Rubem Alves, Fausto de S. Paulo, 26/10/2004. Adaptado.

- Segundo a concepção do autor, como a poesia pode ser entendida?
- Reescreva o trecho "Agora, tudo o que vejo me causa espanto", substituindo o termo sublinhado por "Naquela época" e empregando a primeira pessoa do plural. Faça as adaptações necessárias.

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas**Gabarito - Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO –
FRENTE ÚNICA****Capítulo 1**

15. a) Sim. O gênero proverbial caracteriza-se por textos sintéticos que recorrem, na maioria das vezes, a recursos poéticos do plano da expressão (como ritmo, métrica, rimas etc.), facilitando a memorização com a finalidade de transmitir valores morais de um grupo ao enunciário. Em "Em boca fechada bem-te-vi não faz ninho" (variação do provérbio de mesmo sentido "Em boca fechada não entra mosca"), a mensagem que se passa é de que falar pouco (em boca fechada) evita situações desconfortáveis (bem-te-vi não faz ninho).
- b) A última frase do texto ("Peço licença para fechar a janela, pois estou constipado") contribui para o caráter anedótico do texto, pois quebra a expectativa do leitor. O vereador, que nunca falava nada, ao ensaiar finalmente falar algo, não diz nada de relevante, apenas comunica sua vontade de fechar a janela, frustrando seus colegas de trabalho.
16. a) "...é pela posse e pelo uso da linguagem, falando oralmente ao próximo ou mentalmente a nós mesmos, que conseguimos organizar o nosso pensamento e torná-lo articulado, concatenado e nítido"
- b) "...surge um novo e repentino vigor de raciocínio, que não só decorre do desenvolvimento do cérebro, mas também da circunstância de que o indivíduo dispõe agora da língua materna.."
- c) O essencial proveito da língua, segundo o autor, seria o de refinar a capacidade de pensar à medida que o falante desenvolvesse o estudo metódico dos caracteres e aplicações do instrumento linguagem.
17. a) Sim. Ao contemplar a cidade, Jacinto, até então defensor da extraordinária vida de Paris, a enxerga de modo muito menos atraente e magnífico. Ao ver a paisagem enevoada, coberta de cinza e fumaça, a inigualável civilização parisiense é desmitificada, de modo que Jacinto concluirá se tratar tudo de uma grande ilusão moderna.
- b) Paris é escolhida para ilustrar a vida urbana, pois, à época em que se passa o romance, metade do século XIX, Paris exercia influência sobre toda a civilização ocidental. Cidade populosa, caldeirão efervescente de inventos e ideias, Paris era o ícone da vida moderna.
- c) No trecho, Paris é, aos poucos, desmitificada: ao correr para contemplar a cidade, "por um impulso bem jacintico", Jacinto se depara com uma imagem que não corresponde ao esperado. Ao invés do esplendor da capital francesa, contempla-se o aspecto cinzento que a modernidade conferiu à paisagem. Ao usar o verbo "jazia", o narrador imprime, ainda, o aspecto terminativo – de morte – à cidade.
18. **Raça e cor:** não se pode concluir que haja preconceito de raça e cor entre os meninos de *Capitães da Areia*. O grupo não faz distinção entre meninos brancos (Pedro Bala e Gato), negros (João Grande e Barandão) e mulatos (Boa-Vida e Volta Seca), configurando-se como bastante heterogêneo e harmônico nesse sentido.
- Religião:** não há também preconceito desse aspecto. Há o convívio pacífico entre meninos de diversas religiões no grupo, como Pirulito, que pratica o catolicismo, João Grande, que segue o candomblé, e os agnósticos, como Pedro Bala e Professor.
- Gênero:** Em *Capitães da Areia*, o preconceito de gênero está presente, por exemplo, no episódio da chegada de Dora ao bando. Sendo hostilizada e rechaçada pela maioria dos meninos, Dora, no entanto, aos poucos, se integra ao grupo. A integração de Dora, porém, se deve em grande parte pelo papel tradicionalmente exercido pela mulher: o de mãe e irmã, para a maioria do grupo, e o de noiva e mulher para Pedro Bala. Posteriormente, Dora se transformará em figura forte e corajosa, assumindo papéis similares aos dos meninos do bando, usando roupas masculinas e participando de ações transgressoras.
- Orientação sexual:** O preconceito de orientação sexual é o mais evidente entre os meninos de *Capitães da Areia*. Em dado momento, chega-se a explicitar que "pederastas passivos" não eram admitidos no grupo, revelando não apenas o preconceito em relação à orientação sexual dos seus integrantes, mas também uma visão distorcida do homossexualismo, em que só os "passivos" são discriminados. Tal postura preconceituosa pode ser notada na relação de Almiro e Barandão, a qual era mantida em segredo.
19. a) Pode-se concordar apenas em parte com a afirmação. "Poética", apesar de, formalmente, se enquadrar na estrutura do soneto (forma clássica por excelência) e de seguir sua estruturação de quatro estrofes, sendo as duas primeiras quadras e as duas últimas, tercetos, o poema não segue a regularidade métrica canônica do soneto (decassílabos ou alexandrinos), afinando-se mais à métrica moderna, polimétrica.
- b) A afirmação é pertinente, pois o poema é extensamente construído por meio de antíteses e oximoros (por exemplo: De manhã escureço/ De dia tarde/ De tarde anoitece/ De noite ardo [...]) Eu morro ontem/ Nasço amanhã) que questionam a ordem fundamental do mundo natural.
20. a) Textos de divulgação científica são construídos com recursos linguísticos tais como: uso de expressões como "isto é" e "ou seja" ao lado de conceitos ou termos técnicos, orações relativas explicativas, orações intercaladas com função explicativa (uso do travessão), uso de aposto – todos com a função de explicar algo específico do universo científico –, uso de discurso indireto, uso de sinônimos, entre outras possibilidades. Alguns desses recursos são utilizados no texto em questão e, portanto, deverão ser identificados e transcritos pelo candidato.
- b) O estresse oxidativo não é essencialmente prejudicial, pois consegue reduzir diabetes do tipo 2. Essa conclusão foi tirada após a comparação de experimentos de dois grupos. O primeiro grupo tomou vitaminas e praticou exercícios. O segundo grupo não tomou vitaminas e praticou a mesma quantidade de exercícios, durante o mesmo período de tempo que o grupo 1. Depois, foram feitos testes e notou-se que somente no grupo 2 houve um aumento de longevidade e diminuição do diabetes tipo 2. Pode-se concluir que o estresse oxidativo tem uma função benéfica no organismo humano.
21. a) A partir da descrição do texto de Chico Buarque, pode-se concluir que um dicionário analógico é aquele que, além de listar as palavras e seus

- respectivos significados, fornece uma lista de palavras com significado semelhante, ou, como o próprio nome já diz, um significado análogo.
- b) Pode-se chegar a essa conclusão, por exemplo, por meio da expressão "palavra puxa palavra". Também podemos notar que o autor usa de propósito palavras e vários de seus sinônimos. Isso fica bem claro no trecho final do texto "Trata-se para mim de uma terrível (funesta, nefasta, macabra, atroz, abominável, dilacerante, miseranda) notícia".
22. a) O título pode fazer referência à característica essencialmente ambígua da trama central de *Dom Casmurro* em que se fica em dúvida entre a fidelidade e a infidelidade da personagem Capitu.
- b) No trecho "a malícia está antes na tua cabeça perversa", refere-se ao leitor do romance. No trecho "a vocação eras tu, a investidura eras tu", refere-se à Capitu.
23. a) A consequência da descoberta de sua origem dá a Pedro Bala uma consciência política. A partir de então, ele passa para ações contra a sociedade de classes.
- b) Essa reflexão de classes realizada por Pedro Bala é um exemplo da conjuntura política em que estava inserida a Segunda Geração do Modernismo (1930-1945). Essa geração tinha, em geral, temas que abordavam as injustiças sociais, sobretudo em seu aspecto regional.
24. a) No caso do romance *Memórias de um sargento de milícias*, temos a descrição da despedida dos personagens Leonardo e Luisinha que, por conta disso, estão tristes e melancólicos, apesar da alegria de todos à volta. O sentimento de desconforto e de inadaptação é o que caracteriza o estado psicológico no caso dos personagens de *Vidas secas*.
- b) A festa de *Memórias de um sargento de milícias* tem um significado de convergência, pois mostra o encontro de dois personagens centrais do livro que, apesar da imediata despedida e consequente tristeza, irão contrair matrimônio. Podemos citar também o objetivo do autor em mostrar os costumes da cultura, fazendo descrições sobre os aspectos e atitudes das pessoas durante o festejo. Já no caso de *Vidas Secas*, o objetivo é mostrar como a família de Fabiano sente-se inapta ao convívio social (mesmo em uma pequena cidade do interior do Nordeste), o que ajuda a caracterizar a autoimagem quase desumana que os personagens têm de si mesmos.
25. a) Tanto o Frade como o Major Vidigal não viveram de acordo com as regras estabelecidas por seus respectivos ofícios. O sacerdote possuía uma amante e o Major Vidigal realizava atos de corrupção ao infringir seus deveres quando favorecia o malandro Leonardo.
- b) A peça de Gil Vicente tinha teor moralizante, o que faz com que o destino dos corruptos seja pago com a ida à barca do inferno. Já o romance de Manuel Antonio de Almeida é uma narrativa de cunho amoral que descreve que as artimanhas de Leonardo não apenas não são punidas como são recompensadas.
26. a) Tanto Rita Baiana quanto Iracema têm sua beleza associada a fatores naturais: Iracema é a "virgem dos lábios de mel", "cabelos mais negros que a asa da gráquina", e o sorriso "mais doce que o favo do jati"; enquanto Rita Baiana é "o aroma quente dos frevos e das baurilhas", "a luz ardente do meio-dia" e "o sapoti mais doce que o mel". Porém, essas características também as afastam: Iracema é idealizada e pura, enquanto Rita Baiana possui extrema malícia em suas atitudes. Iracema é apresentada como a mais bela obra da natureza, enquanto Rita Baiana se mistura e se funde ao ambiente em que vive.
- b) Martim e Jerônimo se assemelham por serem portugueses e por se sentirem atraídos pelas terras brasileiras e por suas mulheres, além de terem relações, em algum grau, consideradas proibidas. A evolução do caráter dos personagens é o que os difere. Enquanto Martim mantém a integridade do caráter, tanto que só se relaciona com Iracema por estar sob efeito da bebida de Tupã, Jerônimo deixa de ser um homem trabalhador e fiel para se relacionar com Rita Baiana, se tornando preguiçoso e demonstrando desejo de abandonar a família.
27. Podem ser usados como contraexemplos os seguintes fatos:
- O crescente reconhecimento do grafite, a começar pelo trabalho de Jean-Michel Basquiat, primeiro grafiteiro a ser reconhecido como artista plástico.
 - A mudança de espaço do grafite: dos guetos para superfícies e ambientes até então improváveis: interior de famosas galerias e fachadas externas de museus, como o Tate Modern, de Londres.
 - Grande parte dos artistas de rua de Curitiba estuda ou trabalha e obtém rendimento bom ou ótimo em sua escola e/ou emprego.
 - Os artistas de Curitiba possuem origens socioeconômicas e culturais diversas: são oriundos tanto de famílias de baixa renda como de outras economicamente favorecidas; o nível de escolaridade varia desde o ensino fundamental incompleto até o nível superior; encontram-se entre eles funcionários de órgãos culturais e educacionais da cidade, bem como profissionais liberais, arquitetos, publicitários, designers, artistas plásticos etc.
 - Os artistas de rua de Curitiba também se mostram envolvidos em questões ambientais, sejam elas de cunho natural ou urbano, e, muitas vezes, são voluntários em organizações educacionais e assistencialistas.
28. Os Museus são instituições capazes de canonizar estéticas por excelência. Ao trazer para sua fachada as obras dos artistas de rua, o Tate Modern, de Londres, os reconhece como artistas dignos de reconhecimento estético e ainda expõe ao mundo o respeito por essa arte, inclusive por sua origem. O museu abre mão de seu espaço tradicional de exposição, a parte interna de sua galeria, para dar ao grafite o seu espaço por excelência: a rua, o externo, o urbano.
29. Em diversos trechos dos textos é explicitada a característica de participação política da arte de rua. Na reportagem da revista *Fotografe Melhor*, a arte de rua é descrita como "instigante, provocadora e fenomenal linguagem artística", além de ter colocado a criatividade juvenil à prova e dado "uma chance bastante democrática de expressão", lembrando a "existência de minorias desfavorecidas e suas demandas por meio dos desenhos que atraem a atenção". No texto de Elizabeth Seraphim Prosser, por sua vez, a arte de rua é definida como tendo o propósito desde "sujar, incomodar, agredir, chamar a atenção sobre determinado espaço urbano" até o de "simplesmente desafiar a sociedade estabelecida e a autoridade", por meio da pichação, passando pela linguagem do grafite e do lambe-lambe, a qual pretende criticar e transformar o *status quo*. Os grafites na fachada do Tate Modern por si só constituem um ato político, pois levam a arte da rua, antes relegada ao gueto, a um espaço nobre da cultura: o museu.
13. Consoante o texto, na literatura e no cinema, há a possibilidade de se transgredirem os limites da razão, da lógica, "dar asas à imaginação; já na ciência, a subjetividade é descartada em prol da objetividade, do racional, do palpável, do concreto, ou seja, os cientistas "devem zelar para não fazerem especulações infundadas".
14. No segundo quadro, o professor faz uma série de elogios com a finalidade de mostrar na prática o que vem a ser um "puxa-saco"; o aluno, entretanto, não entende, sente-se encantado com o que diz o professor e não percebe o subentendido.
7. a) A imagem da folha é ambígua, e pode-se também imaginar um mapa com muitos caminhos; trata-se de uma sinédoque (recurso expressivo que pressupõe a parte no lugar do todo) da própria natureza, no caso da Amazônia. Há muitas maneiras (caminhos) para que a indústria possa desenvolver-se de uma forma inteligente, sem o desrespeito à ecologia. Para isso, é preciso fazer um mapeamento logístico.
- b) O advérbio de primeira pessoa "aqui" aponta para a folha, a qual representa simultaneamente a Amazônia – o seu mapeamento logístico – e a natureza (o respeito aos princípios ecológicos).

8. a) As expressões "europeizava-se" e "presença europeia" são incoerentes, pois nossa colonização foi europeia (Portugal). Na realidade, a população estava trocando os hábitos portugueses pelos ingleses.
- b) A expressão "contato litorâneo" apresenta-se de modo figurado e remete ao comércio ("contato") marítimo (litorâneo) entre os países envolvidos. O termo "temperatura" também está empregado de forma não literal, referenciando ao contexto socioeconômico do país, ou seja, era preciso adaptar o contexto inglês ao brasileiro, levando em conta as diferenças de cultura e conjuntura econômica.
9. a) O uso comunicativo faz referência ao uso cotidiano da palavra "cidadania" na mídia e nos discursos em geral; não haveria, no caso, uma clareza conceitual dessa palavra, pois seria empregada por muitos de uma forma superficial, banal. O uso cognitivo da palavra remete ao fato de que há uma clareza conceitual, tornando-nos capazes de nos fazer compreender certa ordem de eventos.
- b) Ao trabalhar a palavra "cidadania" de uma forma superficial – valorizando, por exemplo, a ideia de que ter cidadania é ter acesso somente aos direitos (não os esclarecendo e omitindo os deveres) –, o enunciador consegue persuadir o enunciatário, já que trata o vocábulo de forma eufórica, positiva e superficial. O uso frequente dessa palavra justifica-se, pois, é útil para a argumentação.
- Obs.:** O que ocorre com a palavra "cidadania" ocorre com a palavra "democracia". Todos os políticos a empregam, pois agrega valor positivo; assim, em diferentes ideologias (nos discursos capitalistas, socialistas, comunistas...), é possível encontrar o termo "democracia".
10. a) A crônica é um texto curto; se narrativo, apresenta poucas personagens, um só tempo, um só espaço, um só conflito. Este sempre abordando o cotidiano, o prosaico. Se dissertativo, ocupa-se dos fatos relevantes do cotidiano, quase sempre de forma crítica e humorada. As crônicas estão presentes principalmente nos jornais; muitos escritores reúnem essas crônicas jornalísticas e as publicam em forma de livro. No jornal, a crônica dura um dia (no livro, ela se perpetua, "fica com ambição de estante"), o jornal vai para o lixo e ela deixa de existir. A grande característica, portanto, seria a efemeridade, que está presente não só pelo fato de estar no jornal, mas também em função de se tratar de um texto rápido, baseado em comentários (se dissertativo) e cenas (se narrativo) igualmente rápidos.
- b) O vocábulo "então" funciona como palavra-gatilho, isto é, dispara um implícito que se liga ao raciocínio conclusivo e ao mesmo tempo silogístico. O implícito relaciona-se a um raciocínio lógico do tipo: se a crônica é efêmera como o jornal, então como fica a questão da efemeridade quando publicada em livro, que possui um caráter duradouro? O autor responderá a esse implícito dizendo que o cronista quer o status literário, ou seja, em livro a crônica teria a mesma importância do conto ou do romance, a brevidade teria um caráter duradouro.
11. No sétimo parágrafo, Sid Field explicita ao leitor o fato de que todo e qualquer roteirista possui uma dinâmica particular durante o processo de criação de um roteiro ("Depende de você"). Esta dinâmica implica o número (diário e semanal) de horas dedicadas ao trabalho e a metodologia adotada por cada escritor; metodologia que consiste normalmente em reelaborações sistêmicas do texto produzido, algumas vezes realizadas como um processo mental anterior ao próprio ato da escrita. Cabe, portanto, ao aspirante a roteirista descobrir o próprio caminho.
1. a) A expressão ambígua é "andar na linha", empregada comumente como equivalente a "agir de forma correta". Além desse sentido, há outro, que se relaciona metonimicamente com o fato de o produto anunciado (transporte de contêineres) ocorrer na modalidade ferroviária de transporte, isto é, ocorrer sobre as **linhas** de trem. Esse segundo sentido, mais próximo do literal, origina-se do fato de "andar na linha" e o produto anunciado pertencerem ao mesmo campo semântico.
- b) Nesta questão, o candidato deveria ativar seus conhecimentos em outras disciplinas para formular uma resposta, já que o texto não oferecia nenhuma informação sobre a sustentabilidade do transporte ferroviário. Por transportar muita carga de uma só vez, o transporte ferroviário consome menos combustível do que, por exemplo, o transporte rodoviário, guardadas as devidas proporções. Dessa forma, consumindo menos combustível, polui-se menos, o que justificaria a característica de ser sustentável.
2. a) O axioma formulado por Roberto de Oliveira Campos ("a ignorância não tem limite inferior") originou-se da observação dos discursos vazios dos colegas no plenário. No texto, Delfim Netto apresenta dois desses discursos numa **gradação descendente**: primeiramente, mostra um discurso marcado por muita gesticulação, mas pouca ideia; depois, mostra um discurso marcado por gritos e por "sandices". Diante disso, Roberto Campos notou que os discursos sempre podiam piorar, tamanha a ignorância de seu respectivo orador, o que o fez postular que "a ignorância não tem limite inferior". Os discursos eram tão ruins, que eram considerados pelo economista-filósofo inacreditáveis, surreais, absurdos. Ou seja, quando alguém discursava desse jeito, Roberto Campos acreditava estar dentro de uma fantasia, de um sonho surreal; não acreditava que aquilo pudesse ser real. Esse é o motivo pelo qual seu axioma tornaria possível "construir mundos maravilhosos", isto é, mundos fantasiosos, incríveis, surreais.
- b) A expressão "oratória de alta visibilidade" é explicada no trecho "com os dois braços agitados tentando encontrar uma ideia".
3. a) As traças incorporaram ao modo de falar as marcas típicas da segunda pessoa do plural "vós" (e.g. "Que **dizei?**", "Em verdade **vos** digo"), inclusive em contextos nos quais tais marcas seriam agramaticais (e.g. "Como **foste** o vosso dia?", "Queria-**vos** que fostes **melhores**"). Isso se deve ao fato de estarem lendo a Bíblia, texto antigo em que a segunda pessoa ocorre com muita frequência. O emprego da segunda pessoa do plural, hoje, é restrito a poucos contextos, a saber, jurídico e religioso, sendo, portanto, arcaico.
- b) Empregando o português usual e de acordo com a norma-padrão para o diálogo do primeiro quadrinho, tem-se:
— Como foi o teu/seu dia?
— Eu queria que tivesse sido melhor.
4. Os dois textos apresentam a vida como o fim do sofrimento, como a libertação dos males terrenos, o que pode ser comprovado pelos versos "que escravo sucumbiu, livre nascendo!", ou "Dorme o sono feliz da eternidade" e pela frase "o vislumbre da morte como o fim de sofrimentos terrenos – do túmulo como um local de descanso para um corpo cansado e alquebrado – tinha sido agradável de imaginar" nos textos I e II respectivamente.

5. Para responder adequadamente a esta pergunta, o candidato teve que ter o conhecimento de como um texto de determinado gênero pode ser adaptado para outro gênero; no caso específico, um livro de memórias adaptado para um longa-metragem. Assim, o vestibulando tinha que ter reconhecido que a omissão, na versão cinematográfica, de cenas presentes na narrativa de Solomon não se constitui em um erro, não configura uma falha, pois os dois textos pertencem a gêneros diferentes utilizando-se, portanto, de recursos diferentes, de maneiras distintas para contar a mesma história. O filme possui restrições, limitações, tais como de tempo e de gastos; por isso, o roteiro no qual se sustenta privilegia outros aspectos que não a fidelíssima adaptação à obra original. Cabe ao roteirista e ao diretor reelaborar o texto para que os seus objetivos sejam atingidos, quer seja a produção de uma obra artística de qualidade, quer seja a produção de uma obra com intuito de captação de bilheteria. Por esses e também outros motivos, que poderiam ser elencados pelo candidato, a resposta à pergunta é não, não se trata de uma falha, não se trata de um erro o fato de haver omissões da narrativa na obra fílmica, versão adaptada da obra literária.

6. O trecho presente no primeiro período do segundo parágrafo no qual fica evidente a atenuação das afirmações feitas anteriormente pelo poeta é: "E – mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem – pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem".

Segundo Fernando Pessoa, mesmo que não se admita a absoluta identidade entre um "estado de alma" e a "paisagem" percebida pelos sentidos, deve-se, ao menos, admitir a existência de uma profunda e inextricável relação entre o mundo interior e o mundo exterior, ou seja, o universo "subjetivo" só pode, em última instância, ser compreendido pelo espírito na sua relação direta com o mundo objetivo da percepção. A tristeza não pode se manifestar com a mesma intensidade num admirável dia de sol, bem como a ausência da amada trona opaco e triste até o mais belo e ensolarado dos dias.

Dizendo de outra forma, toda consciência é intencional, isto é, consciência de algo externo a si mesma. Não existe consciência que seja apenas e simplesmente pura abstração.

1. a) No primeiro período do texto, Juca Kfoury usa o verbo "roubar" para referir-se a uma mudança gráfica decorrente da Reforma ("[...] devolver o acento que a reforma ortográfica roubou do verbo 'parar'"). Como esse verbo tem conotação negativa para o sujeito da oração, que no caso é "a reforma ortográfica", é possível afirmar que o articulista é contrário a essa mudança gráfica, o que se confirma no segundo parágrafo, quando afirma que é ruim ler e escrever "São Paulo para para ver o Corinthians jogar".

b) Pode-se evitar a justaposição de "para para", substituindo a preposição "para" pela locução prepositiva de finalidade "a fim de" ("São Paulo para a fim de ver o Corinthians jogar") ou alterando a ordem dos termos da frase ("Para ver o Corinthians jogar, São Paulo para").

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 2

► As questões 30 e 31 tomam por base uma passagem de uma palestra de Amadeu Amaral (1875-1929) proferida em São Paulo, em 1914, e uma charge de Dum.

ÁRVORES E POETAS

Para o botânico, a árvore é um vegetal de grande altura, composto de raiz, tronco e fronde, subdividindo-se cada uma dessas partes numa certa quantidade de elementos: – reduz-se tudo a um esquema. O botânico estuda-lhe o nascimento, o crescimento, a reprodução, a nutrição, a morte; descreve-a; classifica-a. Não lhe liga, porém, maior importância do que a aquela que empresta ao mais microscópico dos fungos ou ao mais desinteressante dos cogumelos. O carvalho, com toda a sua corpulência e toda a sua beleza, vale tanto como a relva que lhe cresce à sombra ou a trepadeira desprezível e teimosa que lhe enrosca os sarmentos¹ colubrinos² pelas rugosidades do caule. Por via de regra vale até menos, porque as grandes espécies já dificilmente deparam qualquer novidade. Para o jurista, a árvore é um bem de raiz, um objeto de compra e venda e de outras relações de direito, assim como a paisagem que a enquadra – são propriedades particulares, ou terras devolutas. E há muita gente a quem a vista de uma grande árvore sugere apenas este grito de alma: – "Quanta lenha!.."

O poeta é mais completo. Ele vê a árvore sob os aspectos da beleza e sob o ângulo antropomórfico³: encara-a de pontos de vista comuns à humanidade de todos os tempos. Vê-a na sua graça, na sua força, na sua formosura, no seu colorido; sente tudo quanto ela lembra, tudo quanto ela sugere, tudo quanto ela evoca, desde as impressões mais espontâneas até as mais remotas, mais vagas e mais indefníveis. Dá-nos, assim, uma noção "humana", direta e viva da árvore, – pelo menos tão verdadeira quanto qualquer outra.

(Letras Novas, 1976.)

¹sarmento: ramo delgado, flexível.

²colubrino: com forma de cobra, sinuoso.

³antropomórfico: descrito ou concebido sob forma humana ou com atributos humanos.



30 Unesp 2016 De acordo com a concepção de Amadeu Amaral, qual seria a diferença fundamental entre o ponto de vista do botânico e o do poeta? Justifique sua resposta.

31 Unesp 2016 Qual a intenção da personagem da charge ao se valer do argumento de que a floresta invadiu suas terras? Analise tal argumento sob os pontos de vista lógico e ético.

▶ Leia o excerto do conto "A cartomante", de Machado de Assis, para responder à questão 32.

Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

– Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

– Erroul interrompeu Camilo, rindo.

– Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

[...]

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rerear as visitas à casa de Vilela.

Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: – a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio.

(Contos: uma ontologia, 1998.)

32 Unesp 2016 O trecho do quinto parágrafo "[Ele] disse-lhe que era imprudente andar por essas casas" foi construído em discurso indireto. Reescreva-o em discurso direto, substituindo os pronomes sublinhados pelos nomes das personagens e efetuando os demais ajustes necessários.

33 Unicamp 2016 Em ensaio publicado em 2002, Nicolau Sevcenko discorre sobre a repercussão da obra de Euclides da Cunha no pensamento político nacional.

"Acima de tudo Euclides exaltava o papel crucial do agenciamento histórico da população brasileira. Sua maior aposta para o futuro do país era a educação em massa das camadas subalternas, qualificando as gentes para assumir em suas próprias mãos seu destino e o do Brasil. Por isso se viu em conflito direto com as autoridades republicanas, da mesma forma como outrora lutara contra os tiranetes da monarquia. Nunca haveria democracia digna desse nome enquanto prevalecesse o ambiente mesquinho e corrupto da 'república dos mediocres' (...). Gente incapaz e indisposta a romper com as mazelas deixadas pelo latifúndio, pela escravidão e pela exploração predatória da terra e do povo.

(...) Euclides expôs a mistificação republicana de uma 'ordem' excludente e um 'progresso' comprometido com o legado mais abominável do passado. Sua morte precoce foi um alívio para os césares. A história, porém, orgulhosa de quem a resgatou, não deixa que sua voz se cale."

(Nicolau Sevcenko, O outono dos césares e a primavera da história. Revista da USP, São Paulo, n. 54, pp. 30-37, Jun-ago 2002.)

- No último período do texto, há uma ocorrência do conectivo "porém". Que argumentos do texto são articulados por esse conectivo?
- Apresente o argumento que embasa a posição atribuída a Euclides da Cunha em relação ao lema da Bandeira Nacional.

34 Unicamp 2016 O poema abaixo é de autoria de Manoel de Barros e foi publicado no *Livro sobre nada*, de 1996.

"A ciência pode classificar e nomear todos os órgãos de um sabiá mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam?"

(Manoel de Barros, *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 53.)

- No poema há uma estrutura típica de provérbios com uma finalidade crítica. Aponte duas características dessa estrutura.
- Considerando que o poeta joga com os sentidos do verbo "adivinhar" e da sua raiz latina *divinare*, justifique o neologismo usado no último verso.

35 Unicamp 2016 No livro *Veneno Remédio - o futebol e o Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 14), o músico, compositor e ensaísta José Miguel Wisnik afirma que o futebol se tornou uma espécie de "língua geral", válida para todos, que põe "em contato as populações de todos os continentes". Leia a seguir dois trechos em que o autor explora essa analogia:

"(...) Nada nos impede de dizer que os lances criativos mais surpreendentes não dispensam a prosa corrente do 'arroz-com-feijão' do jogo, necessário a toda partida. Ou de constatar, na literatura como no futebol, que a 'prosa' pode ser bela, íntegra, articulada e fluente, ou bu-

rocástica e anódina, e a 'poesia', imprevista, fulgurante e eficaz, ou firula retórica sem nervo e sem alva.

(...) o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos, e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo. A sua narratividade aberta às diferenças terá relação, muito possivelmente, com o fato de ter se tornado o esporte mais jogado no mundo, como um modelo racional e universalmente acessível que fosse guiado por uma ampla margem de diversidade interna, capaz de absorver e expressar culturas."

- a) O autor vê o futebol como formas de "prosa" e de "poesia". Embora ambas as formas sejam consideradas necessárias, cada uma tem um lado negativo. Indique-os.
- b) Apresente dois argumentos por meio dos quais o autor justifica sua afirmação de que o futebol é uma espécie de "língua geral".

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Gabarito - Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 2

30. De acordo com a concepção de Amadeu Amaral, embora o poeta e o botânico possuam o mesmo objeto de análise, ambos discorrem sobre a árvore de forma distinta. Sob uma perspectiva objetiva e de cunho técnico, o botânico estuda o vegetal de maneira classificatória, atribuindo-lhe características descritivas, como altura e composição. Em contrapartida, o poeta produz uma análise subjetiva e mais completa acerca da árvore, ao destacar elementos personificados como os que "ela lembra, tudo quanto ela sugere, tudo quanto ela evoca [...]". Com isso, o poeta atribui-lhe uma noção verdadeiramente ampla, viva e desenraizada de limitações técnicas e objetivas.
31. A fala procura persuadir os membros da bancada ruralista a promoverem o desmatamento de florestas localizadas em regiões de interesse no campo do agronegócio. Além da função exortativa, ela objetiva criar uma justificativa plausível para a derrubada das matas. Considerando o campo da lógica, o argumento de estratégia de posse ("invadiu nossas terras") é incoerente, uma vez que a existência do ecossistema antecede a criação da propriedade privada, tendo ocorrido há "milhares de anos". Além disso, há no mundo contemporâneo a noção de que é preciso respeitar e zelar pelo meio ambiente – o que pode ser ilustrado pelas campanhas publicitárias de conscientização ambiental e até mesmo pelas conferências mundiais sobre desenvolvimento sustentável. Assim, a posição assumida pela personagem fere a ética coletiva ao subordinar a preservação de uma floresta ao interesse individual e monetário.
32. A passagem transposta para o discurso direto assume a seguinte estrutura: "Camilo disse a Rita:
– É imprudente andar por essas casas."
33. a) Ao empregar a conjunção adversativa *porém*, o texto contrapõe a ideia de que a morte de Euclides da Cunha foi um alívio para os incapazes em "romper com as mazelas deixadas pelo latifúndio, pela escravidão e pela exploração predatória". De acordo com o texto, apesar do falecimento precoce de Euclides, a história não permitiu que o "ambiente mesquinho e corrupto da 'república dos medíocres'" fosse apagado de seus registros, de forma que o legado de desigualdade ainda pode ser estudado nos dias atuais.

b) Para Euclides da Cunha, a ordem e o progresso mencionados na bandeira nacional se relacionam, respectivamente, à exclusão social e a um legado abominável do passado brasileiro. O autor defendia que o Brasil era dirigido por ideais fiéis à desigualdade social, bem como à escravidão e à exploração "predatória da terra e do povo" – herança histórica recebida pela República e que foi a ferramenta principal do governo republicano para a manutenção de privilégios de classe oriundos da época da monarquia.

34. a) Provérbios apresentam, entre outras características, estrutura sintática de causa e consequência, bem como orientação exortativa. Tais características são observadas na oração "Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinizar". Através dela, Manoel de Barros aponta para o ceticismo que resulta no cerceamento da incerteza, da dúvida e da adivinhação, ao mesmo tempo que sugere ao leitor que abandone um comportamento tipicamente rígido e científico para que conheça a beleza da incerteza e os caminhos da experimentação.
- b) Ao empregar o verbo *adivinhar* (cuja raiz latina remete à divindade), Manoel de Barros cria o neologismo *divinizar* para conferir ao sabiá um caráter que está acima do conhecimento científico. O autor considera a natureza do sabiá impossível de ser descrita por ferramentas formais e humanas, ao passo que tal natureza é tão sublime que pode ser comparada a uma característica divina.

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 7

60 Fuvest 2011 Leia os seguintes versos de "Alegria, Alegria", de Caetano Veloso, e, em seguida, os dois comentários em que os autores explicam por que essa canção é uma de suas prediletas.

*Caminhando contra o vento
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou
O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em cardinales bonitas
Eu vou*

*Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras
Bomba e Brigitte Bardot
[...]
Ela pensa em casamento
E eu nunca mais fui à escola
Sem lenço e sem documento
Eu vou*

*Eu tomo uma coca-cola
Ela pensa em casamento
E uma canção me consola
Eu vou*

*Por entre fotos e nomes
Sem livros e sem fuzil
Sem fome, sem telefone
No coração do Brasil
[...]*

<<http://www.caetanoveloso.com.br>>

I. "A linguagem era nova, cheia de referências visuais, e tudo estava ali, combinando temas que nem sempre pareciam combinar: despreocupação, engajamento político, tecnologia, lirismo..."

Laura de Mello e Souza. (Adapt.).

a) Transcreva um verso* que ilustre, de modo mais expressivo, o que está sublinhado nesse comentário. Justifique sua escolha.

*(verso = uma linha.)

II. "A canção era importante pela força mágica de afirmar a potência criativa da vida em meio à fragmentação do mundo."

Juandir Freire Costa. (Adapt.).

b) Transcreva um verso que exemplifique, de modo mais evidente, o que está sublinhado nesse comentário. Justifique sua escolha.

► Instrução: As questões de números 61 a 64 tomam por base um soneto do livro *Poemas e Canções*, do parnasiano brasileiro Vicente de Carvalho (1866-1924) e um poema de Cancioneiro, do modernista português Fernando Pessoa (1888-1935).

VELHO TEMA – 1

*Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.
O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
É uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.*

*Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa, que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,*

*Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.*

Vicente de Carvalho. *Poemas e Canções*. 5 ed. São Paulo: Monteiro Lobato & C. – Editores, 1923.

CANCIONEIRO, 150

*Não sei se é sonho, se realidade,
Se uma mistura de sonho e vida,
Aquele terra de suavidade
Que na ilha extrema do sul se olvida.
É a que ansiamos. Ali, ali
A vida é jovem e o amor sorri.*

*Talvez palmares inexistentes,
Áreas longínquas sem poder ser,
Sombra ou sossego deem aos crentes
De que essa terra se pode ter.
Felizes, nós? Ah, talvez, talvez,
Naquela terra, daquela vez.*

*Mas já sonhada se desvirtua,
Só de pensá-la cansou pensar,
Sob os palmares, à luz da lua,
Sente-se o frio de haver luar.
Ah, nessa terra também, também
O mal não cessa, não dura o bem.*

*Não é com ilhas do fim do mundo,
Nem com palmares de sonho ou não,
Que cura a alma seu mal profundo,
Que o bem nos entra no coração.
É em nós que é tudo. É ali, ali,
Que a vida é jovem e o amor sorri.*

(30.08.1933)

Fernando Pessoa. *Óbvo poético*. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1965.

61 Unesp 2011 Os poemas de Vicente de Carvalho e Fernando Pessoa focalizam o tema da busca da felicidade pelo ser humano e se servem de antigas alegorias para simbolizar o que seria essa felicidade que todo homem procura em sua vida, embora nem sempre a encontre. Identifique essas alegorias em cada poema.

62 Unesp 2011 A felicidade existe? – Como encontrar a felicidade? Estabeleça um paralelo entre as respostas que cada um dos poemas apresenta a estas duas questões.

63 Unesp 2011 *Ah, nessa terra também, também / O mal não cessa, não dura o bem.*

A capacidade de significar muito com um discurso reduzido, que é uma das características permanentes da poesia, pode fazer com que, por vezes, uma ou duas palavras recuperem todo um conteúdo não necessariamente expresso no poema. Com base nesta observação, descreva e explique o conteúdo referenciado na terceira estrofe do poema de Fernando Pessoa apenas pela palavra "também".

64 Unesp 2011 Os dois poemas se identificam por empregar mais de uma vez a palavra "sonho" com significado equivalente. O que querem dizer ambos os eus líricos com essa palavra no contexto dos poemas?

55 Fuvest 2012 Leia o seguinte texto:

PENSE ANTES DE COMPARTILHAR

*Cada vez mais pessoas interagem por meio de redes sociais.
O crescimento dessas comunidades reforça uma das principais discussões relativas à internet: a privacidade.*

Época, 15 abr. 2011.

- a) Qual a razão apresentada por essa matéria jornalística para aconselhar seus leitores a "pensar antes de compartilhar"?
- b) No verbete "privacidade", do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, lê-se:
trata-se de ang. de empréstimo recente na língua, sugerindo-se em seu lugar o uso de
Por que o dicionário sugere que se evite o uso de "privacidade"? Que palavra pode ser usada em seu lugar?

56 Unicamp 2012 Os enunciados a seguir são parte de uma peça publicitária que anuncia um carro produzido por uma conhecida montadora de automóveis.

*Um carro que
Até a organização
Mundial da saúde
Aprovaria:
Anda mais
E bebe menos.*

Ele cabe na sua vida. Sua vida cabe nele.

Superinteressante, Jan. 2009, p. 9. (Adapt.).

- a) A menção à Organização Mundial da Saúde na peça publicitária é justificada pela apresentação de uma das características do produto anunciado. Qual é essa característica? Explique por que o modo como a característica é apresentada sustenta a referência à Organização Mundial da Saúde.
- b) A peça publicitária apresenta duas orações com o verbo *caber*. Contraste essas orações quanto à organização sintática. Que efeito é produzido por meio delas?

57 Unicamp 2012

Texto I

Entre 1995 e 2008, 12,8 milhões de pessoas saíram da condição de pobreza absoluta (rendimento médio domiciliar per capita até meio-salário mínimo mensal), permitindo que a taxa nacional dessa categoria de pobreza caísse 33,6%, passando de 43,4% para 28,8%.

No caso da taxa de pobreza extrema (rendimento médio domiciliar per capita de até um quarto de salário mínimo mensal), observa-se um contingente de 13,1 milhões de brasileiros a superar essa condição, o que possibilitou reduzir em 49,8% a taxa nacional dessa categoria de pobreza, de 20,9%, em 1995, para 10,5%, em 2008.

Dimensão, evolução e projeção da pobreza por região e por estado no Brasil, Comunicados do IPEA, 13 Jul. 2010, p. 3.

Texto II



BENNETT, <charges@benett.zfp.net>. Acessado em: 21 out. 2011.

- a) Podemos relacionar os termos *miséria* e *pobreza*, presentes no Texto II, a dois conceitos que são abordados no Texto I. Identifique esses conceitos e explique por que eles podem ser relacionados às noções de *miséria* e *pobreza*.
- b) Que crítica é apresentada no Texto II? Mostre como a charge constrói essa crítica.

► Instruções: As questões de números **58** e **59** tomam por base uma passagem de um conto de Ignácio de Loyola Brandão (1936-) e parte de um artigo de Bernardo Jefferson de Oliveira.

O HOMEM QUE QUERIA ELIMINAR A MEMÓRIA

[...]

Estava na sala diante do doutor. Uma sala branca, anônima. Por que são sempre assim, derrotando a gente logo de entrada?

O médico:

— Sim?

— Quero me operar. Quero que o senhor tire um pedaço do meu cérebro.

— Um pedaço do cérebro? Por que vou tirar um pedaço do seu cérebro?

— Porque eu quero.

— Sim, mas precisa me explicar. Justificar.

— Não basta eu querer?

— Claro que não.

— Não sou dono do meu corpo?

— Em termos.

— Como em termos?

— Bem, o senhor é e não é. Há certas coisas que o senhor está impedido de fazer. Ou melhor; eu é que estou impedido de fazer no senhor.

— Quem impede?

— A ética, a lei.

— A sua ética manda também no meu corpo? Se pago, se quero, é porque quero fazer do meu corpo aquilo que desejo.

E se acabou.

— Olha, a gente vai ficar o dia inteiro nesta discussão boba. E não tenho tempo a perder. Por que o senhor quer cortar um pedaço do cérebro?

— Quero eliminar a minha memória.

— Para quê?

— Gozado, as pessoas só sabem perguntar: o quê? por quê? para quê? Falei com dezenas de pessoas e todos me perguntaram: por quê? Não podem aceitar pura e simplesmente alguém que deseja eliminar a memória.

— Já que o senhor veio a mim para fazer esta operação, tenho ao menos o direito dessa informação.

— Não quero mais me lembrar de nada. Só isso. As coisas passaram, passaram. Fim!

— Não é tão simples assim. Na vida diária, o senhor precisa da memória. Para lembrar pequenas coisas. Ou grandes. Compromissos, encontros, coisas a pagar, etc.

— É tudo isso que vou eliminar. Marco numa agenda, olho ali e pronto.

— Não dá para fazer isso, de qualquer modo. A medicina não está tão adiantada assim.

— Em lugar nenhum posso eliminar a minha memória?

— Que eu saiba não.

— Seria muito melhor para os homens. O dia a dia. O dia de hoje para a frente. Entende o que eu quero dizer? Nenhuma lembrança ruim ou boa, nenhuma neurose. O passado fechado, encerrado. Definitivamente bloqueado. Não seria engraçado? Não se lembrar sequer do que se tomou no café da manhã? E para que quero me lembrar do que tomei no café da manhã?

Ignácio de Loyola Brandão. Contos proibidos: contos. Rio de Janeiro: Códex, 1984, p. 32-34.

OS AVANÇOS DA GENÉTICA NOS FILMES

Uma boa forma de se pensar as possibilidades e riscos no avanço das ciências é se aventurar nas ficções literárias e cinematográficas. Enquanto os cientistas devem zelar para não fazer especulações infundadas, os autores de ficção tratam de dar asas à imaginação e projetar em histórias emocionantes as possíveis aplicações da ciência e alguns de seus efeitos inesperados.

A possibilidade de recriação da vida humana ou do controle que poderíamos ter sobre seus corpos e destinos são alguns dos grandes temas que há muito tempo vêm sendo explorados. O que seria de nossa vida se soubéssemos como prolongá-la indefinidamente? Como ficariam nossos corpos se pudéssemos transformá-los à vontade ou se conseguíssemos fabricar seres para nos substituírem nas tarefas duras e chatas? Não seria uma maravilha se pudéssemos implantar ou fazer um download de memórias e conhecimentos que nos dispensassem de ter que aprender “na marra”, com muito estudo e algumas experiências ruins? Que tal poder escolher e reconfigurar nossas características e as das pessoas com quem convivemos?

Nosso imaginário é povoado por robôs, clones, artificios fantásticos, instrumentos poderosos e tecnologias sofisticadas que aparecem sob variadas formas nos enredos de diversos filmes. Metrópolis, Frankenstein, Blade Runner, Inteligência Artificial, Eu Robô e Matrix são alguns que se tornaram clássicos, pois foram marcantes para gerações e continuam sendo referidos e revisitados. De maneira geral, retratam como boas ideias podem ter desdobramentos imprevistos e indesejáveis. É o que acontece, por exemplo, nas narrativas utópicas que descrevem sociedades ideais, mas que se revelam sombrias e nada atraentes quando conhecidas de perto, como nos filmes 1984 ou Brazil.

Isto obviamente não invalida, nem deveria desestimular, os avanços do conhecimento. Pelo contrário! Juntamente com as dúvidas que essas histórias lançam sobre nossas certezas e expectativas, elas suscitam interrogações e recolocam questões fundamentais. Se a engenharia genética pode fazer as pessoas melhores, mais saudáveis, mais desejáveis, por que não seguir em frente? Quais seriam as implicações dessa seleção artificial?

Assistir e conversar sobre o filme GATTACA é uma boa forma de entrar nessa discussão. O nome da produção e do local onde se passa vem das letras com que representamos as seqüências do DNA (G, A, T, C). Mais precisamente, as iniciais das bases químicas dessas moléculas: Guanina, Adenina, Timina e Citosina. O filme retrata uma sociedade organizada e estratificada de forma racional, tomando como base o levantamento genético dos indivíduos. Aparentemente, uma forma de se aproveitar melhor, e para o bem comum, as características e o potencial de cada um. Acontece que um jovem, inconformado com o destino que seus genes “defeituosos” lhe reservara, falseia sua identidade genética para assumir a profissão com que sempre sonhara, a de espaçonauta. Boa parte da trama e do suspense do filme advém do fato de que sua verdadeira identidade biológica, inválida para aquela atividade, tinha que ser ocultada todo o tempo e com muita astúcia, pois a manutenção da ordem social se baseava em constantes escaneamentos genéticos. As situações enfrentadas pelo personagem nos levam a compartilhar sua percepção de injustiça, e torcer pela subversão ao sistema.

Bernardo Jefferson de Oliveira. Os avanços da genética nos filmes. pré-Univesp, edição 6, 15 dez. 2010. <www.univesp.br/nhospaper/060307>.

58 Unesp 2012 A personagem do conto de Loyola Brandão, em suas tentativas de demonstrar ao médico que seria bom eliminar a memória, apresenta, entre seus argumentos, no último parágrafo, um de ordem emocional, sentimental. Identifique esse argumento e justifique-o do ponto de vista da personagem.

59 Unesp 2012 Depois de comparar os dois textos, demonstre que, quanto à questão da memória, o homem do conto, que procura o médico, e o pesquisador Bernardo Jefferson de Oliveira manifestam opiniões bem distintas.

► Instrução: As questões de números **51** e **52** tomam por base uma crônica de Clarice Lispector (1925-1977) e uma passagem do *Manual do Roteiro*, do professor de Técnica do roteiro, consultor e conferencista Syd Field.

ESCREVER

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.

Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos.

Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros.

Clarice Lispector. A descoberta do mundo, 1999.

ESCREVENDO O ROTEIRO

Escrever um roteiro é um fenômeno espantoso, quase misterioso. Num dia você está com as coisas sob controle, no dia seguinte sob o controle delas, perdido em confusão e incerteza. Num dia tudo funciona, no outro não; ninguém sabe como ou por quê. É o processo criativo; que desafia análises; é mágica e maravilha.

Tudo o que foi dito ou registrado sobre a experiência de escrever desde o início dos tempos resume-se a uma coisa — escrever é sua experiência particular, pessoal. De ninguém mais.

Muita gente contribui para a feitura de um filme, mas o roteirista é a única pessoa que se senta e encara a folha de papel em branco.

Escrever é trabalho duro, uma tarefa cotidiana, de sentar-se diariamente diante de seu bloco de notas, máquina de escrever ou computador, colocando palavras no papel. Você tem que investir tempo.

Antes de começar a escrever, você tem que achar tempo para escrever.

Quantas horas por dia você precisa dedicar-se a escrever?

*Depende de você. Eu trabalho cerca de quatro horas por dia, cinco dias por semana. John Millius escreve uma hora por dia, sete dias por semana, entre 5 e 6 da tarde. Stirling Silliphant, que escreveu *The Towering Inferno* (*Inferno na Torre*), às vezes escreve 12 horas por dia. Paul Schrader trabalha com a história na cabeça por meses, contando-a para as pessoas até que ele a conheça completamente; então ele “pula na máquina” e a escreve em cerca de duas semanas. Depois ele gastará semanas polindo e consertando a história.*

Você precisa de duas a três horas por dia para escrever um roteiro.

Olhe para a sua agenda diária. Examine o seu tempo. Se você trabalha em horário integral, ou cuidando da casa e da família, seu tempo é limitado. Você terá que achar o melhor horário para escrever. Você é o tipo de pessoa que trabalha melhor pela manhã? Ou só vai acordar e ficar alerta no final da tarde? Tarde da noite pode ser um bom horário. Descubra.

Syd Field. Manual do roteiro, 1995.

51 Unesp 2013 Clarice Lispector coloca inicialmente o processo da criação literária como uma maldição. Em seguida, ressalva que é também uma salvação.

Com base no texto da crônica, explique como a autora resolve essa diferença de conceitos sobre a criação literária.

52 Unesp 2013 Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a "coisa" vem.

Explique, com base no primeiro parágrafo do texto *Escrevendo o roteiro*, se Syd Field concorda com esta afirmação de Clarice Lispector.

49 Unicamp 2014

Veja também em:

Interpretação de texto • Livro Único • Frente Única • Capítulo 6



A intervenção urbana acima reproduzida foi criada pelo Coletivo Transverso, um grupo envolvido com arte urbana e poesia, que afixou cartazes como esses em muros de uma grande cidade.

- Que outro texto está referido em "SEGURO MORREU DE TEDIO"?
- A relação entre os dois textos – o do cartaz e aquele a que ele remete – é importante para a interpretação dessa intervenção urbana? Justifique sua resposta.

► A questão de número 50 focaliza uma passagem de um livro do astrônomo, escritor e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996).

NÃO EXISTEM PERGUNTAS IMBECIS

À exceção das crianças (que não sabem o suficiente para deixar de fazer as perguntas importantes), poucos de nós passam muito tempo pensando por que a Natureza é como é; de onde veio o Cosmos, ou se ele sempre existiu; se o tempo vai um dia voltar atrás, e os efeitos vão preceder as causas; ou se há limites elementares para o que os humanos podem conhecer. Há até crianças, e eu conheci algumas delas, que desejam saber como é um buraco negro; qual é o menor pedaço de matéria; por que nos lembramos do passado, mas não do futuro; e por que há um Universo.

De vez em quando, tenho a sorte de lecionar num jardim de infância ou numa classe do primeiro ano primário. Muitas dessas crianças são cientistas natos – embora tenham mais desenvolvido o lado da admiração que o do ceticismo. São curiosas, intelectualmente vigorosas. Perguntas provocadoras e perspicazes saem delas aos borbotões. Demonstrem enorme entusiasmo. Sempre recebo uma série de perguntas encadeadas. Elas nunca ouviram falar da noção de "perguntas imbecis".

Mas, quando falo a estudantes do último ano do secundário, encontro algo diferente. Eles memorizam os "fatos". Porém, de modo geral, a alegria da descoberta, a vida por trás desses fatos, se extinguiu em suas mentes. Perderam grande parte da admiração e ganharam muito pouco ceticismo. Ficam preocupados com a possibilidade de fazer perguntas "imbecis"; estão dispostos a aceitar respostas inadequadas; não fazem perguntas encadeadas; a sala fica inundada de olhares de esguelha para verificar, a cada segundo, se eles têm a aprovação de seus pares. Vêm para a aula com as perguntas escritas em pedaços de papel que sub-repticiamente examinam, esperando a sua vez, e sem prestar atenção à discussão em que seus colegas estão envolvidos naquele momento.

Algo aconteceu entre o primeiro ano primário e o último ano secundário, e não foi apenas a puberdade. Eu diria que é, em parte, a pressão dos pares para não se sobressair (exceto nos esportes); em parte, o fato de a sociedade ensinar gratificações a curto prazo; em parte, a impressão de que a ciência e a matemática não vão dar a ninguém um carro esporte; em parte, que tão pouco seja esperado dos estudantes; e, em parte, que haja poucas recompensas ou modelos de papéis para uma discussão inteligente sobre ciência e tecnologia – ou até para o aprendizado em si mesmo. Os poucos que continuam interessados são difamados como nerds, geeks ou grinds.*

*Gírias norte-americanas para designar pessoas chatas, desinteressantes, esquisitas e, nesse caso, estudantes muito aplicados.

(Carl Sagan. O mundo assombrado pelos demônios, 1997.)

50 Unesp 2014 No excerto apresentado, Carl Sagan, tomando por base sua época e seu país e referindo-se a crianças dos primeiros anos escolares e a estudantes do último ano do ensino médio, detecta uma diferença significativa quanto à vontade e à satisfação de fazer perguntas ao professor. Indique essa diferença.

47 Unicamp 2015 O circo não é mais o mesmo, respeitável público. A tradição do picadeiro itinerante, da arte hereditária, vem se transformando. Uma das grandes mudanças foi a partir da segunda metade do século XX, quando os próprios artistas, preocupados com as exigências da educação formal de seus filhos, decidiram fixar residência. Muitos reduziram as viagens, mandaram as crianças para a casa de parentes e para uma escola fixa e assumiram um novo modo de vida. O circo não é mais o mesmo: encontrou outros modos de organizar-se, muito além da lona. Ocupa espaços nunca antes imaginados, como academias, projetos sociais, oficinas culturais e até hospitais.

No Brasil, grande parte dessa transformação se deve aos próprios artistas que, preocupados ainda com a continuidade da arte circense, participaram da criação de escolas para a formação das novas gerações. Escolas e cursos abertos a quem se interessasse. De fato "os próprios artistas foram abrindo o ambiente para outras pessoas e facilitando esta via de mão dupla. O 'circo novo' de hoje estabelece-se a partir desta relação com o novo sujeito histórico", afirma Rodrigo Mallet Duprat, autor da tese *Realidades e particularidades da formação do profissional circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior*.

Rodrigo investigou a formação do profissional de circo no Brasil, na Bélgica, na França e na Espanha. O objetivo do trabalho foi entender a pluralidade da formação do profissional de circo de hoje bem como sua atuação em outros âmbitos, para além do artístico/profissional. A pesquisa foi desenvolvida no programa de pós-graduação em Educação Física, na área de concentração Educação Física e Sociedade.

Rodrigo entende que atualmente a atividade é exercida por diferentes profissionais como professores de teatro, artes ou educação física. A tese propõe formação continuada a fim de habilitar o profissional de circo para atuar em todos os âmbitos, inclusive naqueles que ganharam maior espaço no Brasil nas últimas décadas, como os projetos de circo social. "Há, no mercado, profissionais híbridos, oriundos de várias áreas de formação, inclusive no circo familiar. Mas, como falta um curso superior, muitos artistas que começaram nas artes circenses vão para outras áreas do conhecimento como ciências sociais, dança, teatro, educação física, história... É até bom existir essa amplitude só que aquele profissional poderia ter a possibilidade de se formar, fazer um curso superior de artes do circo", defende o autor da tese.

(Adaptado de Patrícia Lauvetti, "Tem diploma no circo", *Jornal da Unicamp*, no. 607, 22/09/2014, p. 12.)

- Em um texto jornalístico, usam-se fontes fidedignas para dar credibilidade às informações. Aponte os tipos de fontes usados no texto acima e dê dois exemplos de discurso reportado que as identificam.
- Com base nas informações do texto, descreva o profissional do circo e sua formação nos dias atuais.

✓ A questão de número 48 toma por base um poema de Luiz Gama (1830-1882), poeta, jornalista e líder abolicionista brasileiro, nascido livre e vendido como escravo pelo próprio pai, e um excerto da narrativa *Doze anos de escravidão*, de Solomon Northup (1808-1863), homem livre sequestrado em Washington em 1841 e submetido à escravidão em fazendas da Louisiana, livro que serviu de base ao roteiro do filme *12 anos de escravidão*, dirigido por Steve McQueen.

NO CEMITÉRIO DE S. BENEDITO

Em lúgubre recinto escuro e frio,
Onde reina o silêncio aos mortos dado,
Entre quatro paredes descoradas,
Que o caprichoso luxo não adorna,
5 Jaz da terra coberto humano corpo,
que escravo sucumbiu, livre nascendo!
Das hóridas cadeias desprendido,
Que só forjam sacrílegos tiranos,
Dorme o sono feliz da eternidade.

10 Não cercam a morada lutuosa
Os salgueiros, os fúnebres ciprestes,
Nem lhe guarda os umbrais da sepultura
Pesada laje de espartano mármore,
Somente levantado em quadro negro
15 Epitáfio se lê, que impõe silêncio!
— Descansam neste lar caliginoso¹
O mísero cativo, o desgraçado!...

Aqui não vem rasteira a vil lisonja
Os feitos decantar da tirania,
20 Nem ofuscando a luz da sã verdade
Eleva o crime, perpetua a infâmia.

Aqui não se ergue altar ou trono d'buro
Ao torpe mercador de carne humana.

Aqui se curva o filho respeitoso

25 Ante a lousa materna, e o pranto em fio
Cai-lhe dos olhos revelando mudo
A história do passado. Aqui nas sombras
Da funda escuridão do horror eterno,
Dos braços de uma cruz pende o mistério,

30 Faz-se o cetro² bordão³, andrajo a túnica,
Mendigo o rei, o potentado⁴ escravo!

(Primeiras trovos burlescos e outros poemas, 2000.)

¹caliginoso: muito escuro, tenebroso.

²cetro: bastão de comando usado pelos reis.

³bordão: cajado grosso usado como apoio ao caminhar.

⁴potentado: pessoa muito rica e poderosa.

DOZE ANOS DE ESCRAVIDÃO

Houvera momentos em minha infeliz vida, muitos, em que o vislumbre da morte como o fim de sofrimentos terrenos – do túmulo como um local de descanso para um corpo cansado e alquebrado – tinha sido agradável de imaginar. Mas tal contemplação desaparece na hora do perigo. Nenhum homem, em posse de suas forças, consegue ficar imperturbável na presença do "rei dos horrores". A vida é cara a qualquer coisa viva; o verme rastejante lutará por ela. Naquele momento, era cara para mim, escravizado e tratado tal como eu era.

Sem conseguir livrar a mão dele, novamente o peguei pelo pescoço e dessa vez com uma empunhadura medonha que logo o fez afrouxar a mão. Tibeats ficou enfraquecido e desmobilizado. Seu rosto, que estivera branco de paixão, estava agora preto de asfixia. Aqueles olhos miúdos de serpente que exalavam tanto veneno estavam agora cheios de horror – duas órbitas brancas precipitando-se para fora.

Havia um "demônio à espreita" em meu coração que me instava a matar o maldito cão naquele instante – a manter a pressão em seu odioso pescoço até que o sopro de vida se fosse! Não ousava assassiná-lo, mas não ousava deixá-lo viver. Se eu o matasse, minha vida teria de pagar pelo crime – se ele vivesse, apenas minha vida satisfaria sua sede de vingança. Uma voz lá dentro me dizia para fugir. Ser um andarião nos pântanos, um fugitivo e um vagabundo sobre a Terra, era preferível à vida que eu estava levando.

(Doze anos de escravidão, 2014.)

48 Unesp 2015 No último parágrafo do excerto, explique por que o raciocínio de Solomon durante a luta contra Tibeats, um de seus proprietários, corresponde a um dilema.

► Examine este anúncio de uma instituição financeira, cujo nome foi substituído por X, para responder à questão 36.



Valor Setorial, junho de 2016. Adaptado.

36 Fuvest 2016 Compare os diversos elementos que compõem o anúncio e atenda ao que se pede.

- Considerando o contexto do anúncio, existe alguma relação de sentido entre a imagem e o slogan "É DIFERENTE QUANDO VOCÊ CONHECE"? Explique.
- A inclusão, no anúncio, dos ícones e algarismos que precedem o texto escrito tem alguma finalidade comunicativa? Explique.

21 Unicamp 2017

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 13

Leia o texto a seguir e responda às questões.

Os anos correm entre um século e outro, mas os problemas permanecem os mesmos para os kalungas. Quilombolas** que há mais de 200 anos encontraram lar entre os muros de pedra da Chapada dos Veadeiros, na região norte do Estado de Goiás, os kalungas ainda vivem com pouca ou quase nenhuma infraestrutura. De todos os abusos sofridos até hoje, um em particular deixa essa comunidade em carne viva: os silenciosos casos de violência sexual contra meninas. Entretanto, passado o afã das denúncias de abuso sexual que figuraram em grandes reportagens da imprensa nacional em abril do ano passado, a comunidade retornou ao seu curso natural. E assim os kalungas continuam a viver no esquecimento, no abandono e, principalmente, no medo. As vítimas não viram seus algozes punidos. O silêncio prevalece e grita alto naquelas que se arriscaram a mostrar suas feridas. O sentimento é o de ter se exposto em vão.*

Adaptado de Jéssica Raphaela e Camilo Silva, O silêncio atrás da serra. Revista Azmína. Disponível em: <<http://azmina.com.br/secao/osilencio-atras-da-serra/>>. Acesso em: 3 out. 2016.

* Kalungas: habitantes da comunidade do quilombo Kalunga, maior território quilombola do país.

** Quilombolas: termo atribuído aos "remanescentes de quilombos". Atualmente, há no Brasil cerca de 2.600 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural dos Palmares.

- Identifique no texto dois motivos para o sofrimento histórico vivido pela comunidade quilombola Kalunga.
- No final do texto há uma figura de linguagem conhecida como paradoxo. Quais termos são utilizados para se obter esse efeito de sentido?

14 Fuvest 2018 Examine a propaganda.

Veja também em:

Português - Livro 3 - Frente 1 - Capítulo 16



tse.jus.br. Adaptado

- Considerando o contexto da propaganda, existe alguma relação de sentido entre a imagem estilizada dos dedos e as palavras "digital" e "diferença"? Explique.
- Sem alterar o modo verbal, reescreva o trecho "Venha para a biometria. Cadastre suas digitais.", passando os verbos para a primeira pessoa do plural e fazendo as modificações necessárias.

15 Fuvest 2018 Leia o texto e responda ao que se pede.

Veja também em:

Português - Livro 1 - Frente 1 - Capítulo 1

DA IDADE

Não posso aprovar a maneira por que entendemos a duração da vida. Vejo que os filósofos lhe assinam um limite bem menor do que o fazemos comumente. (...) Os [homens] que falam de uma certa duração normal da vida, estabelecem-na pouco além. Tais ideias seriam admissíveis se existisse algum privilégio capaz de os colocar fora do alcance dos acidentes, tão numerosos, a que estamos todos expostos e que podem interromper essa duração com que nos acenam. E é pura fantasia imaginar que podemos morrer de esgotamento em virtude de uma extrema velhice, e assim fixar a duração da vida, pois esse gênero de morte é o mais raro de todos. E a isso chamamos morte natural como se fosse contrário à natureza um homem quebrar a cabeça numa queda, afogar-se em algum naufrágio, morrer de peste ou de pleurisia; como se na vida comum não esbarrássemos a todo instante com esses acidentes. Não nos iludamos com belas palavras; não denominemos natural o que é apenas exceção e guardemos o qualificativo para o comum, o geral, o universal.*

Morrer de velhice é coisa que se vê raramente, singular e extraordinária e portanto menos natural do que qualquer outra. É a morte que nos espera ao fim da existência, e quanto mais longe de nós menos direito temos de a esperar.

Michel de Montaigne, *Êssaios*. Editora 34. Trad. de Sérgio Millet.

*assinar: fixar, indicar.

- No texto, o autor retifica o que corriqueiramente se entende por "morte natural"? Justifique.
- A que palavra ou expressão se referem, respectivamente, os pronomes destacados no trecho "Vejo que os filósofos lhe assinam um limite bem menor do que o fazemos comumente"?

▶ Leia o trecho inicial do artigo "Artifícios da inteligência", do físico brasileiro Marcelo Gleiser (1959-), para responder à questão 16.

Considere a seguinte situação: você acorda atrasado para o trabalho e, na pressa, esquece o celular em casa. Só quando engavetado no tráfego ou amassado no metrô você se dá conta. E agora é tarde para voltar. Olhando em volta, você vê pessoas com celular em punho conversando, mandando mensagens, navegando na internet. Aos poucos, você vai sendo possuído por uma sensação de perda, de desconexão. Sem o seu celular, você não é mais você.

A junção do humano com a máquina é conhecida como "transumanismo". Tema de vários livros e filmes de ficção científica, hoje é um tópico essencial na pesquisa de muitos cientistas e filósofos. A questão que nos interessa aqui é até que ponto essa junção pode ocorrer e o que isso significa para o futuro da nossa espécie.

Será que, ao inventarmos tecnologias que nos permitam ampliar nossas capacidades físicas e mentais, ou mesmo máquinas pensantes, estaremos decretando nosso próprio fim? Será esse nosso destino evolucionário, criar uma nova espécie além do humano?

É bom começar distinguindo tecnologias transumanas daquelas que são apenas corretivas, como óculos ou aparelhos para surdez. Tecnologias corretivas não têm como função ampliar nossa capacidade cognitiva: só regularizam alguma deficiência existente.

A diferença ocorre quando uma tecnologia não apenas corrige uma deficiência como leva seu portador a um novo patamar, além da capacidade normal da espécie humana. Por exemplo, braços robóticos que permitem que uma pessoa levante 300 quilos, ou óculos com lentes que dotam o usuário de visão no infravermelho. No caso de atletas com deficiência física, a questão se torna bem interessante: a partir de que ponto uma prótese como uma perna artificial de fibra de carbono cria condições além da capacidade humana? Nesse caso, será que é justo que esses atletas compitam com humanos sem próteses?

Poderia parecer que esse tipo de hibridização entre tecnologia e biologia é coisa de um futuro distante. Ledo engano. Como no caso do celular, está acontecendo agora. Estamos redefinindo a espécie humana através da interação – na maior parte ainda externa – com tecnologias que ampliam nossa capacidade.

Sem nossos aparelhos digitais – celulares, tablets, laptops – já não somos os mesmos. Criamos personalidades virtuais, ativas apenas na internet, outros eus que interagem em redes sociais com selfies arranjados para impressionar; criações remotas, onipresentes. Cientistas e engenheiros usam computadores para ampliar sua habilidade cerebral, enfrentando problemas que, há apenas algumas décadas, eram considerados impossíveis. Como resultado, a cada dia surgem questões que antes nem podíamos contemplar.

(Fóia de S.Paulo, 01.02.2015. Adaptado.)

16 Unesp 2018

- Para o físico Marcelo Gleiser, o que distingue as tecnologias transumanas daquelas apenas corretivas? Justifique sua resposta.
- Cite dois termos empregados em sentido figurado no primeiro parágrafo do artigo.

17 Unicamp 2018

Canção é tudo aquilo que se canta com inflexão melódica (ou entoativa) e letra. Há um "artesanato" específico para privilegiar ora a força entoativa da palavra ora a forma musical; nem só poesia nem só música. Um dos equívocos dos nossos dias é justamente dizer que a canção tende a acabar porque vem perdendo terreno para o rap! Ora, nada é mais radical como canção do que uma fala que conserva a entoação crua. A fala no rap é entoada com certa regularidade rítmica, o que a torna diferente de uma fala usual. Apesar de convivermos hoje "com uma diversidade cancional jamais vista", prevalece na mídia, nos meios cultural e musical "a opinião uniforme de que estamos mergulhados num 'lixo' de produção viciada e desinteressante". Vivemos uma descentralização, com eventos musicais ricos e variados, "e a força do talento desses novos cancionistas também não diminuiu".

O rap serve-se da entoação quase pura, para transmitir informações verbais, normalmente intensas, sem perder os traços musicais da linguagem da canção. Seu formato, menos música mais fala, é ideal para se fazer pronunciamentos, manifestações, revelações, denúncias, etc., sem que se abandone a seara cancional. Podemos dizer que o trabalho musical, no rap, é para restabelecer as balizas sonoras do canto, mas nunca para perder a concretude da linguagem oral ou conter a crueza e o peso de seus significados pessoais e sociais. Atenuar a musicalização é reconhecer que as melodias cantadas comportam figuras entoativas (modos de dizer) que precisam ser reveladas por suas letras.

(Adaptado de Luiz Tatit. Artigos disponíveis em: <http://www.luiztatit.com.br/artigos/artigo?id=29/>
Cancionistas-1rn6%3%AADvds.html e <http://www.scielo.br/pdf/rlib/n59/0020-3874-rlib-59-00369.pdf>.
Acessados em 11/12/2017.)

A partir da leitura dos textos acima,

- aponte dois argumentos de Luiz Tatit que defendem a ideia de que o rap é um tipo de canção.
- cite duas características, apresentadas nos textos, que corroboram que o rap é uma forma ideal de "canção de protesto".

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Gabarito - Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 7

60. a) O verso que melhor ilustra o comentário é "Espaçonaves, guerrilhas", pois tal enumeração figurativa remete ao contexto histórico de engajamento político ("guerrilhas" referindo-se à insurreição contra os regimes autoritários que, no Brasil, diz respeito aos movimentos armados de resistência à ditadura militar) e de avanços na tecnologia, tendo como ícone a "espaçonave".
- b) São muitos os versos que poderiam representar a fragmentação do mundo exposta por Jurandir Freire Costa. A canção inteira é construída de modo a enumerar diversas figuras concentradoras de referência ao contexto histórico-social da época. Desse modo, imagens como "crime", "espaçonaves", "guerrilhas", "presidentes", "beijos de amor", "bandeiras", "coca-cola" e "Brigitte Bardot" pincelam a música de fragmentos do mundo. No entanto, os versos que melhor concentram a fragmentação seriam "Em dentes, pernas, bandeiras" ou "Bomba e Brigitte Bardot". Em ambos, a complexidade política, social e econômica da época é reforçada, pois conjugam figuras distantes entre si. "Dentes" e "pernas" são metonímias do corpo humano, da sensualidade de homens e mulheres; "bandeiras" e "bombas" também são metonímias de diferentes ideologias políticas, do embate entre nações e da Guerra Fria; Brigitte Bardot, ainda, além de também se referir à sensualidade, remete também à cultura do entretenimento e das celebridades. Portanto, os dois versos poderiam ser considerados como adequados para se responder ao item.
61. Podemos observar que os dois poetas Vicente de Carvalho e Fernando Pessoa buscam de maneira alegórica, ou figurada, a felicidade. De um lado, temos em Vicente de Carvalho o retorno ao mito grego no qual ele fala do "pomo dourado", citando "a árvore milagrosa, que sonhamos/Toda arreada de dourados pomos". É a busca do que não temos no momento, que está mais além, em um plano quase inatingível a nós. Por outro lado, Fernando Pessoa se volta ao *carpe diem*. O poema de Pessoa mostra que a felicidade não está em "coisas metafóricas", mas sim dentro de nós: "É em nós que é tudo. É ali, ali/Que a vida é jovem e o amor sorri". Assim, Pessoa procura destacar a importância do tempo presente.
62. Podemos observar na poesia de Vicente de Carvalho que a felicidade está em um plano no qual não podemos atingi-la. Temos, sim, como objetivo alcançá-la. E isto fica claro no final do poema: "Existe sim, mas nós não a alcançamos/Porque está sempre apenas onde a pomos/E nunca a pomos onde nós estamos".
- Na poesia de Fernando Pessoa, encontramos a possibilidade de se ter a sua idealização, mas não significa que vamos alcançá-la. No trecho: "É em nós que é tudo", podemos perceber que a felicidade estava no "já", no momento presente, e não em um lugar que não fosse possível alcançá-la, porque se sentíssemos "realizados", de certo modo, a teríamos alcançado.
63. Verificamos nos versos de Pessoa, "Ah, nessa terra também, também/O mal não cessa, não dura o bem", que o "também", de maneira repetida, significa que tanto em uma quanto na outra terra (a dos sonhos ou a da realidade) vive uma forma de pessimismo com relação à vida.
64. Verificamos que tanto Vicente de Carvalho quanto Fernando Pessoa utilizam a palavra "sonho" no sentido de uma busca de felicidade humana, que nunca se realiza. Para o primeiro, "hora feliz, sempre adiada/E que não chega nunca em toda a vida". Para Pessoa, "a vida é jovem e o amor sorri".
55. a) A razão está associada a "uma das principais discussões relativas à internet: a privacidade", isto é, o fato de o internauta ter sua intimidade descoberta.
- b) Evita-se o estrangeirismo quando há palavras equivalentes na língua em que se fala; assim, poderíamos substituir "privacidade" por "intimidade".
56. a) A característica a que se refere a propaganda é o fato de beber menos e andar mais, entendida como economia de combustível (campo semântico do automóvel) e como diminuição no consumo de álcool e aumento de exercício físico (campo semântico da saúde). A enunciação criou uma ambiguidade em torno da expressão "anda mais" e "bebe menos" para criar efeito de sentido, tornando o texto mais atraente, e, ao mesmo tempo, para mostrar-se preocupado com uma vida saudável (valor agregado que funciona como elemento persuasivo na propaganda).
- b) A enunciação do texto criou recurso expressivo denominado quiasmo (inversão do tipo ab x ba), o qual cria efeito de sentido; em "ele cabe na sua vida", topicaliza-se na função sujeito o pronome "ele", o qual substitui carro, o ser enfatizado (cabe porque é econômico). Em "sua vida cabe nele", o substantivo "vida" torna-se o sujeito da oração e o pronome "ele" passa a fazer parte do predicado; nessa frase, a vida do consumidor passa a ser a ênfase, isto é, as necessidades e as expectativas do consumidor estão em consonância com o que o carro oferece.
57. a) O substantivo "pobreza" associa-se à expressão "pobreza absoluta" (pessoas que possuem rendimento médio domiciliar *per capita* de até meio-salário mínimo mensal); já o substantivo "miséria" refere-se à expressão "pobreza extrema" (pessoas que possuem rendimento médio domiciliar *per capita* de até um quarto de salário mínimo mensal).
- b) Na charge, o fato de a linha não estar visível deixa implícita a ideia de que não há diferença entre os dois estados; em ambos, o ser humano vive de forma indigna.
58. O argumento da personagem consiste no fato de que, não havendo memória, não existiriam as lembranças boas ou ruins, as quais impediriam a personagem de desfrutar o presente; ao citar o café da manhã, a personagem procura passar a ideia de que o presente não depende do passado, bom ou ruim. Em relação aos compromissos, a lembrança seria substituída por uma agenda, visto que esta é o suficiente para o desejado.
59. No conto de Ignácio de Loyola Brandão, o personagem apresenta uma opinião negativa com relação à memória, fato explicitado pela ideia da eliminação do passado, pois este causa "neurose" e que "seria muito melhor para os homens" viver sem lembranças guardadas no cérebro, basta uma agenda. Diferentemente, no texto de Bernardo Jefferson de Oliveira, a ideia defendida é acerca dos benefícios da memória explicitados no trecho seguinte: "Não seria uma maravilha se pudessemos implantar ou fazer um *download* de memórias e conhecimentos que nos dispensassem de ter que aprender 'na marra', com muito estudo e algumas experiências ruins?". Ou seja, o autor valoriza as experiências e estudos oriundos do passado e ainda elabora a ideia de um facilitador em nossas vidas por meio do uso da ciência em benefício dos homens, no sentido destes terem algum tipo de tecnologia (*download*) capaz de guardar o passado para ser utilizado de maneira proveitosa.

51. Segundo Clarice Lispector, escrever é uma "maldição" porque se confunde com um processo de possessão, ou seja, o indivíduo que se vê assaltado pelo desejo de transformar a própria experiência em relato perde o controle sobre o próprio desejo. No entanto, durante o processo de elaboração da escrita, os mais diferentes aspectos da existência cotidiana, que parecem periclitantes ou destituídos de sentido, passam a encontrar uma significação, ainda que precária. Desta forma, escrever é, paradoxalmente, uma "maldição" e uma "salvação". Nas palavras da autora de *A paixão segundo G. H.*: "Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros".
52. Levando-se em consideração apenas o primeiro parágrafo do texto *Escrevendo o roteiro*, pode-se afirmar que Syd Field concorda com a proposição da escritora brasileira, pois segundo ele a experiência da escritura também se aproxima do "misterioso" e do "mágico", ou seja, possui uma natureza encantatória em que "Num dia você está com as coisas sob controle, no dia seguinte sob o controle delas,..."
49. a) O texto do cartaz remete ao provérbio "O seguro morreu de velho".
b) Sim, a relação entre os dois textos é importante para a interpretação dessa intervenção urbana, pois o cartaz estabelece uma relação intertextual que visa a polemizar com o conhecido provérbio, fazendo com que o leitor reflita acerca da conflituosa relação dialógica segurança versus tédio.
50. A principal diferença em questão para Carl Sagan – o fato de os alunos do primário e os alunos mais velhos agirem de maneiras opostas com relação às perguntas e a diminuição significativa da curiosidade e da admiração diante do conhecimento – não se explica somente pelo desenvolvimento psicofísico que leva da infância à adolescência ("algo aconteceu, e não foi apenas a puberdade"); ela se explica antes por causas sociais, os alunos do Ensino Médio perdem parte da curiosidade, preocupam-se com as perguntas consideradas "imbecis" e acabam por fazer perguntas mais planejadas e previsíveis. Destas, ele menciona "a pressão dos pares" para que os estudantes não se sobressaiam intelectualmente, a expectativa socialmente reforçada de "gratificações a curto prazo", o modesto valor social (em termos financeiros) que tem o saber ("a ciência e a matemática não vão dar a ninguém um carro esporte"), a baixa expectativa a respeito do desempenho dos estudantes e as poucas recompensas reservadas aos que se destacam pela curiosidade, pela inteligência e pelo aprendizado.
47. a) O artigo de Patrícia Lauretti faz basicamente uso do argumento de autoridade, quando se usa um especialista para dar o seu ponto de vista sobre o assunto. No caso, Lauretti recorre a uma tese (*"Realidades e particularidades da formação do profissional circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior"*) e a seu respectivo autor para corroborar suas informações no artigo. Para tanto, recorre ao discurso direto, como ocorre, por exemplo, no segundo parágrafo ("[...] O 'circo novo' de hoje estabelece-se a partir desta relação com o novo sujeito histórico", afirma Rodrigo Mallet Duprat), e ao discurso indireto, como ocorre, por exemplo, no último parágrafo ("Rodrigo entende que atualmente a atividade é exercida por diferentes profissionais como professores de teatro, artes ou educação física").
b) O profissional do circo, hoje, contempla diferentes áreas, que não mais aquela, reduzida apenas ao picadeiro e ao circo familiar. Atualmente, o profissional do circo abrange professores de teatro, de artes e de educação física. Por isso a formação desse profissional é bastante plural, e sua atuação vai além do artístico e do profissional.
48. Solomon se vê em um dilema (alternativa em que não há opção satisfatória) durante a luta contra Tibbeats, uma vez que não conseguia resolver o que, de fato, deveria fazer, pois não ousava assassiná-lo, mas não ousava deixá-lo viver. Se ele o matasse, sua vida teria de pagar pelo crime – se ele (Tibbeats) vivesse, apenas a vida de Solomon satisfaria sua sede de vingança.
36. a) Entre a imagem e o slogan do anúncio há uma relação de complementação do sentido verbal. A pegada marcada na terra é usada como argumento de proximidade, uma vez que ela atesta a presença do anunciador no campo de soja (local em que são realizadas as atividades comerciais dos clientes). Por meio do dispositivo visual, portanto, o anunciador afirma ser preparado para prestar serviços, pois conhece de forma prática os negócios de seus clientes.
b) Ao empregar os ícones e algarismos que antecedem o texto escrito, o anunciador pretende criar valor argumentativo no discurso. Isso ocorre porque, na linguagem visual, os ícones representam um mecanismo de marcação e indicação de localização territorial. Além disso, por meio da linguagem matemática, os algarismos representam uma sequência de coordenadas geográficas. Com isso, os dois recursos contribuem para a validação da afirmação principal do anúncio: as coordenadas geográficas indicam uma localização precisa, inequívoca, assim como é o conhecimento do anunciante em relação às necessidades de seus clientes.
21. a) De acordo com o texto, a comunidade do quilombo Kalunga tem sofrido historicamente com problemas acentuados pelo abandono. Entre eles, é possível citar um problema de ordem estrutural, como se observa no trecho "pouca ou quase nenhuma infraestrutura", e outro de ordem social, verificado nos trechos "silenciosos casos de violência sexual contra meninas" e "As vítimas não viram seus algozes punidos".
b) O paradoxo é um recurso expressivo que consiste na aproximação de ideias contraditórias, as quais produzem, usualmente, um sentido de aparente incoerência. Assim, é possível observar o emprego dessa figura de linguagem no penúltimo período do texto ("O silêncio prevalece e grita alto naquelas que se arriscaram a mostrar suas feridas"), estruturada na oposição entre as palavras "silêncio" e "grita".
14. a) Considerando o contexto da propaganda, entre a imagem estilizada dos dedos e as palavras "digital" e "diferença" há uma relação de reiteração. Isso ocorre porque, no texto visual, há a disposição principal de quatro dedos caracterizados como pessoas singulares, distintas em gênero, idade e traços físicos. Além disso, o texto verbal trabalha com os vocábulos "digital", para aludir à impressão digital relacionada à biometria, e "diferença", para aludir à capacidade da biometria de verificação da identidade de uma pessoa. Dessa forma, a imagem ilustra o texto verbal, ratificando o sentido pretendido na propaganda.
b) A reescrita do trecho "Venha para a biometria. Cadastre suas digitais", de acordo com as instruções dispostas no enunciado desta questão, é: "Venhamos para a biometria. Cadastremos nossas digitais". Na reescrita, houve a preservação do modo imperativo e a substituição da segunda pessoa do singular pela primeira pessoa do plural. A única modificação necessária para que houvesse preservação do sentido do anúncio e de seu propósito foi a substituição do pronome "suas" pelo pronome "nossas".
15. a) No texto, o autor retifica o que se entende por "morte natural", uma vez que o desenvolvimento de seu raciocínio contrapõe o sentido usualmente empregado nessa expressão. Essa contraposição pode ser percebida a partir dos dois últimos períodos do primeiro parágrafo, pois neles Montaigne postula a ideia de que é pouco usual uma pessoa falecer devido à idade avançada, sendo muito mais comum verificar-se a *causa mortis* relacionada a "quebrar a cabeça numa queda, afogar-se em algum naufrágio, morrer de peste ou de pleurisia". Além disso, o autor defende, no último parágrafo do texto, a noção de que a morte por velhice, por ser extraordinária, não deve ser entendida como natural, e sim como uma exceção. Dessa forma, é possível observar uma contraposição a essa expressão comumente aceita e difundida.
b) O pronome "lhe", na oração indicada, cumpre função remissiva para a expressão "duração da vida". De forma semelhante, o pronome "o", indicado na mesma oração, também desempenha função de retomada, nesse caso, para o vocábulo "limite".

16. a) Para o físico, tecnologias corretivas apenas regularizam alguma deficiência existente, por exemplo, óculos e aparelhos de surdez; enquanto a tecnologia transumana não somente corrige mas eleva "seu portador a um novo patamar", ou seja, seu portador adquire capacidade além da normal, como "braços robóticos", "celulares", tablets, laptops.
- b) Trata-se dos vocábulos "engavetado" e "navegando". Uma vez que aquele, engavetado, atribui o valor metafórico de "preso no trânsito", como se estivesse preso em uma gaveta, e este, navegando, expressa sentido também metafórico de ir de uma página da internet à outra.
17. a) Para o professor e pesquisador Luiz Tatit, uma canção deve ser considerada uma manifestação artística que compreende "inflexão melódica e letra", ou seja, a entonação das palavras e sua musicalidade. Essa definição se aplica ao rap, na medida em que, para o professor, sua produção vale-se da "entonação quase pura" das palavras, apresentando, também, "traços musicais". Além disso, Tatit destaca o valor que a palavra assume na composição do rap, uma vez que ela é o vetor na produção de sentido crítico desse estilo, "sem que se abandone a seara cancionista". Dessa forma, o autor classifica o rap como canção, porque as letras dessa manifestação sonora são dotadas tanto de cuidado estético na enunciação das palavras quanto de preparo na musicalidade produzida.
- b) De acordo com a opinião defendida pelo pesquisador Luiz Tatit, o rap deve ser considerado uma excepcional manifestação artística de protesto, porque valoriza "os modos de dizer" acerca de figuras expressas nas letras. Essa tese é defendida inicialmente quando o professor afirma que o formato do rap, "menos música mais fala", pode ser considerado "ideal para se fazer pronunciamentos", uma vez que destaca a entonação da letra, sem que desvalorize a produção da musicalidade. Tal sentido é desenvolvido, também, pelo fato de que o arranjo musical procura "reestabelecer as balizas sonoras do canto", ao mesmo tempo em que não prejudica o destaque dado à importância dos significados pretendidos pelas letras da canção. Assim, o autor defende a ideia de que essas duas características de composição do rap o tornam uma "canção de protesto".

- a) Aponte a relação de sentido que existe entre a mensagem verbal e a imagem.
- b) Forme uma frase correta e coerente com base em um verbo derivado da palavra "burocracia".
- c) "Estar com os dias contados" é uma das dezenas de locuções formadas a partir do substantivo "dia". Crie uma frase em que apareça uma dessas locuções (sem repetir, é claro, a locução utilizada na propaganda acima).

67

Unicamp 2014

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 7



- a) Os infográficos apresentam informações de forma sintética, utilizando imagens, cores, organização gráfica, etc. Indique dois exemplos, do infográfico reproduzido acima, em que a informação é apresentada por meio de linguagem não verbal.
- b) Considerando o veículo em que foi publicado, a revista *Planeta Sustentável*, qual é a finalidade desse infográfico?

66 Fuvest 2015

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 10

Examine a seguinte matéria jornalística:

SEM-TETO USA TOPO DE PONTOS DE ÔNIBUS EM SP COMO CAMA

Às 9h desta segunda (17), ninguém dormia no ponto de ônibus da rua Augusta com a Caio Prado. Ninguém a não ser João Paulo Silva, 42, que chegava à oitava hora de sono em cima da parada de coletivos.



"Eu sempre durmo em cima desses pontos novos. É gostoso. O teto tem um vidro e uma tela embaixo, então não dá medo de que quebre. É só colocar um cobertor embaixo, pra ficar menos duro, e ninguém te incomoda", disse Silva depois de acordar e descer da estrutura. No dia, entretanto, ele estava sem a cobertura, "por causa do calor de matar".

Por não ter trabalho em local fixo ("Cato lata, ajudo numa empresa de carreto. Faço o que dá"), ele varia o local de pouso. "Às vezes é aqui no centro, já dormi em Pinheiros e até em Santana. Mas é sempre nos pontos, porque eu não vou dormir na rua".

www1.folha.uol.com.br/19/03/2014. Adaptado.

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 8

68 Fuvest 2011 Examine esta propaganda de uma empresa de certificação digital (mecanismo de segurança que garante autenticidade, confiabilidade e integridade às informações eletrônicas).



Folha de S.Paulo, 16 mar. 2010. (Adapt.).

- a) Qual é o efeito de sentido produzido pela associação dos elementos visuais e verbais presentes na imagem acima? Explique.
- b) O vocábulo "pra", presente nas declarações atribuídas a João Paulo Silva, é próprio da língua falada corrente e informal. Cite mais dois exemplos de elementos linguísticos com essa mesma característica, também presentes nessas declarações.

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Gabarito - Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 8

- 68. a) A oposição fundamental tanto do texto verbal como do texto visual é o antigo vs. o novo, a lentidão da burocracia, representada metonimicamente pela imagem do carimbo e pela palavra burocracia em estilo datilografado, em oposição à rapidez da modernidade, representada, também metonimicamente, pela tecla "delete" do teclado de um computador. O texto verbal "A burocracia está com os dias contados" tem o seu sentido reforçado no texto visual, pois, ao sobrepor a tecla "delete" ao carimbo, o enunciador sugere a "eliminação" da burocracia, ou seja, do sistema antigo, por meio de um comando simples de computador, ou seja, a velocidade da informatização.
 - b) As possibilidades são muitas. O candidato poderia formar qualquer frase com o verbo "burocratizar" ou "desburocratizar". Por exemplo, "É preciso desburocratizar o acesso aos direitos do consumidor."; "Burocratizar o sistema de ingresso do aluno à universidade desmotivará o aluno."
 - c) São muitas as locuções formadas com o substantivo "dia", entre elas, "a ordem do dia", "perder o dia", "ganhei o dia", "valer o dia", "dia a dia", "fazer o dia" etc. Exemplo: Receber a notícia de que meu filho havia passado no vestibular fez o meu dia!.
- 67. a) 1º exemplo: consumo de água em algumas regiões ou países do planeta é representada pelo nível de preenchimento de cada figura. 2º exemplo: a média ideal de consumo de água segundo a OMS é representada pela linha horizontal que transpassa todas as figuras.
 - b) Além de sintetizar informações por meio de linguagem não verbal, a finalidade do infográfico é a de chamar a atenção para o desequilíbrio que existe no consumo de água entre algumas regiões do planeta: um consumo excessivo em algumas regiões e outro abaixo da média ideal nos africanos da região subsaariana. Tal alerta é condizente com a publicação *Planeta Sustentável*.
- 66. a) Na imagem, há um homem, sem-teto, dormindo sobre um ponto de ônibus. Nesse ponto, há uma publicidade com o seguinte mote: "Conforto, segurança e beleza. Aqui, os benefícios não são passageiros". Associando esse mote à situação do sem-teto, tem-se nitidamente um efeito contrastante e contraditório, originando um **paradoxo**: não há conforto, segurança e beleza (muito menos benefícios) quando se dorme na rua (no caso, sobre um ponto de ônibus). Nesse sentido, o mote pode ser considerado **irônico** também, com a ressalva de que a ironia é produzida pelo contexto, ou seja, não foi a intenção do publicitário.
 - b) Outros exemplos de elementos linguísticos próprios da língua falada corrente e informal são: "calor de matar", "faço o que dá", oração sem sujeito como em "É só colocar um cobertor embaixo", emprego de pronome de segunda pessoa com valor genérico como em "ninguém **te** incomoda".

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 9

77 Fuvest 2011 É correto afirmar que os textos "a" e "b", a seguir, podem ser entendidos de maneira diferente da que pretendiam seus redatores? Justifique sua resposta separadamente para cada um dos textos.

TEXTO A

Alguns sonhos não mudam. Quer dizer, só de tamanho. (Propaganda de uma instituição bancária)

TEXTO B

A chuva tirou tudo o que eles tinham. Agora vamos dar o mínimo que eles precisam. (Campanha feita por estabelecimentos comerciais em prol de vítimas de enchente)

78 Fuvest 2011 Leia o seguinte texto.

Flagrado na Ilha de Caras, Fernando Pessoa disse que está bem mais leve depois que passou a ser um só.

*LISBOA – Em pronunciamento que pegou de surpresa o mercado editorial, o poeta e investidor Fernando Pessoa anunciou ontem a fusão dos seus heterônimos. Com o enxugamento, as marcas Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro passam a fazer parte da **holding*** Fernando Pessoa S.A. "É uma reengenharia", explicou o assessor e empresário Mário Sá-Cameiro. Pessoa confessou que a decisão foi tomada "de coração pesado": "Drummond sempre foi um só. A operação dele é enxuti-nha. Como competir?", indagou. O poeta chegou a pensar em terceirizar os heterônimos através de um **call-center**** em Goa, mas questões de gramática e semântica acabaram inviabilizando as negociações. "Eles não usam mesóclise", explicou Pessoa.*

<<http://www.revistaplaa.com.br>>. (Adapt.).

***Holding** (holding company): empresa criada para controlar outras empresas.
****Call-center**: central de atendimento telefônico.

- a) Esse texto tem apenas finalidade humorística ou comporta também finalidade crítica? Justifique sua resposta.
- b) Por que o "call-center" mencionado no texto seria localizado especificamente em Goa?

► Instrução: A questão de número **75** toma por base parte de um artigo de Bernardo Jefferson de Oliveira.

OS AVANÇOS DA GENÉTICA NOS FILMES

Uma boa forma de se pensar as possibilidades e riscos no avanço das ciências é se aventurar nas ficções literárias e cinematográficas. Enquanto os cientistas devem zelar para não fazer especulações infundadas, os autores de ficção tratam de dar asas à imaginação e projetar em histórias emocionantes as possíveis aplicações da ciência e alguns de seus efeitos inesperados.

A possibilidade de recriação da vida humana ou do controle que poderíamos ter sobre seus corpos e destinos são alguns dos grandes temas que há muito tempo vêm sendo explorados. O que seria de nossa vida se soubéssemos como prolongá-la indefinidamente? Como ficariam nossos corpos se pudéssemos transformá-los à vontade ou se conseguíssemos fabricar seres para nos substituírem nas tarefas duras e chatas? Não seria uma maravilha se pudéssemos implantar ou fazer um download de memórias e conhecimentos que nos dispensassem de ter que aprender "na marra", com muito estudo e algumas experiências ruins? Que tal poder escolher e reconfigurar nossas características e as das pessoas com quem convivemos?

Nosso imaginário é povoado por robôs, clones, artificios fantásticos, instrumentos poderosos e tecnologias sofisticadas que aparecem sob variadas formas nos enredos de diversos filmes. Metrópolis, Frankenstein, Blade Runner, Inteligência Artificial, Eu Robô e Matrix são alguns que se tornaram clássicos, pois foram marcantes para gerações e continuam sendo referidos e revisitados. De maneira geral, retratam como boas ideias podem ter desdobramentos imprevistos e indesejáveis. É o que acontece, por exemplo, nas narrativas utópicas que descrevem sociedades ideais, mas que se revelam sombrias e nada atraentes quando conhecidas de perto, como nos filmes 1984 ou Brazil.

Isto obviamente não invalida, nem deveria desestimular, os avanços do conhecimento. Pelo contrário! Juntamente com as dúvidas que essas histórias lançam sobre nossas certezas e expectativas, elas suscitam interrogações e recolocam questões fundamentais. Se a engenharia genética pode fazer as pessoas melhores, mais saudáveis, mais desejáveis, por que não seguir em frente? Quais seriam as implicações dessa seleção artificial?

Assistir e conversar sobre o filme GATTACA é uma boa forma de entrar nessa discussão. O nome da produção e do local onde se passa vem das letras com que representamos as sequências do DNA (G, A, T, C). Mais precisamente, as iniciais das bases químicas dessas moléculas: Guanina, Adenina, Timina e Citosina. O filme retrata uma sociedade organizada e estratificada de forma racional, tomando como base o levantamento genético dos indivíduos. Aparentemente, uma forma de se aproveitar melhor, e para o bem comum, as características e o potencial de cada um. Acontece que um jovem, inconformado com o destino que seus genes "defeituosos" lhe reservara, falseia sua identidade genética para assumir a profissão com que sempre sonhara, a de espaçonauta. Boa parte da trama e do suspense do filme advém do fato de que sua verdadeira identidade biológica, inválida para aquela atividade, tinha que ser ocultada todo o tempo e com muita astúcia, pois a manutenção da ordem social se baseava em constantes escaneamentos genéticos. As situações enfrentadas pelo personagem nos levam a compartilhar sua percepção de injustiça, e torcer pela subversão ao sistema.

Bernardo Jefferson de Oliveira. Os avanços da genética nos filmes. pré-Univesp, edição 6, 15 dez. 2010. <[www.univesp.br/cursosuperior.sp.gov](http://www.univesp.br/cursosuperior/sp.gov)>

75 Unesp 2012 Segundo se depreende da síntese de Bernardo Jefferson de Oliveira, ao apresentar uma sociedade organizada e estratificada de forma racional, tomando como base o levantamento genético dos indivíduos, o filme GATTACA focaliza uma utopia cuja aplicação, como em todas as utopias, acaba não dando inteiramente certo. Indique qual o aspecto da natureza humana que a organização da sociedade de GATTACA ignorou e que acabou gerando toda complicação focalizada no enredo do filme.

► Instrução: A questão de número **76** toma por base uma passagem de um conto de Machado de Assis (1839-1908).

UM HOMEM SUPERIOR

Quis a desgraça de Medeiros [patrão de Clemente] que os negócios lhe corresse mal; duas ou três catástrofes comerciais o puseram às portas da morte.

Clemente Soares fez quanto pôde para salvar a casa de que dependia o seu futuro, mas nenhum esforço era possível contra um desastre marcado pelo destino, que é o nome que se dá à tolice dos homens ou ao concurso das circunstâncias.

Achou-se sem emprego nem dinheiro.

[...]

No pior da sua posição, recebeu Clemente uma carta em que o comendador o convidava a ir passar algum tempo na fazenda.

Sabedor da catástrofe de Medeiros, queria o comendador naturalmente dar a mão ao rapaz. Este não esperou que repetisse o convite. Escreveu logo dizendo que daí a um mês se poria em marcha.

*Efetivamente um mês depois saía Clemente Soares em caminho do município de***, onde era a fazenda do comendador Brito.*

O comendador esperava-o ansioso. E não menos ansiosa estava a moça, não sei se porque já lhe tivesse amor, se porque ele fosse uma distração no meio da monótona vida rural.

Recebido como amigo, tratou Clemente Soares de pagar a hospitalidade, fazendo-se convida alegre e divertido.

Ninguém o poderia melhor do que ele.

Dotado de grande perspicácia, compreendeu em poucos dias como entendia o comendador a vida do campo, e tratou de o lisonjear por todos os modos.

Infelizmente, dez dias depois da sua chegada à fazenda, adoeceu gravemente o comendador Brito, por maneira que o médico poucas esperanças deu à família.

Era ver o zelo com que Clemente Soares servia de enfermeiro do doente, procurando por todos os meios suavizar-lhe os males. Passava noites em claro, ia aos povoados quando era necessário fazer alguma coisa mais importante, consolava o doente já com palavras de esperanças, já com animada conversa, cujo fim era distraí-lo de pensamentos lúgubres.

— Ah! dizia o pobre velho, que pena que eu o não conhecesse há mais tempo! Bem vejo que é um verdadeiro amigo.

— Não me elogie, comendador, dizia Clemente Soares, não me elogie, que é tirar o mérito, se o há, destes deveres agradáveis ao meu coração.

O procedimento de Clemente influenciou no ânimo de Carlotinha, que nesse desafio de solicitude soube mostrar-se esposa dedicada e reconhecida. Ao mesmo tempo fez com que em seu coração se desenvolvesse o gérmen de afeto que Clemente de novo lhe lançara.

Carlotinha era uma moça frívola; mas a doença do marido, a perspectiva da viuvez, o desvelo do rapaz, tudo fez nela uma profunda revolução.

E mais que tudo, a delicadeza de Clemente Soares, que, durante esse tempo de tão graves preocupações para ela, nenhuma palavra de amor lhe dirigiu.

Era impossível que o comendador escapasse à morte.

Machado de Assis. *Contos Aluminenses*, vol. II. São Paulo: Editora Mérito, 1962, p. 103-105.

76 Unesp 2012 Releia o segundo parágrafo do conto de Machado de Assis e explique o que deixa implícito o narrador a respeito da noção usual de destino.

73 Fuvest 2013 Leia o texto.

DITADURA / DEMOCRACIA

A diferença entre uma democracia e um país totalitário é que numa democracia todo mundo reclama, ninguém vive satisfeito. Mas se você perguntar a qualquer cidadão de uma ditadura o que acha do seu país, ele responde sem hesitação: "Não posso me queixar".

Milôr Fernandes, *MNR definitivo: a bíblia do caos*.

- Para produzir o efeito de humor que o caracteriza, esse texto emprega o recurso da ambiguidade? Justifique sua resposta.
- Reescreva a segunda parte do texto (de "Mas" até "queixar"), pondo no plural a palavra "cidadão" e fazendo as modificações necessárias.

74 Unicamp 2013 Leia a propaganda (adaptada) da Fundação SOS Mata Atlântica reproduzida a seguir e responda às questões propostas.



- Há no texto uma expressão de duplo sentido sobre a qual o apelo da propaganda é construído. Transcreva tal expressão e explique os dois sentidos que ela pode ter.
- Há também uma ironia no texto da propaganda, que contribui para o seu efeito reivindicativo, expressa no enunciado: "Aproveita enquanto tem água." Explique a ironia contida no enunciado e a maneira como ele se relaciona aos elementos visuais presentes no cartaz.

71 Fuvest 2014

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 2

Leia o seguinte trecho de uma reportagem, para em seguida atender ao que se pede:

CANTORIA DE SABIÁ-LARANJEIRA NA MADRUGADA DIVIDE OUIDOS PAULISTANOS

Diz uma antiga lenda indígena que, durante as madrugadas, no início da primavera, quando uma criança ouve o canto de um sabiá-laranjeira, ela é abençoada com amor, felicidade e paz. Isso lá na floresta. Na selva urbana, a história é outra: tem gente se revirando na cama com a sinfonia que chega a durar duas horas seguidas antes mesmo de clarear o dia.

"Morei 35 anos no interior paulista e nunca fui acordada por passarinho algum", conta uma moradora do Brooklin (zona sul). "Agora, em plena São Paulo barulhenta e caótica, minhas madrugadas têm sido bem diferentes".

Folha de S.Paulo, 16/09/2013. Adaptada.

- Tendo em vista o contexto, é possível concluir, de modo irrefutável, que a citada moradora do Brooklin faz parte dos paulistanos que não apreciam o canto do sabiá-laranjeira? Justifique com base no texto.
- Reescreva os trechos do texto que se encontram em discurso direto, empregando o discurso indireto e fazendo as modificações necessárias.

► A questão de número 72 focaliza uma passagem de um livro do astrônomo, escritor e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996) e uma tira de Adão Iturrusgarai publicada no jornal *Folha de S.Paulo*.

NÃO EXISTEM PERGUNTAS IMBECIS

A exceção das crianças (que não sabem o suficiente para deixar de fazer as perguntas importantes), poucos de nós passam muito tempo pensando por que a Natureza é como é; de onde veio o Cosmos, ou se ele sempre existiu; se o tempo vai um dia voltar atrás, e os efeitos vão preceder as causas; ou se há limites elementares para o que os humanos podem conhecer. Há até crianças, e eu conheci algumas delas, que desejam saber como é um buraco negro; qual é o menor pedaço de matéria; por que nos lembramos do passado, mas não do futuro; e por que há um Universo.

De vez em quando, tenho a sorte de lecionar num jardim de infância ou numa classe do primeiro ano primário. Muitas dessas crianças são cientistas natos – embora tenham mais desenvolvido o lado da admiração que o do ceticismo. São curiosas, intelectualmente vigorosas. Perguntas provocadoras e perspicazes saem delas aos borbotões. Demonstrem enorme entusiasmo. Sempre recebo uma série de perguntas encadeadas. Elas nunca ouviram falar da noção de "perguntas imbecis".

Mas, quando falo a estudantes do último ano do secundário, encontro algo diferente. Eles memorizam os "fatos". Porém, de modo geral, a alegria da descoberta, a vida por trás desses fatos, se extinguiu em suas mentes. Perderam grande parte da admiração e ganharam muito pouco ceticismo. Ficam preocupados com a possibilidade de fazer perguntas "imbecis"; estão dispostos a aceitar respostas inadequadas; não fazem perguntas encadeadas; a sala fica inundada de olhares de esguelha para verificar, a cada segundo, se eles têm a aprovação de seus pares. Vêm para a aula com as perguntas escritas em pedaços de papel que sub-repticiamente examinam, esperando a sua vez, e sem prestar atenção à discussão em que seus colegas estão envolvidos naquele momento.

Algo aconteceu entre o primeiro ano primário e o último ano secundário, e não foi apenas a puberdade. Eu diria que é, em parte, a pressão dos pares para não se sobressair (exceto nos esportes); em parte, o fato de a sociedade ensinar gratificações a curto prazo; em parte, a impressão de que a ciência e a matemática não vão dar a ninguém um carro esporte; em parte, que tão pouco seja esperado dos estudantes; e, em parte, que haja poucas recompensas ou modelos de papéis para uma discussão inteligente sobre ciência e tecnologia – ou até para o aprendizado em si mesmo. Os poucos que continuam interessados são difamados como nerds, geeks ou grinds.*

*Gírias norte-americanas para designar pessoas chatas, desinteressantes, esquisitadas e, nesse caso, estudantes muito aplicados.

Karl Sagan. *O mundo assombrado pelos demônios*, 1997.

MUNDO MONSTRO



(Adão Iturrusgarai. www.folha.com.br)

72 Unesp 2014

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 7

Estabeleça a relação que há entre o que é comunicado, com humor bastante inteligente, pela tira de Adão Iturrusgarai e a preocupação que, no terceiro parágrafo, Sagan detecta nos estudantes do ensino médio norte-americano.

58 Fuvest 2015

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 1

Leia o seguinte texto:

MAL TRAÇADAS

Canadá planeja extinguir os carteiros

No mundo inteiro, os serviços de correio tentam se adaptar à disseminação do e-mail, do Facebook, do SMS e do Skype, que golpearam quase até a morte os hábitos tradicionais de correspondência, mas em nenhum lugar se chegou tão longe quanto no Canadá. Em dezembro, o Canada Post anunciou nada menos que a extinção do carteiro tal como o conhecemos. A meta é acabar com o andarilho uniformizado que, faça chuva ou faça sol, distribui envelopes de porta em porta e, às vezes, até conhece os rostos por trás dos nomes dos destinatários. Os adultos de amanhã se lembrarão dele tanto quanto os de hoje se recordam dos leiteiros, profetizou o blog de assuntos metropolitanos do jornal Toronto Star, conformado à marcha inelutável da modernidade tecnológica.

Claudia Antunes, <http://revistapostul.estadao.com.br>. Adaptado.

- Qual é a relação de sentido existente entre o título "Mal traçadas" e o assunto do texto?
- Sem alterar o sentido, reescreva o trecho "conformado à marcha inelutável da modernidade tecnológica", substituindo a palavra "conformado" por um sinônimo e o adjetivo "inelutável" pelo verbo lutar, fazendo as modificações necessárias.
Exemplo: "marcha inevitável da modernidade tecnológica" = "marcha da modernidade tecnológica que não se pode evitar."

38 Unicamp 2017

Veja também em:

Literatura - Livro 4 - Frente 2 - Capítulo 15

Leia com atenção os excertos abaixo de Lisbela e o prisioneiro.

LISBELA: Compre um curió para mim.

DR. NOÊMIO: Não, Lisbela, eu não gosto de ver animais presos.

CITONHO: Por quê, Doutor?

DR. NOÊMIO: Por que isso é malvadez. Os animais foram feitos para viver em liberdade.

PARAÍBA: É como que é que o Doutor está me vendo aqui preso e nem se importa?

DR. NOÊMIO: Você é um animal?

Osman Lins, *Lisbela e o prisioneiro*. São Paulo: Planeta, 2003, p. 25.

DR. NOÊMIO: Lisbela, vamos. Você é minha noiva, não deve opor-se às minhas convicções. As convicções do homem devem ser, optatum causa, as de sua esposa ou noiva.

ibidem.

- Nos trechos citados, estão presentes duas atitudes características do Dr. Noêmio com implicações morais, que são desmascaradas pelo efeito cômico do texto. Quais são essas duas atitudes características com implicações morais?
- No segundo excerto, a expressão "minhas convicções" é dita de forma solene e expressa um valor social. Que valor é esse e que tipo de sociedade está sendo caracterizado por tal enunciado?

26 Fuvest 2018 Leia o texto.

Veja também em:

Português - Livro 3 - Frente 1 - Capítulo 16

Um tema frequente em culturas variadas é o do desafio à ordem divina, a apropriação do fogo pelos mortais. Nos mitos gregos, Prometeu é quem rouba o fogo dos deuses. Diz Vernant que Prometeu representa no Olimpo uma vozinha de contestação, espécie de movimento estudantil de maio de 1968. Zeus decide esconder dos homens o fogo, antes disponível para todos, mortais e imortais, na copa de certas árvores os freixos porque Prometeu tentara tapeá-lo numa repartição da carne de um touro entre deuses e homens.

Na mitologia dos Yanomami, o dono do fogo era o jacaré, que cuidadosamente o escondia dos outros, comendo taturanas assadas com sua mulher sapo, sem que ninguém soubesse. Ao resto do povo – animais que naquela época eram gente – eles só davam as taturanas cruas. O jacaré costumava esconder o fogo na boca. Os outros decidem fazer uma festa para fazê-lo rir e soltar as chamas. Todos fazem coisas engraçadas, mas o jacaré fica firme, no máximo dá um sorrisinho.

Betty Mindlin, *O fogo e as chamas dos mitos*. Revista Estudos Avançados. Adaptado.

- O emprego do diminutivo nas palavras "vozinha" e "sorrisinho", consideradas no contexto, produz o mesmo efeito de sentido nos dois casos? Justifique.
- Reescreva o trecho "Os outros decidem fazer uma festa para fazê-lo rir (...). Todos fazem coisas engraçadas", substituindo o verbo "fazer" por sinônimos adequados ao contexto em duas de suas três ocorrências.

27 Fuvest 2018 Leia o texto.

Veja também em:

Português - Livro 3 - Frente 1 - Capítulo 16

No Brasil colonial, o indissolúvel vínculo do matrimônio, tal como ele era concebido pela Igreja Católica, nem sempre terminava com a morte natural de um dos cônjuges. A crise do casamento assumia várias formas: a clausura das mulheres, enquanto os maridos continuavam suas vidas; a separação ou a anulação do matrimônio decretadas pela Igreja; a transgressão pela bigamia ou mesmo pelo assassinio do cônjuge

María Beatriz Nizza de Silva, *História da Família no Brasil Colonial*. Adaptado.

- No texto, que ideia é sintetizada pela palavra "crise"?
- Reescreva a oração "tal como ele era concebido pela Igreja Católica", empregando a voz ativa e fazendo as adaptações necessárias.

28 Unesp 2018 Examine as tiras do cartunista americano Bill Watterson (1958-).

TIRA I



TIRA II



(O mundo é mágico: as aventuras de Calvin e Haroldo, 2017.)

- Na tira I, como o garoto Calvin interpreta o choro da mãe? Reescreva a última fala de Calvin, substituindo o verbo "antropomorfiza" por outro de sentido equivalente.
- Na tira II, a pergunta do tigre Haroldo poderia ser considerada uma resposta para a pergunta de Calvin? Justifique.

► Leia o trecho inicial do artigo "Artifícios da inteligência", do físico brasileiro Marcelo Gleiser (1959-), para responder à questão 29.

Considere a seguinte situação: você acorda atrasado para o trabalho e, na pressa, esquece o celular em casa. Só quando engavetado no tráfego ou amassado no metrô você se dá conta. E agora é tarde para voltar. Olhando em volta, você vê pessoas com celular em punho conversando, mandando mensagens, navegando na internet. Aos poucos, você vai sendo possuído por uma sensação de perda, de desconexão. Sem o seu celular, você não é mais você.

A junção do humano com a máquina é conhecida como "transumanismo". Tema de vários livros e filmes de ficção científica, hoje é um tópico essencial na pesquisa de muitos cientistas e filósofos. A questão que nos interessa aqui é até que ponto essa junção pode ocorrer e o que isso significa para o futuro da nossa espécie.

Será que, ao inventarmos tecnologias que nos permitam ampliar nossas capacidades físicas e mentais, ou mesmo máquinas pensantes, estaremos decretando nosso próprio fim? Será esse nosso destino evolucionário, criar uma nova espécie além do humano?

É bom começar distinguindo tecnologias transumanas daquelas que são apenas corretivas, como óculos ou aparelhos para surdez. Tecnologias corretivas não têm como função ampliar nossa capacidade cognitiva: só regularizam alguma deficiência existente.

A diferença ocorre quando uma tecnologia não apenas corrige uma deficiência como leva seu portador a um novo patamar, além da capacidade normal da espécie humana. Por exemplo, braços robóticos que permitem que uma pessoa levante 300 quilos, ou óculos com lentes que dotam o usuário de visão no infravermelho. No caso de atletas com deficiência física, a questão se torna bem interessante: a partir de que ponto uma prótese como uma perna artificial de fibra de carbono cria condições além da capacidade humana? Nesse caso, será que é justo que esses atletas compitam com humanos sem próteses?

Poderia parecer que esse tipo de hibridização entre tecnologia e biologia é coisa de um futuro distante. Ledo engano. Como no caso do celular, está acontecendo agora. Estamos redefinindo a espécie humana através da interação – na maior parte ainda externa – com tecnologias que ampliam nossa capacidade.

Sem nossos aparelhos digitais – celulares, tabletes, laptops – já não somos os mesmos. Criamos personalidades virtuais, ativas apenas na internet, outros eus que interagem em redes sociais com selfies arranjados para impressionar; criações remotas, onipresentes. Cientistas e engenheiros usam computadores para ampliar sua habilidade cerebral, enfrentando problemas que, há apenas algumas décadas, eram considerados impossíveis. Como resultado, a cada dia surgem questões que antes nem podíamos contemplar.

(Folha de S.Paulo, 01.02.2015. Adaptado.)

29 Unesp 2018

Veja também em:

Português - Livro 1 - Frente 1 - Capítulo 1

- De acordo com o físico, nós já podemos ser considerados transumanos? Justifique sua resposta.
- Dêiticos: expressões linguísticas cuja interpretação depende da pessoa, do lugar e do momento em que são enunciadas. Por exemplo: "eu" designa a pessoa que fala "eu".

(Bruno Terra. *Livro do texto Meridão*, 2014.)

Cite dois dêiticos empregados nos dois primeiros parágrafos do texto.

30 Unicamp 2018 Leia a seguir trechos das entrevistas concedidas pelo escritor chileno Alejandro Zambra ao jornal *Folha de São Paulo* e à revista *Cult* sobre seu livro *Múltipla Escolha*, lançado no Brasil em 2017. A obra imita o formato da Prova de Aptidão Verbal aplicada de 1966 a 2002 aos candidatos a vagas em universidades no Chile.

Falando à *Folha*, Zambra afirma que havia na prova de múltipla escolha "uma grande sintonia com a ditadura chilena. Para entrar na universidade, tínhamos que saber eliminar as orações. Havia censura, e nos aconselhavam a censurar". E acrescenta que o sistema educacional moldava o pensamento dos alunos com "a ideia de que só existe uma resposta correta."

Abordando o sentido crítico da escolha desse formato para a narrativa, o autor explica à *Cult* que, tendo sido criado nesse sistema, interessava-lhe mais a autocrítica. Escrevendo uma espécie de novela, lembrou-se da prova e começou a brincar com esse formato. "No começo foi divertido, como imitar as vozes das pessoas, mas logo me dei conta de que também imitava minha própria voz, até que de repente entendi que esse era o livro. A paródia e a autoparódia, a crítica e a autocrítica, o humor e a dor..." O formato de prova oferece diversas opções para completar e interpretar cada resposta, mas pede ao leitor um movimento duplo de leitura: testar possibilidades de respostas e erigir uma opção única e arbitrária. Zambra esclarece: "me interessam

todos esses movimentos da autoridade. A ilusão de uma resposta, por exemplo. Creio que este é um livro sobre a ilusão de uma resposta. Nos ensinaram isso, que havia uma resposta única, e logo descobrimos que havia muitas e isso às vezes foi libertador e outras vezes foi terrível. Quem sabe algumas vezes nós também quisemos que houvesse uma resposta única."

(Adaptado de entrevistas de Alejandro Zambra concedidas ao jornal *Folha de São Paulo* e à revista *Cult* em maio de 2017. Disponíveis em: <https://revistacult.uol.com.br/home/alejandro-zambra-multiplo-escolha/> e em: <http://www1.folha.uol.com.br/Ilustrada/2017/05/1885551-literatura-esta-ilgada-a-desordem-diz-escriptor-chileno-alejandro-zambra.shtml>. Acessados em 11/12/2017.)

- Cite dois fatores que levaram Zambra a adotar a forma narrativa empregada em *Múltipla Escolha*.
- Por que *Múltipla Escolha* não funciona como a Prova de Aptidão Verbal chilena? Justifique sua resposta com base no tipo de leitor solicitado pela obra.

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Gabarito - Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 9

- Os dois textos apresentam ambiguidade e, portanto, podem ser interpretados de maneira diferente do que pretendiam seus redatores. Em (a) "Alguns sonhos não mudam. Quer dizer, só de tamanho," pode-se interpretar que: sonhos não mudam com exceção do seu tamanho, que muda; ou sonhos mudam, com exceção de seu tamanho, que não muda. Isso se deve à elipse do verbo no segundo período, que pode recuperar tanto "mudam" como "não mudam". Em (b) "A chuva tirou tudo o que eles tinham. Agora vamos dar o mínimo que eles precisam" apresenta diversas interpretações: Como a chuva tirou tudo que eles tinham, nós (o enunciador e o enunciatário, num movimento de exortação; ou apenas o enunciador "estabelecimentos comerciais") vamos dar o mínimo ("aquilo que é necessário" ou "a menor quantidade possível") de que eles precisam.
- O gênero humorístico e de paródia (o texto faz referência às revistas de celebridades) é explorado com a finalidade de satirizar e criticar a sociedade e economia contemporânea. Ao tratar Fernando Pessoa como um empresário visando à fusão de suas empresas – seus heterônimos – de modo a criar um grande *holding* chamado Fernando Pessoa S. A., o jornalista critica a tendência contemporânea das grandes corporações: megaempresas que, por sua vez, adquirem outras megaempresas de modo a monopolizar a comercialização/fabricação de certo produto, eliminando a livre concorrência e ceifando o poder de escolha do consumidor. A imagem criada pelo jornalista é ainda mais severa quando se vê que o produto da suposta empresa de Fernando Pessoa é a poesia, ou seja, ocorre aí o processo chamado de "reificação", ou seja, o processo de incluir a arte, atividade criativa por excelência, no sistema capitalista de produção em massa.
- O aspecto da natureza humana que a organização da sociedade de *GATTACA* ignorou é a determinação e a capacidade de um indivíduo, seu poder de superação frente às adversidades encontradas na vida. O vestibular pôde ilustrar muito bem esse aspecto da natureza humana: numa sociedade como a de *GATTACA*, apenas os vestibulandos com inteligência acima da média, estabelecida geneticamente, é que passariam no vestibular; no entanto, numa sociedade como a nossa, vestibulandos com inteligência mediana e até abaixo da média passam no vestibular, pois, para isso, sua dedicação, sua determinação, seu esforço, seu empenho serão levados em conta.

- A expressão "tolice dos homens" pode ser traduzida como os erros humanos, que impedem a realização de projetos; já a expressão "concurso das circunstâncias" refere-se ao acaso, aos imprevistos, que também se tomam um obstáculo para a vida. Dessa forma, o destino do ser humano não pode ser entendido como determinado ou preestabelecido; nessa visão de mundo, o ser humano acaba interferindo no próprio destino.
- A expressão "não posso me queixar" possui duplo sentido:
 - Não tenho reclamação a fazer (ou seja, aceito o regime).
 - Não posso reclamar (pressupondo a censura).
 - Fazendo as adaptações necessárias, teremos:

Mas se você perguntar a quaisquer cidadãos de uma ditadura, o que acham de seu país, eles responderão sem hesitação: "Não podemos nos queixar".
- A expressão que possui duplo sentido é "lavar as mãos". Pode remeter à higiene (lavar as mãos em sentido literal) ou ao fato de não se tomar uma atitude sobre o assunto, eximir-se da responsabilidade (sentido figurado)
 - A ironia está na frase "aproveita enquanto tem água"; o vocábulo "enquanto" pressupõe que um dia não terá, portanto o aproveitar será efêmero. Implicitamente, ainda, o enunciador convoca o leitor para que não abandone a Mata Atlântica, pois para que haja água é preciso ter a mata (na imagem, a torneira nasce das árvores). Para o "enquanto" virar "porque", é preciso que haja o respeito à natureza.
- Não se pode afirmar, de modo irrefutável, que a citada moradora do Brooklin faz parte dos paulistanos que não apreciam o canto do sabiá-laranjeira. Isso porque, quando diz que suas madrugadas em São Paulo têm sido bem diferentes das madrugadas no interior, ela não afirma que é acordada especificamente pelo canto do sabiá-laranjeira. Há uma elipse da causa de seu incômodo, a qual retomaria o sintagma "passarinho algum" da frase anterior: "minhas madrugadas têm sido bem diferentes por causa do canto dos passarinhos".
 - O trecho em discurso indireto fica: "Uma moradora do Brooklin, zona sul, revelou que, mesmo morando por 35 anos no interior paulista, nunca fora acordada por passarinhos, mas que, agora, morando em São Paulo, que julga barulhenta e caótica, suas madrugadas têm sido diferentes das daquela época".
- O estudante Yuri não tem vergonha de dizer o que pensa, mas, ao expor suas ideias, sofre *bullying* por confessar um projeto de futuro que seus colegas consideram risível por sua audácia aparentemente irrealista (mas que, em se tratando de Yuri Gagarin, o primeiro cosmonauta, revelou-se o contrário disso).
No terceiro parágrafo, Sagan nota, entre os estudantes do final do curso secundário, a preocupação com a "aprovação de seus pares" e, portanto, com o temor de incidir em algo que o grupo condene. Assim, os jovens de hoje se preocupam tanto com o que seus colegas pensarão/dirão que nem sequer expõem suas ideias, logo, perdem a oportunidade de ser como Yuri de desenvolver seu potencial e obter sucesso.
- O texto trata da suspensão, pelo governo canadense, da profissão de carteiro. A relação de sentido entre o assunto do texto e o título deriva de uma relação metonímica entre "carteiro" e "traçadas": um carteiro entrega cartas, cujo conteúdo é escrito e, portanto, constituído de **traços**, isto é, de **traçados**. O advérbio "mal", que apresenta conotação negativa, relaciona-se com o fato de a profissão ser extinta. Além disso, há uma intertextualidade com uma expressão muito usada nesse gênero epistolar, como ocorre, por exemplo, em "Envio essas mal **traçadas** linhas".
 - Uma possibilidade de reescrita é: "**resignado** à marcha da modernidade tecnológica **contra a qual não se pode lutar**".

38. a) A peça de Osman Lins *Lisbela e o prisioneiro* é uma comédia de costumes, pois há crítica social por meio da sátira. Em outras palavras, alguns personagens são caracterizados como hipócritas e têm seus atos questionados. É o caso do personagem Dr. Noêmio, na cena mencionada, pois defende veementemente a liberdade de um pássaro preso, porém desdenha da situação do prisioneiro Paraíba. Além disso, tem atitudes autoritárias com relação à noiva Lisbela, deixando demonstrar todo o machismo contra as mulheres.
- b) A expressão "minhas convicções" simboliza todo o machismo que permeia Dr. Noêmio com relação à noiva Lisbela; além disso, utiliza palavras e expressões requintadas e de difícil compreensão ("optarum causa") em seu discurso. Esses dois elementos demonstram que o personagem pertence à classe social dos mais abastados do interior do Nordeste em meados da década de 1960.
26. a) Considerando o contexto, é possível afirmar que o emprego do diminutivo não produz o mesmo sentido em suas duas ocorrências. Isso é constatado porque, no primeiro vocábulo, "vozinha", o efeito criado pelo autor comporta um valor semântico opinativo, destacando a pouca expressividade ou a afronta representada por Prometeu no mito grego e pelo movimento estudantil durante o ano de 1968. Em contrapartida, no segundo vocábulo, "sorrisinho", a forma diminutiva ilustra uma constatação, de cunho satírico, demonstrando que o jacaré da mitologia Yanomami não foi enganado na história, porque, ao sorrir de forma pouco expressiva, manteve o fogo em sua boca. Assim, é correto afirmar que o valor do sufixo produz efeitos de sentido distintos nas duas ocorrências.
- b) Substituindo duas das três ocorrências do verbo "fazer" no trecho indicado, obtemos, dentre outras possibilidades, as seguintes reescritas:
- Os outros decidem *organizar* uma festa para *motivá-lo* a rir (...). Todos *fazem* coisas engraçadas.
- Os outros decidem *organizar* uma festa para *fazê-lo* rir (...). Todos *agem* de forma engraçada.
- Os outros decidem *fazer* uma festa para *motivá-lo* a rir (...). Todos *agem* de forma engraçada.
27. a) A ideia sintetizada no texto pela palavra "crise" é a mesma trazida através da **indissolubilidade do casamento**. Tal conceito, pregado pela Igreja Católica, é interpretado, com base no texto, como um ponto frágil, negativo e conflituoso do matrimônio, expresso através das relações de desigualdade de direitos – enquanto as mulheres viviam enclausuradas, os homens continuavam suas vidas – de separação ou anulação do matrimônio decretadas pela Igreja, de transgressão pela bigamia e do assassinio do cônjuge.
- b) Reescrevendo, em voz ativa, a oração "tal como ele era concebido pela Igreja Católica", temos: "Tal como a Igreja Católica o **conceb**ia". As transformações realizadas foram: o agente da passiva (Igreja Católica) passou a ser o sujeito da oração em voz ativa; o sujeito da oração em voz passiva "ele" passou a exercer apenas a função sintática de objeto direto do verbo "conceber", que, por sua vez, foi conjugado no pretérito imperfeito do indicativo ("concebia"), a fim de preservar o tempo verbal do verbo auxiliar "ser" empregado na voz passiva.
28. a) Calvin interpreta o choro da mãe como sofrimento, desalento, tristeza, por ela estar cortando (ferindo, machucando) uma cebola. O trecho reescrito ficaria: Deve ser difícil cozinhar se você humaniza as hortaliças.
- b) Sim, uma vez que ao responder ao Calvin com sua pergunta, ele deixa subentendido que fazer os cálculos de quanto tempo se gasta em banhos durante o ano é uma perda de tempo ainda maior.
29. a) Sim, segundo o físico Marcelo Gleiser, "A junção do humano com a máquina é conhecida como "transumanismo", isto é, ao utilizarmos tecnologias que não apenas corrijam uma deficiência, mas também ampliem nossas capacidades, tornamo-nos seres transumanos, o que pode ser comprovado pelo trecho "Sem nossos aparelhos digitais – celulares, tablets, *laptops* – já não somos os mesmos".
- b) Trata-se dos pronomes "você" em "você acorda atrasado para o trabalho"; "...você se dá conta"; "...você vê pessoas com celular em punho conversando..." e "Aos poucos, você vai sendo possuído por uma sensação..." e "seu" em "Sem o seu celular, você não é mais você".
30. a) Considerando o trecho da entrevista concedida à revista *Cult*, é possível dizer que a forma narrativa adotada por Zambra na produção do seu livro, *Múltipla escolha*, está relacionada ao interesse do autor pelos "movimentos de autoridade", como "a ilusão de uma resposta". Um primeiro fator associado a essa ilusão é o de "testar possibilidades de resposta", um processo que ratifica a ideia de que toda pergunta ou problema dispõe de uma solução. Além desse primeiro fator, também é possível destacar a escolha por "uma opção única e arbitrária", a qual despreza a ideia de que uma pergunta pode dispor de mais de uma resolução ou axioma aceitável. Considerando o contexto abordado pela obra (a aplicação de um teste de múltipla escolha durante a ditadura chilena), é possível concluir que a seleção dessas duas características na composição do livro comporta uma finalidade crítica, pois ambas apontam para a limitação imposta aos questionamentos durante o regime de Pinochet.
- b) Considerando o contexto de lançamento do livro *Múltipla escolha*, feito no Brasil em 2017, é possível afirmar que a narrativa não apresenta a mesma funcionalidade da Prova de Aplicação Verbal chilena, uma vez que critica padrões de respostas prontas ao mesmo tempo em que motiva a reflexão. Zambra atesta, na entrevista cedida à revista *Cult*, uma interessante faceta relacionada às perguntas: não há, necessariamente, uma única resposta a elas; pelo contrário, uma mesma questão pode dispor de várias formas de análise. Ao mesmo tempo, o autor demonstra que é um processo natural questionar verdades tidas como únicas, exemplares, processo esse muitas vezes desejado, outras vezes evitado. Assim, é possível perceber o valor crítico dado por ele em relação ao modelo praticado na ditadura chilena, além de se observar o valor creditado pelo escritor ao questionamento. Tratando-se, dessa forma, de um livro que procura levar à reflexão em vez de propor afirmações absolutas, também é viável inferir que o leitor pretendido pela obra é justamente aquele que busca, no processo de leitura, a inquietude e o livre pensar, opostos a provas de múltipla escolha, bem como ao modelo de cidadão passivo padronizado por sistemas ditatoriais. Essa inferência, portanto, corrobora com a tese de que o livro e a prova apresentam funcionalidade distintas.

86 Unifesp 2011 Leia o texto.

A nossa instrução pública cada vez que é reformada, reserva para o observador surpresas admiráveis. Não há oito dias, fui apresentado a um moço, aí dos seus vinte e poucos anos, bem posto em roupas, anéis, gravatas, bengalas, etc. O meu amigo Seráfico Falcote, estudante, disse-me o amigo comum que nos pôs em relações mútuas.

O Senhor Falcote logo nos convidou a tomar qualquer coisa e fomos os três a uma confeitaria. Ao sentar-se, assim falou o anfitrião:

– Caxero traz aí qualquer coisa de bebê e comê.

Pensei de mim para mim: esse moço foi criado na roça, por isso adquiriu esse modo feio de falar. Vieram as bebidas e ele disse ao nosso amigo:

– Não sabe Cunugunde: o véio tá i.

O nosso amigo comum respondeu:

– Deves então andar bem de dinheiros.

– Quá ele tá i nós não arranja nada. Quando escrevo é aquela certeza. De boca, não se cava... O véio óia, óia e dá o fora.

[...]

Esse estudante era a coisa mais preciosa que tinha encontrado na minha vida. Como era ilustrado! Como falava bem! Que magnífico deputado não iria dar? Um figurão para o partido da Rapadura.

O nosso amigo indagou dele em certo momento:

– Quando te formas?

– No ano que vem.

Caí das nuvens. Este homem já tinha passado tantos exames e falava daquela forma e tinha tão firmes conhecimentos!

O nosso amigo indagou ainda:

– Tens tido boas notas?

– Tudo. Espero tirá a média.

Lima Barreto. Quase óbito

- a) Tendo em vista o conceito contemporâneo de variação linguística, que ensina a considerar de maneira equânime as diferentes formas do discurso, avalie a atitude do narrador em relação à personagem Falcote, expressa na seguinte frase: [...] esse moço foi criado na roça, por isso adquiriu esse modo feio de falar.
- b) Reescreva na norma-padrão – Caxero traz aí qualquer coisa de bebê e comê e em seguida transcreva um trecho da crônica em que se manifesta a atitude irônica do narrador.

87 Unifesp 2011 Leia o texto.

Quando chega o dia da casa cair – que, com ou sem terremotos, é um dia de chegada infalível, – o dono pode estar: de dentro, ou de fora. É melhor de fora. É a só coisa que um qualquer-um está no poder de fazer. Mesmo estando de dentro, mais vale todo vestido e perto da porta da rua. Mas, Nhô Augusto, não: estava deitado na cama – o pior lugar que há para se receber uma surpresa má.

E o camarada Quim sabia disso, tanto que foi se encostando de medo que ele entrou. Tinha poeira até na boca. Tossiu.

– Levanta e veste a roupa, meu patrão Nhô Augusto, que eu tenho uma novidade meia ruim, pr'a lhe contar.

E tremeu mais, porque Nhô Augusto se erguia de um pulo e num átimo se vestia. Só depois de meter na cintura o revólver, foi que interpe-
lou, dente em dente:

– Fala tudo!

Quim Recadeiro gaguejou suas palavras poucas, e ainda pôde acrescentar:

– ... Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só pra o dono, e pensei que o senhor podia não gostar...

– Fez na regra, e feito! Chama os meus homens!

Dali a pouco, porém, tornava o Quim, com nova desolação: os bate-paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto... O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus capangas, pagando bem. Não vinham, mesmo. O mais merecido, o cabeça, até mandara dizer, faltando ao respeito: – Fala com Nhô Augusto que sol de cima é dinheiro!... Pra ele pagar o que está nos devendo... É mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa de outro, que seu major disse que não quer.

– Cachorrada!... Só de pique... Onde é que eles estão?

– Indo de mudados, pra a chácara do Major...

– Major de borra! Só de pique, porque era inimigo do meu pai!...
Vou lá!

Jobo Guimarães Rosa. A hora e vez de Augusto Matraga

- a) No sertão de Guimarães Rosa, frequentemente faz-se referência a aspectos de um código de ética, de caráter tradicional, que rege a vida das personagens. Transcreva as duas falas do diálogo em que se menciona uma situação em que esse código não é quebrado.
- b) Indique duas palavras ou expressões presentes nos diálogos entre as personagens que não correspondem à norma-padrão da língua. Compare o modo como o autor emprega a língua nos diálogos e no discurso do narrador, explicando as diferenças entre os dois usos.

► Texto para a questão 88.

Daí à pedreira restavam apenas uns cinquenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.

Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folhas de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçãoavam lajedos¹ a ponta de picão²; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro³ e macete⁴. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoadá ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a ideia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro³ havia chegado à fralda⁴ do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

Aluísio Azevedo. O cortiço. São Paulo: Ática, 2009.

Vocabulário:

¹ lajedos – pedras.

² picão, escopro, macete – instrumentos de trabalho.

³ cavouqueiro – aquele que trabalha em minas e pedreiras.

⁴ fralda – parte inferior.

83 Uerj 2011 O texto de Aluísio Azevedo, que faz parte da estética naturalista, utiliza recursos expressivos de sonoridade, como a onomatopeia. Considere o seguinte fragmento:

E todo aquele retintim de ferramentais, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoadada ao longe, que vinha do cortiço, (2º parágrafo)

Indique dois exemplos do emprego da onomatopeia e justifique a sua presença no texto naturalista.

84 Fuvest 2012 Leia a seguinte mensagem publicitária, referente a carros, e responda ao que se pede:

Potência, robustez e tração 4wd. Porque tem lugares que só com espírito de aventura você não chega.

- A mensagem está redigida de acordo com a norma-padrão da língua escrita? Se você julga que sim, justifique; se acha que não, reescreva o texto, adaptando-o à referida norma.
- Se a palavra "só" fosse excluída do texto, o sentido seria alterado? Justifique sua resposta.

85 Fuvest 2012 Leia este texto:

A correção da língua é um artificialismo, continuei episcopalmente. O natural é a incorreção.

Note que a gramática só se atreve a meter o bico quando escrevemos. Quando falamos, afasta-se para longe, de orelhas murchas.

Monteiro Lobato. *Reflexões e entrevistas*.

- Tendo em vista a opinião do autor do texto, pode-se concluir corretamente que a língua falada é desprovida de regras? Explique sucintamente.
- Entre a palavra "episcopalmente" e as expressões "meter o bico" e "de orelhas murchas", dá-se um contraste de variedades linguísticas. Substitua as expressões coloquiais, que aí aparecem, por outras equivalentes, que pertençam à variedade padrão.

82 Fuvest 2013 Leia o excerto.

Ninguém mais vive, reparou? Vivencia. "Estou vivenciando um momento difícil", diz Maricotinha. Fico penalizado, mas ficaria mais se Maricotinha estivesse passando por ou vivendo aquele momento difícil. Há uma diferença, diz o dicionário. Viver é ter vida, existir. Vivenciar também é viver, mas implica uma espécie de reflexão ou de sentir. Não é o caso de Maricotinha. O que ela quer dizer é viver, passar por. Mas disse vivenciar porque é assim que, ultimamente, os pedantes a ensinaram a falar.

Ruy Castro, *Folha de S. Paulo*, 27 de junho de 2012. Adaptado.

- Da personagem José Dias, diz o narrador do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis: "José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, servia a prolongar as frases". Em que o comportamento linguístico de Maricotinha, tal como o caracteriza o texto, se compara ao da personagem machadiana?
- Quem já a perda de um parente conhece a dor que estou sentindo.
Preencha a lacuna da frase acima, utilizando o verbo viver ou o verbo vivenciar, de acordo com a preferência do autor do texto. Justifique sua escolha.
- No trecho "os pedantes a ensinaram a falar", a palavra "pedante", considerada no contexto, pode ser substituída por

83 Unicamp 2013 Reproduzimos a seguir a chamada de capa e a notícia publicadas em um jornal brasileiro que apresenta um estilo mais informal.

Governo quer fazer a galera pendurar a chuteira mais tarde

Duro de parar Como a vovozada vive até mais tarde, a intenção, agora, é criar regra para aumentar a idade mínima exigida para a aposentadoria; objetivo é impedir que o INSS quebre de vez.

Página 12

DESCANSO MAIS LONGE

O brasileiro tá vivendo cada vez mais – o que é bom. Só que quanto mais ele vive, mais a situação do INSS se complica, e mais o governo trata de dificultar a aposentadoria do pessoal pelo teto (o valor integral que a pessoa teria direito de receber quando pendura as chuteiras) – o que não é tão bom.

A última novidade que já tá em discussão lá em Brasília é botar pra funcionar a regra 85/95, que diz que só se aposenta ganhando o teto quem somar 85 anos entre idade e tempo de contribuição (se for mulher) e 95 anos (se for homem).

Ou seja, uma mulher de 60 anos só levaria a grana toda se tivesse trampado registrada por 25 anos (60 + 25 = 85) e um homem da mesma idade, se tivesse contribuído por 35 (60 + 35 = 95).

Quem quiser se aposentar antes, pode – só que vai receber menos do que teria direito com a conta fechada.

notícia JÁ, Campinas, 30 Jun. 2012, p. 1 e 12.

- Retire dos textos duas marcas que caracterizariam a informalidade pretendida pela publicação, explicitando de que tipo elas são (sintáticas, morfológicas, fonológicas ou lexicais, isto é, de vocabulário).
- Pode-se afirmar que certas expressões empregadas no texto, como "tá" e "botar", se diferenciam de outras, como "galera" e "grana", quanto ao modo como funcionam na sociedade brasileira. Explique que diferença é essa.

► A questão de número 81 focaliza uma passagem de um livro do astrônomo, escritor e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996).

NÃO EXISTEM PERGUNTAS IMBECIS

À exceção das crianças (que não sabem o suficiente para deixar de fazer as perguntas importantes), poucos de nós passam muito tempo pensando por que a Natureza é como é; de onde veio o Cosmos, ou se ele sempre existiu; se o tempo vai um dia voltar atrás, e os efeitos vão preceder as causas; ou se há limites elementares para o que os humanos podem conhecer. Há até crianças, e eu conheci algumas delas, que desejam saber como é um buraco negro; qual é o menor pedaço de matéria; por que nos lembramos do passado, mas não do futuro; e por que há um Universo.

De vez em quando, tenho a sorte de lecionar num jardim de infância ou numa classe do primeiro ano primário. Muitas dessas crianças são cientistas natos – embora tenham mais desenvolvido o lado da admiração que o do ceticismo. São curiosas, intelectualmente vigorosas. Perguntas provocadoras e perspicazes saem delas aos borbotões. Demonstram enorme entusiasmo. Sempre recebo uma série de perguntas encadeadas. Elas nunca ouviram falar da noção de "perguntas imbecis".

Mas, quando falo a estudantes do último ano do secundário, encontro algo diferente. Eles memorizam os "fatos". Porém, de modo geral, a alegria da descoberta, a vida por trás desses fatos, se extinguiu em suas mentes. Perderam grande parte da admiração e ganharam muito pouco ceticismo. Ficam preocupados com a possibilidade de fazer perguntas

"imbecis"; estão dispostos a aceitar respostas inadequadas; não fazem perguntas encadeadas; a sala fica inundada de olhares de esguelha para verificar, a cada segundo, se eles têm a aprovação de seus pares. Vêm para a aula com as perguntas escritas em pedaços de papel que sub-repticiamente examinam, esperando a sua vez, e sem prestar atenção à discussão em que seus colegas estão envolvidos naquele momento.

Algo aconteceu entre o primeiro ano primário e o último ano secundário, e não foi apenas a puberdade. Eu diria que é, em parte, a pressão dos pares para não se sobressair (exceto nos esportes); em parte, o fato de a sociedade ensinar gratificações a curto prazo; em parte, a impressão de que a ciência e a matemática não vão dar a ninguém um carro esporte; em parte, que tão pouco seja esperado dos estudantes; e, em parte, que haja poucas recompensas ou modelos de papéis para uma discussão inteligente sobre ciência e tecnologia – ou até para o aprendizado em si mesmo. Os poucos que continuam interessados são difamados como nerds, geeks ou grinds.*

*Gírias norte-americanas para designar pessoas chatas, desinteressantes, esquisitas e, nesse caso, estudantes muito aplicados.

(Carl Sagan. *O mundo assombrado pelos demônios*, 1997.)

81 Unesp 2014

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 4

Há até crianças, e eu conheci algumas delas, que desejam saber como é um buraco negro; qual é o menor pedaço de matéria; por que nos lembramos do passado, mas não do futuro; e por que há um Universo.

Explique com que finalidade, no plano semântico, o autor intercalou a oração destacada à sequência do período transcrito.

67 Fuvest 2016 Leia este texto.

Nosso andar é elegante e gracioso, e também extremamente eficiente do ponto de vista energético. Somos capazes de andar dezenas de quilômetros por quilo de feijão ingerido. Até agora, nenhum sapato, nenhuma técnica especial de balançar os braços, ou qualquer outro truque foram capazes de melhorar o número de quilômetros caminhados por quilo de feijão consumido. Mas, agora, depois de anos investigando o funcionamento de nossas pernas, um grupo de cientistas construiu uma traquitana simples, mas extremamente sofisticada, que é capaz de diminuir o consumo de energia de uma caminhada em até 10%.

Trata-se de um pequeno exoesqueleto que recobre nosso pé e fica preso logo abaixo do joelho. Ele mimetiza o funcionamento do tendão de Aquiles e dos músculos ligados ao tendão. Uma haste na altura do tornozelo, a qual se projeta para trás, segura uma ponta de uma mola. Outra haste, logo abaixo do joelho, segura uma espécie de embreagem (...).

Fernando Reinach, www.estadao.com.br, 13/06/2015. Adaptado.

- Transcreva o trecho do texto em que o autor explora, com fins expressivos, o emprego de termos contraditórios, sublinhando-os.
- Esse excerto provém de um artigo de divulgação científica. Aponte duas características da linguagem nele empregada que o diferenciam de um artigo científico especializado.

68 Fuvest 2016 Um restaurante, cujo nome foi substituído por Y, divulgou, no ano de 2015, os seguintes anúncios:



- Na redação do anúncio II, evitou-se um erro gramatical que aparece no anúncio I. De que erro se trata? Explique.
- Tendo em vista o caráter publicitário dos textos, com que finalidade foi usada, em ambos os anúncios, a forma "pra", em lugar de "para"?

46 Fuvest 2017

LAERTEVISÃO



Folha de S. Paulo, 02/março/2016.

- A dificuldade explicitada no último quadrinho verifica-se apenas na redação de cartas ou ocorre também na redação dos gêneros textuais romance e conto? Justifique sua resposta.
- O texto que compõe as falas dos quadrinhos pertence inteiramente à modalidade escrita da língua portuguesa? Justifique sua resposta, com base em elementos presentes no texto.

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas**Gabarito - Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO –
FRENTE ÚNICA****Capítulo 10**

86. a) A língua varia no tempo, no espaço, no grupo social, na situação, no sexo e na idade; ademais, a língua varia também em conformidade com seu emprego em linguagem oral ou em linguagem escrita; em situação formal ou informal. A fala da personagem que foi criada na roça remete a uma variante geográfica e social. Não se deve encarar como feia ou errada, pois ela traduz um falar regional; além disso, a comunicação entre as personagens reproduz uma situação de oralidade, o que permite maior liberdade de pronúncia e construção.
- b) Em linguagem culta, teríamos:
- Caixeiro, traga algo para beber ou comer.
- A ironia aparece em "Como era ilustrado! Como falava bem! Que magnífico deputado não iria dar?"
87. a) Observa-se o código de ética, regendo a vida das personagens em:
- "- .. Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só p'ra o dono, e pensei que o senhor podia não gostar.."
 - "- Fez na regra, e feito! Chama os meus homens"
- b) Na passagem "uma novidade meia ruim", o vocábulo "meio" está empregado de forma inadequada, pois não apresenta flexão no feminino quando exerce o papel de advérbio; em "podia ter arresistido", há alteração ortográfica; na norma-padrão, teríamos "resistido". O autor, nessas passagens, reproduz a linguagem coloquial, comum na fala, e a variante geográfica, típica da região retratada por Guimarães na novela *A hora e vez de Augusto Matraga*. Quanto ao discurso do narrador, observa-se também o registro coloquial, mas com menor intensidade, pois investe-se mais no léxico como em "dia da casa cair", "E é a só coisa", "dente em dente" etc. Ou seja, o narrador também não emprega a linguagem culta o tempo todo, porém a transgressão é menor.
88. A onomatopeia é uma figura da retórica que, por meio de imitação ou reprodução, aproxima por semelhança o som de uma palavra à realidade que representa, seja o canto dos animais, o som dos instrumentos musicais ou o barulho que acompanha os fenômenos da natureza. "Retintim" expressa o ruído de objetos metálicos que se chocam entre si e contra a pedra, e "zoada", o zumbido provocado pelas vozes e ruídos que vinham do cortiço.
84. a) O texto não está adequado à norma-padrão da língua. Reescrevendo-o, teríamos: Potência, robustez e tração 4WD. Porque há/existem lugares a que/aos quais, só com espírito de aventura, não se chega.
- b) Sim. O palavra "só", no contexto dado, indica que o espírito de aventura apenas não é suficiente para chegar a todos os lugares; fica implícito que o referido automóvel é necessário para se chegar a alguns lugares.
85. a) O que o autor quis dizer é que a língua falada não está atenta às regras gramaticais como ocorre com a norma culta; isso não significa, porém, que a oralidade seja desprovida de regras, mas que nem todas são observadas, pois o contexto em que se insere a linguagem oral é, na maioria das vezes, de informalidade, o que dispensa o rigor da norma.
- b) A palavra "episcopalmente" e as expressões "meter o bico" e "orelhas murchas" podem ser substituídas, respectivamente, por "com autoridade" (pois o advérbio refere-se à autoridade do bispo), "intrometer-se" e "envergonhada" (ou ainda "humilhada").
82. a) Ao usar "vivenciar" em vez de "viver", a personagem Maricotinha procedeu de forma análoga a José Dias, que empregava superlativos para dar "uma feição monumental às ideias". Trata-se de um rebuscamento equivocados na visão do autor, uma forma de arrogância na linguagem ("pedantismo").
- b) Não há contexto suficiente para o aluno determinar se foi apenas um fato, uma experiência vivida ou, se além da experiência, houve uma reflexão. Em geral, a morte de um ser humano promove uma reflexão sobre o ser que foi e sua relação com o mundo; assim, a melhor resposta seria "vivenciou". De qualquer forma, acredita-se que o examinador valorizará a resposta do aluno em função da falta de contexto e do fato de que a resposta revelará a compreensão do texto (significado das duas palavras). Assim, o aluno que optou pelo termo "viveu" deverá justificar o seu emprego em função de ter sido apenas uma experiência passada pelas personagens; o aluno que optou por "vivenciou" justificará o uso desse termo em função de ter havido uma reflexão sobre a morte.
- c) A palavra "pedantes" poderia ser permutada por "pretenciosos", "presunçosos", "exibidos", "arrogantes".
83. a) A linguagem coloquial está presente nos dois textos, são exemplos:
- no primeiro texto: "galera", "pendurar a chuteira", "duro de parar", "vovozada", "quebre de vez";
 - no segundo texto: "tã", "pendura", "botar", "pra", "grana", "trampado".
- Na morfologia, o investimento foi no substantivo "vovozada", equivalente em norma culta a um coletivo de vovô.
- Na fonologia, temos as formas "tã" e "pra", marcas de oralidade (o falante omite fonemas por ser mais simples a articulação da palavra).
- No léxico, temos "galera", "pendurar a chuteira", "duro de parar", "vovozada", "quebre de vez", "pendura", "botar", "grana" e "trampado".
- Na sintaxe: A colocação no início do parágrafo, sem sinal de pontuação, da expressão "Duro de parar" (solto sintaticamente); início do parágrafo com "Ou seja"; a sequência de participios em "... trampado registrada..".
- b) As formas "tã" e "botar" estão presentes na linguagem veicular de quase todos os brasileiros, são marcas de oralidade, mas não apontam um grupo específico de falantes (ou um tipo de variante específica). Já as palavras "galera" e "grana" enquadram-se na variante de idade, isto é, trata-se de léxico presente na linguagem dos mais jovens.
81. Trata-se de um momento de quebra de curso onde o autor destaca sua experiência direta do fato intercalando a oração em que afirma experiência direta do que relata ao apresentar uma série de perguntas propostas por crianças. Tal afirmação visa dar credibilidade ao fato de que crianças podem formular perguntas fundamentais do ponto de vista científico ou filosófico. Perguntas são surpreendentes vindo de crianças e poderiam parecer inverossímeis. Porém, no contexto de autoconsciência e autocritica inibidora de jovens de mais idade, poderiam ser consideradas imbecis e assim evitadas.
67. a) Há o emprego de termos contraditórios no trecho "[...] um grupo de cientistas construiu uma traquitana simples, porém sofisticada [...]".
- b) O autor do artigo de divulgação científica emprega linguagem informal e coloquial na construção do texto, o que diferencia o excerto de um artigo especializado. Ao usar a primeira pessoa do plural, como em "nosso andar" e "nosso pé", ao mesmo tempo que se apropria de expressões tipicamente orais, como "quilômetro por quilo de feijão ingerido" e "tendão de Aquiles", o enunciador traduz conceitos de uma ciência especializada de maneira mais abrangente e por meio de uma linguagem menos técnica, mais dialogal e oralizada.

46. a) A tirinha de Laerte contextualiza-se em uma sociedade de diferentes empregos linguísticos, na qual há uma constante oscilação entre a língua falada e a língua escrita. Textos produzidos na internet, embora possam apresentar adequação às normas de produção escrita, são muitas vezes criados com expressões típicas da oralidade – grande parte desse emprego se deve, entre outros fatores, à velocidade de criação e propagação dos textos, como um e-mail. A carta, em contrapartida, é um gênero tradicional e ordinariamente produzido na modalidade formal. Assim, a personagem sente uma dificuldade na produção do gênero episcopal, pois há uma discrepância entre o comportamento linguístico oral e as convenções de escrita. Dessa forma, é possível dizer que a dificuldade apresentada pela personagem também se observa em gêneros como o romance e o conto, uma vez que ambos, usualmente, são produzidos de acordo com as normas do texto escrito, assim como a carta.
- b) Verifica-se, ordinariamente, o emprego da modalidade oral na produção de tirinhas, charges e quadrinhos. Esse processo é observado no texto de Laerte em expressões como “você sabe” e “toda essa coisa”, registros típicos da fala em contexto informal.

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 11

- 93 **Unicamp 2011** A comunidade do Orkut “Eu tenho medo do Mesmo” foi criada em função do aviso bastante conhecido dos usuários de elevadores: “Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se parado neste andar”.

The screenshot shows the Orkut community page for "Eu tenho medo do Mesmo". The page includes a navigation bar with "Inicio", "Perfil", "Contatos", and "Comunidade". A sidebar on the left contains a "AVISO AOS PASSAGEIROS" (Notice to Passengers) and a list of community actions like "deixar comunidade", "promova", "denunciar abuso", "Klons", "enquetes", and "membros". The main content area features a "descrição" (description) of the community, stating it was created because of a common elevator notice. It also lists metadata: "Idioma: Português (Brasil)", "categoria: Cultura e comunidade", "tipo: moderadores", "privacidade do conteúdo: apenas membros", "local: Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil", "criado em: 7 de outubro de 2004", and "membros: 103.886".

- a) Explique o que torna possível o jogo de palavras “Mesmo, o maníaco dos elevadores” usado pelos membros dessa comunidade.
- b) Reescreva o aviso de forma que essa leitura não seja mais possível.

- 92 **Fuvest 2012** Leia com atenção o seguinte texto:

A onipresença do olho mágico da televisão no centro da vida doméstica dos brasileiros, com o poder (imaginário) de tudo mostrar e tudo ver que os espectadores lhe atribuem, vem provocando curiosas alterações nas relações entre o público e o privado. Durante pelo menos dois séculos, o bom gosto burguês nos ensinou que algumas coisas não se dizem, não se mostram e não se fazem em público. Essas mesmas coisas, até então reservadas ao espaço da privacidade, hoje ocupam o centro da cena televisiva. Não que o bom gosto burguês deva ser tomado como referência indiscutível da ética que regula a vida em qualquer sociedade. Mas a inversão de padrões que pareciam tão convenientemente estabelecidos nos países do Ocidente dá o que pensar. No mínimo, podemos concluir que a burguesia do terceiro milênio já não é a mesma que ditou o bom comportamento dos dois séculos passados. No máximo, supõe-se que os fundamentos do contrato que ordenava a vida social entre os séculos XIX e XX estão profundamente abalados, e já vivemos, sem nos dar conta, em uma sociedade pós-burguesa, num sentido semelhante ao do que chamamos uma sociedade pós-moderna.


Maria R. Kehl, (tr. Buzzi e Kehl). *Wéologias: ensaios sobre televisão*.

- a) O que a autora do texto quer dizer, quando se refere ao “poder de tudo mostrar e tudo ver” (L. 2 e 3), atribuído à televisão, como “imaginário”?
- b) Indique a palavra do primeiro período que tem o mesmo significado do prefixo que entra na formação da palavra “onipresença” (L. 1).
- c) Indique uma palavra ou expressão do texto que corresponda ao sentido da palavra “ética” (L. 9).

- 91 **Unicamp 2013** Os textos a seguir integram uma matéria de divulgação científica sobre o tamanho de criaturas marinhas, ilustrada com fotos dos animais mencionados.

TEXTO 1


Eles nascem com milímetros e alcançam metros de comprimento, nadam das praias rasas às águas abissais. Em fotos únicas, produzidas em tanques especiais, conheça as medidas dos animais do fundo do mar.



TEXTO 2

ESCALA MILIMÉTRICA

Enquanto este cavalo-marinho pode chegar a 30 cm, os filhotes medem poucos milímetros ao nascer. Eles surgem depois que a fêmea deposita óvulos em uma bolsa na barriga do macho, que é responsável pela fertilização.



- a) Pode-se afirmar que a compreensão do texto 2 depende da imagem que o acompanha. Destaque do texto a expressão responsável por essa dependência e explique por que seu funcionamento causa esse efeito.
- b) No que diz respeito à organização textual, que diferença se pode apontar entre os dois textos, quanto ao modo como o pronome “eles” se relaciona com os termos a que se refere?

77 Fuvest 2016 Leia este texto.

É conhecida a raridade de diários íntimos na sociedade escravocrata do Brasil colonial e imperial, em comparação com a frequência com que surgem noutra sociedade do mesmo feitio, o velho Sul dos Estados Unidos. Gilberto Freire reparou na diferença, atribuindo-a ao catolicismo do brasileiro e ao protestantismo do americano: aquele podia recorrer ao confessional, mas a este só restava o refúgio do papel. Esta é também a explicação que oferece Georges Gusdorf, na base de uma comparação mais ampla dos textos autobiográficos produzidos nos países da Reforma e da Contrarreforma. Ao passo que no catolicismo o exame de consciência está tutelado na confissão pela autoridade sacerdotal, no protestantismo, ele não está submetido a interposta pessoa.

Evaldo C. de Mello, "Diários e Livros de assentos". In: Luiz Felipe de Alencastro (org.), *História da vida privada no Brasil* - 2.

- De acordo com o texto, em que grupo de países os diários íntimos surgiam com maior frequência e por que isso ocorria?
- A que expressões do texto se referem, respectivamente, os termos sublinhados no trecho "ele não está submetido a interposta pessoa"?

► A questão 78 toma por base uma passagem de uma palestra de Amadeu Amaral (1875-1929) proferida em São Paulo, em 1914, e uma charge de Dum.

ÁRVORES E POETAS

Para o botânico, a árvore é um vegetal de grande altura, composto de raiz, tronco e fronde, subdividindo-se cada uma dessas partes numa certa quantidade de elementos: – reduz-se tudo a um esquema. O botânico estuda-lhe o nascimento, o crescimento, a reprodução, a nutrição, a morte; descreve-a; classifica-a. Não lhe liga, porém, maior importância do que aquela que empresta ao mais microscópico dos fungos ou ao mais desinteressante dos cogumelos. O carvalho, com toda a sua corpulência e toda a sua beleza, vale tanto como a relva que lhe cresce à sombra ou a trepadeira desprezível e teimosa que lhe enrosca os sarmentos¹ colubrinhos² pelas rugosidades do caule. Por via de regra vale até menos, porque as grandes espécies já dificilmente deparam qualquer novidade. Para o jurista, a árvore é um bem de raiz, um objeto de compra e venda e de outras relações de direito, assim como a paisagem que a enquadra – são propriedades particulares, ou terras devolutas. E há muita gente a quem a vista de uma grande árvore sugere apenas este grito de alma: – "Quanta lenha!.."

O poeta é mais completo. Ele vê a árvore sob os aspectos da beleza e sob o ângulo antropomórfico³: encara-a de pontos de vista comuns à humanidade de todos os tempos. Vê-a na sua graça, na sua força, na sua formosura, no seu colorido; sente tudo quanto ela lembra, tudo quanto ela sugere, tudo quanto ela evoca, desde as impressões mais espontâneas até as mais remotas, mais vagas e mais indefiníveis. Dá-nos, assim, uma noção "humana", direta e viva da árvore, – pelo menos tão verdadeira quanto qualquer outra.

(Letras Revidadas, 1976.)

¹sarmento: ramo delgado, flexível.

²colubrinho: com forma de cobra, sinuoso.

³antropomórfico: descrito ou concebido sob forma humana ou com atributos humanos.

NOVO CÓDIGO FLORESTAL - BANCADA RURALISTA



(www.dumilustradoblogspot.com)

78 Unesp 2016 "Ele vê a árvore sob os aspectos da beleza e sob o ângulo antropomórfico"

A quem o autor do texto atribui tal perspectiva? Identifique os dois pontos de vista inerentes a esta perspectiva, explicando-os.

55 Fuvest 2017

Veja também em:

Gramática - Livro 3 - Frente 1 - Capítulo 13

A PRAGA DOS SELFIES

De uma coisa tenho certeza. A foto pelo celular vale apenas pelo momento. Não será feito um álbum de fotografias, como no passado, onde víamos as imagens, lembrávamos da família, de férias, de alegrias. As imagens ficarão esquecidas em um imenso arquivo. Talvez uma ou outra, mais especial, seja revivida. Todas as outras, que ideia. Só valem pelo prazer de fazer o selfie. Mostrar a alguns amigos. Mas o significado original da foto de família ou com amigos, que seria preservar o momento, está perdido. Vale pelo instante, como até grandes amores são hoje em dia. É o sorriso, o clique, e obrigado. A conquista: uma foto com alguém conhecido.

W. Camargo "A praga dos selfies". Época, 26.09.2016.

- Para que o emprego da palavra "onde", sublinhada no texto, seja considerado correto, a que termo antecedente ela deve se referir? Justifique sua resposta.
- Reescreva a frase "Todas as outras, que ideia", substituindo os dois sinais de pontuação nela empregados por outros, de tal maneira que fique mais evidente a entonação que ela tem no contexto.

56 Unicamp 2017 Leia o excerto abaixo, adaptado do ensaio *Para que servem as humanidades?*, de Leyla Perrone-Moisés.

As humanidades servem para pensar a finalidade e a qualidade da existência humana, para além do simples alongamento de sua duração ou do bem-estar baseado no consumo. Servem para estudar os problemas de nosso país e do mundo, para humanizar a globalização. Tendo por objeto e objetivo o homem, a capacidade que este tem de entender, de imaginar e de criar, esses estudos servem à vida tanto quanto a pesquisa sobre o genoma. Num mundo informatizado, servem para preservar, de forma articulada, o saber acumulado por nossa cultura e por outras, estilizado no imediatismo da mídia e das redes. Em tempos de informação excessiva e superficial, servem para produzir conhecimento; para "agregar valor", como se diz no jargão mercadológico. Os cursos de humanidades são um espaço de pensamento livre, de busca desinteressada do saber, de cultivo de valores, sem os quais a própria ideia de universidade perde sentido. Por isso merecem o apoio firme das autoridades universitárias e da sociedade, que eles estudam e à qual servem.

Adaptado de Leyla Perrone-Moisés, *Para que servem as humanidades?* Folha de São Paulo, São Paulo, 30 jun. 2002, Caderno Mais

- a) As expressões "agregar valor" e "cultivo de valores", embora aparentemente próximas pelo uso da mesma palavra, produzem efeitos de sentido distintos. Explique-os.
- b) Na última oração do texto, são utilizados dois elementos coesivos: "eles" e "à qual". Aponte a que se refere, respectivamente, cada um desses elementos.

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Gabarito - Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 11

93. a) O duplo sentido ocorre porque "mesmo" pode ser interpretado como substantivo próprio. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que pode se remeter ao elevador, também pode se referir a uma terceira pessoa: o "Mesmo", o maníaco dos elevadores.
- b) As seguintes frases são possíveis de uso: "Verifique se o elevador se encontra/encontra-se parado neste andar antes de entrar nele". "Só tente usar o elevador depois de verificar se ele se encontra neste andar" etc...
92. a) A TV atual contempla em suas telas cenas que outrora eram consideradas imorais; um exemplo são os programas que invadem a intimidade das pessoas. Dessa forma, revela-se ("algumas coisas não se dizem, não se mostram") por meio de imagens o que antes era mero imaginário. A TV torna-se, portanto, um veículo com o poder de "tudo mostrar e tudo ver".
- b) O morfema "oni" possui o mesmo sentido do vocábulo "tudo", presente em "tudo mostrar e tudo ver". Tanto o prefixo como o vocábulo reforçam a ideia de que a TV possui o poder de penetração no social e no privado, revelando o que todos desejam saber e ver.
- c) A ética pode ser entendida como estudo dos costumes e da moral de um povo ou como sinônimo de moral (no latim, *mor* significa costumes, moral). A palavra que melhor traduz a palavra ética no texto em questão é "comportamento".
91. a) A expressão "*este cavalo marinho*" aponta para a imagem que vem à direita do texto em linguagem verbal, o pronome demonstrativo "este" possui função coesiva, estabelece a ligação entre o verbal e o visual.
- b) No primeiro texto, o pronome "eles" possui função catafórica, isto é, projeta um elemento que ainda aparecerá, no caso, "animais no fundo do mar"; no segundo texto, o mesmo pronome possui função anafórica, isto é, retoma termos, no caso, "filhotes".
77. a) De acordo com o texto, os diários íntimos surgiram com maior frequência no "velho Sul dos Estados Unidos". Por tratar-se de uma sociedade protestante (onde não há a figura do sacerdote confessional), restava ao cristão estadunidense "o refúgio do papel", ou seja, os registros escritos em forma de diário eram o meio para a realização do "exame de consciência".
- b) Os termos sublinhados, "ele" e "interposta pessoa", referem-se, respectivamente, ao "exame de consciência" e à "autoridade sacerdotal".
78. O pronome da oração exerce função anafórica ao retomar *poeta*. De acordo com o texto, o olhar sob os aspectos da beleza confere ao poeta a capacidade de destacar elementos da árvore em uma perspectiva mais humana, tais quais a graça, a força e a formosura. É possível concluir, considerando a opinião do autor do texto, que o olhar antropomórfico em relação à árvore destaca noções verdadeiras, mas de cunho objetivo, como a análise de um botânico ou de um jurista acerca do vegetal. Dessa forma, o poeta confere à árvore noções transcendentais, que não se limitam a uma única sociedade, uma vez que "encara-a de pontos de vista comuns à humanidade de todos os tempos".

55. a) A palavra "onde", sublinhada no texto em um período composto, assume uma posição de pronome relativo, podendo ser substituída por "em que", "no qual". Considerando o contexto das orações, é possível afirmar que o referente pronominal é o termo "álbum de fotografias". Assim, o período deve ser entendido como: vemos as imagens em um álbum de fotografia. Observação: Pronomes relativos desempenham função de retomada com valor locativo, ou seja, indicam um lugar. Dessa forma, não há coerência gramatical em afirmar que a palavra "onde" retoma "passado", intercalado na oração anterior.

- b) Para tornar a entonação da leitura mais evidente, é possível empregar duas formas de pontuação distintas, indicadas a seguir:

1. "Todas as outras: que ideia!"
2. "Todas as outras? Que ideia!"

Em ambas, confere-se, a partir do emprego exclamativo, um valor de desvalorização às fotos que nunca deixarão de ser um arquivo. Entretanto, é possível criar esse efeito de sentido com o uso de dois-pontos, que enfatiza o segmento posterior ("que ideia!"), ou com o emprego da interrogação, que retoma o segmento anterior ("Talvez uma ou outra seja revivida").

56. a) Ao empregar aspas na expressão "agregar valor", a autora sinaliza que recorreu ao jargão com ressalva. Isso ocorre porque essa expressão está relacionada a uma mentalidade de mercado, a qual subordina a existência de objetos, pessoas, ideias, entre outros ao conceito de lucratividade – no texto, as humanidades poderiam servir, portanto, para criar conhecimento de destaque social em relação à "informação excessiva e superficial". Dessa forma, existe uma acentuada oposição de sentido entre ela e a expressão "cultivo de valores", uma vez que esta é relacionada à busca pelo saber e ao livre pensamento, alicerces para a humanização e preservação do conhecimento humano.

- b) Para respondermos a este item, retomemos o último período do excerto: "Por isso merecem o apoio firme das autoridades universitárias e da sociedade, que eles estudam e à qual servem."

O sujeito do verbo "merecer" é elíptico. Apesar disso, a desinência verbal com a marca de plural ("merecem") indica que o sujeito do verbo só pode estar no plural ("Os cursos de humanidades"). Observe:

"Os cursos de humanidades" são um espaço de pensamento livre [...]. Por isso [eles = os cursos de humanidades] merecem o apoio firme das autoridades universitárias e da sociedade, que eles estudam e à qual servem." De posse dessa informação, é possível perceber facilmente os termos referidos pelos pronomes sublinhados abaixo (respectivamente, "os cursos de humanidade" e "a sociedade"):

Por isso [os cursos de humanidades] merecem o apoio firme das autoridades universitárias e da sociedade, que eles estudam e à qual [eles] servem.

Em que se tem:

- I. os cursos de humanidades estudam a sociedade.

(sujeito, verbo e objeto direto, respectivamente)

- II. os cursos de humanidades servem à sociedade.

(sujeito, verbo e objeto indireto, respectivamente)

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 12

95 UFF 2012 No texto I, vários recursos gramaticais são usados para garantir a progressão, a coesão e a coerência. Observe no texto o uso das expressões "Lá fora" (ref. 1) e "De quando em quando" (ref. 2). Em seguida:

- Identifique a função sintática exercida por cada uma;
- Explique a importância dessas expressões para a progressão textual.

94 Unesp 2014

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 7

Ao colocar como título *Não existem perguntas imbecis*, o que quis dizer Carl Sagan em relação ao tema que explora no trecho apresentado?

► Textos para a questão 95.

Texto I

Eu estava deitado num velho sofá amplo. ¹Lá fora, a chuva caía com redobrado rigor e ventava fortemente. A nossa casa frágil parecia que, de um momento para outro, ia ser arrasada. Minha mãe ia e vinha de um quarto próximo; removia baús, arcas; cosia, futejava. Eu devaneava e ia-lhe vendo o perfil esquelético, o corpo magro, premido de trabalhos, as faces cavadas com os males salientes, tendo pela pele parda manchas escuras, como se fossem de fumaça entranhada. ²De quando em quando, ela lançava-me os seus olhos aveludados, redondos, passivamente bons, onde havia raios de temor ao encarar-me. Supus que adivinhava os perigos que eu tinha de passar; sofrimentos e dores que a educação e inteligência, qualidades a mais na minha frágil consistência social, haviam de atrair fatalmente. Não sei que de raro, excepcional e delicado, e ao mesmo tempo perigoso, ela via em mim, para me deitar aqueles olhares de amor e espanto, de piedade e orgulho.

Lima Barreto. Recordações do escrivo Isaias Covinho. Rio de Janeiro: Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1989. pp.26-27.

Texto II

*TEIA de aranha, galho seco da roseira,
quem sou?
Luz calçada em alpargatas de prata
rapta as flores da fronha,
quem sou?
Pássaro que mora na neblina
destila seu canto de água limpa
– longe, sozinho –
me diga quem sou.*

Claudia Roquette-Pinto. Covelo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. p. 67.

61 Fuvest 2017 Leia o seguinte texto, extraído de uma matéria jornalística sobre supercomputadores:

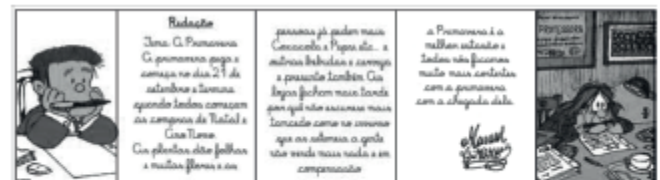
Supercomputadores são usados para cálculos de simulação pesada. Um exemplo recorrente do uso desse tipo de equipamento é a de simulação climática: com quatrilhões por segundo de processamento, torna-se possível que um computador tenha capacidade de calcular as oscilações meteorológicas. Isso ajuda a prevenir desastres, ou a preparar políticas de apoio à agricultura, se antecipando a cenários os mais variados.

Evidentemente, há outros usos, como pesquisas científicas que precisam também simular cenários, com uma ampla gama de variáveis. Estudos militares e de desenvolvimento de tecnologia também se beneficiam do poder computacional desse tipo de equipamento.

www.techdata.com.br 24.06.2016.

- Reescreva o trecho "é a de simulação climática: com quatrilhões por segundo de processamento", levando em conta a correção e a clareza.
- A palavra "cenários" (sublinhada no texto) foi empregada com o mesmo sentido em suas duas ocorrências? Justifique sua resposta.

62 Unesp 2017 Examine a tira do cartunista argentino Quino (1932 -).



Quino. *A pequena filosofia do Manolito*, 2015. (Adapt.).

Pelo conteúdo de sua redação, depreende-se que o personagem Manuel Goreiro (o "Manolito"), além de estudar, exerce outra atividade. Transcreva o trecho em que esta outra atividade se mostra mais evidente.

No trecho "As lojas fecham mais tarde por quê não escurese mais tamcedo", verificam-se alguns desvios em relação à norma-padrão da língua. Reescreva este trecho, fazendo as correções necessárias. Por fim, reescreva o trecho final da redação ("nós ficamos muito mais contentes com a primavera com a chegada dela"), desfazendo a redundância nele contida.

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

**Gabarito - Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO –
FRENTE ÚNICA**

Capítulo 12

95. a) A expressão “lá fora” é adjunto adverbial de lugar e “de quando em quando” é adjunto adverbial de tempo. Ou: ambas são adjuntos adverbiais.
b) Essas expressões servem para mostrar o progresso da narrativa no tempo e no espaço.
Ou: Tais expressões mostram a sucessão dos acontecimentos no espaço e no tempo, garantindo a progressão da narrativa.
Ou: As expressões, ao localizar a ação no tempo e no espaço, contribuem para a progressão textual, porque particularizam os lugares em que a ação se desenrola (“lá fora” opondo-se ao aqui dentro do espaço da casa) e indicam a passagem do tempo, que dinamiza a ação narrada.
Ou: Uma narrativa caracteriza-se por sucessões de acontecimentos e transformações. No caso analisado, as expressões destacadas mostram o desenrolar dos fatos no tempo e no espaço e, com isso, garantem a progressão da narrativa.
94. O autor mostra que mesmo aquelas perguntas básicas têm sua importância, pois elas nos levariam às descobertas sobre o mundo. Defende a ideia de que o medo de “fazer perguntas imbecis” inibe a curiosidade e tem o efeito de impedir que os estudantes façam “as perguntas importantes”, que são motivadas pela curiosidade desinibida e o encantamento diante da descoberta, característicos das crianças, mas depois reprimidos nos jovens. As perguntas consideradas imbecis são, na verdade, perguntas fundamentais que as crianças não se envergonham de fazer, ao contrário dos jovens de mais idade, mas limitados em sua curiosidade e busca de conhecimento.
61. a) Uma possível reescrita do trecho, levando em conta sua correção e clareza, pode ser: Um exemplo recorrente do uso desse tipo de equipamento, que processa quatrilhões de dados por segundo, pode ser visto durante a elaboração de simulações climáticas.
b) A palavra “cenários”, destacada no texto, não foi empregada com o mesmo sentido em suas duas ocorrências. Na primeira ocorrência, ela aparece como sinônimo de previsões de situações climáticas ligadas a impactos ambientais, oriundas das oscilações meteorológicas. Já na segunda ocorrência, a palavra “cenários” aparece relacionada, em sentido, com a criação de um panorama de possíveis resultados obtidos por meio de pesquisas científicas e o que elas podem nos proporcionar.
62. A outra atividade exercida por Manolito, além de estudar, é sugerida pelo trecho: “As lojas fecham mais tarde por quê não escurese mais tamcedo como no inverno que as setemeia a gente não vende mais nada”. Pode-se fazer tal inferência pelo fato de Manolito mostrar muito conhecimento a respeito do funcionamento do comércio, relacionando-o, inclusive, às vendas de venda no período do inverno –, além de usar a expressão “a gente” (equivalente a “nós”), que o inclui no sujeito do verbo “vender”; a oração “A gente não vende mais nada” é entendida como “Nós (os outros e eu) não vendemos mais nada”.
Quanto às reescritas, tem-se:
I. “As lojas fecham mais tarde porque não escurece mais tão cedo”.
II. Reescrita do trecho final: “nós ficamos muito mais contentes com a chegada da primavera”.

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 13

- 96 Unicamp 2015 No texto abaixo, há uma presença significativa de metáforas que auxiliam na construção de sentidos.

ENTRE SILÊNCIOS E DIÁLOGOS

Havia uma desconfiança: o mundo não terminava onde os céus e a terra se encontravam. A extensão do meu olhar não podia determinar a exata dimensão das coisas. Havia o depois. Havia o lugar do sol se aninhar enquanto a noite se fazia. Havia um abrigo para a lua enquanto era dia. E o meu coração de menino se afogava em desesperança. Eu que não era marinheiro nem pássaro - sem barco e asa.

Um dia aprendi com Lili a decifrar as letras e suas somas. E a palavra se mostrou como caminho poderoso para encurtar distância, para alcançar onde só a fantasia suspeitava, para permitir silêncio e diálogo. Com as palavras eu ultrapassava a linha do horizonte. E o meu coração de menino se afogava em esperança.

Ao virar uma página do livro, eu dobrava uma esquina, escalava uma montanha, transpunha uma maré.

Ao passar uma folha, eu frequentava o fundo dos oceanos, transpirava em desertos para, em seguida, me fazer hóspede de outros corações.

Pela leitura temperei a minha pátria, chorei sua miséria, provei de minha família, bebi de minha cidade, enquanto, pacientemente, degustei dos meus desejos e limites.

Assim, o livro passou a ser o meu porto, a minha porta, o meu cais, a minha rota. Pelo livro soube da história e criei os avessos, soube do homem e seus disfarces, soube das várias faces e dos tantos lugares de se olhar. (...) Ler é a venturar-se pelo universo inteiro.

(Bartolomeu Campos de Queirós, *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 63.)

- a) No trecho “Assim, o livro passou a ser o meu porto, a minha porta, o meu cais, a minha rota”, há metáforas que expressam a experiência do autor com a leitura. Escolha uma dessas metáforas e explique-a, considerando seu sentido no texto.
b) O texto mostra que a experiência de leitura promove uma importante mudança subjetiva. Explique essa mudança e cite dois trechos nos quais ela é explicitada.

- Leia o excerto do conto “A cartomante”, de Machado de Assis, para responder à questão 84.

Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

– Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...” Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

– Errou! interrompeu Camilo, rindo.

– Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

[...]

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela.

Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisto um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: – a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio.

(Cantos: uma antologia, 1998.)

84 Unesp 2016 Há, no penúltimo parágrafo, o emprego de uma figura de retórica que consiste no alargamento semântico de termos que designam dois entes abstratos pela atribuição a eles de traços próprios do ser humano.

Quais são os dois entes abstratos que passam por tal processo? Justifique sua resposta.

Como se denomina tal figura de retórica?

65 Fuvest 2017

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 9

Considere a imagem abaixo, extraída da apresentação do filme *A Amazônia*, que faz parte da campanha "A natureza está falando".



No áudio desse filme, a atriz Camila Pitanga interpreta o seguinte texto:

Eu sou a Amazônia, a maior floresta tropical do mundo. Eu mando chuva quando vocês precisam. Eu mantenho seu clima estável. Em minhas florestas, existem plantas que curam suas doenças. Muitas delas

vocês ainda nem descobriram. Mas vocês estão tirando tudo de mim. A cada segundo, vocês cortam uma das minhas árvores, enchem de sujeira os meus rios, colocam fogo, e eu não posso mais proteger as pessoas que vivem aqui. Quanto mais vocês tiram, menos eu tenho para oferecer. Menos água, menos curas, menos oxigênio. Se eu morrer, vocês também morrem, mas eu crescerei de novo..

- Por estar em primeira pessoa, o texto constitui exemplo de uma determinada figura de linguagem. Identifique essa figura e explique seu uso, tendo em vista o efeito que o filme visa alcançar.
- No referido áudio, é possível perceber, no final da locução da atriz, uma entonação especial, representada na transcrição por meio de reticências. Tendo em vista que uma das funções desse sinal de pontuação é sugerir uma ideia não expressa que cabe ao leitor inferir, identifique a ideia sugerida, neste caso.

66 Unicamp 2017

Veja também em:

Português - Livro 1 - Frente 1 - Capítulo 1

Leia a seguir a crônica adaptada "O crítico teatral vai ao casamento", de Millôr Fernandes.

Como espetáculo, o casamento da Senhorita Lídia Teles de Souza com o Sr. Herval Nogueira foi realmente um dos mais irregulares a que temos assistido nos últimos tempos. A noiva parecia muito nervosa, nervosismo justificado por estar estreando em casamentos (o que não se podia dizer do noivo, que tem muita experiência de altar) de modo que até sua dicção foi prejudicada. O noivo representou o seu papel com firmeza, embora um tanto frio. Disse "sim" ou "aceito" (não ouvimos bem porque a acústica da abadia é péssima). Fora os pequenos senões notados, teremos que chamar a atenção, naturalmente, para o coroinha, que a todo momento coçava a cabeça, completamente indiferente à apresentação, como se não participasse dela. A música também foi mal escolhida, numa prova de terrível mau-gosto. O fato de a noiva chegar atrasada também deixou altamente impacientes os espectadores, que mostraram evidentes sinais de nervosismo. A sua entrada, porém, foi espetacular, e rendeu-lhe os melhores parabéns ao fim do espetáculo. Lamentamos apenas – e tomamos como um deplorável sinal dos tempos – a qualidade do arroz jogado sobre os noivos.

(Adaptado de Millôr Fernandes, *Trinta anos de mim mesmo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1972, p. 78.)

- O cronista recorre à analogia para construir uma aproximação entre o casamento e uma peça teatral. Mostre, com trechos do texto, dois usos desse recurso: um com referência à noiva e outro com referência ao noivo.
- Identifique duas expressões adverbiais que foram usadas pelo cronista para acentuar sua crítica humorística ao casamento como espetáculo.

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

Gabarito - Português – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO – FRENTE ÚNICA

Capítulo 13

96. a) No texto, o eu lírico narra a transformação que a leitura ocasionou em sua vida. No começo do texto, ele afirma que desconfiava de que o mundo fosse além do horizonte, o máximo que seus olhos podiam alcançar ('o mundo não terminava onde os céus e a terra se encontravam'). Foi a leitura de livros que lhe permitiu "ultrapassar a linha do horizonte" e enxergar além daquilo que seus olhos podiam ver, isto é, além da realidade ('E a palavra se mostrou como caminho poderoso [...] para alcançar onde só a fantasia suspeitava'). Por isso, para o eu lírico, o livro passou a ser o seu porto, a sua porta, o seu cais e a sua rota.
84. O autor emprega a personificação (ou prosopopeia) – recurso expressivo de natureza retórica que consiste em atribuir palavras do campo semântico humano a objetos, seres e elementos abstratos não humanos. No penúltimo parágrafo, o uso dessa figura está presente no pensamento de Rita, quando a personagem confere à virtude um caráter de "preguiça e avareza", além de atribuir ao interesse um caráter "ativo e pródigo".
65. a) Ao se empregar a primeira pessoa do singular, humaniza-se a floresta amazônica. Esse efeito de sentido é criado a partir de verbos que indicam estado de consciência, como "sou", "mantenho" e "posso", além de segmentos que exprimem sentimentos reflexivos, como "tirando tudo de mim", "não posso mais proteger" e "se eu morrer". Dessa forma, pode-se afirmar que o texto constitui um exemplo da personificação, ou prosopopeia – recurso expressivo que consiste na atribuição de sentimentos ou comportamentos humanos a seres inanimados ou à natureza. Ademais, é possível afirmar que essa figura de linguagem é ratificada pelo título da campanha – "A natureza está falando" – e pelo texto da imagem – "Camila Pitanga é a Amazônia" –, uma vez que ambos indicam a intenção do enunciador de conferir humanidade à floresta.
- b) O emprego das reticências cria um efeito de sentido crítico, pois permite inferir que a floresta é capaz de existir independentemente da ação humana. Esse sentido é construído a partir do último período do texto, no qual há uma relação condicional estabelecida entre a primeira e a segunda oração – "se eu morrer, vocês também morrerem". Esse segmento subordina a existência humana à existência da floresta, apontando o resultado do desmatamento para a vida do ser humano. Entretanto, a terceira oração do período orienta uma ruptura com as duas orações anteriores, sugerindo que a floresta não depende da existência humana, pois ela crescerá novamente sem a ação do homem.
66. a) Todos os períodos da crônica de Millôr Fernandes são estruturados de forma semelhante a uma crítica de teatro: apresentam-se local (abadia), personagens (noivo, noiva, coroinha), performances, qualidade acústica, entre outros. Essa relação de analogia pode ser percebida nos trechos "A noiva parecia muito nervosa" e "até sua dicção foi prejudicada", assim como "O noivo representou o seu papel com firmeza" (direcionados, respectivamente, à noiva e ao noivo), nos quais o autor se posiciona de forma crítica e analítica acerca da participação do casal no evento.
- b) No excerto, há várias expressões adverbiais que acentuam a crítica do cronista ao casamento visto da perspectiva de um espetáculo:
- Advérbios de afirmação e de intensidade: 'o casamento [...] foi realmente um dos mais irregulares'; "A noiva parecia muito nervosa"; "para o coroinha, que a todo momento coçava a cabeça, completamente indiferente à representação"; "O fato de a noiva chegar atrasada também deixou altamente impacientes os espectadores".

- Orações adverbiais: "A noiva parecia muito nervosa, nervosismo justificado por estar estreando em casamentos [...] de modo que até sua dicção foi prejudicada" [de causa e de consequência, respectivamente]; "O noivo representou o seu papel com firmeza, embora um tanto frio" [de concessão]; "não ouvimos bem porque a acústica da abadia é péssima" [de causa]; "Fora os pequenos senões notados, teremos que chamar a atenção" [de concessão]; "o coroinha, que a todo momento coçava a cabeça, completamente indiferente à representação, como se não participasse dela" [de comparação hipotética].

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas

REDAÇÃO

34 Fuvest 2011 Observe esta imagem e leia com atenção os textos a seguir:



TEXTO 1

Um grandioso e raro espetáculo da natureza está em cena no Rio de Janeiro. Trata-se da floração de palmeiras Corypha umbraculifera, ou palma talipot, no Aterro do Flamengo. Trazidas do Sri Lanka pelo paisagista Roberto Burle Marx, elas florescem uma única vez na vida, cerca de cinquenta anos depois de plantadas. Em seguida, iniciam um longo processo de morte, período em que produzem cerca de uma tonelada de sementes.

<<http://veja.abril.com.br>>, 09 dez. 2009. (Adapt.)

TEXTO 2

Quando Roberto Burle Marx plantou a palma talipot, um visitante teria comentado: "Como elas levam tanto tempo para florir, o senhor não estará mais aqui para ver". O paisagista, então com mais de 50 anos, teria dito: "Assim como alguém plantou para que eu pudesse ver, estou plantando para que outros também possam contemplar".

<<http://www.abap.org.br>>. Paisagem Escrita. n. 131, 10 nov. 2009. (Adapt.)

TEXTO 3

Onde não há pensamento a longo prazo, dificilmente pode haver um senso de destino compartilhado, um sentimento de irmandade, um impulso de cerrar fileiras, ficar ombro a ombro ou marchar no mesmo passo. A solidariedade tem pouca chance de brotar e fincar raízes. Os relacionamentos destacam-se sobretudo pela fragilidade e pela superficialidade.

Z. Bauman. *Viões desperdiçados*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Adapt.).

TEXTO 4

A cultura do sacrifício está morta. Deixamos de nos reconhecer na obrigação de viver em nome de qualquer coisa que não nós mesmos.

G. Lipovetsky, cit. por Z. Bauman. In: *A arte do vício*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

Como mostram os textos 1 e 2, a imagem de abnegação fornecida pela palma talipot, que, de certo modo, "sacrifica" a própria vida para criar novas vidas, é reforçada pelo altruísmo* de Roberto Burle Marx, que a plantou, não para seu próprio proveito, mas para o dos outros. Em contraposição, o mundo atual teria escolhido o caminho oposto.

Com base nas ideias e sugestões presentes na imagem e nos textos aqui reunidos, redija uma dissertação argumentativa, em prosa, sobre o seguinte tema:

O altruísmo e o pensamento a longo prazo ainda têm lugar no mundo contemporâneo?

*Altruísmo = s.m. Tendência ou inclinação de natureza instintiva que incita o ser humano a preocupação com o outro.

Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2009.

Instruções

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da norma-padrão da língua portuguesa.
- A redação deverá ter entre 20 e 30 linhas.
- Dê um título a sua redação.

35 Unicamp 2011

TEXTO 1

Imagine-se como um jovem que, navegando pelo site da MTV, se depara com o gráfico "Os valores de uma geração" da pesquisa Dossê MTV Universo Jovem, e resolve comentar os dados apresentados, por meio do "fale conosco" da emissora. Nesse comentário, você, necessariamente, deverá:

- comparar os três anos pesquisados, indicando dois (2) valores relativamente estáveis e duas (2) mudanças significativas de valores;
- manifestar-se no sentido de reconhecer-se ou não no perfil revelado pela pesquisa.



I - Viver em uma sociedade mais segura, menos violenta.	G - Ter uma vida tranquila, sem correrias, sem estresse.
A - Ter união familiar, boa relação familiar.	B - Divertir-se, aproveitar a vida.
K - Ter uma carreira, uma profissão, um emprego.	F - Ter independência financeira/Ter mais dinheiro do que já tem.
H - Viver num país com menos desigualdade social/Viver numa sociedade mais justa.	M - Poder comprar o que quiser, poder comprar mais.
C - Ter fé/Crer em Deus.	E - Ter mais liberdade do que já tem.
J - Ter amigos.	D - Beleza física/Ser bonito.

TEXTO 2

Coloque-se no lugar de um líder de grêmio estudantil que tem recebido reclamações dos colegas sobre o ensino de ciências em sua escola e que, depois de ler a entrevista com Tatiana Nahas na revista de divulgação científica *Ciência Hoje*, decide convidá-la a dar uma palestra para os alunos e professores da escola. Escreva um discurso de apresentação do evento, adequado à modalidade oral formal. Você, necessariamente, deverá:

- apresentar um diagnóstico com três (3) problemas do ensino de ciências em sua escola; e
- justificar a presença da convidada, mostrando em que medida as ideias por ela expressas na entrevista podem oferecer subsídios para a superação dos problemas diagnosticados.

ESCOLA NA MÍDIA

Tatiana Nahas. Bióloga e professora de ensino médio, tuiteira e blogueira. Aos 34 anos, ela cuida da página *Ciência na mídia*, que, nas suas palavras, "propõe um olhar analítico sobre como a ciência e o cientista são representados na mídia".

Ciência Hoje: É perceptível que seu blogue dá destaque, cada vez mais, à educação e ao ensino de ciências.

Tatiana Nahas: Na verdade, é uma retomada dessa direção. Eu já tinha um histórico de trabalho em projetos educacionais diversos. Mas, mais que isso tudo, acho que antes ainda vem o fato de que não dissocio sobremaneira pesquisa de ensino.

E nem de divulgação científica.

CH: Como você leva a sua experiência na rede e com novas tecnologias para os seus alunos?

TH: Eu não faço nenhuma separação que fique nítida entre o que está relacionado a novas tecnologias e o que não está. Simplesmente ora estamos usando um livro, ora os alunos estão criando objetos de aprendizagem relacionados a determinado conteúdo, como jogos. Um exemplo do que quero dizer: outro dia estávamos em uma aula de microscopia no laboratório de biologia. Os alunos viram o microscópio, aprenderam a manipulá-lo, conheceram um pouco sobre a história dos estudos citológicos caminhando em paralelo com a história do desenvolvimento dos equipamentos ópticos, etc. Em dado ponto da aula, tinham que resolver o problema de como estimar o tamanho das células que observavam. Contas feitas, discussão encaminhada, passamos para a projeção de uma ferramenta desenvolvida para a internet por um grupo da Universidade de Utah. Foi um complemento perfeito para a aula.

Os alunos não só adoraram, como tiveram a possibilidade de visualizar diferentes células, objetos, estruturas e átomos de forma comparativa, interativa, divertida e extremamente clara. Por melhor que fosse a aula, não teria conseguido o alcance que essa ferramenta propiciou. Veja, não estou competindo com esses recursos e nem usando-os como muleta. Esses recursos são exatamente o que o nome diz: recursos. Têm que fazer parte da educação porque fazem parte do mundo, simples assim.

Ah, mas e o monte de bobagens que encontramos na internet? Bom, mas há um monte de bobagens também nos jornais, nos livros e em outros meios "mais consolidados". Há um monte de bobagens mesmo nos livros didáticos. A questão está no que deve ser o foco da educação: o conteúdo puro e simples ou as habilidades de relacionar, de interpretar, de extrapolar, de criar, etc.?

CH: Você acha que é necessário mudar muita coisa no ensino de ciências, especificamente?

TN: Eu diria que há duas principais falhas no nosso ensino de ciências. Uma reside no quase completo esquecimento da história da ciência na sala de aula, o que faz com que os alunos desenvolvam a noção de que ideias e teorias surgem repentinamente e prontas na mente dos cientistas. Outra falha que vejo está no fato de que pouco se exercita o método científico ao ensinar ciências. Não dá para esperar que o aluno entenda o *modus operandi* da ciência sem mostrar o método científico e o processo de pesquisa, incluindo os percalços inerentes a uma investigação científica. Sem mostrar a construção coletiva da ciência. Sem mostrar que a controvérsia faz parte do processo de construção do conhecimento científico e que há muito desenvolvimento na ciência a partir dessas controvérsias. Caso contrário, teremos alunos que farão coro com a média da população que se queixa, ao ouvir notícias de jornal, que os cientistas não se resolvem e uma hora dizem que manteiga faz bem e outra hora dizem que manteiga faz mal. Ou seja, já temos alguns meios de divulgação que não compreendem o funcionamento da ciência e a divulgam de maneira equivocada. Vamos também formar leitores acrílicos?

Thiago Carneiro. *Gêncio Hoje* On-Line. <<http://cienciahoje.com.br>>. Acesso em: 04 mar. 2010. (Adapt.).

TEXTO 3

Coloque-se na posição de um articulista que, ao fazer uma pesquisa sobre as recentes catástrofes ocorridas em função das chuvas que afetaram o Brasil a partir do final de 2009, encontra a crônica de Drummond, publicada em 1966, e decide dialogar com ela em um artigo jornalístico opinativo para uma série especial sobre cidades, publicada em revista de grande circulação. Nesse artigo você, necessariamente, deverá:

- a) relacionar três (3) problemas enfrentados recentemente pelas cidades brasileiras em função das chuvas com aqueles trabalhados na crônica;
- b) mostrar em que medida concorda com a visão do cronista sobre a questão.

OS DIAS ESCUROS

Carlos Drummond de Andrade

Amanheceu um dia sem luz – mais um – e há um grande silêncio na rua. Chego à janela e não vejo as figuras habituais dos primeiros trabalhadores. A cidade, enopada de chuva, parece que desistiu de viver. Só a chuva mantém constante seu movimento entre monótono e nervoso. É hora de escrever, e não sinto a menor vontade de fazê-lo. Não que falte assunto. O assunto aí está, molhando, ensopando os morros, as casas, as pistas, as pessoas, a alma de todos nós. Barracos que se desmancham como armações de baralho e, por baixo de seus restos, mortos, mortos, mortos.

Sobreviventes mariscando na lama, à pesquisa de mortos e de pobres objetos amassados. Depósito de gente no chão das escolas, e toda essa gente precisando de colchão, roupa de corpo, comida, medicamento. O calhau solto que fez parar a adutora. Ruas que deixam de ser ruas, porque não dão mais passagem. Carros submersos, aviões e ônibus interestaduais paralisados, corrida a mercearias e supermercados como em dia de revolução. O desabamento que acaba de acontecer e os desabamentos programados para daqui a poucos instantes.

Este, o Rio que tenho diante dos olhos, e, se não saio à rua, nem por isso a imagem é menos ostensiva, pois a televisão traz para dentro de casa a variada pungência de seus horrores.

Sim, é admirável o esforço de todo mundo para enfrentar a calamidade e socorrer as vítimas, esforço que chega a ser perturbador pelo excesso de devotamento desprovido de técnica. Mas se não fosse essa mobilização espontânea do povo, determinada pelo sentimento humano, à revelia do governo incitando-o à ação, que seria desta cidade, tão rica de galas e bens supérfluos, e tão miserável em sua infraestrutura de submoradia, de subalimentação e de condições primitivas de trabalho? Mobilização que de certo modo supre o eterno despreparo, a clássica desarrumação das agências oficiais, fazendo surgir de improviso, entre a dor, o espanto e a surpresa, uma corrente de afeto solidário, participante, que procura abarcar todos os flagelados.

Chuva e remorso juntam-se nestas horas de pesadelo, a chuva mantendo e destruindo por um lado, e, por outro, denunciando velhos erros sociais e omissões urbanísticas; e remorso, por que escondê-lo? Pois deve existir um sentimento geral de culpa diante de cidade tão desprotegida de armadura assistencial, tão vazia de meios de defesa da existência humana, que temos o dever de implantar e entretanto não implantamos, enquanto a chuva cai e o bueiro entope e o rio enche e o barraco desaba e a morte se instala, abatendo-se de preferência sobre a mão de obra que dorme nos morros sob a ameaça contínua da natureza; a mão de obra de hoje, esses trabalhadores entregues a si mesmos, e suas crianças que nem tiveram tempo de crescer para cumprimento de um destino anônimo.

No dia escuro, de más notícias esvoaçando, com a esperança de milhões de seres posta num raio de sol que teima em não romper, não há alegria para a crônica, nem lhe resta outro sentido senão o triste registro da fragilidade imensa da rica, poderosa e martirizada cidade do Rio de Janeiro.

Correio do Manhã, 14/01/1966.

36 Unesp 2011 Leia os textos a seguir:

MANIFESTAÇÃO SURTIU EM NOVA YORK NOS ANOS DE 1970

Muitos encaram o grafite como uma mera intervenção no visual das cidades. Outros enxergam uma manifestação social. E há quem o associe com vandalismo, pichação... Mas um crescente público prefere contemplá-lo como uma instigante, provocadora e fenomenal linguagem artística.

O grafite é uma forma de expressão social e artística que teve origem em Nova York, EUA, nos anos de 1970. O nova-iorquino Jean-Michel Basquiat foi o primeiro grafiteiro a ser reconhecido como artista plástico, tendo sido amigo e colaborador do consagrado Andy Warhol – a vida de Basquiat, aliás, mereceu até filme, lançado em 1996.

A chegada ao Brasil também foi nos anos de 1970, na bagagem do artista etíope Alex Vallauri e se popularizou por aqui. Desde a década de 1990 é pura fervelecência. Irreverente, a arte das ruas colocou à prova a criatividade juvenil e deu uma chance bastante democrática de expressão, que conquistou, além dos espaços públicos, um lugar na cultura nacional. Uma arte alternativa, que saiu dos guetos para invadir regiões centrais e privilegiadas em quase todo o Ocidente.

Hoje, à vista da sociedade e totalmente integrada ao cotidiano do cidadão brasileiro, a arte de rua provoca e, ao mesmo tempo, lembra a existência de minorias desfavorecidas e suas demandas por meio de coloridos desenhos que atraem a atenção.

Essa manifestação avançou no campo artístico e vem conquistando superfícies em ambientes até então improváveis: do interior de famosas galerias às fachadas externas de museus, como o Tate Modern, de Londres, que em 2008 (maio a setembro) teve a famosa parede de tijolinhos transformada em monumentais painéis grafitados (25 metros) pelas mãos, sprays e talento de grafiteiros de vários lugares do planeta, convidados para esse desafio, com destaque para os brasileiros Nunca e os artistas-irmãos Osgêmeos.

Fotografé Melhor. "Um show de cores se revela na arte dos grafites". São Paulo: Editora Europa, ano 14, nº 161. Fev. 2011.



DO VANDALISMO ANÁRQUICO À ARTE POLITICAMENTE COMPROMETIDA

Quanto à manifestação da arte de rua em si, pode-se afirmar que ela abrange desde o vandalismo anárquico até a arte politicamente comprometida. Vai da pichação, cujo propósito é sujar, incomodar, agredir, chamar a atenção sobre determinado espaço urbano ou simplesmente desafiar a sociedade estabelecida e a autoridade, até o lambe-lambe e o graffiti, nos quais se pretende criticar e transformar o status quo.

[...]

O transeunte [...] geralmente ignora, rechaça ou destrói essa arte, considerando-a sujeira, usurpação do seu direito a uma paisagem esterilizada, uma invasão do seu espaço (às vezes privado, às vezes público), uma afronta à mente inteligente. Escolhe não olhá-la, não observá-la, não ler nas suas entrelinhas e nos espaços entre seus rabiscos ou entre seus traços elaborados. Confunde o graffiti com a pichação, isto é, a arte com o vandalismo [...].

No entanto, em documentários e em entrevistas com vários artistas de rua em Curitiba em 2005 e 2006, pôde-se constatar que essa concepção é, na maioria dos casos, imprecisa. Grande parte dos escritores de graffiti e dos artistas envolvidos com o lambe-lambe não apenas estuda ou trabalha, mas tem rendimento bom ou ótimo na sua escola ou no seu emprego.

De acordo com a pesquisa ora em andamento, o artista de rua curitibano mora tanto na periferia quanto no centro, é oriundo tanto de famílias de baixa renda como de outras economicamente mais favorecidas. Seu nível de instrução varia do fundamental incompleto ao médio e ao superior, encontrando-se entre eles inclusive funcionários de órgãos culturais e educacionais da cidade, bem como profissionais liberais, arquitetos, publicitários, designers e artistas plásticos, entre outros. Pôde-se perceber, também, que suas preocupações políticas, sua consciência quanto à ecologia e ao meio ambiente natural ou urbano, seu engajamento voluntário ou profissional em organizações educacionais e assistencialistas são uma constante.

Elisabeth Seraphim Prosser. *Compromisso e sociedade no graffiti, na pichação e no lambe-lambe em Curitiba (2004-2006)*. Anais – Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2006-2007.

Proposição

Arte de rua, intervenção urbana, grafite, graffiti, pichação, lambe-lambe, são inúmeros os termos pelos quais é conhecida a atividade pictórica em muros, paredes e superfícies de prédios nas cidades do mundo inteiro. Muitas pessoas consideram tais trabalhos verdadeiros exemplos de arte plástica popular; outras afirmam que é puro vandalismo. Os autores ou escritores, por vezes, têm de dar explicações à polícia, quando flagrados desenhando ou pintando em superfícies de prédios públicos ou privados. Mas há quem os convide, tanto nas repartições públicas como nas empresas de todos os gêneros, a pintar painéis decorativos em edifícios. E não falta também quem já venha implantando cursos ou atividades complementares para alunos do ensino fundamental e médio aprenderem a fazer grafites.

Com base nesse comentário e levando em consideração, se achar conveniente, os textos apresentados, escreva uma redação de gênero dissertativo, em prosa obediente à norma culta da Língua Portuguesa, sobre o tema:

Grafites: entre o vandalismo e a arte

37 Unifesp 2011 Leia os três textos seguintes:

Texto 1

Num restaurante de classe média, pessoas torcem o nariz e pagam a conta antecipadamente, sem concluir a refeição, porque na mesa ao lado senta-se um casal negro, com uma filha e um filho adolescentes. Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável mas evidente. A adolescente discriminada põe-se a chorar e pede aos pais para irem embora também. A família comemorava ali o 14º aniversário dela.

Uma mulher decide sair de um casamento infeliz e pede a separação. O marido, que certamente também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa. As duas filhas moças tomam o partido do pai, como se de repente a mãe que delas cuidara por mais de vinte anos tivesse se transformado em alguém desprezível, irreconhecível e inaceitável. Nenhuma das duas lhe pergunta os seus motivos; ninguém deseja saber de suas dores; nenhuma das duas jovens mulheres lhe dá a menor chance de explicação, o menor apoio. Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara, educara, vestira, acarinhara e acompanhara devotadamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito.

Os casos se multiplicam, são muito mais cruéis do que estes, existem em meu bairro, em seu bairro. Nossa postura diante do inesperado, do diferente, raramente é de atenção, abertura, escuta. Pouco nos interessam os motivos, o bem, as angústias e buscas, direitos e razão de quem infringe as regras da nossa acomodação, frivolidade ou egoísmo. Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros, mesmo se antes eram muito próximos, queremos a imobilidade, a distância. Cassamos sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos. A intolerância, que talvez não conste no índice das religiões mais castradoras, é com certeza um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, se examinarmos bem.

Lya Luft. Veja, 15 dez. 2004. (Adapt.).

TEXTO 2

Entrevista com Zilda Márcia Gricoli, historiadora e diretora-executiva do Laboratório de Estudos da Intolerância da Universidade de São Paulo (USP), que investiga e discute o tema em todas suas vertentes.

Qual a proposta do Laboratório de Estudos da Intolerância?

Trata-se de um centro multidisciplinar da Universidade de São Paulo (USP) que investiga todos os dilemas da intolerância, seja ela política, religiosa, cultural, sexual. Incluímos também o que chamamos de tolerância ao intolerável: prostituição infantil e massacres de populações indígenas e de rua, por exemplo. Trabalhamos ainda com os direitos dos animais. Refletindo sobre a forma como os homens os tratam, descobrimos como eles agem em relação aos seres humanos. Faremos um grande seminário sobre o assunto, aberto ao público.

Dê exemplos da intolerância no Brasil.

Não toleramos o pobre, por exemplo. Pobre é lixo, não queremos ver, queremos jogá-los fora. Pode ser índio, negro, branco. Em São Paulo, há praças que contam com o banco "antimendigo", com braçadeiras especiais, que não permitem que ninguém durma ali. Gradearam chafarizes para que a população não tome banho. Tudo para "limpar" a cidade dos pobres. Como se eles fossem responsáveis pela sujeira.

É possível desenvolver a tolerância?

Sim. A intolerância é totalmente cultural. A cultura foi criada pelo homem para a sobrevivência da espécie. Ela tem esse objetivo, que é a proteção da vida, e não a destruição. A autonomia cultural não pode ir além da vida humana. Quando a cultura se apropria da negação do outro, é preciso uma intervenção.

<<http://planetasustentavel.abril.com.br>>. (Adapt.).

TEXTO 3

Fascismo, comunismo, nazismo e todos os outros ismos totalitários produziram ao longo dos tempos algumas das mais pavorosas cenas de intolerância perpetradas pelo homem contra alguém que ele julga diferente. "Fogueiras, patibulos, decapitações, guilhotinas, fuzilamentos, extermínios, campos de concentração, fornos crematórios, suplícios dos garrotes, as valas dos cadáveres, as deportações, os gulags, as residências forçadas, a Inquisição e o índice dos livros proibidos", descreveu o jurista italiano Italo Mereu, são algumas das mais bárbaras manifestações de ódio adotadas por quem julga "possuir a verdade absoluta e se acha no dever de impô-la a todos, pela força". A praga da intolerância só atinge esse patamar de perversidade quando um outro valor já não vigora mais há muito tempo: a democracia. E mais ou menos assim que as coisas funcionam. Aniquila-se a democracia em nome de um ideal revolucionário que promete semear a li-

berdade e o fim da opressão dos mais fracos. Essa é a promessa, mas o que se colhe jamais é a libertação, apenas abuso e intolerância. Numa primeira fase, o abuso é interno e concentrado contra os inimigos políticos do regime. Depois, todos se tornam inimigos em potencial e até a delação de vizinhos vira uma arma de controle social. Na fase seguinte, surgem as guerras contra os inimigos externos.

Amauri Segalla. Veja, 16 abr. 2003. (Adapt.).

Com base nas informações e reflexões dos textos apresentados – ou, ainda, agregando a eles outros elementos que você julgar pertinentes –, redija uma dissertação em prosa e em norma-padrão sobre o seguinte tema:

A intolerância em xeque

38 UFT 2011

Instruções

Redija um texto **dissertativo-argumentativo, em prosa**. Observe rigorosamente as orientações e informações a seguir.

- O texto deve ser desenvolvido segundo o tema.
- O tema vem acompanhado de uma coletânea, que tem o objetivo de orientar sua linha argumentativa.
- Sua redação será anulada se você: fugir ao tema proposto; desconsiderar a coletânea; não atender ao tipo de texto exigido.
- Seu texto deve ser redigido com letra legível. Rasuras e letra ilegível acarretam perda de pontuação.

Tema

A superficialidade da leitura na era digital

TEXTO 1: REPORTAGEM

O TEXTO NA ERA DIGITAL

[...]

Superficialidade

Há quem veja [na] torrente de informações que jorra na internet um fator negativo, dificultando nossa concentração em textos de fôlego como romances, por exemplo. Em artigo controverso publicado na revista *The Atlantic* em 2008, intitulado "O Google Está nos Deixando Idiotas?"; o crítico de tecnologia Nicholas Carr defende a tese de que a navegação na internet está interferindo em nossa capacidade de leitura. Se antes, afirma Carr, ele se sentia um "mergulhador num oceano de palavras"; hoje ele literalmente se sente "esquiando nesse oceano", dando a entender que a experiência de ler proporcionada pela internet é bastante superficial.

Por falar em imersão, para Roseli Deieno Braff, supervisora de língua portuguesa da editora COC, essa geração que já nasceu imersa na tecnologia não possui carência de informações, pois está sempre conectada. Porém falta muitas vezes a capacidade de se aprofundar mais no que leem e, conseqüentemente, de separar o joio do trigo.

Não falta informação para esses jovens, mas muitas vezes falta a capacidade de processar e refletir sobre tudo o que leem. Ansiosos e inquietos, consideram uma tarefa muito difícil ler um livro de cem páginas. Nesse sentido, a ausência de concentração torna-se muito negativa, obstáculo inclusive para a resolução dos problemas que a vida certamente vai oferecer – afirma Roseli.

Ainda que o processo de reflexão não esteja acompanhando o ritmo acelerado com que esta geração vem consumindo informações, a professora de português Rosângela Cremaschi, do curso de Comunicação Escrita da FAAP, acredita que a diversidade de códigos e linguagens tem deixado os jovens mais atentos e receptivos.

A internet deixou o leitor mais receptivo e participativo, pois recebe informações em diferentes linguagens e por meio de leituras não lineares. O texto até então "sagrado" se torna mais acessível. Se antes o ato de ler era algo distante, a internet acabou com isso, o que é positivo – defende Rosângela.

O escritor Michel Laub também vê com bons olhos os novos hábitos de leitura incutidos pela tecnologia. Para ele, a propensão a textos mais curtos em sites e blogs não nos tornou necessariamente mais dispersos ou desatentos. Ao contrário: lê-se mais do que antigamente.

Os que leem textos mais longos e difíceis são uma minoria como sempre foram. Mas o restante das pessoas, que há uma década não lia nada, hoje trabalha com o texto escrito boa parte do tempo, e isso cria um certo hábito de leitura, mesmo que diluído – afirma.

[...]

Elgivel Masaro. *Leitura* (Apogeu/Portuguesa) Ano 5, N. 14, Fev. 2011, pp. 28-31. (Texto adaptado).

TEXTO 2: TABELA

Percentual das pessoas que utilizaram a internet para cada finalidade, na população de 10 anos ou mais de idade que utilizou a internet, no período de referência dos últimos três meses, por Grandes Regiões, segundo a finalidade do acesso à internet – 2008

Finalidade do acesso à Internet (1)	Percentual das pessoas que utilizaram a internet para cada finalidade, na população de 10 anos ou mais de idade que utilizou a internet, no período de referência dos últimos três meses (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Educação e aprendizado	65,9	69,4	68,5	63,4	68,3	67,2
Comunicação com outras pessoas	83,2	78,1	82,3	83,9	84,1	82,8
Atividade de lazer	68,6	64,8	67,2	69,4	69,8	67,9
Leitura de jornais e revistas	48,6	43,1	43,1	51	49	50,3
Interação com autoridades públicas ou órgãos do governo	15,2	12,2	11,4	16,4	16,7	15,9
Comprar ou encomendar bens ou serviços	15,4	13,7	11,1	17,4	15,5	14,6
Transações bancárias ou financeiras	13,1	7	8,1	15,5	14,3	13,6
Buscar informações e outros serviços	25,5	20,2	22,6	27,4	26,6	22,6

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008.

(1) Incluem as pessoas que utilizam a internet para mais de uma finalidade.

Disponível em: <http://www.bge.gov.br/homemestransitopolitico/boasnotas/2008/tables/ta_2.html#tab2.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2011. (Texto adaptado).

Proposta de redação

Levando em consideração as colocações feitas na reportagem a respeito das experiências de leitura proporcionadas pela internet e os dados da tabela do IBGE sobre a finalidade do acesso à internet, elabore um texto dissertativo-argumentativo sobre a superficialidade da leitura na era digital.

39 UFMT 2011

Leia os textos.

Texto I



Seja gentil no trânsito, que o trânsito retribui.

E se você ouvisse uma música, em vez de buzinar? Ou apontasse o erro, em vez de xingar? Gentileza gera gentileza e se multiplica. Experimente.

O melhor jeito de se acostumar com ela é se pondo no lugar do outro. Se alguém tomar aquela vaga de estacionamento que você estava esperando, releve; caso um motorista não deixe você ultrapassar, tolere; se outro vier disposto a brigar, não dê brechas para continuar a discussão.

Quando você muda, a cidade muda, e isso começa dentro de cada um.

As pessoas são como espelhos quando se trata de atitude, um gesto bom que você faça volta com a mesma bondade. Ou seja, ganha você e quem está ao seu lado no farol. Entre para o movimento Trânsito + gentil, seu dia a dia agradece.

Disponível em: <www.transitomaisgentil.com.br>.

TEXTO II

No Brasil, mais de 40 mil pessoas morrem por ano vítimas da violência no trânsito, metade delas em decorrência de acidentes causados por embriaguez. Para tentar diminuir esse número, o governo brasileiro tomou medidas mais severas: a partir de junho de 2008, é considerado crime conduzir veículos com qualquer teor de álcool no organismo. A infração será considerada gravíssima, com suspensão da habilitação por um ano e multa. Em caso de acidentes com morte, o motorista embriagado será julgado por homicídio doloso (com intenção). Já na cidadezinha de Bohmte, na Alemanha, a metodologia para a redução de acidentes surpreende: foram abolidos completamente os semáforos e placas de trânsito, na esperança que os motoristas prestem mais atenção uns nos outros e menos nas regras previamente impostas. Como resultado, a cidade – que registrava cerca de sete acidentes graves ao mês – não registrou um único acidente, grave ou leve, desde a nova medida.

Disponível em: <<http://jornaldebates.uol.com.br>>. Adaptado.

Os textos permitem pensar quais desdobramentos uma campanha como a apresentada – *Trânsito + gentil* – pode ter para o comportamento das pessoas na sociedade brasileira, para muito além do objetivo imediato e restrito ao trânsito. Com base nessa referência, elabore um texto dissertativo, em norma-padrão da língua portuguesa, abordando a questão:

Educação no trânsito: exercício de poder ou de cidadania?

22 Fuvest 2012

TEXTO 1

A ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política, pois esta determina quais são as demais ciências que devem ser estudadas na pólis. Nessa medida, a ciência política inclui a finalidade das demais, e, então, essa finalidade deve ser o bem do homem.

Arístóteles. (Adapt.).

TEXTO 2

O termo "idiota" aparece em comentários indignados, cada vez mais frequentes no Brasil, como "política é coisa de idiota". O que podemos constatar é que acabou se invertendo o conceito original de idiota, pois a palavra idiôtes, em grego, significa aquele que só vive a vida privada, que recusa a política, que diz não à política.

Talvez devêssemos retomar esse conceito de idiota como aquele que vive fechado dentro de si e só se interessa pela vida no âmbito pessoal. Sua expressão generalizada é: "Não me meto em política".

M. S. Cortella e R. J. Ribeiro. *Política – por que não ser idiota?* (Adapt.).

TEXTO 3

FILHOS DA ÉPOCA

*Somos filhos da época
e a época é política.*

*Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.*

*Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.*

O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro, político.
[...]

Wisława Szymborska. Poemas.

TEXTO 4

As instituições políticas vigentes (por exemplo, partidos políticos, parlamentos, governos) vivem hoje um processo de abandono ou diminuição do seu papel de criadoras de agenda de questões e opções relevantes e, também, do seu papel de propositoras de doutrinas. O que não significa que se amplia a liberdade de opção individual. Significa apenas que essas funções estão sendo decididamente transferidas das instituições políticas (isto é, eleitas e, em princípio, controladas) para forças essencialmente não políticas – primordialmente as do mercado financeiro e do consumo. A agenda de opções mais importantes dificilmente pode ser construída politicamente nas atuais condições. Assim esvaziada, a política perde interesse.

Zygmunt Bauman. Em busca do político. (Adapt.).

TEXTO 5



Folha de S. Paulo, 05 out. 2011.

Os textos aqui reproduzidos falam de política, seja para enfatizar sua necessidade, seja para indicar suas limitações e impasses no mundo atual. Reflita sobre esses textos e redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta as ideias neles apresentadas, argumentando de modo a deixar claro o seu ponto de vista sobre o tema:

Participação política: indispensável ou superada?

Instruções

- A redação deve obedecer à norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

23 Unicamp 2012

TEXTO 1

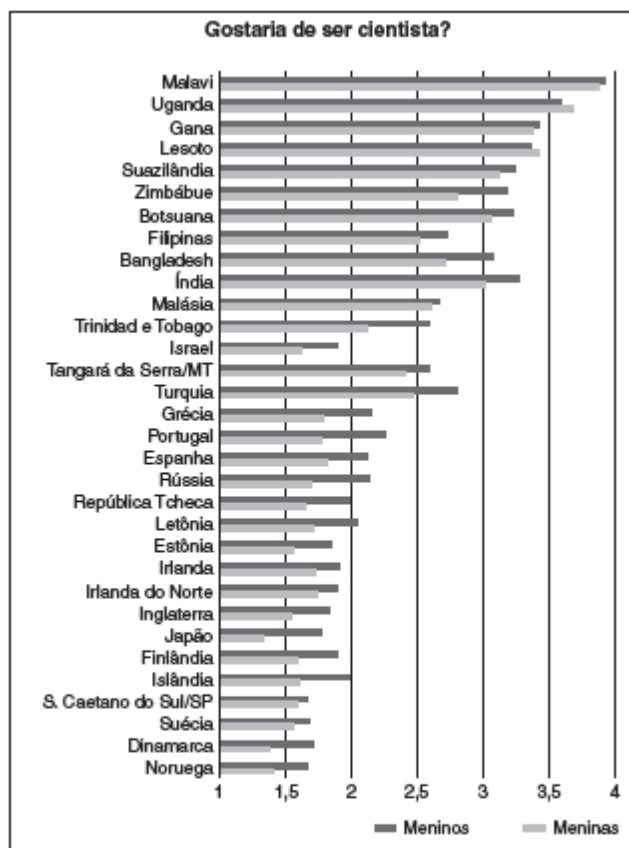
Imagine que, ao navegar em uma página da internet especializada em orientação vocacional, você encontra um fórum criado por concluintes do Ensino Médio para discutir o que leva uma pessoa a investir na profissão de cientista. Um dos participantes do fórum, que se autoneia Estudante Paulista, postou o gráfico reproduzido a seguir e escreveu o seguinte comentário:

Às 15h42, Estudante Paulista escreveu:

Vejam este gráfico! Ele mostra o resultado de uma pesquisa sobre o interesse de estudantes de vários lugares do mundo pela carreira científica. Vocês não acham que essa pesquisa reflete muito bem a realidade? Eu, por exemplo, sempre morei em São Paulo e nunca pensei em ser cientista!

Você decide, então, participar da **discussão**, postando um **comentário** sobre a mesma pesquisa, **em resposta** à pessoa que assina como Estudante Paulista. No comentário, você deverá:

- fazer uma análise do gráfico, sugerindo o que pode ser concluído a partir dos resultados da pesquisa;
- posicionar-se frente à opinião do Estudante Paulista, levando em conta a análise que você fez do gráfico.



Respostas de estudantes de vários países à pergunta "Gostaria de ser cientista?", apresentadas em escala de 1 a 4. Quanto maior o número, maior a quantidade de respostas positivas. Em destaque, os índices dos municípios brasileiros de Tangará da Serra (MT) e São Caetano do Sul (SP).

Ciência Hoje, n.282, vol. 47, Jun. 2011, p.59. (Adapt.).

TEXTO 2

Coloque-se no lugar dos **estudantes de uma escola** que passou a monitorar as páginas de seus alunos em redes sociais da internet (como o Orkut, o Facebook e o Twitter), após um evento similar aos relatados na matéria reproduzida a seguir. Em função da polêmica provocada pelo **monitoramento**, você resolve escrever um **manifesto** e recebe o apoio de vários colegas. Juntos, decidem lê-lo na **próxima reunião de pais e professores com a direção da escola**. Nesse manifesto, a ser redigido na modalidade oral formal, você deverá necessariamente:

- explicitar o evento que motivou a direção da escola a fazer o monitoramento;
- declarar e sustentar o que você e seus colegas defendem, convocando pais, professores e alunos a agir em conformidade com o proposto no documento.

ESCOLAS MONITORAM O QUE ALUNO FAZ EM REDE SOCIAL

Durante uma aula vaga em uma escola da Grande São Paulo, os alunos decidiram tirar fotos deitados em colchonetes deixados no pátio para a aula de educação física. Um deles colocou uma imagem no Facebook com uma legenda irônica, em que dizia: *vejam as aulas que temos na escola. Uma professora viu a foto e avisou a diretora. Resultado: o aluno teve de apagá-la e todos levaram uma bronca.*

O caso é um exemplo da luta que as escolas têm travado com os alunos por conta do uso das redes sociais. Assuntos relativos à imagem do colégio, casos de bullying virtual e até mensagens em que, para a escola, os alunos se expõem demais, estão tendo de ser apagados e podem acabar em punição. Em outra instituição, contam os alunos, um casal foi suspenso depois de a menina pôr no Orkut uma foto deles se beijando nas dependências da escola.

As escolas não comentaram os casos. Uma delas diz que só pediu para apagar a foto porque houve um "tom ofensivo". Como outras escolas consultadas, nega que monitore o que os alunos publicam nos sites.

Exercícios – Como professores e alunos são "amigos" nas redes sociais, a escola tem acesso imediato às publicações.

Foi o que aconteceu com um aluno do ABC paulista. Um professor soube da página que esse aluno criou com amigos no Orkut. Nela, resolviam exercícios de geografia – cujas respostas acabaram copiadas por colegas. O aluno teve de tirá-la do ar.

O caso é parecido com o de uma aluna de 15 anos do Rio de Janeiro obrigada a apagar uma comunidade criada por ela no Facebook para a troca de respostas de exercícios. Ela foi suspensa. Já o aluno do ABC paulista não sofreu punição e o assunto ética na internet passou a ser debatido em aula.

Transformar o problema em tema de discussão para as aulas é considerado o ideal por educadores. "A atitude da escola não pode ser polícialista, tem que ser preventiva e negociadora no sentido de formar consciência crítica", diz Sílvia Colello, professora de pedagogia da USP.

Talita Bestinelli & Fabiana Fehwald. Folha de S.Paulo, 19 Jun. 2011. (Adapt.).

TEXTO 3

Imagine-se na posição de um **leigo em informática** que, ao ler a matéria Cabeça nas nuvens, reproduzida a seguir, decide buscar informações sobre o que chamam de **computação em nuvem**. Após conversar com usuários de computador e ler vários textos sobre o assunto (alguns dos quais reproduzidos a seguir em I, II e III), você conclui que o conceito é pouco conhecido e resolve elaborar um **verbete** para explicá-lo. Nesse verbete, que será publicado em uma **enciclopédia on-line** destinada a **pessoas que não são especializadas em informática**, você deverá:

- definir *computação em nuvem*, fornecendo dois exemplos para mostrar que ela já está presente em atividades realizadas cotidianamente pela maioria dos usuários de computador;
- apresentar uma vantagem e uma desvantagem que a aplicação da *computação em nuvem* poderá ter em um futuro próximo.

CABEÇA NAS NUVENS

Quando foi convidado para participar da feira de educação da Microsoft, Diogo Machado já sabia que projeto desenvolver. O estagiário de informática da Escola Estadual Professor Francisco Coelho Ávila Júnior, em Cachoeiro de Itapemirim (ES), estava cansado de ouvir reclamações de alunos que perdiam arquivos no computador. Decidiu criar um sistema para salvar trabalhos na própria internet, como ele já fazia com seus códigos de programação. Dessa forma, se o computador desse pau, o conteúdo ficaria seguro e poderia ser acessado de qualquer máquina. A ideia do recém-formado técnico em informática se baseava em clouding computing (ou *computação em nuvem*), tecnologia que é a aposta de gigantes como Apple e Google para o armazenamento de dados no futuro.

Em três meses, Diogo desenvolveu o Escola na nuvem (escolanuvem.com.br), um portal em que estudantes e professores se cadastram e podem armazenar e trocar conteúdos, como o trabalho de matemática ou os tópicos da aula anterior. As informações ficam em um disco virtual, sempre disponíveis para consulta via web.

Extraído de Galileu, n° 241, ago. 2011, São Paulo: Editora Globo, p. 79.

TEXTO 1

"VOCÊ QUER TER UMA MÁQUINA DE LAVAR OU QUER TER A ROUPA LAVADA?"

Essa pergunta resume de forma brilhante o conceito de *computação em nuvem*, que foi abordado em um documentário veiculado recentemente na TV.

<<http://toprenda.net/2010/04/computacao-em-nuvem-voc-e-ja-ou-nem-sabia>>. (Adapt.).

TEXTO 2

Vamos dizer que você é o executivo de uma grande empresa. Suas responsabilidades incluem assegurar que todos os seus empregados tenham o software e o hardware de que precisam para fazer o seu trabalho. Comprar computadores para todos não é suficiente – você também tem de comprar software ou licenças de software para dar aos empregados as ferramentas que eles exigem.

Em breve, deve haver uma alternativa para executivos como você. Em vez de instalar uma suíte de aplicativos em cada computador, você só teria de carregar uma aplicação. Essa aplicação permitiria aos trabalhadores logar-se em um serviço baseado na web que hospeda todos os programas de que o usuário precisa para o seu trabalho. Máquinas remotas de outra empresa rodariam tudo – de e-mail a processador de textos e a complexos programas de análise de dados. Isso é chamado *computação em nuvem* e poderia mudar toda a indústria de computadores.

Se você tem uma conta de e-mail com um serviço baseado na web, como Hotmail, Yahoo! ou Gmail, então você já teve experiência com *computação em nuvem*. Em vez de rodar um programa de e-mail no seu computador, você se loga numa conta de e-mail remotamente pela web.

Jonathan Strickland. Como funciona a *computação em nuvem*. Disponível em: <<http://informatica.hswuol.com.br/computacao-em-nuvem.htm>>.

TEXTO 3

A simples ideia de determinadas informações ficarem armazenadas em computadores de terceiros (no caso, os fornecedores de serviço), mesmo com documentos garantindo a privacidade e o sigilo, preocupa pessoas, órgãos do governo e, principalmente, empresas. Além disso, há outras questões, como o problema da dependência de acesso à internet: o que fazer quando a conexão cair? Algumas companhias já trabalham em formas de sincronizar aplicações off-line com on-line, mas tecnologias para isso ainda precisam evoluir bastante.

O que é Cloud Computing? Disponível em: <<http://www.infowester.com/cloudcomputing.php>>. (Adapt.).

24 Unesp 2012 Leia os textos a seguir:

UM HOMEM SUPERIOR

Quis a desgraça de Medeiros [patrão de Clemente] que os negócios lhe corresse mal; duas ou três catástrofes comerciais o puseram às portas da morte.

Clemente Soares fez quanto pôde para salvar a casa de que dependia o seu futuro, mas nenhum esforço era possível contra um desastre marcado pelo destino, que é o nome que se dá à tolice dos homens ou ao concurso das circunstâncias.

Achou-se sem emprego nem dinheiro.

[...]

No pior da sua posição, recebeu Clemente uma carta em que o comendador o convidava a ir passar algum tempo na fazenda.

Sabedor da catástrofe de Medeiros, queria o comendador naturalmente dar a mão ao rapaz. Este não esperou que repetisse o convite. Escreveu logo dizendo que daí a um mês se poria em marcha.

Efetivamente um mês depois saía Clemente Soares em caminho do município de***, onde era a fazenda do comendador Brito.

O comendador esperava-o ansioso. E não menos ansiosa estava a moça, não sei se porque já lhe tivesse amor, se porque ele fosse uma distração no meio da monótona vida rural.

Recebido como amigo, tratou Clemente Soares de pagar a hospitalidade, fazendo-se conviva alegre e divertido.

Ninguém o poderia melhor do que ele.

Dotado de grande perspicácia, compreendeu em poucos dias como entendia o comendador a vida do campo, e tratou de o lisonjear por todos os modos.

Infelizmente, dez dias depois da sua chegada à fazenda, adoeceu gravemente o comendador Brito, por maneira que o médico poucas esperanças deu à família.

Era ver o zelo com que Clemente Soares servia de enfermeiro do doente, procurando por todos os meios suavizar-lhe os males. Passava noites em claro, ia aos povoados quando era necessário fazer alguma coisa mais importante, consolava o doente já com palavras de esperanças, já com animada conversa, cujo fim era distraí-lo de pensamentos lúgubres.

— Ah! dizia o pobre velho, que pena que eu o não conhecesse há mais tempo! Bem vejo que é um verdadeiro amigo.

— Não me elogie, comendador, dizia Clemente Soares, não me elogie, que é tirar o mérito, se o há, destes deveres agradáveis ao meu coração.

O procedimento de Clemente influenciou no ânimo de Carlotinha, que nesse desafio de solicitude soube mostrar-se esposa dedicada e reconhecida. Ao mesmo tempo fez com que em seu coração se desenvolvesse o gérmen de afeto que Clemente de novo lhe lançara.

Carlotinha era uma moça frívola; mas a doença do marido, a perspectiva da viuvez, o desvelo do rapaz, tudo fez nela uma profunda revolução.

E mais que tudo, a delicadeza de Clemente Soares, que, durante esse tempo de tão graves preocupações para ela, nenhuma palavra de amor lhe dirigiu.

Era impossível que o comendador escapasse à morte.

Machado de Assis. Contos Aluvinenses, vol. II. São Paulo: Editora Motta, 1962, p. 103-105.

FAGUNDES, UM PUXA-SACO DE MÃO-CHEIA



Laerte (Laerte Coutinho). Fagundes: um puxa-saco de mão-cheia. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 16.

AS REAÇÕES DO CÉREBRO À BAJULAÇÃO

Pesquisa mostra que se você for bajular alguém é melhor fazer elogios descarados

Não é o que os meritocratas convictos gostariam de ouvir. Uma pesquisa da escola de negócios da Hong Kong University of Science and Technology indica que a bajulação tem um efeito marcante no cérebro da pessoa bajulada. Mais surpreendente do que isso é a conclusão do estudo de autoria de Elaine Chan e Jaideep Sengupta: quanto mais descarada a bajulação, mais eficiente ela é. A pesquisa deu origem a um artigo no *Journal of Marketing Research*, intitulado *Insincere Flattery Actually Works* ("Bajulação insincera de fato funciona", numa tradução literal) e rapidamente chamou a atenção da imprensa científica mundial.

Os autores são cautelosos ao afirmar que puxar o saco funciona, mas é nessa direção que sua pesquisa aponta. Elaine e Sengupta criaram situações nas quais os pesquisados foram expostos à bajulação insincera e oportunista. Numa delas, distribuíram um folder entre os pesquisados que detalhava o lançamento de uma nova rede de lojas. O material publicitário elogiava o "apurado senso estético" do consumidor. Apesar do evidente puxa-saquismo, o sentimento posterior das pessoas foi de simpatia em relação à rede. Entre os participantes, a medição da atividade cerebral no córtex pré-frontal (responsável pelo registro de satisfação) indicou um aumento de estímulos nessa região. O mesmo ocorreu em todas as situações envolvendo elogios.

Segundo os pesquisadores, a bajulação funciona devido a um fenômeno cerebral conhecido como "comportamento de atraso". A primeira reação ao elogio insincero é de rejeição e desconsideração. Apesar disso, a bajulação fica registrada, cria raízes e se estabelece no cérebro humano. A partir daí, passa a pesar subjetivamente no julgamento do elogiado, que tende, com o tempo, a formar uma imagem mais positiva do bajulador. Isso vale desde a agência de propaganda até o funcionário que leva um cafezinho para o chefe. "A suscetibilidade à bajulação nasce do arraigado desejo do ser humano de se sentir bem consigo mesmo", diz Elaine Chan. A obviedade e o descaramento do elogio falso, paradoxalmente, conferem-lhe maior força. Segundo os pesquisadores, é a rapidez com que descartamos os elogios manipuladores que faz com que eles passem sem filtro pelo cérebro e assim se estabeleçam de forma mais duradoura.

Segundo Elaine e Sengupta, outro fator contribui para a bajulação. É o "efeito acima da média": Temos a tendência de nos achar um pouco melhor do que realmente somos, pelo menos em algum aspecto. Pesquisas com motoristas comprovam: se fôssemos nos fiar na autoimagem ao volante, não haveria barbeiros. Isso vale até para a pessoa com baixa autoestima. Em alguma coisa, ela vai se achar boa, nem que seja em bater figurinha.

Mas se corremos o risco de autoengano com a ajuda do bajulador, como se prevenir? "Desenvolvendo uma autoestima autêntica", diz Elaine. A pessoa equilibrada, que tem amor-próprio, é mais realista sobre si mesma, aceita-se melhor e se torna mais imune à bajulação.

As reações do cérebro à bajulação. *Época Negócios*, mar. 2010, p. 71.

Proposição

Bajular, lisonjear, adular, puxar saco são atitudes consideradas, muitas vezes, defeitos de caráter ou deslizes de natureza ética; são, também, condenadas pelas próprias religiões, como vícios ou "pecados". As ficções literárias, teatrais e cinematográficas estão repletas de tipos bajuladores, lisonjeadores, adutores, puxa-sacos, quase sempre sob o viés do ridículo e do desvio de caráter. Modernamente, porém, pelo menos em parte, essa condenação à bajulação e à lisonja tem sido atenuada, e até mesmo justificada por alguns como parte do *marketing pessoal*, ou como estratégia para atingir metas, dado o fato de que, como se informa no próprio artigo apresentado, até

o elogio mais insincero pode encontrar eco na mente e no coração do elogiado. Na passagem do conto de Machado de Assis, Clemente Soares acabou atingindo seus objetivos por meio da bajulação, e a personagem Fagundes, de Laerte, parece viver sempre feliz em sua atividade preferencial de bajular.

Refleta sobre o conteúdo dos três textos mencionados e elabore uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

A bajulação: virtude ou defeito?

25 Unifesp 2012 Observe a charge, publicada no Diário de Guarulhos em 18 maio 2011.



Charges como essa inspiraram-se na polêmica instalada devido à orientação sobre variação linguística em um livro didático produzido para a Educação de Jovens e Adultos, *Por uma vida melhor*, distribuído pelo Ministério da Educação (MEC). A passagem polêmica traz as seguintes informações:

Os livros ilustrados mais interessantes estão emprestados.

livro (masculino, singular) → os (masculino, plural)
ilustrado (masculino, singular)
interessante (masculino, singular)
emprestado (masculino, singular)

Você acha que o autor dessa frase se refere a um livro ou a mais de um livro? Vejamos: O fato de haver a palavra *os* (plural) indica que se trata de mais de um livro. Na variedade popular, basta que esse primeiro termo esteja no plural para indicar mais de um referente. Reescrevendo a frase no padrão da norma culta, teremos:

Os livros ilustrados mais interessantes estão emprestados.

Você pode estar se perguntando: “Mas eu posso falar ‘os livros’?” Claro que pode. Mas fique atento porque, dependendo da situação, você corre o risco de ser vítima de **preconceito linguístico**. Muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando todas as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas. O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião.

Sírio Possenti, professor da Unicamp, em artigo publicado no jornal *O Estado de S.Paulo*, em 22 maio 2011, afirmou: “O jornalismo nativo teve uma semana infeliz. Ilustres colonistas e afamados comentaristas bateram duro em um livro, com base na leitura de uma das páginas de um dos capítulos. Houve casos em que nem entrevistado nem entrevistador conheciam o teor da página, mas apenas

uma nota que estava circulando (meninos, eu ouvi). Nem por isso se abstiveram de ‘analisar’.” O professor apontou três pontos fundamentais sobre o assunto:

- I. “Uma questão refere-se ao conceito de regra: quem acha que gramática quer dizer gramática normativa toma o conceito de regra como lei e o de lei como ordem: deve-se falar / escrever assim ou assado; as outras formas são erradas. Mas o conceito de regra / lei, nas ciências (em linguística, no caso), tem outro sentido: refere-se à regularidade [...]. ‘Os livros’ seguem uma regra. E uma gramática é conjunto de regras, também descritivas.”
- II. “Outro problema foi responder ‘pode’ à pergunta se se pode dizer os livros. ‘Pode’ significa possibilidade (pode chover), mas também autorização (pode comer buchada). No livro, ‘pode’ está entre possibilidade e autorização. Foi esta a interpretação que gerou as reações. Além disso, comentaristas leram ‘pode’ como ‘deve’. E disseram que o livro ensina errado, que o errado agora é certo.”
- III. “A terceira passagem atacada foi a advertência de que quem diz ‘os livros’ pode ser vítima de preconceito. Achou-se que não há preconceito linguístico. Mas a celeuma mostra que há, e está vivíssimo. Uma prova foi a associação da variedade popular ao risco do fim da comunicação. Li que o português ‘correto’ é efeito da evolução (pobre Darwin!). Ouvi que a escrita (!) separa os homens dos animais!”

Em artigo na revista *Veja*, em 25 maio 2011, a escritora Lya Luft disse: “O livro e a ideia que o fundamenta começam a merecer críticas de entidades como a Academia Brasileira de Letras e de centenas de estudiosos. Eu o vejo como o coroamento do descaso, da omissão, da ignorância quanto à língua e de algum laivo ideológico torto, que não consigo entender bem. Acrescenta: “Essa variedade se chama adequação, é essencial, é natural e enriquece a língua. Mas querer que a escola ignore que existe uma língua-padrão, que todos temos o direito de conhecer, é nivelar por baixo, como se o menos informado fosse incapaz. É mais uma vez discriminar quem não pôde desenvolver plenamente suas capacidades.”

No dia 19 maio 2011, em seu Editorial, a *Folha de S.Paulo* publicou: “O episódio, que faz lembrar as ferozes controvérsias gramaticais da República Velha (1889-1930), é menos relevante em si do que pelo que reitera em termos de mentalidade pedagógica. De algumas décadas para cá, a pretexto de promover uma educação ‘popular’ ou ‘democrática’, muitos educadores dedicam-se a solapar toda forma de saber implicada no repertório de conteúdos que a humanidade vem acumulando ao longo das gerações. Em vez da revolução pedagógica que apregoam, o resultado tem sido a implantação despercebida da lei do menor esforço nas escolas. Estuda-se pouco e ensina-se mal. Isso – e não suscetibilidades gramaticais – é o que deveria preocupar.”

Por fim, veja-se a posição da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN): “O livro acata orientações dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) já em andamento há mais de uma década. Outros livros didáticos também englobam a discussão da variação linguística para ressaltar o papel e a importância da norma culta no mundo letrado. Portanto, nunca houve a defesa de que a norma culta não deva ser ensinada. Ao contrário, entende-se que esse é o papel da escola, garantir o domínio da norma para o acesso efetivo aos bens culturais e para o pleno exercício da cidadania. Esta é a única razão que justifica a existência da disciplina de Língua Portuguesa para falantes nativos de português.” Conclui-se o texto: “é importante esclarecer que o uso de formas linguísticas de menor

prestígio não é indício de ignorância ou de outro atributo que queiramos impingir aos que falam desse ou daquele modo. A ignorância não está ligada às formas de falar ou ao nível de letramento. Aliás, pudemos comprovar isso por meio desse debate que se instaurou em relação ao ensino de língua e à variedade linguística."

Com base nas informações apresentadas – e em outros conhecimentos sobre o assunto discutido – elabore um texto dissertativo, em norma-padrão da língua, abordando o seguinte tema:

A questão da variação linguística no contexto da educação

26 UFRN 2012 O Ministério da Educação e Cultura (MEC) decidiu publicar um caderno especial, intitulado **A educação de que precisamos**, composto de uma seleção de artigos de opinião escritos por vestibulandos 2012. Para a redação do artigo, o participante deverá fundamentar-se, no mínimo, em dois desafios do século XXI, presentes no esquema reproduzido a seguir.



Proposta de redação

Imaginando-se na condição de vestibulando interessado em participar dessa publicação, redija um artigo de opinião em que você apresente e defenda, com argumentos, a educação que a escola deve oferecer para atender às transformações e aos desafios do século XXI.

Seu artigo deverá, obrigatoriamente, atender às seguintes normas:

- apresentar explicitamente um ponto de vista, fundamentado em argumentos;
- ser redigido na variedade padrão da língua portuguesa;
- não ser escrito em versos;
- conter, no mínimo, 20 linhas;
- não ser assinado (nem mesmo com pseudônimo).

Atenção

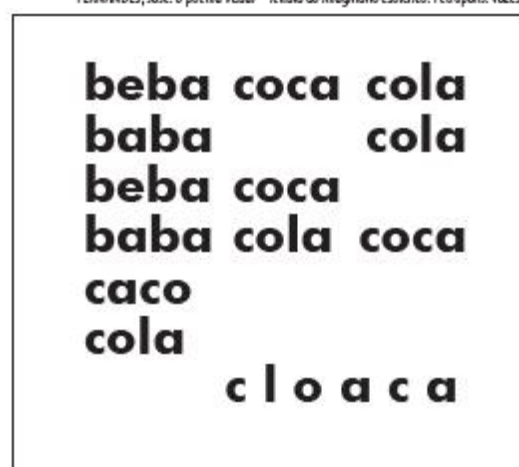
Será atribuída nota zero à redação em qualquer um dos seguintes casos:

- fuga ao tema ou à proposta;
- letra ilegível;
- identificação do candidato (nome, assinatura ou pseudônimo);
- artigo escrito em versos.

TEXTO

Beber coca-cola não figura nos países do Terceiro Mundo tão somente como o ato de sorver o líquido e matar a sede; é antes, o ato de absorver uma cultura que se coloca por trás do discurso visual, ou se mistura com a essência da coca. Babe, além de se referir diretamente ao ato de lambuzar, próprio de quem vai ao ponto sem se precaver, reserva uma carga semântica que se interconecta às consequências da perda da identidade cultural. Esse raciocínio se clarifica quando verificamos que babar se correlaciona, ainda, com a fala melíflua, fala enganosa da propaganda e do domínio cultural que se impõe aos povos subdesenvolvidos. Alicerçando nossa interpretação, observamos que a ação de babar não se refere mais à coca, como o fizera a de beber, mas a cola. Ora, babar cola é, de certa maneira, aderir ao consumismo, que compreende toda a dinâmica do capital e, sobremaneira, do copismo cultural.

FERNANDES, José. *O poema visual – leitura do imaginário esotérico*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 125.



Proposta de redação

Após fazer a leitura dos elementos textuais aí dispostos, naturalmente você já imagina quais são os pontos temáticos em discussão. Primeiro, o texto de José Fernandes prenuncia um debate acerca da nossa condição de povo consumidor; em seguida, vem a ousadia poética de Décio Pignatari que reflete sobre o mesmo tema; depois, o ícone publicitário da Coca-Cola. E agora? Reflita você também sobre o mesmo tema. Escreva o seu texto dissertativo, tomando como argumento principal a seguinte afirmação: **“com efeito, a lógica consumista faz da disposição de consumir coisas uma necessidade vital irrevogável”** (*Filosofia*, ano VI, Edição 66, dez. 2011, p. 19).

Instruções

Para elaborar a sua redação, respeite os seguintes critérios enumerados abaixo.

1. Seu texto será do tipo dissertativo-argumentativo.
2. A abordagem do tema não deverá restringir sua reflexão a casos particulares e específicos.
3. Formule uma opinião sobre o assunto e apresente argumentos que defendam seu ponto de vista.
4. Para esclarecer esses argumentos, apresente causas e consequências, exemplos, fatos-exemplo, dados e testemunhos.
5. Conclua, defendendo sua posição.
6. Sirva-se da leitura dos fragmentos apresentados somente para fazer uma reflexão sobre o assunto e criar ideias para sua redação. Não os transcreva como se fossem seus.
7. Responda somente com caneta de tinta azul ou preta e não se identifique com marcas, assinaturas etc. na Folha de Resposta da Redação.

28 UnB 2012

— Hum, mitos na sociedade contemporânea... as definições anteriores não parecem convincentes no contexto da sociedade pós-industrial, pós-capitalista, pós-moderna em que vivemos.

— E o que Walter Benjamin quer dizer, não? "A humanidade, que, um dia, com Homero, foi objeto de contemplação para os deuses olímpicos, hoje, o é para si mesma. Sua alienação de si própria atinge um grau que a faz viver sua própria destruição como uma sensação estética de primeira ordem".

Walter Benjamin. Apud T. M. Chinellato. *Mitologia no imaginário da publicidade. Comunicare: revista de pesquisa. Centro Interdisciplinar de Pesquisa, Faculdade Cásper Líbero*, v. 6, n.º 2, p. 97. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2006.

Hoje, é preciso construir outra persona, ilusória. Tatuagens e plásticas são bem-vindas em cima de músculos forçadamente desenvolvidos em sessões excessivas de academia, não raro, diárias. São combinações perfeitas para os silicones e anabolizantes dos que consomem, narcisisticamente, sua inclusão no novo mundo do prazer.

Lázaro Freire. *Neonarcisismo pós-hedonista – silicone e negação*. Disponível em: <www.wadadores.com.br>.



Maurerilson. *Corvelo Brazilianerise*, 20 ago. 2005.

O corpo da moda, miragem da onipotência erótica, encontra-se no mundo, exposto nas vitrinas, nas páginas de revistas, nas telas de cinema e na televisão. Mas, como o reflexo do Narciso grego, está lá para ser visto, cobiçado e nunca para ser apropriado. Ao ser tocado ele some, desfaz-se.

O Narciso moderno não é um Narciso. Ele não ama a imagem de si mesmo; pelo contrário, a odeia. Esta relação de ódio ao próprio corpo, e ódio e inveja do corpo desejado é motor do interesse narcísico, presente na sociedade de consumo. É a relação de Dorian Gray com seu retrato

e a de Gustav Aschenbach com Tadzio, por quem era apaixonado, que fornece o modelo espiritual do ego consumans do homem urbano contemporâneo.

Jurandir Freire Costa. *Violência e psicodrama*. Rio de Janeiro: Graal Edições, 2003. pp. 241 e 248 (com adaptações).



Mente cérebro, dez. 2011, p. 69.

Na obra *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, o conflito da narrativa surge quando Gray, ao ver seu retrato pintado por um amigo, adquire a consciência de sua perfeição física.

Dorian Gray conserva, durante a narrativa, que se passa ao longo de dezoito anos, a face lisa e angelical dos vinte anos, enquanto o quadro incorpora os sinais físicos de uma vida de excessos e decrepitude moral.

Essa obra evoca o mito de Narciso, o herói que se apaixona pela própria imagem refletida nas águas e termina por se afogar na tentativa de alcançá-la. Gray sabe perfeitamente que observa o próprio retrato, ao passo que Narciso não se dá conta de que a imagem que o fascina é a de si mesmo.

Mente cérebro, dez. 2011, pp. 68-70 (com adaptações).

Considerando os textos apresentados como motivadores, redija um texto dissertativo, na variante padrão da língua portuguesa, acerca do seguinte questionamento.

O mundo do espelho de Narciso é um desafio ao homo sapiens?

29 PUC-Rio 2012

Os textos a seguir são fragmentos de cartas, escritas por profissionais reconhecidos nas suas áreas de atuação, endereçadas a jovens que aspiravam fazer a mesma escolha profissional que seus conselheiros.

Esses trechos têm o objetivo de contribuir para a sua reflexão. Leia-os com atenção, analise o grau de relevância do que é afirmado e procure confrontar sua percepção e experiência com o que dizem os textos.

Produza, então, **um texto dissertativo-argumentativo**, com título sugestivo, no qual você expresse – de forma clara, coerente e bem fundamentada – **o que formaria a bagagem essencial de um futuro profissional da área em que você deseja atuar**.

Em cerca de 25 linhas, você deverá contextualizar o tema, localizar/identificar a área de atuação escolhida, discutir posições e manifestar o seu ponto de vista. Serão valorizadas a pertinência e a originalidade de seus argumentos.

Alguns dos textos de reflexão podem ser reproduzidos, em parte, na sua redação, mas em forma de discurso indireto ou de paráfrase, com as devidas fontes mencionadas na redação. Não assine.

TEXTO I**CARTA A UM JOVEM POETA****RAINER MARIA RILKE**

[...] Procure entrar em si mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever; examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria, se lhe fosse vedado escrever? Isto acima de tudo: pergunte a si mesmo na hora mais tranquila de sua noite: "Sou mesmo forçado a escrever?" Escave dentro de si uma resposta profunda. Se for afirmativa, se puder contestar aquela pergunta severa por um forte e simples "sou", então construa a sua vida de acordo com esta necessidade. [...] Evite, de início, as formas usais e demasiado comuns: são essas as mais difíceis, pois precisa-se de uma força grande e amadurecida para se produzir algo de pessoal num domínio em que sobram tradições boas, algumas brilhantes. Eis por que deve fugir dos motivos gerais para aqueles que a sua própria existência cotidiana lhe oferece; relate suas mágoas e seus desejos, seus pensamentos passageiros, sua fé em qualquer beleza – relate tudo isto com íntima e humilde sinceridade. Utilize, para se exprimir, as coisas do seu ambiente, as imagens dos seus sonhos e os objetos de sua lembrança. Se a própria existência cotidiana lhe parecer pobre, não a acuse. Acuse a si mesmo, diga consigo que não é bastante poeta para extrair as suas riquezas. [...] Nada a poderia perturbar mais do que olhar para fora e aguardar de fora respostas a perguntas a que talvez somente seu sentimento mais íntimo possa responder na hora mais silenciosa.

Disponível em: <http://www.releituras.com/rilke_cartpoeta.asp>.**TEXTO II****CARTA A UM JOVEM CHEF****LAURENT SUAUDEAU**

Este livro é fruto do que vi e aprendi com meus mestres, e também do que aperfeiçoei em quase 30 anos de manejo de panelas. O que sei tento repassar aos jovens que frequentam a minha cozinha e a minha escola e que sonham com um grande futuro na profissão. Não tenho todas as respostas. [...] acho que, para ser cozinheiro, é fundamental que a pessoa goste de comer e de cozinhar. E que tenha o dom, pois a nossa profissão tem algo de sacerdotal, pela necessidade de aprendizagem, pelo fato de você precisar conquistar os postos na hierarquia de uma cozinha e pela existência de um verdadeiro ritual de gestos, tudo regulamentado por um determinado conceito. Você pode até me perguntar se, hoje em dia, é realmente necessária a formação rigorosa de um cozinheiro para ele ser bem-sucedido. Apesar de o comportamento de certos colegas dar a impressão de que bastam criatividade e algum pragmatismo, acredito, com firmeza, que a disciplina e os conhecimentos são imprescindíveis. O bom cozinheiro está sempre se colocando questões, pois nunca julga ter alcançado a perfeição. [...] Quando se escolhe uma profissão, normalmente, a gente busca algo que ajude a ganhar a vida e também permita a realização pessoal. Mas isso não acontece da noite para o dia. Para se tornar um chef conhecido o aprendiz tem um longo caminho a percorrer. [...] todos os chefs que conseguiram destaque são pessoas com um grau de humildade muito elevado em sua postura e no respeito à ordem estabelecida na cozinha. São pessoas que querem aprender, que fazem perguntas, que observam caladas, mas com inteligência. Por outro lado, você vê pessoas extremamente talentosas, que não conseguem se enquadrar na equipe. Muitos acham que sabem tudo e aí se complicam.

Texto adaptado de SUAUDEAU, Laurent. Cartas a um jovem chef. cozinhas no mundo da cozinha. Rio de Janeiro, Elsevier, 2007.

TEXTO III**CARTA A UM JOVEM ADVOGADO****JOSÉ NIVALDO CORDEIRO**

[...] é muito difícil para os jovens discernir entre o erro e o acerto, a verdade e a mentira, o justo e o injusto. [...] Na verdade, é preciso mudar, pois a cada fase da existência alcançamos graus superiores de consciência que frequentemente negam as antigas convicções. Isso é uma normalidade, é o processo de educação humana em ação. Não se pode exigir que um jovem na faixa dos vinte anos tenha a maturidade e a experiência de alguém com o dobro da sua idade. A cada momento a sua consciência se amplia. Quando mudar, então? Quando sua convicção interior lhe recomendar que mude. Não há outro juiz. [...] Se esses conhecimentos poderão ser digeridos e transformados em saber, é uma questão em aberto, que varia de indivíduo para indivíduo. [...] O erro é não mudar. Aqueles que têm compromisso com a Verdade precisam mudar permanentemente, pois conquistar graus elevados de consciência não é algo que se faça de um golpe só, é um processo contínuo que a cada instante exige o abandono das verdades parciais antigas. Ninguém chega à Verdade sem passar pelas dores do longo aprendizado. É isso que torna uma criança um ser humano adulto e senhor do seu próprio destino, no pleno exercício de sua liberdade. Mude e será um indivíduo pleno.

Disponível em: <<http://www.abovodacarvalho.org/convidados/0161.htm>>.**TEXTO IV****CARTA A UM JOVEM JORNALISTA****ALBERTO DINES**

O que é indispensável para mudar o mundo a partir do jornalismo? Uma pequena caixa de ferramentas e nela um apetrecho essencial: o conhecimento da história. Não me refiro à história da humanidade, que é disciplina obrigatória para todos os que fazem parte dela. A história que você deve, obrigatoriamente, conhecer é a história do jornalismo, como o jornalismo vem mudando o mundo antes mesmo de chamar-se jornalismo. Gutenberg é o herói de uma legião de pensadores, autores, visionários, tradutores, artistas, gravadores, papeleiros, impressores, livreiros, todos beneficiários diretos das suas inovações. Quem soube registrar, organizar, atualizar, hierarquizar e periodizar a formidável massa de informações produzidas desde então foi uma categoria de doidos: os jornalistas. Jovem ou velho jornalista, você é um operário da história. Um historiador com o pé no acelerador. Portanto, questione, remexa, desencave o passado do seu ofício. Depois, devidamente instrumentado e consciente, goze plenamente todas as delícias dos gadgets de Steve Jobs.

In DINES, Alberto. Carta a um jovem jornalista. In: Revista da ESPM. São Paulo, v. 17, ed. 5, set/out. 2010.

TEXTO V**CARTA A UM JOVEM FOTÓGRAFO****BOB WOLFENSON**

A fotografia é antes de tudo meu ofício, o que tecnicamente sei fazer, mas é também um vetor das minhas ideias, minha forma de comunicação com o mundo. [...] Como em qualquer área de atuação, há uma obsessão para rapidamente se alcançar o sucesso – um dos dramas de nossa época. No entanto, é preciso lembrar que nada acontece dentro de um esquema pre-arranjado ou de uma fórmula, porque o sucesso advém de um conjunto de fatores, inclusive da sorte, mas principalmente de uma forma particular de ver as coisas (a ótica). [...] Gosto mesmo é de pensar e esquematizar um projeto, um conceito – seja ele encomen-

dado ou da minha cabeça, comercial ou não. Gosto do movimento, da pressão de realizar, dos prazos curtos, da preparação, da atividade, do burburinho das pessoas à minha volta, da parceria com elas, no estúdio ou nas locações. Gosto de ver meu trabalho publicado e contextualizado em assuntos que não se encerram em uma única imagem. O instante fotográfico para mim é uma passagem. [...] Porém, minha ligação com o trabalho é o amor pela realização, pela encenação; é uma conexão com a minha época, a tensão com ela e a representação dela; e, subjacente a isso, é uma busca pela eternidade. Talvez por esse motivo tenha escolhido a fotografia como profissão, por seu caráter intrínseco de posteridade.

Adaptado de WOLFENSON, Rob. *Contas ou um jovem fotógrafo: o mundo através das lentes*. Rio de Janeiro, Elsevier.

30 Ufes 2012

Sirio Possenti afirma, em *Os humores da língua* (Campinas: Mercado das Letras, 1988. pp. 25-26), que piadas são "um tipo de material altamente interessante" para estudo, porque [1] "praticamente só há piadas sobre temas que são socialmente controversos" (sexo, política, racismo, crenças, escola, loucura, morte, desgraças, deficiências físicas etc.), [2] "piadas operam fortemente com estereótipos" (judeu avaro, português estúpido, gaúcho enrustido, marido traído, esposa infiel, mineiro esperto, loura burra etc.), [3] "piadas são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial" (casamentos por interesse, governos corruptos, professores incompetentes, religiosos sem vocação etc.). Assim sendo, com frequência, episódios relacionados ao humor causam constrangimento quando vêm a público, via internet, TV, jornais impressos e outras mídias.

Escreva um **texto dissertativo-argumentativo**, posicionando-se quanto à questão: **O humor pode ter total liberdade ou deve ter limites éticos ou morais?** Inclua, em sua argumentação, pelo menos uma piada que possa ser tomada como exemplo para o ponto de vista desenvolvido.

31 Ufes 2012

TEXTO I

Alguém parte, daqui,
Alguém parte, daqui,
e o ônibus acende a saída.

O olhar espreita o insuspeito;
o caminho é farto, o ponto deserto.

Teu nome nebuloso se espalha
pelos escaninhos da estrada

entre o que se conhece e o que,
longe e desconhecido, se entrevê.

Alguém parte, sim, de alhures.

Paulo Roberto Sodré

TEXTO II

Campainhada

As duas ou três vezes que me abriam
A porta do salão onde está gente,
Eu entrei, triste de mim, contente —
E à entrada sempre me sorriram...

Mário de Sá-Carneiro

O poema de Paulo Roberto Sodré trata de partida – de alguém de algum lugar ("alhures"). Já o de Mário de Sá-Carneiro trata de chegada, do abrir a porta depois de uma "campainhada".

Abordando a temática Partida e Chegada elabore um **texto narrativo** de ficção, em que o narrador descreva o transcorrer de uma viagem de ônibus e a recepção ao(s) viajante(s).

32 Ufes 2012

TEXTO I

O Brasil é hoje mercado prioritário para países como Argentina, Chile e Peru, na área de intercâmbio, principalmente para o aprendizado do espanhol. Com o crescimento das relações comerciais entre o Brasil e países da América Latina, cresce a necessidade do conhecimento da língua pelos brasileiros. "Nota-se que muitas empresas passam a procurar pessoas que dominam o espanhol; a busca não é mais por profissionais que falem apenas inglês", comemora Ângela Alves, gerente de marketing da Moimhotur. A valorização do real frente às moedas dos países vizinhos também facilitou o intercâmbio na América Latina. "O preço é muito mais acessível que na Europa. Não precisa de visto e brasileiros não enfrentam nenhum problema para entrar no país", explica Ângela.

BELTA on line. Reportagens Especiais: O crescimento da América Latina. Disponível em: <www.belta.org.br/noticia.asp?varPassos=NoticiaExibir&intCodNoticia=994996874>. Acesso em: 25 jul. 2011.

TEXTO II

Governo do Estado do Espírito Santo – Rede de Comunicação
Curso de Idiomas – Oferecido pela Sedu desde abril de 2009, o curso de inglês tem duração de até 36 meses com carga horária de até 300 horas/aula, divididas em duas aulas semanais de 1h 15. Ministrado no horário contrário ao das aulas regulares do estudante, o curso é oferecido nos seis Centros Estaduais de Idiomas (CEI), localizados em escolas estaduais polo nos municípios de Cariacica, Vila Velha, Serra e Vitória, e também em Colatina e Cachoeiro de Itapemirim.

Programa de Intercâmbio – Há ainda o Programa de Intercâmbio da Sedu, que oferece bolsas de estudo no exterior para os melhores alunos dos Centros de Idiomas.

[...]

O Programa de Intercâmbio 2011 ofertou 20 bolsas de estudo para Canadá, Irlanda, Nova Zelândia e África do Sul. Elas foram destinadas a alunos dos Centros Estaduais de Idiomas de Vitória, Vila Velha, Cariacica, Serra, Colatina e Cachoeiro de Itapemirim.

ESPÍRITO SANTO [Brasil]. Portal do Governo do Estado. Notícias. Disponível em: <<http://www.es.gov.br/site/noticias/show.aspx?noticiaId=99722419>>. Acesso em: 25 jul. 2011.

Observadas as informações da coletânea, escreva um **editorial** com enfoque na importância de se implementar, como política pública, um programa diferenciado de ensino de línguas estrangeiras.

Redação 1

Leia o texto a seguir, sobre o fundador da Apple, Steve Jobs, morto recentemente de câncer no pâncreas.

Centralizador maníaco, totalitário e explosivo, exigia que os produtos da Apple tivessem leveza, simplicidade, funcionalidade e fossem, a começar pela embalagem, a fonte de uma experiência quase zen para seus usuários. Desapegado do dinheiro, andava em trajes despojados – calça jeans, tênis e camiseta preta –, mas triturou os executivos de terno e gravata da sua concorrente mais constante, a Microsoft, de Bill Gates. No começo do ano 2000, com o valor de uma ação da Microsoft podiam-se comprar duas ações da Apple. Onze anos depois, a Microsoft valia apenas 79% da Apple, que vem se alternando com a Exxon no posto de empresa mais valiosa do mundo. Jobs tem a estatura de Henry Ford e Thomas Edison quando se analisa seu impacto na criação da civilização tecnológica contemporânea. Será lembrado e até reverenciado daqui a 100 anos.

Na vida pessoal cometeu alguns indesculpáveis erros humanos – entre eles o reconhecimento tardio da filha que teve com uma namorada quando tinha 23 anos. Sonhou em deixar uma marca no universo – e conseguiu. Morreu como um ídolo pop, o que é extraordinário para o dono de uma empresa que vendia produtos caros, ainda que quase mágicos e esteticamente próximos da perfeição. “Foi parecido com a morte de John Lennon” disse Steve Wozniak, parceiro dos primeiros tempos na Apple. O legado de Jobs é imenso e incontornável. Foi-se um Leonardo da Vinci da era digital, mas suas ideias e sua sabedoria ficam. Elas podem ser resumidas, em um exercício de simplicidade que era caro a Jobs, por uma de suas frases no magnífico discurso feito em 2005 para uma turma de formandos da Universidade de Stanford. Disse ele: “Tenha coragem de seguir o seu coração e a sua intuição. Eles, de algum modo, já sabem o que você realmente quer ser”. Jobs, de algum modo, sabia o que as pessoas queriam ter antes mesmo que elas se dessem conta do desejo de consumo.

Adaptado de: ALTMAN, Fábio. Quero deixar uma marca no universo. *Vejo*, n. 41, pp. 94-95, 12 out. 2011.

Resuma o texto em, no máximo, 10 linhas. Você deverá:

- escrever com letra legível, cursiva ou de fôrma, diferenciando as maiúsculas das minúsculas;
- construir apenas 1 (um) parágrafo;
- usar linguagem formal;
- utilizar somente as informações fornecidas pelo texto;
- evitar cópia de partes do texto.

Redação 2

Leia o texto a seguir.

O jogo é duríssimo. Embalado por uma série de conquistas nos últimos anos, o time da casa quer mostrar aos torcedores sua força emergente. O adversário é um gigante acostumado a vencer embates por goleada e que não reluta em usar artifícios – mesmo se forem polêmicos – para alcançar seus objetivos. Mais do que apenas uma competição esportiva, a Copa do Mundo pode se transformar em um confronto encarniçado entre o país-sede, como o Brasil em 2014, e a Fifa, organizadora do evento.

A Fifa fez ao governo brasileiro uma série de exigências que, se forem rigorosamente cumpridas, criam uma espécie de Estado paralelo: mudanças em leis federais, estaduais e municipais, imposição quanto à contratação de fornecedores, exigências de produtos específicos, controle de toda publicidade relacionada ao evento, cancelamento das regras de concessão de meia-entrada para estudantes, liberação da venda de bebida alcoólica nos estádios, entre outras.

Para os defensores da Fifa, nada mais justo do que ceder aos apelos de quem trouxe o maior evento esportivo do planeta para o território brasileiro. Para os críticos, as imposições colocam em risco a soberania nacional.

Quem vai vencer essa guerra?

Adaptado de: SEGALLA, Amant; RODRIGUES, Alan; MOURA, Pedro Marcondes de. O Brasil encara a Fifa. *Jornal*, n. 2187, ano 35, pp. 38-39, 12 out. 2011.

Redija um texto de, no mínimo, 10 linhas e, no máximo, 16 linhas, no qual você se posicione favoravelmente a um dos lados do confronto citado na reportagem. Seu texto deverá:

- ser escrito com letra legível, cursiva ou de fôrma, diferenciadas as maiúsculas das minúsculas;
- utilizar linguagem formal;
- ter 2 parágrafos;
- estar escrito na primeira pessoa do singular ou do plural;
- conter argumentos que sustentem sua posição;
- incorporar argumentos contrários que você deverá contestar.

8 Fuvest 2013

Esta é a reprodução (aqui, sem as marcas normais dos anunciantes, que foram substituídas por X) de um anúncio publicitário real, colhido em uma revista, publicada no ano de 2012.

Como toda mensagem, esse anúncio, formado pela relação entre imagem e texto, carrega pressupostos e implicações: se o observarmos bem, veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma dada visão de mundo, manifesta uma certa escolha de valores e assim por diante.

Redija uma dissertação em prosa, na qual você interprete e discuta a mensagem contida nesse anúncio, considerando os aspectos mencionados no parágrafo anterior e, se quiser, também outros aspectos que julgue relevantes. Procure argumentar de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o assunto.

Instruções

- A redação deve obedecer à norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

9 Unicamp 2013

TEXTO 1

Imagine-se como um estudante de ensino médio de uma escola que organizará um painel sobre características psicológicas e suas implicações no plano individual e na vida em sociedade. Nesse painel, destinado à comunidade escolar, cada texto reproduzido será antecedido por um resumo. Você ficou responsável por elaborar o resumo que apresentará a matéria transcrita a seguir, extraída de uma revista de divulgação científica. Nesse resumo você deverá:

* apresentar o ponto de vista expresso no texto, a respeito da importância do pessimismo em oposição ao otimismo, relacionando esse ponto de vista aos argumentos centrais que o sustentam.

Atenção: uma vez que a matéria será reproduzida integralmente, seu texto deve ser construído sem copiar enunciados da matéria.

PESSIMISMO

Para começar, precisamos de pessimistas por perto. Como diz o psicólogo americano Martin Seligman: "Os visionários, os planejadores, os desenvolvedores, todos eles precisam sonhar com coisas que ainda não existem, explorar fronteiras. Mas, se todas as pessoas forem otimistas, será um desastre", afirma. Qualquer empresa precisa de figuras que joguem a dura realidade sobre os otimistas: tesoureiros, vice-presidentes financeiros, engenheiros de segurança...

Esse realismo é coisa pequena se comparado com o pessimismo do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860).

Para ele, o otimismo é a causa de todo o sofrimento existencial. Somos movidos pela vontade – um sentimento que nos leva a agir, assumir riscos e conquistar objetivos. Mas essa vontade é apenas uma parte de um ciclo inescapável de desilusões: dela vamos ao sucesso, então à frustração – e a uma nova vontade.

Mas qual é o remédio, então? Se livrar das vontades e passar o resto da vida na cama sem produzir mais nada? Claro que não. A filosofia do alemão não foi produzida para ser levada ao pé da letra. Mas essa visão seca joga luz no outro lado da moeda do pessimismo: o excesso de otimismo propagandeado nas últimas décadas por toneladas de livros de autoajuda. O segredo por trás do otimismo exacerbado, do pensamento positivo desvairado, não tem nada de glorioso: ele é uma fonte de ansiedade. É o que concluíram os psicólogos John Lee e Joane Wood, da Universidade de Waterloo, no Canadá. Um estudo deles mostrou que pacientes com autoestima baixa tendem a piorar ainda mais quando são obrigados a pensar positivamente.

Na prática: é como se, ao repetir para si mesmo que você vai conseguir uma promoção no trabalho, por exemplo, isso só servisse para lembrar o quanto você está distante disso. A conclusão dos pesquisadores é que o melhor caminho é entender as razões do seu pessimismo e aí sim tomar providências. E que o pior é enterrar os pensamentos negativos sob uma camada de otimismo artificial. O filósofo britânico Roger Scruton vai além disso. Para ele, há algo pior do que o otimismo puro e simples: o "otimismo inescrupuloso". Aquelas utopias que levam populações inteiras a aceitar falácias e resistir à razão. O maior exemplo disso foi a ascensão do nazismo – um regime terrível, mas essencialmente otimista, tanto que deu origem à Segunda Guerra com a certeza inabalável da vitória. E qual a resposta de Scruton para esse

otimismo inescrupuloso? O pessimismo, que, segundo ele, cria leis preparadas para os piores cenários. O melhor jeito de evitar o pior, enfim, é antever o pior.

Extraído de M. Horta, "O lado bom das coisas ruins", em Superinteressante, São Paulo, n. 302, março 2012. <<http://superabril.com.br/cotidiano/lado-bom-coisas-ruins-68705.shtml>>. Acesso em 2 ago. 2012.

Utopia: projeto de natureza irrealizável; ideia generosa, porém impraticável; quimera; fantasia.

Falácia: qualquer enunciado ou raciocínio falso que, entretanto, simula a verdade; raciocínio verossímil, porém falso; enganar; trapaça.

TEXTO 2

Imagine que, ao ler a matéria "Cães vão tomar uma 'gelada' com cerveja pet", você se sente incomodado por não haver nela nenhuma alusão aos possíveis efeitos que esse tipo de produto pode ter sobre o consumo de álcool, especialmente por adolescentes. Como leitor assíduo, você vem acompanhando o debate sobre o álcool na adolescência e decide escrever uma carta para a seção Leitor do jornal, criticando a matéria por não mencionar o problema do aumento do consumo de álcool.

Nessa carta, dirigida aos redatores do jornal, você deverá:

- fazer menção à matéria publicada, de modo que mesmo quem não a tenha lido entenda a importância da crítica que você faz
- fundamentar a sua crítica com dados apresentados na matéria "Vergonha Nacional", reproduzidos adiante.

Atenção: ao assinar a carta, use apenas as iniciais do remetente.

CÃES VÃO TOMAR UMA "GELADA" COM CERVEJA PET

Produto feito especialmente para cachorros chega ao mercado nacional em agosto

Nada é melhor que uma cervejinha depois de um dia de cão.

Agora eles, os cães, também vão poder fazer jus a essa máxima. No mês de agosto chega ao mercado a Dog Beer, cerveja criada especialmente para os amigos de quatro patas. "Quem tem bicho de estimação gosta de dividir o prazer até na hora de comer e beber", aposta o empresário M. M., 47, dono da marca.

Para comemorar a final da Libertadores, a executiva A. P. C., 40, corintiana roxa, quis inserir Manolito, seu labrador, na festa.

"Ele tomou tudo. A cerveja é docinha, com fundinho de carne", descreve.

Uniformizado, Manolito não só bebeu a gelada durante o jogo contra o Boca Juniors como latiu sem parar até o fim da partida.

Desenvolvida pelo centro de tecnologia e formação de cervejeiros do Senai, no Rio de Janeiro, a bebida canina é feita à base de malte e extrato de carne; não tem álcool, lúpulo, nem gás carbônico.

O dono da empresa promete uma linha completa de "petiscos líquidos", que inclui suco, vinho e champanhe.

A lista de produtos humanos em versões animais não para de crescer.

Já existem molhos, tempero para ração e até patê.

O sorvete Ice Pet é uma boa opção para o verão. A sobremesa tem menos lactose, não tem gorduras nem açúcar.

Ricardo Bunduly, Folha de São Paulo, São Paulo, 22 jul. 2012, Cotidiano 3. (Adapt.).

VERGONHA NACIONAL

As décadas de descumprimento da lei [...] contribuíram para que os adultos se habituassem a ver o consumo de bebidas entre adolescentes como "mal menor", comparado aos perigos do mundo. [...] Um estudo publicado pela revista *Drugs and Alcohol Dependence* ouviu 15.000 jovens nas 27 capitais brasileiras. O cenário que emerge do estudo é alarmante. Ao longo de um ano, um em cada três jovens brasileiros de 14

a 17 anos se embbedou ao menos uma vez. Em 54% dos casos mais recentes, isso ocorreu na sua casa ou na de amigos ou parentes. Os números confirmam também a leniência com que os adultos encaram a transgressão. Em 17% dos episódios, os menores estavam acompanhados dos próprios pais ou de tios.

Resultados da pesquisa realizada com 15.000 jovens de 14 a 17 anos nas 27 capitais brasileiras

Quantas vezes se embbedou	
Nenhuma vez	12%
Uma vez na vida	35%
Ao menos uma vez no último ano	32%
Ao menos uma vez no último mês	21%

Onde ficou embriagado (na última vez em que bebeu)	
Bar	35%
Casa de amigos	30%
Casa de parentes	13%
Própria casa	11%
Festas ou praia	11%

Com quem bebeu (na última vez em que bebeu)	
Amigos	50%
Irmãos e primos	26%
Pais ou tios	17%
Namorado	5%
Sozinho	2%

Revista Veja, Editora Abril, São Paulo, n. 28, 11 jul. 2012, p. 81-82. (Adapt.)

10 Unesp 2013 Leia os textos a seguir:

ESCREVER

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.

Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. É uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permanecerá apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a "coisa" vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos.

Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros.

Clarice Lispector. *A descoberta do mundo*, 1999.

ESCREVENDO O ROTEIRO

Escrever um roteiro é um fenômeno espantoso, quase misterioso. Num dia você está com as coisas sob controle, no dia seguinte sob o controle delas, perdido em confusão e incerteza. Num dia tudo funciona, no outro não; ninguém sabe como ou por quê. E o processo criativo; que desafia análises; é mágica e maravilha.

Tudo o que foi dito ou registrado sobre a experiência de escrever desde o início dos tempos resume-se a uma coisa — escrever é sua experiência particular, pessoal. De ninguém mais.

Muita gente contribui para a feitura de um filme, mas o roteirista é a única pessoa que se senta e encara a folha de papel em branco.

Escrever é trabalho duro, uma tarefa cotidiana, de sentar-se diariamente diante de seu bloco de notas, máquina de escrever ou computador, colocando palavras no papel. Você tem que investir tempo.

Antes de começar a escrever, você tem que achar tempo para escrever.

Quantas horas por dia você precisa dedicar-se a escrever?

*Depende de você. Eu trabalho cerca de quatro horas por dia, cinco dias por semana. John Millius escreve uma hora por dia, sete dias por semana, entre 5 e 6 da tarde. Stirling Silliphant, que escreveu *The Towering Inferno* (Inferno na Torre), às vezes escreve 12 horas por dia. Paul Schrader trabalha com a história na cabeça por meses, contando-a para as pessoas até que ele a conheça completamente; então ele "pula na máquina" e a escreve em cerca de duas semanas. Depois ele gastará semanas polindo e consertando a história.*

Você precisa de duas a três horas por dia para escrever um roteiro.

Olhe para a sua agenda diária. Examine o seu tempo. Se você trabalha em horário integral, ou cuidando da casa e da família, seu tempo é limitado. Você terá que achar o melhor horário para escrever. Você é o tipo de pessoa que trabalha melhor pela manhã? Ou só vai acordar e ficar alerta no final da tarde? Tarde da noite pode ser um bom horário. Descubra.

Syd Field. *Manual do roteiro*, 1995.

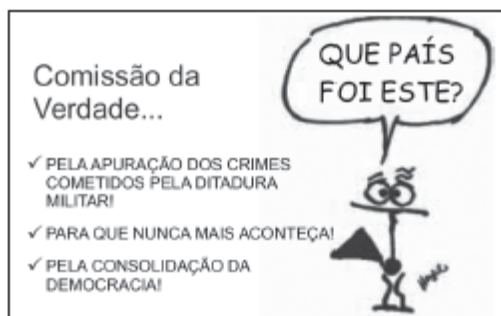
PROPOSIÇÃO

Desde pequeno, você vem sendo submetido, na escola, à prática de escrever. Com o passar do tempo, as exigências se tornaram cada vez maiores para que você aumentasse a qualidade de seus textos e não demorou muito para perceber que lá adiante, no fim do túnel do Ensino Médio, haveria uma prova muito importante, com bom peso na nota: a redação no vestibular. Nesse trajeto, em muitos momentos, você se perguntou: Afinal, para que escrever? Para que fazer uma boa redação? Só para passar no vestibular? Na era da internet, para que eu tenho de aprender a redigir, se a comunicação visual funciona muito melhor? Eu não sou escritor, não preciso saber criar textos!

É isso o que você pensa mesmo? Ou são apenas desabaços? Pois chegou a hora de dizer realmente o que pensa sobre o escrever. Para Clarice Lispector, escrever é maldição e salvação. Para Syd Field, é uma atividade profissional muito importante dentro da atividade geral da arte cinematográfica. E para você? Com base nestes comentários, em sua própria experiência e, se achar necessário, levando em consideração os textos de Clarice Lispector e Syd Field, escreva uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Escrever: o trabalho e a inspiração

TEXTO 1



TEXTO 2

Os anos vividos pelo Brasil sob estado de exceção – entre 1964 e 1985 – foram marcados por contínuas violações dos direitos humanos, por parte do Estado e de seus agentes públicos. Revelações recentes e esparsas dão alguma medida do horror dos corpos torturados, dos assassinatos e dos desaparecimentos.

A implantação da Comissão da Verdade, no Brasil, em gesto que segue o já adotado em dezenas de países que passaram por regimes de exceção, poderá vir a ser o marco de uma virada histórica. Para os familiares dos desaparecidos, para os que viveram a experiência da resistência e para o país em seu conjunto. Em especial para as gerações que não viveram – e, espero, não venham a viver – o horror de serem governadas por ditadores. Elas poderão construir suas interpretações próprias a respeito da história recente do país, com base em uma narrativa que retira do silêncio experiências cruciais para o entendimento a respeito do que somos como nação.

Renata Lessa. Sobre a verdade. *Ciência Hoje*, junho de 2012. (Adapt.).

TEXTO 3

O objeto da Comissão da Verdade deve, sim, tratar dos crimes e dos desaparecimentos perpetrados pelos agentes do Estado ditatorial. É sua tarefa precípua e estatutária. Mas não pode se reduzir a estes fatos. Há o risco de os juízos serem pontuais. Precisa-se analisar o contexto maior, que permite entender a lógica da violência estatal e que explica a sistemática produção de vítimas. Mais ainda, deixa claro o trauma nacional que significou viver sob suspeitas, denúncias, espionagem e medo paralisador.

Neste sentido, vítimas não foram apenas os que sentiram em seus corpos e nas suas mentes a truculência dos agentes do Estado. Vítimas foram todos os cidadãos. Foi toda a nação brasileira. Para que a missão da Comissão da Verdade seja completa e satisfatória, caberia a ela fazer um juízo ético-político sobre todo o período do regime militar.

Os que deram o golpe de Estado devem ser responsabilizados moralmente por esse crime coletivo contra o povo brasileiro.

Os militares inteligentes e nacionalistas de hoje deveriam dar-se conta de como foram usados por aquelas elites oligárquicas, que não buscavam realizar os interesses gerais do Brasil mas, sim, alimentar sua voracidade particular de acumulação, sob a proteção do regime autoritário dos militares.

A Comissão da Verdade prestaria esclarecedor serviço ao país se trouxesse à luz esta trama. Ela simplesmente cumpriria sua missão de ser Comissão da Verdade. Não apenas da verdade de fatos individualizados, mas da verdade do fato maior da dominação de uma classe poderosa, nacional, associada à multinacional, para, sob a égide do poder discricionário dos militares, tranquilamente, realizar seus objetivos corporativos. Isso nos custou 21 anos de privação da liberdade, muitos mortos e desaparecidos, muito padecimento coletivo.

Leonardo Boff. 1964: Golpe militar a serviço do golpe de classe. Disponível em: <www.jb.com.br>. (Adapt.).

TEXTO 4

Depois de muita expectativa – e com grande exposição na mídia –, foi constituída comissão para resgatar a verdade histórica de um período de 42 anos da vida política nacional, objetivando, fundamentalmente, detectar os casos de tortura na luta pelo poder. A História é contada por historiadores, que têm postura imparcial ao examinar os fatos que a conformaram, visto serem cientistas dedicados à análise do passado. Os que ambicionam o poder fazem a História, mas, por dela participarem, não têm a imparcialidade necessária para a reproduzir.

A Comissão da Verdade não conta, em sua composição, com nenhum historiador capaz de apurar, com rigor científico, a verdade histórica da tortura no Brasil, de 1946 a 1988. O primeiro reparo, portanto, que faço à sua constituição é o de que “não historiadores” foram encarregados de contar a História daquele período. Conheço seis dos sete membros da comissão e tenho por eles grande respeito, além de amizade com alguns. Não possuem, no entanto, a qualificação científica para o trabalho que lhes foi atribuído.

O segundo reparo é que estiveram envolvidos com os acontecimentos daquele período. Em debate com o ex-deputado Ayrton Soares, perguntou-me o amigo e colega – que defendia a constituição de comissão para essa finalidade, enquanto eu não via necessidade de sua criação – se eu participaria dela, se fosse convidado. Disse-lhe que não, pois, apesar de ser membro da Academia Paulista de História, estive envolvido nos acontecimentos.

O terceiro reparo é que alguns de seus membros pretendem que a verdade seja seletiva. Tortura praticada por guerrilheiro não será apurada, só a que tenha sido levada a efeito por militares e agentes públicos. O que vale dizer: lança-se a imparcialidade para o espaço, dando a impressão de que guerrilheiro, quando tortura, pratica um ato sagrado; já os militares, um ato demoníaco.

O quarto reparo é que muitos guerrilheiros foram treinados em Cuba, pela mais sangrenta ditadura das Américas no século 20. Um bom número de guerrilheiros não queria, pois, a democracia, mas uma ditadura à moda cubana. Radicalizaram o processo de redemocratização a tal ponto que a imprensa passou a ser permanentemente censurada. Estou convencido de que esse radicalismo e os ideais da ditadura cubana que o inspiraram apenas atrasaram o processo de redemocratização e dificultaram uma solução acordada e não sangrenta.

O quinto aspecto que me parece importante destacar é que, a meu ver, a redemocratização se deveu ao trabalho da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que se tornou a voz e os pulmões da sociedade.

Por fim, num país que deveria olhar para o futuro, em vez de remoer o passado – tese que levou guerrilheiros, advogados e o próprio governo militar a acordarem a Lei da Anistia, colocando uma pedra sobre aqueles tempos conturbados –, a comissão é inoportuna. Parafraseando Vicente Rao, esta volta ao pretérito parece ser contra o “sistema da natureza, pois para o tempo que já se foi, fará reviver as nossas dores, sem nos restituir nossas esperanças”.

Ives Gandra Silva Martins. A Comissão da Verdade e a verdade histórica. <www.estiado.com.br>. (Adapt.).

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, redija um texto dissertativo, obedecendo à norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Comissão da verdade: que verdade alcançar?

12 Uepa 2013

Proposta 1

Os índios Aikewára, de língua e tradição Tupi, vivem atualmente sob a liderança do cacique Mairá Suruí, na Terra Indígena Sororó, localizada entre os municípios de São Domingos do Araguaia e São Geraldo do Araguaia, no sudeste do estado do Pará, aproximadamente a 800 km da capital Belém.

As relações que estabeleceram com a sociedade envolvente interferiram bastante em suas práticas sociais. Se os mais velhos não dominavam a língua portuguesa, hoje, a maioria das crianças não fala com muita frequência sua língua tradicional. Elas são, porém, incentivadas pelos mais velhos a fazer isso, principalmente através da música Aikewára, que é cantada em tupi-guarani.

(Helien Monarcha. Dissertação de Mestrado, pp.20-11.)

[...]

De um modo geral, as gerações mais jovens, de qualquer sociedade, não sentem o mesmo impacto das gerações anteriores quanto a estes novos modos de ser e agir. Elas já nasceram inseridas neste contexto. Entretanto, para as sociedades indígenas este é um conflito acentuado. Para as gerações mais velhas, a utilização das ferramentas linguísticas e tecnológicas representa um modo de resistência. A apropriação desses conhecimentos se imbrica a um processo de luta e preservação da cultura. O desafio enfrentado pelos indígenas mais velhos é o de envolver os mais jovens na luta pela preservação de sua história e memória. Este é um movimento que ainda está no início. (Idem p.78).

Pelo que se lê nos textos, os recursos midiáticos modernos já chegaram às aldeias dos índios do Pará. Os Suruí-Aikewára, ou simplesmente Aikewára, como gostam de ser chamados, por exemplo, hoje se comunicam pelo Twitter, realizam postagens em blogs e começam a fazer vídeos sobre o cotidiano de sua aldeia, valendo-se até mesmo do celular, mas o fenômeno está provocando um choque de gerações. Com base no que você conhece do assunto e nas informações dos textos anteriores, escreva uma **dissertação** sobre

o choque de interesses entre os índios mais velhos (que tentam preservar os valores culturais de seus povos diante da invasão dos costumes globais pelos *multimídias*) **e os índios mais novos** (cuja postura é assimilá-la, abandonando tradições antigas).

Proposta 2

Em 2009, Nicolas Cage, famoso ator de Hollywood, protagonizou o filme *Presságio*. O filme conta a história de um professor que começa a examinar o conteúdo de uma cápsula do tempo e descobre alguns desenhos feitos por alunos de uma escola em 1958. Em uma das folhas, há coordenadas de datas, mortes e desastres que aconteceram nestes 50 anos. Ele conclui que algumas delas ainda não ocorreram e que o mundo acabará em uma semana, mas, de alguma forma, ele e seus filhos estão relacionados com as tragédias.

Em 05 de setembro de 2012, uma cápsula do tempo, produzida pela ONG Noolhar, foi enterrada no meio da Praça da República em Belém e só será desenterrada daqui a exatos 14 anos. Algumas pessoas colocaram fotos, cartinhas e outros pequenos objetos. A pequena Manuela, de pouco mais de 3 anos, foi à praça acompanhada dos pais para colocar na cápsula uma cartinha escrita por eles

para ela. Quando a cápsula for aberta, Manuela estará com quase 18 anos, e os pais esperam que ela goste do que escreveram.

Em 30 de setembro de 2012, o programa Fantástico, da Rede Globo, mostrou a história de um grupo de jovens de Curitiba que em 2000 escreveu como estaria o mundo e a vida deles dali a dez anos. Eles voltaram a se ver e discutiram o que aconteceu durante esse tempo.

Novos produtos e processos chegando ao mercado em ritmo cada vez mais acelerado. Impactos no dia a dia dos cidadãos. Mudanças nas profissões. Redes sociais. Ensino a distância.

Nunca as pessoas viveram tão conectadas, mas ao mesmo tempo tão sozinhas. Daí parece voltar a necessidade de se tornar íntimo de alguém.

Será, talvez, a negação deste ciberespaço, da velocidade do tempo, do momentâneo que faça nascer a necessidade da intimidade.

Imagine que você também terá a chance de colocar uma carta na cápsula do tempo. Com base na leitura dos textos anteriores e valendo-se deste recurso primitivo das redes sociais, escreva uma **carta argumentativa** para colocar na cápsula do tempo que será aberta daqui a 14 anos. A carta deve ser destinada a quem você quiser, falando sobre **crenças, valores e (pré) conceitos no ciberespaço em que você está inserido**. Não esqueça de datar. Assine com um pseudônimo que somente a pessoa a quem a carta for destinada saberá que você a escreveu.

13 Unifap 2013 (Adapt.) O ano de 2012 tem se apresentado como

palco de muitos acontecimentos que vêm marcando os brasileiros. Greves em grande parte dos setores públicos e privados, julgamento histórico de um crime de corrupção e, paralelamente, resultado, por meio dos índices do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), ainda muito aquém do que se busca para um país que se encontra em um patamar de sexta economia do mundo.

Desse modo, tomando por base essa realidade brasileira, produza um **artigo de opinião** em que você possa apresentar reflexões sobre causas, consequências e possibilidades coerentes e factíveis de mudanças, pelo menos, ao longo dos próximos 20 anos, da realidade atual.

Para auxiliá-lo, seguem alguns termos que poderão ser utilizados por você na construção de seus argumentos.



TEXTO 1

EXISTE INTERNET SEM PIRATARIA?

Da música ao cinema, passando pelo telefone, os correios, a televisão, a literatura e a fotografia, tudo se adaptou à rede mundial de computadores e à sua capacidade de replicar conteúdo. Mas será que quando postamos no Facebook uma foto ou vídeo que recebemos do amigo de um amigo, que, por sua vez, capturou no blog de outro amigo, estamos cometendo um ato de pirataria?

Até que ponto replicar conteúdo é crime? "A internet e a pirataria são inseparáveis", disse à INFO Joe Karaganis, diretor do instituto de pesquisas americano Social Science Research Council. "Há uma infraestrutura pequena para controlar quem é o dono dos arquivos que circulam na rede. Isso acabou com o controle sobre a propriedade e tem sido descrito como pirataria, mas é inerente à tecnologia", afirma Karaganis. [...]

Juliano Barreto e Maurício Moraes. INFO. Quarta-feira, 18 abr. 2012. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/Internet/existe-internet-sem-pirataria-9042012-32.shtml>>.

TEXTO 2

O INTELLECTUAL ESTÁ MORTO. VIVA O INTERNECTUAL!

[...]

Para detectar intelectuais pergunte o que é um "efeito viral". Diferença que se trata de uma epidemia (possivelmente de dengue). Vá mais adiante e procure saber o que é uma "campusparty". Respondem que são festas organizadas em campi de universidades americanas na formatura de alunos. Finalmente, para tirar qualquer dúvida, peça que digam o que pensam dos livros eletrônicos. A resposta inevitável será: "gosto do cheiro de papel", como se odor interferisse na leitura ou nas ideias expostas no texto.

[...]

No ano passado, uma livraria virtual na Austrália lançou Fifty shades of grey, que até janeiro de 2012 vendera 7 mil exemplares em livro eletrônico (o tal sem cheiro de papel). Em fevereiro, o número tinha saltado para 100 mil cópias (efeito viral), chamando a atenção das grandes editoras mundiais. No dia 21 de abril, depois que seus direitos foram comprados pela Random House, o número de exemplares vendidos em livro eletrônico estava em torno de 2,5 milhões. A imprensa só passou pelo fenômeno agora...

Pela primeira vez na história, temos acesso irrestrito a bens culturais. Com o advento da internet, todos puderam expressar o que pensam a respeito de qualquer tema – incluindo aí as obras literárias. [...]

Paulo Coelho. Revista Época. São Paulo: Editora Globo, 4 jun. 2012, p. 115.

Com base na reflexão dos textos apresentados, escreva um **artigo de opinião** para ser publicado em uma revista especializada de circulação nacional, argumentando sobre o tema **baixar conteúdos na internet: permitir ou proibir?**

A CIDADE

No dicionário

1. *aglomeração humana localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosas casas, destinadas à moradia e/ou a atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras.*

A. HOUAISS. Dicionário Houaiss de Língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. (Adapt.).

Na revista

A população brasileira, no seu modo de ver o mundo, não está preparada para viver em cidades menores. Não há verbas. Não há leis. Não há técnicos. Pensar nas cidades do mundo desenvolvido é elitismo. Na verdade, o ato de pensar, simplesmente, é algo privativo de países acima de determinado nível de renda. Vem, então, alguém [...], ex-prefeito de uma cidade de 8 milhões de habitantes, e prova, ao falar sobre o seu trabalho, que administradores de cidade com realidades parecidas com as nossas têm, sim, a capacidade de raciocinar. Ao contrário de muitos, ele sabe lidar com uma palavra curta, de apenas cinco letras, e indispensável para melhorar qualquer coisa nesta vida: "ideia".

Veja. São Paulo: Abril, set. 2012. (Adapt.).

No site

É fundamental que a sociedade, o poder público, os empresários e todo o cidadão tenham consciência de que é preciso avançar e aproveitar este momento de alto astral em época de grandes eventos, como a Copa do Mundo, Olimpíadas, para motivar uma integração. Mudanças políticas em todos os setores abrem as portas para essa integração entre as favelas e os bairros nos arredores [...]. É preciso muito neste caminho para se chegar a uma cidade totalmente integrada. As causas são variadas para o desenvolvimento de uma "cidade partida", no dizer do escritor Zuenir Ventura. Ela precisa ainda da dimensão social para recuperar a sua fragmentação. Precisa de uma visão de cidadania para essa integração se realizar.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura Municipal. Cidade Olímpica Rio. Invasão de cidadania para integrar a cidade partida. Disponível em: <www.cidadaeolimpica.com.br/>. Acesso em: 7 nov. 2012. (Adapt.).

Na poesia

[...]

Irmãos, cantai esse mundo
que não verei, mas virá
um dia, dentro de mil anos,
talvez mais... não tenho pressa.
Um mundo enfim ordenado,
uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
uma terra sem bandeiras
sem igreja nem quartéis,
sem dor, sem febre, sem ouro,
um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade,
a multiplicidade toda
que há dentro de cada um.
Uma cidade sem portas,
de casas sem armadilha,
um país de riso e glória
como nunca houve nenhum.
Este país não é meu
nem vosso ainda, poetas.
Mas ele será um dia
o país de todo homem.

C. Drummond. Antologia poética. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. (Fragmento).

Nos textos anteriores, a cidade, definida pelo dicionário, é vista por sujeitos que atuam como intérpretes do mundo num progressivo entendimento de um tempo histórico das cidades. Talento, cultura, bons serviços e integração compõem uma sintonia indispensável para despertar o sentimento de coletividade e desenvolver a "multiplicidade toda que há dentro de cada um". No cotidiano de uma cidade, a cada dia, o indivíduo tende a sentir-se mais só, isolado, compelido a governar seu próprio pedaço de chão, ou de mundo. A crença de que "a união faz a força" deu lugar ao "cada um por si".

Considerando a leitura dos textos motivadores e contextualizando-os na perspectiva histórica atual, redija um texto dissertativo que apresente uma visão crítica sobre o seguinte tema:

Uma coletividade atuante restaura uma cidade partida?

Instruções

O candidato deve:

- usar a norma-padrão da língua portuguesa;
- obedecer, obrigatoriamente, ao tema e à tipologia textual indicados;
- atribuir um título apropriado à sua produção textual;
- articular suas próprias informações às ideias apresentadas nos fragmentos motivadores, desenvolvendo seu ponto de vista, de modo a justificar a que conclusão pretende chegar, mantendo, assim, coerência argumentativa;

16 UnB 2013 — Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? disse-me o Policarpo.

— Eu...

— Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu! clamou.

[...]

Na sala arquejava o terror [...]. Creio que o próprio Curvelo enfiara de medo [...]. Daí a algum tempo, olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu [...]. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma coisa?

Machado de Assis. Conto de escola. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. II, 1992. (com adaptações).

A delação premiada é um incentivo dado ao criminoso para que coopere com a investigação de crimes. Muitos criticam esse "prêmio" dado ao delator, sob o argumento de que o criminoso, além de praticar um delito, trai seus comparsas e os delata visando apenas ao seu próprio interesse. Já os defensores acreditam que mais crimes serão descobertos, se houver esse incentivo, e que não deve haver juízo moral sobre essa forma de obtenção de provas.

Para a sociedade fica a questão: o Estado deve valer-se de benefícios concedidos a um criminoso, em sua função de punir outros criminosos, quando há coautoria? Ainda que a delação premiada, quando eficaz, possa permitir a desarticulação de organizações criminosas, não se deve esquecer de que o beneficiado compactuou com os outros criminosos e se beneficiou do crime — esse é o preço a se pagar por tal cooperação. Além disso, se cada coautor, incentivado pelos benefícios da delação, quiser colaborar na identificação de outros comparsas, a Justiça nada ganha.

Thiago Bottino. "Prêmio para quem?". In: O Globo, 4 nov. 2012. (com adaptações).

ROMANCE XXVIII OU DA DENÚNCIA DE JOAQUIM SILVÉRIO

[...]

Vede como está contente,
pelos horrores escritos,
esse impostor caloteiro
que em tremendos labirintos
prende os homens indefesos
e beija os pés aos ministros!
As terras de que era dono
valiam mais que um ducado.
Com presentes e lisonjas,
arrematava contratos.
E delatar um levante
pode dar lucro bem alto!

ROMANCE XLIV OU DA TESTEMUNHA FALSA

[...]

Que importa quanto se diga?
Para livrar-me de algemas,
da sombra do calabouço,
dos escrivães e das penas,
do barão e do pregão,
a meu pai acusaria.

Cecília Meireles. Romanceteiro da Inconfidência. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986.

O instituto da delação premiada ocorre quando o indiciado/acusado imputa a autoria do crime a um terceiro, coautor ou partícipe, ou, ainda, quando o sujeito investigado ou processado fornece, de maneira voluntária, às autoridades informações a respeito das práticas delituosas promovidas pelo grupo criminoso. A delação premiada representa, basicamente, um acordo entre o Ministério Público e o acusado, e, quanto mais informação for dada por aquele que delata, maior será o benefício a ele proporcionado.

Marcelia Sanguinetti Soares Mendes. A delação premiada com o advento da Lei 9.807/1999. Internet: <www.ambitojuridico.com.br> (com adaptações).

Os textos motivadores – de épocas e gêneros distintos – apresentam diferenças significativas no que se refere a elementos estruturais, mas mantêm certas semelhanças, que podem ser atribuídas aos elementos temáticos – denúncia, delação, traição –, que, inter-relacionados, remetem a uma trama, com características recorrentes no que se refere a comportamentos humanos envolvidos na delação, na traição. As ações intentadas trazem, de um lado, frustração, infortúnios, castigos e, de outro, vantagens, benefícios ou, mesmo, prêmios.

Com base nos textos motivadores, redija um texto expositivo-argumentativo a respeito das relações e dos comportamentos envolvidos na delação premiada. Em seu texto, explicitamente sua opinião, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos:

- sistema que caracteriza as trocas: o "toma lá dá cá" e suas consequências;
- valores éticos envolvidos no acordo de delação premiada.

Caso apresente argumento, justificativa ou exemplo extraído dos textos motivadores, apresente a necessária referência.

17 UFGD 2013 Imagine o seguinte: a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em preparação para o Ano Internacional da Cooperação pela Água, resolve promover um Concurso de Redação, com o título *Sobre a importância do Brasil no Ano Internacional da Cooperação pela Água*. Os objetivos do concurso:

a) incentivar a discussão acerca dos impactos das políticas sobre as águas para desenvolvimento e a sustentabilidade do planeta; b) contribuir para conscientização de estudantes do Ensino Médio do Brasil sobre a importância da cooperação pela água; c) reconhecer e premiar os melhores trabalhos que demonstrem o real entendimento da importância da cooperação pela água.

Como premiação, a UNESCO irá publicar um livro contendo os vinte melhores artigos, traduzido para as seis línguas oficiais (Árabe, Chinês, Espanhol, Francês, Inglês e Russo) da Organização das Nações Unidas, além de um certificado do Concurso.

Como critérios gerais, a UNESCO orienta:

- Apresentar proposta de intervenção.
- Respeitar os Direitos Humanos.
- Obedecer às normas da língua padrão.
- Dar um título à redação.
- Escrever, no máximo, 30 linhas.
- **NÃO** assinar a redação.

A professora de redação de vossa escola, sabendo de vosso interesse, resolve estimulá-lo a escrever; para isso, lhe entrega os seguintes textos, desafiando-o a produzir um **artigo de opinião** a partir deles.

TEXTO 1

[...]

Em dezembro de 2010, a Assembleia das Nações Unidas declarou o ano de 2013 como o Ano Internacional das Nações Unidas para a Cooperação pela Água, com base em uma proposta de um grupo de países iniciada pelo Tajiquistão. Em agosto de 2011, a UNESCO foi oficialmente nomeada pela ONU para liderar os preparativos para o Ano Internacional e o Dia Mundial da Água em 2013.

A cooperação pela água tem múltiplas dimensões, incluindo os aspectos culturais, educacionais, científicos, religiosos, éticos, sociais, políticos, jurídicos, institucionais e econômicos. Uma abordagem multidisciplinar é essencial para entender as várias facetas implícitas no conceito e para misturar essas peças em uma visão holística. Além disso, para ser bem-sucedida e duradoura, a cooperação pela água precisa de um entendimento comum do que sejam as necessidades e os desafios em torno da água. Construir um consenso sobre as respostas adequadas a estas questões será o foco principal do Ano Internacional e do Dia Mundial da Água em 2013.

O evento terá a participação de representantes de ONGs, organizações internacionais, agências do sistema ONU, entre outros.

Disponível em: <www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/un_international_year_of_water_cooperation_2013/>. Acesso em: 19 out. 2012.

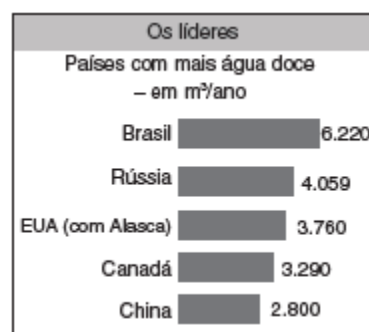
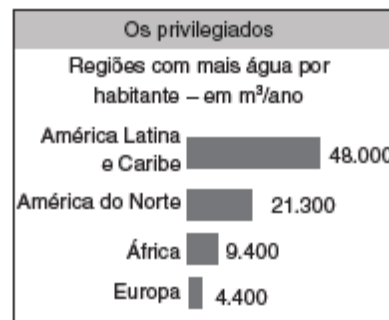
TEXTO 2

Soares define, considerando o Direito Internacional, a cooperação internacional como "as ações conjuntas levadas a cabo entre todos os Estados ou por um certo número de Estados, com vistas a um determinado fim, seja aquelas concertadas em nível bilateral ou multilateral (dentro dos mecanismos existentes no interior das organizações ou entidades institucionalizadas ou em operações ad hoc), seja aquelas decorrentes de um dever instituído por uma norma não escrita" (p. 616).

G. E. S. Soares. A interdependência dos Estados no campo da proteção internacional ao meio ambiente. In: O. Oliveira e A. D. R. Júnior (org.). *Relações Internacionais: Interdependência e sociedade global*. Itajaí: Unijuí, 2003, p. 599-627.

TEXTO 3

O RANKING DAS ÁGUAS NO PLANETA TERRA



Fonte: Scientific American, National Geographic, Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), Margat, 1998-1999.

TEXTO 4

GUERRAS DA ÁGUA

A primeira guerra

Lagash vs Umma, Suméria, 2.500 a.C.

A primeira guerra causada pela disputa por água aconteceu às margens do Rio Eufrates, região onde fica o Iraque. Urlama, rei da cidade-estado de Lagash, desvia o curso do rio e deixa outra cidade-estado, Umma, sem água.

Água gelada

China vs Tibet, 1950

Em 1950, a China invadiu o Tibet, em parte para garantir o controle das águas armazenadas nas geleiras do Himalaia. Atualmente, preten- de canalizar a água até o Rio Amarelo. O projeto pode alterar o fluxo de água nos rios de vários países e aumentar a tensão na região, já bastan- te instável politicamente.

Guerra civil

Sudão, 1963 até os dias de hoje

A falta de água foi um dos fatores que impulsionaram o conflito que matou mais de dois milhões de pessoas. A guerra civil no país, agora separado entre Sudão e Sudão do Sul, foi provocada por vários elemen- tos, políticos, sociais e econômicos, mas pesquisadores da Universidade de Columbia apontam a água como um dos principais motivos.

Quase guerra

Turquia, 1998

Em 1998, Síria e Turquia quase entraram em guerra por causa da água. Em 2003, as tensões voltaram a surgir quando os Estados Uni- dos invadiram o Iraque. Nos bastidores, houve uma dura disputa entre turcos, curdos e as forças americanas sobre como seria feita a coleta e distribuição da água dos rios Tigre e Eufrates.

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/as-batalhas-da-agua>>. Acesso em: 19 out. 2012.

TEXTO 5

– *Vilissima rerum aqua [A água é a coisa mais barata que existe].* (HORÁCIO, Sermones 1.5.88).

Instruções

- Seu texto tem de ser escrito à tinta azul ou preta, na folha própria.
- Lembre-se de que seu texto deverá ser **dissertativo-argumen- tativo**.
- O **Rascunho** da redação deve ser feito no espaço apropriado.

18 UEMG 2013 Em 2012, foram veiculadas notícias que geraram cer- to desconforto entre professores e estudantes. Uma delas dizia res- peito à aprovação de um Projeto de Lei que proibiria a adoção e a divulgação, na rede pública de ensino, de obras que não estivessem de acordo com a "norma culta" da língua portuguesa ou que violas- sem o ensino correto da gramática. Dessa forma, os estudantes não teriam livre acesso a escritores como Guimarães Rosa, Clarice Lispec- tor, Oswald de Andrade, além de muitos outros. Outra notícia que gerou desconforto foi a decisão tomada pelo Colégio de Aplicação da UFV (COLUNI) de excluir de seu processo seletivo a obra *Violetas e Pavões*, de Dalton Trevisan. A instituição considerou que assuntos como drogas e sexo são abordados pela obra de forma inapropriada para os estudantes que deveriam lê-la. A propósito desse assunto, leia atentamente os textos a seguir, juntamente com a instrução para a escrita da redação.

TEXTO I

Não é de agora que obras literárias, didáticas ou paradidáticas viram alvo pós-ditadura. Em 2009, a rede de ensino catarinense baniu Aventuras Provisórias (Record), de Cristovão Tezza, depois de adotá-la no Ensino Médio, por conteúdo "apelativo". No mesmo ano, o governo de São Paulo recolheu Memórias Inventadas — A Infância (Planeta), de Manoel de Barros, entre outras obras selecionadas pela Secretaria Es- tadual de Educação para uso em aulas. A alegação foi linguagem chula e conteúdo erótico. E o Rio de Janeiro tirou das escolas municipais um livro de história por ter gravura "imprópria" ao 4º ano do Ensino Funda- mental: Cena Canibal (1593) traz tupis canibalizando rivais.

Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, jun. 2012, n. 80, p. 19. (Adapt.).

TEXTO II

Liberdade de imprensa é a capacidade de um indivíduo de publi- car e acessar informação, através de meios de comunicação em massa, sem interferência do Estado. Embora a liberdade de imprensa seja a au- sência da influência estatal, ela pode ser garantida pelo governo através da legislação. Ao processo de repressão da liberdade de imprensa e ex- pressão chamamos censura.

Disponível em: <www.pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade_de_imprensa>. Acesso em: 20 ago. 2012. (Adapt.).

TEXTO III



Disponível em: <www.clubedejornalistas.pt>. Acesso em: 11 jul. 2012. (Adapt.).

TEXTO IV



Disponível em: <www.stndjpm.org.br>. Acesso em: 11 jul. 2012.

Instrução

Suponha que você seja um estudante que costuma postar textos em um *blog*, na internet. Escreva um artigo de opinião, para ser publicado nesse *blog*, **problematizando a liberdade de imprensa**. Apresente uma reflexão a respeito da relevância das informações publicadas pelos meios de comunicação (como jornais, livros e revistas) e a respeito da censura a essas mesmas informações, a exemplo das situações expostas no texto I. Proponha sugestões para os problemas apontados.

Seu texto deverá estar de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa e deverá ocupar o espaço de até 26 linhas.

19 Unimontes 2013 No texto **Instinto Animal**, Lya Luft afirma: "Não me parece muito apurado o espírito animal que, nas palavras de uma autoridade, declara que empregar 7% do PIB em educação (e 10% em mais alguns anos) vai 'quebrar o país'. Educação não quebra nada: só constrói."

"... a distância entre o Brasil e os melhores do mundo é ainda longa. Para se ter uma ideia, no segundo ciclo do ensino fundamental, apenas 3% das escolas ombreiam hoje com o padrão da OCDE (que reúne os países mais desenvolvidos). [...] É diante desse cenário que reluz um conjunto de bons colégios que conseguiu desprender da média de maneira extraordinária, alcançando a excelência sem muito dinheiro e nenhum luxo."

Vejam-se alguns dados abaixo:

Escola CIEP GLAUBER ROCHA	
Onde fica: Pavuna, um dos bairros mais violentos do Rio de Janeiro	
Nota no Ideb	8,5
Posição no estado	1º
Posição no ranking socioeconômico	1579º

Escola ESCOLA MUNICIPAL LAUDIMIA TROTTA	
Onde fica: Tijuca, bairro de classe média carioca	
Nota no Ideb	3,7
Posição no estado	2251º
Posição no ranking socioeconômico	71º

Escola ESCOLA MUNICIPAL BOM PRINCÍPIO	
Onde fica: à beira de uma autoestrada que corta Teresina	
Nota no Ideb	7,7
Posição no estado	1º
Posição no ranking socioeconômico	153º

Escola UNIDADE ESCOLAR PROFESSOR AGRIPINO OLIVEIRA	
Onde fica: em um bairro de classe média da capital paulense	
Nota no Ideb	3,8
Posição no estado	419º
Posição no ranking socioeconômico	10º

Revista Veja, 22 ago. 2012.

Instrução

Construa um texto dissertativo de 20 linhas respondendo ao seguinte questionamento:

Como a educação brasileira poderá, como um todo, alcançar a excelência?

Proposta 1

Leia a seguinte notícia.

DOUTOR ADVOGADO E DOUTOR MÉDICO: ATÉ QUANDO?

Sei muito bem que a língua, como coisa viva que é, só muda quando mudam as pessoas, as relações entre elas e a forma como lidam com o mundo. Exerço, porém, um pequeno ato quixotesco no meu uso pessoal da língua: esforço-me para jamais usar a palavra "doutor" antes do nome de um médico ou de um advogado.

Travo minha pequena batalha com a consciência de que a língua nada tem de inocente. Se usamos as palavras para embates profundos no campo das ideias, é também na própria escolha delas, no corpo das palavras em si, que se expressam relações de poder, de abuso e de submissão. Cada vocábulo de um idioma carrega uma teia de sentidos que vai se alterando ao longo da História, alterando-se no próprio fazer-se do homem na História. E, no meu modo de ver o mundo, "doutor" é uma praga persistente que fala muito sobre o Brasil.

Assim, minha recusa ao "doutor" é um ato político. Um ato de resistência cotidiana, exercido de forma solitária na esperança de que um dia os bons dicionários digam algo assim, ao final das várias acepções do verbete "doutor": "arcaísmo: no passado, era usado pelos mais pobres para tratar os mais ricos e também para marcar a superioridade de médicos e advogados, mas, com a queda da desigualdade socioeconômica e a ampliação dos direitos do cidadão, essa acepção caiu em desuso".

Historicamente, o "doutor" se entranhou na sociedade brasileira como uma forma de tratar os superiores na hierarquia socioeconômica – e também como expressão de racismo. Ou como a forma de os mais pobres tratarem os mais ricos, de os que não puderam estudar tratarem os que puderam, dos que nunca tiveram privilégios tratarem aqueles que sempre os tiveram. O "doutor" não se estabeleceu na língua portuguesa como uma palavra inocente, mas como um fosso, ao expressar no idioma uma diferença vivida na concretude do cotidiano que deveria ter nos envergonhado desde sempre.

A resposta para a atualidade do "doutor" pode estar na evidência de que, se a sociedade brasileira mudou bastante, também mudou pouco. A resposta pode ser encontrada na enorme desigualdade que persiste até hoje. E na forma como essas relações desiguais moldam a vida cotidiana.

O "doutor" médico e o "doutor" advogado, juiz, promotor, delegado têm cada um suas causas e particularidades na história das mentalidades e dos costumes. Em comum, têm algo significativo: a autoridade sobre os corpos. Um pela lei, o outro pela medicina, eles normatizam a vida de todos os outros. Não apenas como representantes de um poder que pertence à instituição e não a eles, mas que a transcende para encarnar na própria pessoa que usa o título.

Se olharmos a partir das relações de mercado e de consumo, a medicina e o direito são os únicos espaços em que o cliente, ao entrar pela porta do escritório ou do consultório, em geral já está automaticamente numa posição de submissão. Em ambos os casos, o cliente não tem razão, nem sabe o que é melhor para ele. Seja como vítima de uma violação da lei ou como autor de uma violação da lei, o cliente é sujeito passivo diante do advogado, promotor, juiz, delegado. E, como "paciente" diante do médico, deixa de ser pessoa para tornar-se objeto de intervenção.

Num país no qual o acesso à Justiça e o acesso à Saúde são deficientes, como o Brasil, é previsível que tanto o título de "doutor" permaneça atual e vigoroso quanto o que ele representa também como viés de classe. Infelizmente, a maioria dos "doutores" médicos e dos "doutores" advogados, juizes, promotores, delegados etc. estimulam e até exigem o título no dia a dia.

Elare Brum. Época, 10 set. 2012. (Adapt.).

Escreva um **resumo** do texto anterior, com 10 linhas no máximo. Em seu texto, você deve:

- apresentar o ponto de vista da autora e os argumentos que ela utiliza para justificá-lo;
- escrever com suas próprias palavras, sem copiar enunciados da autora;
- mencionar no corpo do resumo o autor e a fonte do texto *Doutor Advogado e Doutor Médico: até quando?*.

Proposta 2

Leia a seguir os parágrafos iniciais de um texto de Rosely Sayão (*Folha de S. Paulo*, 01 maio 2012). Escreva um ou dois parágrafos – 8 a 10 linhas – dando continuidade ao texto, sem necessariamente conduzi-lo. Uma continuação adequada deve:

- apresentar uma articulação clara com os parágrafos iniciais;
- introduzir informações novas, que garantam a progressão no tratamento do tema.

A família passou do singular ao plural. Antes, havia "a família". Quando nos referíamos a essa instituição todos compartilhavam da mesma ideia: um homem e uma mulher unidos pelo casamento, seus filhos e mais os parentes ascendentes, descendentes e horizontais. E, como os filhos eram vários, a família era bem grande, constituída por adultos de todas as idades e mais novos também.

Pai, mãe, filhos, tios e tias, primos e primas, avós etc. eram palavras íntimas de todos, já que sempre se pertence a uma família. Quando as palavras "madrasta" ou "padrasto" ou mesmo "enteado" precisavam ser usadas para designar um papel em um grupo familiar, o fato sempre provocava um sentimento de pena. E que na época da família no singular isso só podia ter um significado: a morte de um dos progenitores.

Mas essa ideia de família só sobreviveu intacta até os anos 60.

Proposta 3



Poliedro. In: Gazeta do Povo, 13 Jun. 2012.



Marines hastelam a bandeira dos Estados Unidos, após batalha contra os Japoneses e ocupação da ilha de Iwo Jima/Japão, em 1945, durante a Segunda Guerra Mundial

Observe a charge de Paixão publicada durante a realização no Rio de Janeiro da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20. Considerando os elementos representados na charge e sua relação com a foto escreva um texto explicitando a opinião de Paixão sobre a Rio+20.

Seu texto deve:

- ter de 10 a 12 linhas;
- indicar não apenas o ponto de vista do autor, mas também os elementos gráficos em que se fundamenta sua interpretação.

21 UFSC 2013

Proposta 1

As redes sociais, entre elas Facebook, Orkut, Twitter, têm sido tema de amplos debates no que se refere a seu uso. É comum encontrarmos notícias, editoriais e artigos de opinião (também chamados de artigos assinados) que discutem esse assunto.

O artigo de opinião é um texto em que o autor expõe seu ponto de vista, sustentado, geralmente, em dados e opiniões de outros autores/fontes, com o objetivo de convencer o leitor.

Veja excertos que tratam do tema **redes sociais**.

O psicólogo e diretor de segurança da Safenet Brasil, Rodrigo Nejm, preparou 10 dicas de segurança para você. Uma dessas dicas é a seguinte:

"Pense duas vezes antes de publicar – Lembre-se de que uma rede social é um espaço público e que toda informação que você colocar lá vai ficar disponível para grande parte dos usuários. São amigos dos amigos dos amigos... Por isso é muito importante pensar bem no tipo de informação que vai publicar e evitar exposição desnecessária."

Disponível em: www.safenet.org.br/site/noticias/saiba-como-se-proteger-nas-redes-sociais-10-dicas-simples. Acesso em: 16 out. 2012. (Adapt.).

A internet se desenvolveu de tal forma nos últimos tempos que foi proporcionando aos poucos a criação de diversos meios e serviços que ajudaram a democratizar a informação. Fez também com que grande parte da população do globo tivesse rápido acesso a vários tipos de informações e pudesse compartilhar essas informações através das redes sociais de comunicação e interação, ao mesmo tempo e em tempo real de forma livre.

Victor Seiji Endo. Redes sociais: a democratização da informação e comunicação. Disponível em: www.fvvescontadas.com.br/redes-sociais-a-democratizacao-da-informacao-e-comunicacao. Acesso em: 18 out. 2012. (Adapt.).

Especialista em Direito Eletrônico/Direito Digital, o advogado Rafael Fernandes Maciel vem estudando muito o tema e faz alertas sobre esse assunto que julga de extrema relevância. Ele afirma que as pessoas podem dizer o que quiserem em sites como Twitter e Facebook, desde que não atinjam direitos dos outros.

Disponível em: <www.maoexpressnet.com.br/Conteudo/1_487303,Advogado_recomenda_cautela_com_liberdade_de_expressao_nas_redes_sociais_487303,2.htm>. Acesso em: 19 out. 2012.

Considerando esses excertos, elabore um **artigo de opinião** sobre o uso das redes sociais, para ser publicado no Caderno de Opinião de um jornal de circulação regional. Assine **obrigatoriamente** como "Candidato Vestibular/UFSC/2013".

Proposta 2

Quando estamos em dúvida sobre assistir a um filme ou espetáculo, ler um livro ou comprar um CD, a leitura de uma resenha pode nos ajudar na decisão. Se o resenhista apresentar informações e opiniões que nos convençam de que é uma boa opção, teremos elementos favoráveis para fazer a escolha. Caso contrário, poderemos desistir de assistir ao filme/espetáculo, de ler o livro ou de comprar o CD.

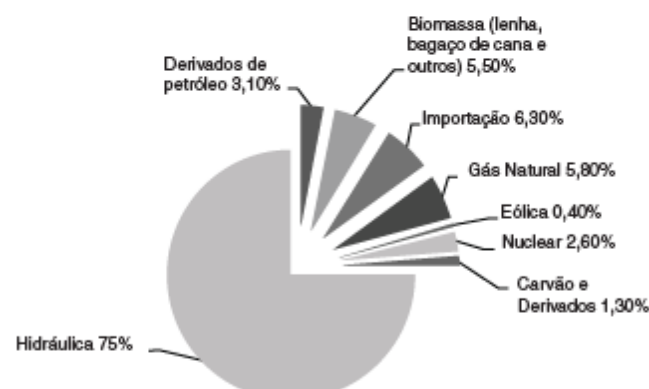
Atualmente, vários sites/blogs voltados para a divulgação de obras literárias abrem espaço para que leitores enviem resenhas de livros.

Escreva uma **resenha** sobre um dos livros indicados abaixo como se fosse publicá-la em um site/blog voltado para a divulgação de obras literárias. Assine **obrigatoriamente** como "Candidato Vestibular/UFSC/2013".

- AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 283 p. (1ª edição, 1937).
- ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo: idílio*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. 181 p. (1ª edição, 1927).

Proposta 3

Gráfico: Fontes geradoras de Energia Elétrica no Brasil



Disponível em: <https://ben.epc.gov.br/downloads/resultados_Pre_BEN_2011.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2012. (Adapt.).

A geração de energia é uma das grandes preocupações na atualidade. Observe o gráfico, analise algumas fontes geradoras e elabore um **texto dissertativo** sobre as alternativas para a geração de energia elétrica no Brasil do século XXI.

4 Fuvest 2014 Leia o seguinte extrato de uma reportagem do jornal inglês *The Guardian*, de 22 de janeiro de 2013, para em seguida atender ao que se pede:

O ministro de finanças do Japão, Taro Aso, disse na segunda-feira (dia 21) que os velhos deveriam "apressar-se a morrer", para aliviar a pressão que suas despesas médicas exercem sobre o Estado.

"Deus nos livre de uma situação em que você é forçado a viver quando você quer morrer. Eu acordaria me sentindo cada vez pior se soubesse que o tratamento é todo pago pelo governo", disse ele durante uma reunião do conselho nacional a respeito das reformas na seguridade social. "O problema não será resolvido, a menos que você permita que eles se apressem a morrer".

Os comentários de Aso são suscetíveis de causar ofensa no Japão, onde quase um quarto da população de 128 milhões tem mais de 60 anos. A proporção deve atingir 40% nos próximos 50 anos.

Aso, de 72 anos de idade, que tem funções de vice-primeiro-ministro, disse que iria recusar os cuidados de fim de vida. "Eu não preciso desse tipo de atendimento", declarou ele em comentários citados pela imprensa local, acrescentando que havia redigido uma nota instruindo sua família a negar-lhe tratamento médico para prolongar a vida.

Para maior agravo, ele chamou de "pessoas-tubo" os pacientes idosos que já não conseguem se alimentar sozinhos. O ministério da saúde e do bem-estar, acrescentou, está "bem consciente de que custa várias dezenas de milhões de ienes" por mês o tratamento de um único doente em fase final de vida.

Mais tarde, Aso tentou explicar seus comentários. Ele reconheceu que sua linguagem fora "inapropriada" em um fórum público e insistiu que expressara apenas sua preferência pessoal. "Eu disse o que eu, pessoalmente, penso, não o que o sistema de assistência médica a idosos deve ser", declarou ele a jornalistas.

Não foi a primeira vez que Aso, um dos mais ricos políticos do Japão, questionou o dever do Estado para com sua grande população idosa. Anteriormente, em um encontro de economistas, ele já dissera: "Por que eu deveria pagar por pessoas que apenas comem e bebem e não fazem nenhum esforço? Eu faço caminhadas todos os dias, além de muitas outras coisas, e estou pagando mais impostos".

theguardian.com, Tuesday, 22 January 2013. Traduzido e adaptado.

Considere as opiniões atribuídas ao referido político japonês, tendo em conta que elas possuem implicações éticas, culturais, sociais e econômicas capazes de suscitar questões de várias ordens: essas opiniões são tão raras ou isoladas quanto podem parecer? O que as motiva? O que elas dizem sobre as sociedades contemporâneas? Opiniões desse teor seriam possíveis no contexto brasileiro? Como as jovens gerações encaram os idosos?

Escolhendo, entre os diversos aspectos do tema, os que você considerar mais relevantes, redija um texto em prosa, no qual você avalie as posições do citado ministro, supondo que esse texto se destina à publicação – seja em um jornal, uma revista ou em um site da internet.

Instruções

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 34 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

TEXTO 1

Você e um grupo de colegas ganharam um concurso que vai financiar a realização de uma oficina cultural na sua escola.

Após o desenvolvimento do projeto, você, como membro do grupo, ficou responsável por escrever um relatório sobre as atividades realizadas na oficina, **informando o que foi feito**. O relatório será avaliado por uma **comissão composta por professores da escola**. A aprovação do relatório permitirá que você e seu grupo voltem a concorrer ao prêmio no ano seguinte.

O relatório deverá contemplar a apresentação do projeto (público-alvo, objetivos e justificativa), o relato das atividades desenvolvidas e comentário(s) sobre os impactos das atividades na comunidade.

Na abertura do concurso, os grupos concorrentes receberam o seguinte texto de orientação geral:

As Oficinas Culturais são espaços que procuram oferecer aos interessados atividades gratuitas, especialmente as de caráter prático, com o objetivo de proporcionar oportunidades de aquisição de novos conhecimentos e novas vivências, de experimentação e de contato com os mais diversos tipos de linguagens, técnicas e ideias. As Oficinas Culturais atuam nas áreas de artes plásticas, cinema, circo, cultura geral, dança, design, folclore, fotografia, história em quadrinhos, literatura, meio ambiente, multimídia, música, ópera, rádio, teatro e vídeo.

O público a ser atingido depende do objetivo de cada atividade, podendo variar do iniciante ao profissional. As Oficinas Culturais visam à formação cultural e não à educação formal do cidadão. Pretendem mostrar caminhos, sugerir ideias, ampliar o campo de visão.

Oficina Cultural/Regional Sétimo Buque de Holanda. Disponível em <http://www.guizao.com.br/oficina_cultural/conceito.asp>. Acesso em: 07 out 2013. (Adapt.).

TEXTO 2

Em virtude dos problemas de trânsito, uma associação de moradores de uma grande cidade se mobilizou, buscou informações em textos e documentos variados e optou por elaborar uma **carta aberta**. **Você, como membro da associação**, ficou responsável por redigir a carta a ser divulgada nas redes sociais. Essa carta tem o objetivo de **reivindicar, junto às autoridades municipais, ações consistentes para a melhoria da mobilidade urbana na sua cidade**. Para estruturar a sua argumentação, utilize também informações apresentadas nos trechos abaixo, que foram lidos pelos membros da associação.

Atenção: assine a carta usando apenas as iniciais do remetente.

I

"A boa cidade, do ponto de vista da mobilidade, é a que possui mais opções", explica o planejador urbano Jeff Risom, do escritório dinamarquês Gehl Architects. E Londres está entre os melhores exemplos práticos dessa ideia aplicada às grandes metrópoles.

A capital inglesa adotou o pedágio urbano em 2003, diminuindo o número de automóveis em circulação e gerando uma receita anual que passou a ser reaplicada em melhorias no seu já consolidado sistema de transporte público. Com menos carros e com a redução da velocidade máxima permitida, as ruas tornaram-se mais seguras para que fossem adotadas políticas que priorizassem a bicicleta como meio de transporte. Em 2010, Londres importou o modelo criado em 2005 em Lyon, na França, de bikes públicas de aluguel. Em paralelo, começou a construir uma rede

de cicloviárias e determinou que as faixas de ônibus fossem compartilhadas com ciclistas, com um programa de educação massiva dos motoristas de coletivos. Percorrer as ruas usando o meio de transporte mais conveniente – e não sempre o mesmo – ajuda a resolver o problema do trânsito e ainda contribui com a saúde e a qualidade de vida das pessoas.

Natália Garcia. 8 Iniciativas urbanas inspiradoras. In: RedReport, fev. 2013, p. 63. Disponível em: <<http://cidadespapessoas.com/2013/06/29/pedalando-por-cidades-inspiradoras/>>. Acesso em: 06 set 2013. (Adapt.).

II

Mas, afinal, qual é o custo da morosidade dos deslocamentos urbanos na região metropolitana de São Paulo? Não é muito difícil fazer um cálculo aproximado.

Podemos aceitar como tempo normal, com muita boa vontade, uma hora diária. Assim, o tempo médio perdido com os congestionamentos em São Paulo é superior a uma hora por dia. Sendo a jornada de trabalho igual a oito horas, é fácil verificar que o tempo perdido é de cerca de 12,5% da jornada de trabalho. O valor monetário do tempo perdido é de R\$ 62,5 bilhões por ano.

Esse é o custo social anual da lentidão do trânsito em São Paulo.

André Franco Montoro Filho. O custo do (falta de) mobilidade urbana, Folha de São Paulo, Caderno Opinião, São Paulo, 04 ago. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2013/08/1321280-andre-franco-montoro-filho-o-custo-da-falta-de-mobilidade-urbana.shtml>>. Acesso em: 09 set 2013. (Adapt.).

III

Torna-se cada vez mais evidente que não há como escapar da progressiva limitação das viagens motorizadas, seja aproximando os locais de moradia dos locais de trabalho ou de acesso aos serviços essenciais, seja ampliando o modo coletivo e os meios não motorizados de transporte. Evidentemente que não se pode reconstruir as cidades, porém são possíveis e necessárias a formação e a consolidação de novas centralidades urbanas, com a descentralização de equipamentos sociais, a informatização e descentralização de serviços públicos e, sobretudo, com a ocupação dos vazios urbanos, modificando-se, assim, os fatores geradores de viagens e diminuindo-se as necessidades de deslocamentos, principalmente motorizados.

BRASIL. Ministério das Cidades. Caderno para o Bótorço do Plano Diretor de Transporte e da Mobilidade. Secretaria Nacional de Transportes e de Mobilidade Urbana (SeMob), 2007, p. 22-23. Disponível em: <<http://www.antp.org.br/5d4atSystem/download/doc/Document/2013/03/12179121770-A746-45A0-BD32-850391F98385.pdf>>. Acesso em: 06/09/2013. (Adapt.).

6 Unesp 2014

TEXTO 1

Dos 594 deputados e senadores em exercício no Congresso Nacional, 190 (32%) já foram condenados na Justiça e/ou nos Tribunais de Contas.

As ocorrências se encaixam em quatro grandes áreas: irregularidades em contas e processos administrativos no âmbito dos Tribunais de Contas (como fraudes em licitações); citações na Justiça Eleitoral (contas de campanha rejeitadas, compra de votos, por exemplo); condenações na Justiça referentes à lida com o bem público no exercício da função (enriquecimento ilícito, peculato etc.); e outros (homicídio culposo, trabalho degradante etc.).

(Natália Falva. www.transparencia.org.br. Adaptado.)

TEXTO 2

Nossa tradição cultural, por diversas razões, criou um ideal de cidadania política sem vínculos com a efetiva vida social dos brasileiros. Na teoria, aprendemos que devemos ser cidadãos; na prática, que não é possível, nem desejável, comportarmo-nos como cidadãos. A face política do modelo de identidade nacional é permanentemente corroída pelo desrespeito aos nossos ideais de conduta.

Idealmente, ser brasileiro significa herdar a tradição democrática na qual somos todos iguais perante a lei e onde o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade é uma propriedade inalienável de cada um de nós; na realidade, ser brasileiro significa viver em um sistema socioeconômico injusto, onde a lei só existe para os pobres e para os inimigos e onde os direitos individuais são monopólio dos poucos que têm muito.

Preso nesse impasse, o brasileiro vem sendo coagido a reagir de duas maneiras. Na primeira, com apatia e desesperança. É o caso dos que continuam acreditando nos valores ideais da cultura e não querem converter-se ao cinismo das classes dominantes e de seus seguidores. Essas pessoas experimentam uma notável diminuição da autoestima na identidade de cidadão, pois não aceitam conviver com o baixo padrão de moralidade vigente, mas tampouco sabem como agir honradamente sem se tornarem vítimas de abusos e humilhações de toda ordem. Deixam-se assim contagiar pela inércia ou sonham em renunciar à identidade nacional, abandonando o país. Na segunda maneira, a mais nociva, o indivíduo adere à ética da sobrevivência ou à lei do vale-tudo: pensa escapar à delinquência, tomando-se delinquente.

(Juvandir Freire Costa. <http://super.abril.com.br>. Adaptado.)

TEXTO 3

Se o eleitorado tem bastante clareza quanto à falta de honestidade dos políticos brasileiros, não se pode dizer o mesmo em relação à sua própria imagem como "povo brasileiro". Isto pode ser um reflexo do aclamado "jeitinho brasileiro", ora motivo de orgulho, ora de vergonha.

De qualquer forma, fica claro que há problemas tanto quando se fala de honestidade de uma forma genérica, como quando há abordagem específica de comportamentos antiéticos, alguns ilegais: a "caixinha" para o guarda não multar, a sonegação de impostos, a compra de produtos piratas, as fraudes no seguro, entre outros. A questão que está posta aqui é que a população parece não relacionar seus "pequenos desvios" com o comportamento desonesto atribuído aos políticos.

(Silvia Cervellini. www.1bope.com.br. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Corrupção no Congresso Nacional: reflexo da sociedade brasileira?

7 Unifesp 2014

TEXTO 1



(www.chargeonline.com.br)

TEXTO 2

O secretário de Estado americano, John Kerry, defendeu o programa de espionagem da Agência de Segurança Nacional (NSA) na segunda-feira [12.08.2013] e minimizou o seu impacto sobre os esforços dos Estados Unidos em aprofundar as relações com o Brasil e a Colômbia, os dois principais aliados na América Latina.

Kerry tentou minimizar a informação de que cidadãos da Colômbia, México, Brasil e outros países estão entre os alvos da grande operação da NSA para monitorar ligações telefônicas e de internet em todo o mundo. O fato foi divulgado pelo ex-técnico da CIA Edward Snowden.

"Tudo o que aconteceu respeitou a Constituição e as leis. O presidente Obama deu grandes passos nos últimos dias para tranquilizar as pessoas sobre as suas intenções na América Latina", explicou Kerry.

(www.estadao.com.br)

TEXTO 3

Uma ilegalidade inadmissível, que provocou indignação e repúdio.

Essas foram algumas das fortes expressões que a presidente Dilma Rousseff usou ontem [24.09.2013] ao abrir a Assembleia-Geral da ONU, em Nova Iorque, para definir a sua reação às denúncias de que ela e a Petrobras foram alvos prioritários da espionagem dos EUA.

Dilma, que há uma semana cancelou a visita que faria ao colega americano, Barack Obama, disse que o esquema da NSA afronta a comunidade internacional.

"Estamos diante de um caso grave de violação dos direitos humanos e das liberdades civis", disse.

Para ela, "miscuir-se dessa forma na vida de outros países fere o direito internacional e afronta os princípios que devem reger as relações entre eles, sobretudo entre nações amigas".

(www.folha.uol.com.br. Adaptado.)

TEXTO 4

Após as novas revelações de que o celular da chanceler alemã, Angela Merkel, teria sido espionado pelos EUA, o diretor da inteligência nacional americana, James Clapper, defendeu a espionagem de líderes estrangeiros.

"Conhecer as intenções dos líderes é uma espécie de princípio básico do que nós coletamos e analisamos", declarou Clapper, que chefia as agências responsáveis por esse tipo de ação nos EUA.

O diretor, que depôs nesta terça-feira [29.10.2013] no Comitê de Inteligência da Câmara americana, afirmou, porém, que a ação da NSA não é indiscriminada.

Segundo Clapper, países aliados, incluindo integrantes da União Europeia, também espionaram os EUA.

(www.folha.uol.com.br)

TEXTO 5

Estadistas são adeptos da Realpolitik e, portanto, sabem diferenciar o real da ilusão. No entanto, "vendem" nos jornais, que é possível viver num mundo altamente competitivo sem espionagem de países contra países. Fica-se com a impressão de que, sob pressão, os Estados Unidos vão parar de monitorar estadistas dos países mais importantes tanto do ponto de vista da economia quanto da geopolítica. Não vão. Podem até sofisticar a espionagem, quem sabe tornando-a mais acadêmica – com amplos estudos em vários campos, inclusive, como já fizeram outras vezes, da antropologia –, mas deixá-la de lado é uma

impossibilidade lógica. Países poderosos, mas não só os imperiais, habilitam algumas de suas "táticas" e "estratégias" a partir de informações obtidas, pública ou secretamente, de outras nações.

Enganam-se, portanto, aqueles que, induzidos por aquilo que se lê na imprensa, acreditam que, um dia, os Estados Unidos vão deixar de espionar. Um realista absoluto como Barack Obama – que só iludiu aqueles que queriam ser iludidos, porque, em política, não se ilude ninguém que consegue refletir ao menos por alguns momentos – sabe que, para manter seu país no topo, precisa ter informações privilegiadas. Por isso, vai fazer o impossível para colhê-las onde julgar necessário.

(www.jornalopcao.com.br)

Levando em consideração os diferentes pontos de vista apresentados pelos textos e seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Programa de espionagem norte-americano: autoproteção ou violação dos direitos das outras nações?

1 Fuvest 2015

Na verdade, durante a maior parte do século XX, os estádios eram lugares onde os executivos empresariais sentavam-se lado a lado com os operários, todo mundo entrava nas mesmas filas para comprar sanduíches e cerveja, e ricos e pobres igualmente se molhavam se chovesse. Nas últimas décadas, contudo, isso está mudando. O advento de camarotes especiais, em geral, acima do campo, separam os abastados e privilegiados das pessoas comuns nas arquibancadas mais embaixo. (...) O desaparecimento do convívio entre classes sociais diferentes, outrora vivenciado nos estádios, representa uma perda não só para os que olham de baixo para cima, mas também para os que olham de cima para baixo.

Os estádios são um caso exemplar, mas não único. Algo semelhante vem acontecendo na sociedade americana como um todo, assim como em outros países. Numa época de crescente desigualdade, a "camarotização" de tudo significa que as pessoas abastadas e as de poucos recursos levam vidas cada vez mais separadas. Vivemos, trabalhamos, compramos e nos distraímos em lugares diferentes. Nossos filhos vão a escolas diferentes. Estamos falando de uma espécie de "camarotização" da vida social. Não é bom para a democracia nem sequer é uma maneira satisfatória de levar a vida.

Democracia não quer dizer igualdade perfeita, mas de fato exige que os cidadãos compartilhem uma vida comum. O importante é que pessoas de contextos e posições sociais diferentes encontrem-se e convivam na vida cotidiana, pois é assim que aprendemos a negociar e a respeitar as diferenças ao cuidar do bem comum.

Michael J. Sandel. Professor da Universidade Harvard. O que o dinheiro não compra. Adaptado.

Comentário do Prof. Michael J. Sandel referente à afirmação de que, no Brasil, se teria produzido uma sociedade ainda mais segregada do que a norte-americana.

O maior erro é pensar que serviços públicos são apenas para quem não pode pagar por coisa melhor. Esse é o início da destruição da ideia do bem comum. Parques, praças e transporte público precisam ser tão bons a ponto de que todos queiram usá-los, até os mais ricos. Se a escola pública é boa, quem pode pagar uma particular vai preferir que seu filho fique na pública, e assim teremos uma base política para defender

a qualidade da escola pública. Seria uma tragédia se nossos espaços públicos fossem shopping centers, algo que acontece em vários países, não só no Brasil. Nossa identidade ali é de consumidor, não de cidadão.

Entrevista. Folha de S. Paulo, 28/04/2014. Adaptado.

[No Brasil, com o aumento da presença de classes populares em centros de compras, aeroportos, lugares turísticos etc., é crescente a tendência dos mais ricos a segregar-se em espaços exclusivos, que marquem sua distinção e superioridade.] (...) Pode ser que o fenômeno "camarotização", isto é, a separação física entre classes sociais, prospere para muitos outros setores. De repente, os supermercados poderão ter ala VIP, com entrada independente, cuja acessibilidade, tacitamente, seja decidida pelo limite do cartão de crédito.

Renato de P. Pereira. www.gazetadigital.com.br, 06/05/2014. [Resumido] e adaptado.

Até os anos de 1960, a escola pública que eu conheci, embora existisse em menor número, tinha boa qualidade e era um espaço animado de convívio de classes sociais diferentes. Aprendíamos muito, uns com os outros, sobre nossas diferentes experiências de vida, mas, em geral, nos sentíamos pertencentes a uma só sociedade, a um mesmo país e a uma mesma cultura, que era de todos. Por isso, acreditávamos que teríamos, também, um futuro em comum. Vejo com tristeza que hoje se estabeleceu o contrário: as escolas passaram a segregar os diferentes estratos sociais. Acho que a perda cultural foi imensa e as consequências, para a vida social, desastrosas.

Trecho do testemunho de um professor universitário sobre a Escola Fundamental e Médio em que estudou.

Os três primeiros textos aqui reproduzidos referem-se à "camarotização" da sociedade – nome dado à tendência a manter segregados os diferentes estratos sociais. Em contraponto, encontra-se também reproduzido um testemunho, no qual se recupera a experiência de um período em que, no Brasil, a tendência era outra.

Tendo em conta as sugestões desses textos, além de outras informações que julgue relevantes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema **"Camarotização" da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia.**

Instruções:

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

2 Unicamp 2015

Texto 1

Você integra um **grupo de estudos** formado por estudantes universitários. Periodicamente, cada membro apresenta resultados de leituras realizadas sobre temas diversos. Você ficou responsável por elaborar uma **síntese** sobre o tema **humanização no atendimento à saúde**, que deverá ser escrita em **registro formal**. As fontes para escrever a síntese são um trecho de um artigo científico (excerto A) e um trecho de um ensaio (excerto B). Seu texto deverá contemplar:

- a) o conceito de humanização no atendimento à saúde;
- b) o ponto de vista de cada texto sobre o conceito, assim como as principais informações que sustentam esses pontos de vista;
- c) as relações possíveis entre os dois pontos de vista.

EXCERTO A

A humanização é vista como a capacidade de oferecer atendimento de qualidade, articulando os avanços tecnológicos com o bom relacionamento.

O Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH) destaca a importância da conjugação do binômio “tecnologia” e “fator humano e de relacionamento”. Há um diagnóstico sobre o divórcio entre dispor de alta tecnologia e nem sempre dispor da delicadeza do cuidado, o que desumaniza a assistência. Por outro lado, reconhece-se que não ter recursos tecnológicos, quando estes são necessários, pode ser um fator de estresse e conflito entre profissionais e usuários, igualmente desumanizando o cuidado. Assim, embora se afirme que ambos os itens constituem a qualidade do sistema, o “fator humano” é considerado o mais estratégico pelo documento do PNHAH, que afirma:

(...) as tecnologias e os dispositivos organizacionais, sobretudo numa área como a da saúde, não funcionam sozinhos – sua eficácia é fortemente influenciada pela qualidade do fator humano e do relacionamento que se estabelece entre profissionais e usuários no processo de atendimento. (Ministério da Saúde, 2000).

(Adaptado de Suelly F. Deslandes, Análise do discurso oficial sobre a humanização da assistência hospitalar: Ciência & saúde coletiva. Vol. 9, n. 1, p. 9-10. Rio de Janeiro, 2004.)

EXCERTO B

A famosa Faculdade para Médicos e Cirurgiões da Escola de Medicina da Columbia University, em Nova York, formou recentemente um Programa de Medicina Narrativa que se ocupa daquilo que veio a se chamar “ética narrativa”. Ele foi organizado em resposta à percepção recrudescente do sofrimento – e até das mortes – que podia ser atribuído parcial ou totalmente à atitude dos médicos de ignorarem o que os pacientes contavam sobre suas doenças, sobre aquilo com que tinham que lidar, sobre a sensação de serem negligenciados e até mesmo abandonados. Não é que os médicos não acompanhassem seus casos, pois eles seguiam meticulosamente os prontuários de seus pacientes: ritmo cardíaco, hemogramas, temperatura e resultados dos exames especializados. Mas, para parafrasear uma das médicas comprometidas com o programa, eles simplesmente não ouviam o que os pacientes lhes contavam: as histórias dos pacientes. Na sua visão, eles eram médicos “que se atinham aos fatos”. “Uma vida”, para citar a mesma médica, “não é um registro em um prontuário”. Se um paciente está na expectativa de um grande e rápido efeito por parte de uma intervenção ou medicação e nada disso acontece, a queda ladeira abaixo tem tanto o seu lado biológico como psíquico.

“O que é, então, a medicina narrativa?”, perguntei*. “Sua responsabilidade é ouvir o que o paciente tem a dizer, e só depois decidir o que fazer a respeito. Afinal de contas, quem é o dono da vida, você ou ele?”. O programa de medicina narrativa já começou a reduzir o número de mortes causadas por incompetências narrativas na Faculdade para Médicos e Cirurgiões.

*A pergunta é feita por Jerome Bruner a Rita Charon, idealizadora do Programa de Medicina Narrativa.

(Adaptado de Jerome Bruner, Fabricando histórias: direito, literatura, vida. São Paulo: Letra e Voz, 2014, p. 115-116.)

TEXTO II

Em busca de soluções para os inúmeros incidentes de violência ocorridos na escola em que estudam, um grupo de alunos, inspirados pela matéria “Conversar para resolver conflitos”, resolveu fazer uma primeira reunião para discutir o assunto. Você ficou responsável pela elaboração da **carta-convite** dessa reunião, a ser endereçada pelo **grupo à comunidade escolar** – alunos, professores, pais, gestores e funcionários. A carta deverá **convencer** os membros da comunidade escolar a **participarem da reunião, justificando** a importância desse espaço para a discussão de ações concretas de enfrentamento do problema

da violência na escola. Utilize as **informações** da matéria abaixo para **construir seus argumentos** e mostrar **possibilidades de solução**. Lembre-se de que o **grupo** deverá assinar a carta e também informar o **dia**, o **horário** e o **local** da reunião.

CONVERSAR PARA RESOLVER CONFLITOS

Quando a escuta e o diálogo são as regras, surgem soluções pacíficas para as brigas

Alunos que brigam com colegas, professores que desrespeitam funcionários, pais que ofendem os diretores. Casos de violência na escola não faltam. A pesquisa O Que Pensam os Jovens de Baixa Renda sobre a Escola, realizada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) sob encomenda da Fundação Victor Civita (FVC), ambos de São Paulo, revelou que 11% dos estudantes se envolveram em conflitos com seus pares nos últimos seis meses e pouco mais de 8% com professores, coordenadores e diretores. Poucas escolas refletem sobre essas situações e elaboram estratégias para construir uma cultura da paz. A maioria aplica punições que, em vez de acabarem com o enfrentamento, estimulam esse tipo de atitude e tiram dos jovens a autonomia para resolver problemas.

Segundo Telma Vinha, professora de Psicologia Educacional da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e colunista da revista NOVA ESCOLA, implementar um projeto institucional de mediação de conflitos é fundamental para implantar espaços de diálogo sobre a qualidade das relações e os problemas de convivência e propor maneiras não violentas de resolvê-los. Assim, os próprios envolvidos em uma briga podem chegar a uma solução pacífica.

Por essa razão, é importante que, ao longo do processo de implantação, alunos, professores, gestores e funcionários sejam capacitados para atuar como mediadores. Esses, por sua vez, precisam ter algumas habilidades como saber se colocar no lugar do outro, manter a imparcialidade, ter cuidado com as palavras e se dispor a escutar.

O projeto inclui a realização de um levantamento sobre a natureza dos conflitos e um trabalho preventivo para evitar a agressão como resposta para essas situações. Além disso, ao sensibilizar os professores e funcionários, é possível identificar as violências sofridas pelos diferentes segmentos e atuar para acabar com elas.

Pessoas capacitadas atuam em encontros individuais e coletivos

Há duas formas principais de a mediação acontecer, segundo explica Livia Maria Silva Licciardi, doutoranda em Psicologia Educacional, Desenvolvimento Humano e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A primeira é quando há duas partes envolvidas. Nesse caso, ambos os lados se apresentam ou são chamados para conversar com os mediadores - normalmente eles atuam em dupla para que a imparcialidade no encaminhamento do caso seja garantida - em uma sala reservada para esse fim. Eles ouvem as diversas versões, dirigem a conversa para tentar fazer com que todos entendam os sentimentos colocados em jogo e ajudam na resolução do episódio, deixando que os envolvidos proponham caminhos para a decisão final.

A segunda forma é utilizada quando acontece um problema coletivo - um aluno é excluído pela turma, por exemplo. Diante disso, o ideal é organizar mediações coletivas, como uma assembleia. Nelas, um gestor ou um professor pauta o encontro e conduz a discussão, sem expor a vítima nem os agressores. “O objetivo é fazer com que todos falem, escutem e proponham saídas para o impasse. Assim, a solução deixa de ser punitiva e passa a ser formativa, levando à corresponsabilização pelos resultados”, diz Ana Lucia Catão, mestre em Psicologia Social pela

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Ela ressalta que o debate é enriquecido quando se usam outros recursos: filmes, peças de teatro e músicas ajudam na contextualização e compreensão do problema.

No Colégio Estadual Federal (CEF) 602, no Recanto das Ervas, sub-distrito de Brasília, o Projeto Estudar em Paz, realizado desde 2011 em parceria com o Núcleo de Estudos para a Paz e os Direitos Humanos da Universidade de Brasília (NEP/UnB), tem 16 alunos mediadores formados e outros 30 sendo capacitados. A instituição conta ainda com 28 professores habilitados e desde o começo deste ano o projeto faz parte da formação continuada. "Os casos de violência diminuíram. Recebo menos alunos na minha sala e as depredações do patrimônio praticamente deixaram de existir. Ao virarem protagonistas das decisões, os estudantes passam a se responsabilizar por suas atitudes", conta Silvani dos Santos, diretora. (...)

"Essas propostas trazem um retorno muito grande para as instituições, que conseguem resultados satisfatórios. É preciso, porém, planejá-las criteriosamente", afirma Suzana Menin, professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).

(Adaptado de Karina Padial, *Conversar para resolver*. Gestão Escolar, São Paulo, no. 27, ago/set 2013. <http://gestaoescolar.abril.com.br/formacao/conversar-resolver-conflitos-brigas-dialogo-762845.shtml?page=1>. Acessado em 02/10/2014.)

3 Unifesp 2015

TEXTO 1

O Senado aprovou nesta quarta-feira (16.04.2014) projeto que veda a doação de empresas ou pessoas jurídicas para campanhas eleitorais, que atualmente são os maiores doadores de políticos e partidos.

(Gabriela Guenro. "Senado acaba com doação de empresas em campanhas eleitorais". www.folha.uol.com.br, 16.04.2014. Adaptado.)

TEXTO 2

O sistema político brasileiro tem sido submetido a permanente interferência do poder econômico. Na democracia, deve prevalecer a igualdade. O voto de cada cidadão deve ter valor igual. O sistema político em que não há igualdade é aristocrático, não democrático. No passado, apenas a elite econômica podia participar da política, elegendo seus representantes. O chamado "voto censitário" excluía da vida pública amplos setores da sociedade. O processo de democratização levou à abolição do voto censitário, mas ainda não foi capaz de evitar que, por meio de mecanismos formais e informais de influência, a política seja capturada pelo poder econômico.

O financiamento privado de campanhas eleitorais é o principal instrumento formal para que isso ocorra. No sistema brasileiro atual, tanto empresas quanto pessoas físicas podem fazer doações. Evidentemente, os maiores doadores podem interferir de modo muito mais incisivo no processo de tomada das decisões públicas do que o cidadão comum. Grandes empresas podem fazer com que sua agenda de interesses prevaleça no parlamento. O parlamentar que obtive esse tipo de financiamento tende a se converter em um verdadeiro representante de seus interesses junto ao Legislativo e, muitas vezes, ao próprio Executivo. Isto é inevitável no atual sistema, que, com o financiamento privado de campanhas, legitima a conversão do poder econômico em poder político e, por essa via, em direito vigente, de observância obrigatória para todos.

As doações por pessoas jurídicas são totalmente incompatíveis com o princípio democrático. Os cidadãos, não as empresas, são titulares de direitos políticos. Apenas eles, por conseguinte, deveriam poder participar do processo político.

(Sérgio Rêber. "O financiamento democrático das campanhas eleitorais". www.rie-rj.gov.br. Adaptado.)

TEXTO 3

As relações do poder econômico com a área política despertam um conflito de valores que tracionam em sentidos opostos. Se é certo afirmar que o poder econômico pode interferir negativamente no sistema democrático, favorecendo a corrupção eleitoral e outras formas de abuso, também é certo que não se pode imaginar um sistema democrático de qualidade sem partidos políticos fortes e atuantes, especialmente em campanhas eleitorais, o que, evidentemente, pressupõe a disponibilidade de recursos financeiros expressivos. E, sob esse ângulo, os recursos financeiros contribuem positivamente para a existência do que se poderia chamar de democracia sustentável. Como lembra Daniel Zovatto, "embora a democracia não tenha preço, ela tem um custo de funcionamento que é preciso pagar".

Eis aí, pois, o grande paradoxo: o dinheiro pode fazer muito mal à democracia, mas ele, na devida medida, é indispensável ao exercício e à manutenção de um regime democrático. É ilusão imaginar que, declarando a inconstitucionalidade da norma que autoriza doações por pessoas jurídicas, se caminhará para a eliminação da indevida interferência do poder econômico nos pleitos eleitorais.

(Teori Zavescki. "Voto-Vista (Supremo Tribunal Federal)". www.stf.jus.br. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

O financiamento de campanhas eleitorais por empresas deve ser proibido?

1 Fuvest 2016

UTOPIA (de *ou-topia*, lugar *inexistente* ou, segundo outra leitura, de *eu-topia*, lugar *feliz*).

Thomas More deu esse nome a uma espécie de romance filosófico (1516), no qual relatava as condições de vida em uma ilha imaginária denominada Utopia: nela, teriam sido abolidas a propriedade privada e a intolerância religiosa, entre outros fatores capazes de gerar desarmonia social. Depois disso, esse termo passou a designar não só qualquer texto semelhante, tanto anterior como posterior (como a *República* de Platão ou a *Cidade do Sol* de Campanella), mas também qualquer ideal político, social ou religioso que projete uma nova sociedade, feliz e harmônica, diversa da existente. Em sentido negativo, o termo passou também a ser usado para designar projeto de natureza irrealizável, quimera, fantasia.

(Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*. Adaptado.)

A utopia nos distancia da realidade presente, ela nos torna capazes de não mais perceber essa realidade como natural, obrigatória e inescapável. Porém, mais importante ainda, a utopia nos propõe novas realidades possíveis. Ela é a expressão de todas as potencialidades de um grupo que se encontram recalçadas pela ordem vigente.

(Paul Ricoeur. Adaptado.)

A desaparecimento da utopia ocasiona um estado de coisas estático, em que o próprio homem se transforma em coisa. Iríamos, então, nos defrontar com o maior paradoxo imaginável: o do homem que, tendo alcançado o mais alto grau de domínio racional da existência, se vê deixado sem nenhum ideal, tornando-se um mero produto de impulsos. O homem iria perder, com o abandono das utopias, a vontade de construir a história e, também, a capacidade de compreendê-la.

(Karl Mannheim. Adaptado.)

Acredito que se pode viver sem utopias. Acho até que é melhor, porque as utopias são ao mesmo tempo ineficazes e perigosas. Ineficazes quando permanecem como sonhos; perigosas quando se quer realizá-las.

André Comte-Sponville. Adaptado.

CIDADE PREVISTA

(...)

*Irmãos, cantai esse mundo
que não verei, mas virá
um dia, dentro em mil anos,
talvez mais... não tenho pressa.
Um mundo enfim ordenado,
uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
uma terra sem bandeiras,
sem igrejas nem quartéis,
sem dor, sem febre, sem ouro,
um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade,
a multiplicidade toda
que há dentro de cada um.
Uma cidade sem portas,
de casas sem armadilha,
um país de riso e glória
como nunca houve nenhum.
Este país não é meu
nem vosso ainda, poetas.
Mas ele será um dia
o país de todo homem.*

Carlos Drummond de Andrade

A utopia não é apenas um gentil projeto difícil de se realizar, como quer uma definição simplista. Mas se nós tomarmos a palavra a sério, na sua verdadeira definição, que é aquela dos grandes textos fundadores, em particular a Utopia de Thomas More, o denominador comum das utopias é seu desejo de construir aqui e agora uma sociedade perfeita, uma cidade ideal, criada sob medida para o novo homem e a seu serviço. Um paraíso terrestre que se traduzirá por uma reconciliação geral: reconciliação dos homens com a natureza e dos homens entre si. Portanto, a utopia é a desapareição das diferenças, do conflito e do acaso: é, assim, um mundo todo fluido – o que supõe um controle total das coisas, dos seres, da natureza e da história.

Desse modo, a utopia, quando se quer realizá-la, torna-se necessariamente totalitária, mortal e até genocida. No fundo, só a utopia pode suscitar esses horrores, porque apenas um empreendimento que tem por objetivo a perfeição absoluta, o acesso do homem a um estado superior quase divino, poderia se permitir o emprego de meios tão terríveis para alcançar seus fins. Para a utopia, trata-se de produzir a unidade pela violência, em nome de um ideal tão superior que justifica os piores abusos e o esquecimento da moral reconhecida.

Frédéric Roufflois. Adaptado.

O conjunto de excertos acima contém um verbete, que traz uma definição de **utopia**, seguido de outros cinco textos que apresentaram diferentes reflexões sobre o mesmo assunto. Considerando as ideias neles contidas, além de outras informações que você julgue pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha o seu ponto de vista sobre o tema – **As utopias: indispensáveis, inúteis ou nocivas?**

Instruções:

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

2 Unicamp 2016

Texto 1

Você é um estudante universitário que participará de um **curso de resenhas**, promovido pelo Centro de Apoio ao Estudante (CAE), órgão que desenvolve atividades culturais em sua Faculdade. Esse concurso tem o objetivo de **estimular a leitura** de obras literárias e **ampliar o horizonte cultural** dos estudantes. A **resenha** será lida por uma **comissão julgadora** que deverá selecionar os dez melhores textos, a serem publicados.

Você escolheu resenhar a fábula de La Fontaine transcrita abaixo. Em seu texto, você deverá incluir:

- uma síntese da fábula, indicando os seus elementos constitutivos;
- a construção de uma situação social análoga aos fatos narrados, que envolva um problema coletivo;
- um fechamento, estabelecendo relações com a temática do texto original.

Seu texto deverá ser escrito em **linguagem formal**, deverá indicar **o título da obra** e ser assinado com um **pseudônimo**.

A Deliberação Tomada pelos Ratos

*Rodilardo, gato voraz,
aprontou entre os ratos tal matança,
que deu cabo de sua paz,
de tantos que matava e guardava na pança.
Os poucos que sobraram não se aventuravam
a sair dos buracos: mal se alimentavam.
Para eles, Rodilardo era mais que um gato:
era o próprio Satã, de fato.
Um dia em que, pelos telhados,
foi o galante namorar,
aproveitando a trégua, os ratos, assustados,
resolveram confabular
e discutir um modo de solucionar
esse grave problema. O decano, prudente,
definiu a questão: simples falta de aviso,
já que o gato chegava, solerte. Era urgente
amarrar-lhe ao pescoço um guizo,
concluiu o decano, rato de juízo.
Acharam a ideia excelente,
e aplaudiram seu autor. Restava, todavia,
um pequeno detalhe a ser solucionado:
quem prenderia o guizo – e qual se atreveria?
Um se esquivou, dizendo estar muito ocupado;
Outro alegou que andava um tanto destreinado
em dar laços e nós. E a bela ideia
teve triste final. Muita assembleia, ao fim nada decide – mesmo
sendo de frades
ou de veneráveis abades...
Deliberar, deliberar ...
conselheiros, existem vários;
mas quando é para executar,
onde estarão os voluntários?*

(Fábulas de La Fontaine. Tradução de Milton Amado e Eugênia Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003, pp. 134-36.)

Glossário

Abade: superior de ordem religiosa que dirige uma abadia.

Frade: indivíduo pertencente a ordem religiosa cujos membros seguem uma regra de vida e vivem separados do mundo secular.

Decano: o membro mais velho ou mais antigo de uma classe, assembleia, corporação, etc.

Gulzo: pequena esfera de metal com bolinhas em seu interior que, quando sacudida, produz um som rítmico.

Solerte: engenhoso, esperto, sagaz, ardiloso, aguto, astucioso.

Texto 2

Você está participando de um curso sobre o livro *O sentimento de si: corpo, emoção e consciência*, de autoria do neurocientista António Damásio. Uma das avaliações do curso consiste na produção de um texto de divulgação científica a ser publicado em um blog do curso. O objetivo do seu texto será o de divulgar as ideias do autor para um público mais amplo, especialmente para alunos do ensino médio. Você deverá escrever o seu texto **sobre o tema da indução das emoções, baseado no excerto abaixo**, incluindo:

- a) uma explicação sobre indutores de emoção com exemplos do próprio texto;
- b) uma breve narrativa que exemplifique processos de indução de emoções;
- c) uma finalização baseada no fechamento do texto original.

Lembre-se de que o **texto de divulgação científica** deverá ter um **título** adequado aos conteúdos tratados.

O induzir das emoções

As emoções acontecem em dois tipos de circunstâncias. O primeiro tipo de circunstâncias tem lugar quando o organismo processa determinados objetos ou situações através de um dos seus dispositivos sensoriais, por exemplo, quando o organismo avista um rosto ou um local familiar. O segundo tipo de circunstâncias tem lugar quando a mente de um organismo recorda certos objetos e situações e os representa, como imagens, no processo do pensamento, por exemplo, a recordação do rosto de uma amiga ou o fato de esta ter acabado de falecer.

Um fato que se torna óbvio ao considerarmos as emoções é que certas espécies de objetos ou acontecimentos tendem a estar mais sistematicamente ligadas a determinado tipo de emoção que a outros. As classes de estímulos que provocam alegria, medo ou tristeza tendem a fazê-lo de forma consistente no mesmo indivíduo e em indivíduos que compartilham os mesmos antecedentes culturais. Apesar de todas as possíveis variações na expressão de uma emoção, e apesar do fato de podermos ter emoções mistas, existe uma correspondência aproximada entre classes de indutores de emoção e o resultante estado emocional. Ao longo da evolução, os organismos adquiriram os meios para responder a determinados estímulos – sobretudo aos que são potencialmente úteis ou perigosos sob o ponto de vista da sobrevivência – através de um conjunto de respostas a que chamamos emoção.

Também é importante notar que enquanto o mecanismo biológico das emoções é largamente predeterminado, os indutores de emoção são externos e não fazem parte desse mecanismo. Os estímulos que causam a emoção não se encontram, de modo algum, confinados aos que ajudaram a formar nosso cérebro emocional ao longo da evolução e que podem induzir emoção desde os primeiros dias de vida. À medida que se desenvolvem e interagem, os organismos ganham experiência factual e emocional com diversos objetos e situações do ambiente, tendo assim uma oportunidade de associar muitos objetos e situações que poderiam ter permanecido emocionalmente neutros, com os objetos e as situações que causam emoções naturalmente. A forma de aprendizagem conhecida por condicionamento é uma das maneiras de obter

esta associação. Uma casa parecida com a que o leitor viveu uma infância feliz pode fazê-lo sentir-se feliz, embora nada de especialmente bom ainda se tenha passado na casa. Do mesmo modo, o rosto de uma belíssima desconhecida, que se assemelha ao de uma pessoa ligada a um acontecimento terrível, pode causar-lhe desconforto ou irritação. Pode até nunca chegar a perceber por quê.

A consequência de concedermos um valor emocional aos objetos que não estavam biologicamente destinados a receber essa carga emocional é tornar infinita a lista de estímulos que, potencialmente, podem induzir emoções. De uma forma ou de outra, a maior parte dos objetos e das situações conduzem a alguma reação emocional, embora uns em maior escala que outros. A reação emocional pode ser fraca ou forte – e, felizmente para nós, é fraca na maior parte das vezes – mas mesmo assim está sempre presente. A emoção e o mecanismo biológico que lhe é subjacente são os companheiros obrigatórios do comportamento, consciente ou não. Um certo grau de emoção acompanha, forçosamente, o pensamento sobre nós mesmos ou sobre o que nos rodeia.

(Adaptado de António Damásio, *O sentimento de si: corpo, emoção e consciência*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013, pp.79-81.)

3 Unesp 2016



Menina vietnamita atingida por napalm foge de aldeia bombardeada

(Nick Ut, Vietnã, 1972)



Menina sudanesa em região assolada pela fome é observada por abutre.

(Kevin Carter, Sudão, 1993)



Menino sírio é encontrado morto em praia após naufrágio de barco com refugiados.

(Niafer Dennis, Turquia, 2015)

TEXTO 1

Um dos traços característicos da vida moderna é oferecer inúmeras oportunidades de vermos (à distância, por meio de fotos e vídeos) horrores que acontecem no mundo inteiro. Mas o que a representação da crueldade provoca em nós? Nossa percepção do sofrimento humano terá sido desgastada pelo bombardeio diário dessas imagens?

Qual o sentido de se exibir essas fotos? Para despertar indignação? Para nos sentirmos "mal", ou seja, para consternar e entristecer? Será mesmo necessário olhar para essas fotos? Tornamo-nos melhores por ver essas imagens? Será que elas, de fato, nos ensinam alguma coisa?

Muitos críticos argumentam que, em um mundo saturado de imagens, aquelas que deveriam ser importantes para nós têm seu efeito reduzido: tornamo-nos insensíveis. Inundados por imagens que, no passado, nos chocavam e causavam indignação, estamos perdendo a capacidade de nos sensibilizar. No fim, tais imagens apenas nos tornam um pouco menos capazes de sentir, de ter nossa consciência instigada.

(Susan Sontag, *Diante do dor dos outros*, 2003. Adaptado.)

TEXTO 2

Quantas imagens de crianças mortas você precisa ver antes de entender que matar crianças é errado? Eu pergunto isso porque as mídias sociais estão inundadas com o sangue de inocentes. Em algum momento, as mídias terão de pensar cuidadosamente sobre a decisão de se publicar imagens como essas. No momento, há, no Twitter particularmente, incontáveis fotos de crianças mortas. Tais fotos são tuitadas e retuitadas para expressar o horror do que está acontecendo em várias partes do mundo. Isto é obscuro. Nenhuma dessas imagens me persuadiu a pensar diferentemente do modo como eu já pensava. Eu não preciso ver mais imagens de crianças mortas para querer um acordo político. Eu não preciso que você as tuite para me mostrar que você se importa.

Um pequeno cadáver não é um símbolo de consumo público.

(Suzanne Moore, "Compartilhar imagens de cadáveres nas mídias sociais não é o modo de se chegar a um cessar-fogo", *www.theguardian.com*, 21.07.2014. Adaptado.)

TEXTO 3

A morbidez deve ser evitada a todo custo, mas imagens fotográficas chocantes que podem servir a propósitos humanitários e ajudar a manter vivos na memória coletiva horrores inomináveis (dificultando, com isso, a ocorrência de horrores similares) devem ser publicadas.

(Carlos Eduardo Lins da Silva, "Muito além de Aylan Kurdi", *http://observatoriodaimprensa.com.br*, 08.09.2015. Adaptado.)

TEXTO 4

Diretor da ONG Human Rights Watch, Peter Bouckaert publicou em seu Twitter a foto do menino sírio de 3 anos que se afogou. Ele explicou sua decisão: "Alguns dizem que a imagem é muito ofensiva para ser divulgada. Mas ofensivo é aparecerem crianças afogadas em nossas praias quando muito mais pode ser feito para evitar suas mortes."

(Diretor de ONG explica publicação de foto de criança, *Folha de S.Paulo*, 03.09.2015. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Publicação de imagens trágicas:

Banalização do sofrimento ou forma de sensibilização?

4 Unifesp 2016

TEXTO 1

Pela primeira vez em mais de 150 anos, brasileiros foram mortos por terem sido condenados à pena capital. A execução de Marco Archer, em janeiro, e a de Rodrigo Gularte, em abril, ambas na Indonésia, foram as primeiras de brasileiros no exterior.

Já no Brasil, a última execução de um homem livre condenado à morte pela Justiça Civil aconteceu em 1861. A pena de morte foi abolida no Brasil com a proclamação da República, em 1889. Desde então, ela vigorou como exceção em alguns momentos da história do país, como na ditadura militar, e atualmente é prevista apenas em situações de guerra.

(País executou último homem livre em 1861, *www.folha.uol.com.br*, 03.05.2015. Adaptado.)

TEXTO 2

A ideia da pena de morte foi reintroduzida nos debates públicos no final dos anos 80 – durante o processo de redemocratização – quando o medo do crime, o crime violento e a violência policial começaram a aumentar. A pena de morte é frequentemente proposta como punição para os chamados crimes hediondos: latrocínio (roubo seguido de morte), estupro seguido de morte, sequestro seguido de morte e crimes envolvendo crueldade.

Um dos argumentos mais frequentes a favor da pena capital é que ela refletiria o "sentimento popular". Esse argumento é substanciado com citações de pesquisas de opinião pública indicando que cerca de 70% da população é a favor da pena de morte¹. Alguns políticos argumentam que, no contexto de proliferação da violência e do fracasso do sistema judiciário, apenas uma medida extrema como a pena de morte poderia ser uma solução. Eles pensam na pena de morte mais em termos de vingança do que em termos da lei ou de eficiência para reduzir a criminalidade. Eles não dizem que a pena capital iria resolver o problema da violência em geral, e apenas uma minoria argumenta que ela impediria outros de cometer crimes semelhantes. No entanto, insistem que, como as pessoas que cometem crimes violentos são dominadas pelo mal e irredimíveis, executá-las significa evitar que cometam futuros crimes e, para citar sua própria retórica, "salvar vidas inocentes".

(Teresa Caldeira, *Cidade de muros*, 2000. Adaptado.)

¹ Esta era a porcentagem dos brasileiros que apoiavam a pena de morte no final da década de 1990, época da publicação do livro. Pesquisas recentes indicam que 43% dos brasileiros ainda apoiam a adoção da pena capital.

TEXTO 3

É importante examinar alguns dados de outros países sobre a pena de morte, um grande mito da discussão sobre controle da criminalidade no Brasil, frequentemente apresentado, de forma irresponsável, como panaceia¹ para os nossos problemas criminais:

- Nos Estados Unidos, país que desde 1976 reintroduziu a pena de morte para crimes letais, a taxa de homicídios por cem mil habitantes é duas a quatro vezes superior à registrada em países da Europa Ocidental, que não adotam essa pena;
- Os estados norte-americanos sem pena de morte têm taxas de homicídios mais baixas que os estados onde é aplicada a punição capital;
- O Canadá registrou uma taxa de 3,09 homicídios por cem mil habitantes em 1975, um ano antes da abolição da pena de morte naquele país. Em 1993 a mesma taxa foi de 2,19, ou seja, 27% menor que em 1975.

Só quem acredita em soluções mágicas e demagógicas pode enxergar na punição capital um instrumento na luta contra a criminalidade e a violência.

(Julia Lemgruber. "Controle da criminalidade: mitos e fatos". www.observatoriodeseguranca.org. Adaptado.)

¹ panaceia: remédio contra todos os males.

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

A adoção da pena de morte pode contribuir para a redução do número de crimes hediondos no Brasil?

1 Unicamp 2017

REDAÇÃO

TEXTO 1

Como um(a) aluno(a) do Ensino Médio interessado(a) em questões da atualidade, você leu o artigo "A volta de um Rio que faz sonhar". Sentindo-se desafiado(a) pelos questionamentos levantados no texto, você decidiu escrever uma carta para a Seção do Leitor da revista *Rio Pesquisa*. Em sua carta, discuta a relação estabelecida pela autora entre o conceito de Brasil cordial e a presença de estrangeiros no Brasil, apresentando argumentos em defesa de um ponto de vista sobre a questão.

A VOLTA DE UM RIO QUE FAZ SONHAR

Reverenciada mundialmente por suas belezas naturais, a cidade do Rio de Janeiro tem se transformado em espaço sonhado para aqueles que buscam construir seu futuro em terra estrangeira. Imigrantes, de origens variadas, vêm chegando à cidade, buscando garantir sua sobrevivência, fugir à pobreza ou transformar seus sonhos em realidade. Esse processo insere-se em um quadro mais geral de transformações. Graças à situação assumida pelo Brasil, como uma das maiores economias do mundo, polo de atração na América do Sul, o país vem se tornando, mais uma vez na história, importante lugar de chegada, em um momento em que políticas de vigilância e controle sobre os estrangeiros aprofundam-se nos países ricos em crise. Essa nova situação exige estudos que ultrapassem as questões pontuais para incluir análises sobre as relações presente e passado; entre o local, o nacional e o internacional e entre as práticas e as representações sobre o "outro". O recente episódio da entrada abrupta de haitianos no Brasil, sem dúvida, apontou a necessidade dessas análises ampliadas. Para além da conjugação entre a necessidade de partir e o conhecimento adquirido sobre um país que se tornou "próximo" pela presença das tropas brasileiras em solo haitiano, o processo revestiu-se de preocupantes aspectos de mudança. Dentre eles, a ação dos coiotes na efetivação dos deslocamentos, marca indicativa do ingresso do país em um contexto no qual grupos organizados vivem da imigração ilegal e máfias internacionais enriquecem com o tráfico humano. O episódio pode ser visto, assim, como a ponta de um iceberg que tende a envolver a América Latina e o Caribe, considerando-se uma das tendências dos processos migratórios da atualidade: as migrações regionalizadas, realizadas no interior dos subsistemas internacionais.

BRASIL: PAIS CORDIAL?

A predisposição do Brasil em receber o estrangeiro de braços abertos é ideia consagrada que necessita sofrer o peso da crítica. Pesquisas variadas têm demonstrado que o país nunca foi imune aos processos de discriminação do "outro". Um exemplo, entre vários, pode ser dado pela prática da expulsão de estrangeiros na Primeira República (1907-1930), que se caracterizou por extrema violência, mesmo contra aqueles que já eram considerados residentes, portanto com os mesmos direitos constitucionais dados aos brasileiros.

A representação de um Brasil cordial, desta forma, deve ser entendida como uma construção forjada em determinado momento de nossa história. Lógico que as reações diferiam e diferem de acordo com os diferentes tipos de estrangeiros com os quais travamos contato, ocorrendo diferenças de tratamento em relação àqueles que, pelo local de nascimento ou pela cor, classificamos como superiores ou inferiores.

Vários indícios vêm demonstrando que as atitudes discriminatórias não ficaram perdidas no passado, mas podem ser encontradas com relativa facilidade, quando treinamos nosso olhar para melhor observar aquilo que nos cerca. As tensões entre brasileiros e bolivianos nos locais onde estes estão mais presentes, por exemplo, já são bastante visíveis. Isso sem falar no triste espetáculo do subemprego e da exploração a que estão sujeitos latino-americanos fixados ilegalmente no país. É urgente, portanto, que nos perguntemos como tendemos a ver e sentir a presença cada vez mais visível de estrangeiros em solo brasileiro, principalmente daqueles que são oriundos de países pobres, muitos deles necessitando do foco dos direitos humanos. Seremos sensíveis aos discursos e às práticas xenófobas? Defenderemos políticas restritivas e repressoras? Caminharemos para a sofisticação dos instrumentos de vigilância sobre um "outro" que possa ser visto como ameaça? Responder a essas questões, aqui e agora, seria um exercício de profecia que não nos cabe fazer. Isso não exclui, entretanto, que a reflexão sobre essas possibilidades esteja proposta, por mais penosa que ela possa ser, principalmente se considerarmos a rapidez dos processos em curso e a tensão mundial presente no embate entre interesses nacionais e direitos humanos.

Adaptado de Lená Medeiros de Menezes, *A volta de um Rio que faz sonhar*. *Rio Pesquisa*, Rio de Janeiro, ano V, nº 20, p. 49-50, set. 2012.

TEXTO 2

Como voluntário(a) da biblioteca Barca dos Livros, você ficou responsável por escrever o texto de apresentação de uma campanha de arrecadação de fundos para a instituição. Em seu texto, que estará disponível no site da Barca dos Livros, apresente, com base na notícia abaixo, o histórico e as ações da biblioteca, mostrando a importância das doações para a continuidade do projeto.

BARCA DOS LIVROS CORRE O RISCO DE FECHAR POR FALTA DE APOIO FINANCEIRO

Em 2014, a Barca dos Livros foi eleita a melhor biblioteca comunitária do país pelo Ministério da Cultura e da Educação. Graças ao trabalho de voluntários apaixonados por literatura e que a consideram uma arte fundamental para a infância, a instituição vem há quase uma década formando leitores e promovendo a cultura em Florianópolis. Precisa, no entanto, de um impulso material para que continue existindo.

Para chegar ao posto de referência no país, a Barca dos Livros navegou por mares calmos e revoltos. Hoje, nove anos e dois meses depois da inauguração, conta com um precioso acervo de 15 mil livros, dois terços dos quais de literatura infantil e infantojuvenil, aproximadamente 5 mil carteirinhas de sócios e a incerteza do futuro. Desde maio do ano passado, está com o aluguel atrasado na atual sede, um espaço de 125 m² no Lagoa late Clube.

"Estamos sem nenhum patrocínio, convênio, subvenção. Além do aluguel, estamos devendo também o salário de três funcionários. A Barca é tocada por voluntários. Acontece que nunca foi fácil, mas nunca esteve a ponto de quase fechar" – lamenta a coordenadora do projeto, Tânia Piacentini.

De 2010 até maio do ano passado, um convênio com a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes garantia o pagamento do aluguel, no valor de R\$ 6,5 mil por mês. Mas a parceria não foi renovada.

"Todas as atividades são gratuitas. Apenas para os passeios de barco com contação de histórias, realizados no segundo sábado de cada mês, é cobrado o valor de 5 reais para adultos que acompanham as crianças. Nosso material, espaço, livros, tudo é renovado graças ao trabalho dos voluntários. Precisamos de parceiros fixos que queiram ajudar."

ACOLHIMENTO LITERÁRIO

De 2007 até hoje, os voluntários da Barca viram crianças que engatinhavam lerem as primeiras palavras e depois amarem a leitura. Despertaram a paixão pela ficção, contaram histórias, viram mães com bebês de colo pegando no sono nos confortáveis sofás da sala de leitura, aconchegadas pelo ambiente de acolhimento literário.

Nascida em Nova Veneza, sul do Estado, há 68 anos, Tânia Piacentini começou a dar aulas aos 14 anos. Coursou Letras e fez mestrado e doutorado na área de educação e literatura. Foi a primeira representante de Santa Catarina, nos anos 1970, a selecionar livros para a Fundação Nacional do Livro Infantil, que a cada ano premia as melhores publicações para crianças e jovens.

Duas décadas depois, com o aumento de livros editados para esse público – quando começou, eram no máximo 10 por ano, hoje são cerca de 1.200 novas edições –, passou a convidar pessoas para ajudar a selecioná-los. Daí surgiu um núcleo de 25 leitores e especialistas que formou a Sociedade Amantes da Leitura, ONG que criou e sustenta legalmente a Barca.

"Nem sabíamos que ficaria grande. Queremos continuar e aumentar o atendimento. Abrir ao público todos os dias é um sonho. Temos que estar disponíveis e manter a qualidade. Mas sem dívidas pessoais e crises financeiras", suspira Tânia.

Hoje a Barca abre ao público de terça a sábado, das 14 às 20 horas – chegou a ser de terça a domingo, em três turnos. Mesmo com as dificuldades, promove atividades semanais, como A Escola Vai à Barca (que recebe alunos de escolas da rede pública e particular), palestras, saraus para adultos, lançamentos de livros, leituras coletivas de livros e passeios mensais de barco pela Lagoa da Conceição.

O cadastro custa 1 real e dá ao pequeno sócio uma carteirinha que permite pegar três obras emprestadas por 15 dias.

Mais informações sobre a programação no site da Barca dos Livros.

Adaptado de Carol Macário, Barca dos Livros corre o risco de fechar por falta de apoio financeiro. Disponível em: <<http://f1c.dlclibs.com.br/so/entretenimento/noticia/2016/04/barca-dos-livros-corre-o-risco-de-fechar-por-falta-de-apoio-financieiro5754089.html>>. Publicado em: 5 abr. 16.

1 Fuvest 2018 Leia os textos para fazer sua redação.

As obras de arte assumem a função da representação da cultura de um povo desde os tempos mais remotos da história das civilizações. É através delas que o ser humano transmite uma ideia ou expressão sensível. Contudo algumas obras de arte fogem do conceito de retratação do belo e do sensível, parecendo terem sido feitas para chocar e causar polêmicas.

A principal obra do escultor inglês contemporâneo Marc Quinn é uma réplica de sua cabeça feita com cerca de 4,5 litros de seu próprio sangue – extraído ao longo de cinco meses. Uma peça nova é feita a cada cinco anos, e elas ficam armazenadas em um recipiente de refrigeração especialmente desenvolvido para elas.

<http://gente.ig.com.br/cultura>. Adaptado.

Graças aos seus três urubus, a obra "Bandeira Branca" é o acontecimento mais movimentado da 29ª Bienal [2010]. No dia da abertura, manifestantes de ONGs de proteção aos animais se posicionaram diante da instalação segurando cartazes com dizeres que pediam a libertação das aves. Chegaram a ser confundidos com a própria obra. "Me entristece o fato de que apenas os animais estejam sendo ressaltados. Espalharam informações erradas sobre como os urubus estão sendo tratados", lamenta Nuno Ramos. Na obra, os urubus estão cercados por uma rede de proteção e têm como poleiro várias caixas de som que, de tempos em tempos, tocam uma tradicional marchinha de carnaval. As aves tinham a permanência na Bienal autorizada pelo próprio Ibama, que, depois, voltou atrás, alegando que as instalações estavam inapropriadas para a manutenção dos animais. Denúncias e proibições à parte, a obra de Nuno Ramos ganha sentido e fundamentação apenas na presença dos animais. Sem eles, a obra perde seu estatuto artístico e vira mero cenário, já que os animais são seus principais atores.

BRÉ 08/10/2010. Adaptado.

A exposição "Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira", realizada desde 15 de agosto no Santander Cultural, em Porto Alegre, foi cancelada após protestos em redes sociais. A mostra ficaria em cartaz até 8 de outubro, mas o espaço cultural cedeu às pressões de internautas. A seleção contava com 270 obras que tratavam de questões de gênero e diferença. Os trabalhos, em diferentes formatos, abordam a temática sexual de formas distintas, por vezes abstratas, noutras, mais explícitas. São assinados por 85 artistas, como Adriana Varejão, Candido Portinari, Ligia Clark, Yuri Firmesa e Leonilson.

Folha de S.Paulo, 10/09/2017. Adaptado.

Nos últimos dias, recebemos diversas manifestações críticas sobre a exposição "Queermuseu – Cartografias da diferença na Arte Brasileira".

Ouvimos as manifestações e entendemos que algumas das obras da exposição "Queermuseu" desrespeitavam símbolos, crenças e pessoas, o que não está em linha com a nossa visão de mundo. Quando a arte não é capaz de gerar inclusão e reflexão positiva, perdeu seu propósito maior, que é elevar a condição humana.

Por essa razão, decidimos encerrar a mostra neste domingo, 10/09. Garantimos, no entanto, que seguimos comprometidos com a promoção do debate sobre diversidade e outros grandes temas contemporâneos.

<https://www.facebook.com/SantanderCultural/posts>. Adaptado.

A arte é um exercício contínuo de transgressão, principalmente a partir das vanguardas do começo do século 20. Isso dá a ela uma importância social muito grande porque, ao transgredir, ela aponta para novos caminhos e para soluções que ainda não tínhamos imaginado para problemas que muitas vezes sequer conhecíamos. A seleção dos trabalhos dos artistas para a próxima edição do festival [Videobrasil], por exemplo, me fez ver que os artistas estão muito antenados com as diversas crises que estamos vivendo e oferecem uma visão inovadora para o nosso cotidiano e acho que isso é um bom exemplo.

Salange Parkas. <https://www.nexojornal.com.br>

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema:

Devem existir limites para a arte?

2 Unesp 2018

TEXTO I

Um levantamento do Instituto Datafolha divulgado em maio de 2014 apontou que 61% dos eleitores são contrários ao voto obrigatório. O voto obrigatório é previsto na Constituição Federal – a participação é facultativa apenas para analfabetos, idosos com mais de 70 anos de idade e jovens com 16 e 17 anos.

Para analistas, permitir que o eleitor decida se quer ou não votar é um risco para o sistema eleitoral brasileiro. A obrigatoriedade, argumentam, ainda é necessária devido ao cenário crítico de compra e venda de votos e à formação política deficiente de boa parte da população.

"Nossa democracia é extremamente jovem e foi pouco testada. O voto facultativo seria o ideal, porque o eleitor poderia expressar sua real vontade, mas ainda não é hora de ele ser implantado", diz Danilo Barboza, membro do Movimento Voto Consciente.

O sociólogo Eurico Cursino, da Universidade de Brasília (UnB), avalia que o dever de participar das eleições é uma prática pedagógica. Ele argumenta que essa é uma forma de canalizar conflitos graves ligados às desigualdades sociais no país. "A democracia só se aprende na prática. Tomar o voto facultativo é como permitir à criança decidir se quer ir ou não à escola", afirma.

Já para os defensores do voto não obrigatório, participar das eleições é um direito e não um dever. O voto facultativo, dizem, melhora a qualidade do pleito, que passa a contar majoritariamente com eleitores conscientes. E incentiva os partidos a promover programas eleitorais educativos sobre a importância do voto.

[Karina Gomes. "O voto deveria ser facultativo no Brasil?". www.cartacapital.com.br, 25.08.2014. Adaptado.]

TEXTO II

Há muito tempo se discute a possibilidade de instauração do voto facultativo no Brasil. Mas são diversos os fatores que travam a discussão.

Atualmente, é a Lei nº 4737/1965 que determina o voto como obrigatório no Brasil, além dos dispositivos e penas a quem não comparece ao pleito. Com a imposição, o país segue na tendência contrária ao resto do mundo. Estudo divulgado pela CIA, que detalha o tipo de voto em mais de 230 países no mundo, mostra que o Brasil é um dos (apenas) 21 que ainda mantêm a obrigatoriedade de comparecer às urnas.

Para Rodolfo Teixeira, cientista político e professor da Universidade de Brasília (UnB), a atual descrença na classe política pode levar a uma grave deserção do brasileiro do processo eleitoral. O jurista Alberto Rolfo, especialista em Direito Eleitoral e membro da comissão de reforma política da OAB de São Paulo, concorda e acredita que o eleitor brasileiro ainda é "deficitário" do ponto de vista de educação política, sem ser maduro o suficiente para entender a importância do voto: "Se [o voto facultativo] fosse implementado hoje, mais da metade dos eleitores não votaria. Isso é desastroso", afirma.

O cientista político e professor da FGV-Rio Carlos Pereira pensa diferente. O especialista acredita que as sete eleições presidenciais depois do fim da ditadura militar mostram que o momento democrático do Brasil está consolidado. O voto facultativo seria mais um passo a uma democracia plena.

"O argumento de que o eleitor pobre e menos escolarizado deixaria de votar parte de um pressuposto da vitimização. É uma visão muito protecionista", diz Pereira. "O eleitor mais pobre tem acesso à informação e é politizado: ele sabe quanto está custando um litro de leite, uma passagem de ônibus, se o bairro está violento, se tem desemprego na família. É totalmente plausível que ele faça um diagnóstico e decida em quem votar e se quer votar."

[Raphael Martins. "O que falta para o Brasil adotar o voto facultativo?". <http://exame.abril.com.br>, 01.08.2017. Adaptado.]

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

O voto deveria ser facultativo no Brasil?

3 Unicamp 2018

TEXTO I

Você é um estudante do Ensino Médio e foi convidado pelo Grêmio Estudantil para fazer uma palestra aos colegas sobre um fenômeno recente: o da pós-verdade. Leia os textos abaixo e, a partir deles, escreva um texto base para a sua palestra, que será lido em voz alta na íntegra. Seu texto deve conter: a) uma explicação sobre o que é pós-verdade e sua relação com as redes sociais; b) alguns exemplos de notícias falsas que circularam nas redes sociais e se tornaram pós-verdades; e c) consequências sociais que a disseminação de pós-verdades pode trazer. Você poderá usar também informações de outras fontes para compor o seu texto.

TEXTO A



[Disponível em: <https://horizontesafins.wordpress.com/2017/02/02/a-verdade-da-pos-verdade/>. Acesso em 03/09/2017.]

TEXTO B

O QUE É "PÓS-VERDADE", A PALAVRA DO ANO SEGUNDO A UNIVERSIDADE DE OXFORD

Anualmente, a Oxford Dictionaries, parte do departamento de imprensa da Universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários, elege uma palavra para a língua inglesa. A de 2016 foi "pós-verdade" (post-truth).

A palavra é usada por quem avalia que a verdade está perdendo importância no debate político. Por exemplo: o boato amplamente divulgado de que o Papa Francisco apoiava a candidatura de Donald Trump não vale menos do que as fontes confiáveis que negaram esta história. Segundo Oxford Dictionaries, a palavra vem sendo empregada em análises sobre dois importantes acontecimentos políticos: a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos e o referendo que decidiu pela

saldada da Grã-Bretanha da União Europeia, designada como Brexit. Ambas as campanhas fizeram uso indiscriminado de mentiras, como a de que a permanência na União Europeia custava à Grã-Bretanha US\$ 470 milhões por semana, no caso do Brexit, ou a de que Barack Obama é fundador do Estado Islâmico, no caso da eleição de Trump.

Em um artigo publicado em setembro de 2016, a influente revista britânica *The Economist* destaca que políticos sempre mentiram, mas Donald Trump atingiu um outro patamar. A leitura de muitos acadêmicos e da mídia tradicional é que as mentiras fizeram parte de uma bem-sucedida estratégia de apelar a preconceitos e radicalizar posicionamentos do eleitorado. Apesar de claramente infundadas, denunciar essas informações como falsas não bastou para mudar o voto majoritário.

Para diversos veículos de imprensa, a proliferação de boatos no Facebook e a forma como o feed de notícias funciona foram decisivos para que informações falsas tivessem alcance e legitimidade. Este e outros motivos têm sido apontados para explicar a ascensão da pós-verdade.

Plataformas como Facebook, Twitter e Whatsapp favorecem a replicação de boatos e mentiras. Grande parte dos factóides são compartilhados por conhecidos nos quais os usuários têm confiança, o que aumenta a aparência de legitimidade das histórias. Os algoritmos utilizados pelo Facebook fazem com que usuários tendam a receber informações que corroboram seu ponto de vista, formando bolhas que isolam as narrativas às quais aderem de questionamentos à esquerda ou à direita.

[Adaptado de André Cabete Fábio. O que é 'pós-verdade', a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford. *Nexo*, 16/11/2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-e-'pós-verdade'-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>. Acessado em 01/12/2017.]

TEXTO II

Considere a seguinte situação: uma postagem recente em uma rede social de uma mensagem de ódio contra os nordestinos foi foco de intensa discussão. Dada a repercussão do caso, o jornal de maior circulação de sua cidade resolveu fazer um caderno especial sobre o tema "Liberdade de Expressão". Leitores de diferentes perfis foram convidados a se manifestar e você foi o estudante escolhido. Para atender a esse convite, você deverá escrever um artigo de opinião em que discutirá a seguinte questão:

Há limite para a liberdade de expressão?

No seu artigo de opinião, você deve:

- identificar e explicitar os dois principais posicionamentos sobre a questão tratada;
- assumir um desses dois posicionamentos e sustentá-lo com argumentos.

Seu texto deverá considerar as seguintes citações:

Liberdade de expressão é a possibilidade de as pessoas se manifestarem sobre fatos e ideias sem interferências externas, sobretudo do Estado. Discurso de ódio é uma tentativa de desqualificar e excluir do debate grupos historicamente vulneráveis, seja por religião, cor da pele, gênero, orientação sexual ou qualquer traço utilizado com o objetivo de inferiorizar pessoa ou grupo. (Luís Roberto Barroso, Ministro do STF)

A frase 'eu discordo do que dizes, mas defenderei até a morte o teu direito de dizê-lo' talvez seja a melhor definição para a liberdade de expressão. Afinal, é muito fácil conceder a liberdade de expressão às ideias com que concordamos; muito mais difícil é aceitar a manifestação de ideias que desgostamos. O que se tem visto no Brasil nos últimos tempos, no entanto, é uma crescente vontade de reprimir formas de expressão que sejam consideradas desrespeitosas e preconceituosas. A iniciativa, embora tenha como pano de fundo uma intenção nobre, tem gerado situações desproporcionais, limitando o direito à livre expressão e violando a Constituição Federal. (Bruno de Oliveira Carreirão, advogado)

Liberdade de expressão é poder se manifestar sobre aquilo que não ofenda ou ataque o sentimento íntimo das pessoas. Discurso de ódio é o que tem por objetivo incitar, criar beligerância e promover animosidades contra esses sentimentos pessoais. (Marcelo Itagiba, ex-deputado.)

As grandes sociedades se caracterizam pela pluralidade de valores, alguns excludentes. A liberdade de expressão é ligada à liberdade em si, mas há o valor da luta contra o preconceito. Como lidar com o conflito de valores? Os EUA optaram pela liberdade de expressão. O Brasil optou por uma legislação protetiva. Isso guarda um certo paternalismo, mas expressa respeito. (Fernando Schüler, cientista político.)

É necessário entender a ideia de identidade e de alteridade. Por uma questão de sobrevivência, nos sentimos seguros quando próximos de algo com que nos identificamos. Queremos sempre que o outro seja igual a nós e, se não for, talvez tenhamos que destruí-lo. Este é um pressuposto fundamental para o surgimento do discurso de ódio. (Izidoro Blikstein, professor da FGV e especialista em Análise do Discurso.)

Liberdade de expressão é o direito de expor a opinião e exercitar a divergência sem ser perseguido ou condenado. O discurso de ódio é um conceito um tanto abstrato e elástico. Para uns, é a expressão da verdade desnuda do politicamente correto; para outros, é a tentativa abjeta de difamar seu interlocutor. (Rachel Sheherazade, jornalista e apresentadora de TV.)

O discurso de ódio aparece quando você acha que seu modo de ser e estar no mundo deve ser um modelo com o qual outras pessoas têm que se conformar. Se isso não acontecer, o discurso de ódio vem para deslegitimar a sua vivência, para fazer com que pareça que sua vida não merece ser vivida. (Linn da Quebrada, cantora.)

Liberdade de expressão não é um direito absoluto, nem pode ser. As pessoas têm dificuldade de entender que vivem em sociedade, que existem regras e que a gente precisa delas, sobretudo no que diz respeito à vida do outro. (Djamila Ribeiro, ativista dos movimentos negro e feminista e ex-Secretária Adjunta de Direitos Humanos da prefeitura de São Paulo.)

[Adaptado de <http://temas.fhfa.uol.com.br/liberdade-de-opiniao-x-discursos-de-odio-o-que-e-o-que-e-personalidades-discutem-o-que-e-liberdade-de-opiniao-e-discursos-de-odio.html>. Acessado em 13/11/2017.]

LIVRO ÚNICO - Questões Discursivas**GABARITO - REDAÇÃO**

34.

Tema de redação

O tema da Fuvest 2011 exigia do candidato uma dissertação em prosa que respondesse ao seguinte questionamento: "O altruísmo e o pensamento a longo prazo ainda têm lugar no mundo contemporâneo?". Para dar subsídio à argumentação do aluno, a banca expôs quatro textos de apoio que ilustravam ou discutiam o "altruísmo". Esperava-se que o candidato, munido de tais ferramentas e de seu conhecimento de mundo, fosse capaz de contrapor argumentos que respondessem positiva e/ou negativamente à pergunta da banca.

Exemplos como a proliferação de ONGs, o movimento de desenvolvimento sustentável, programas de conscientização ambiental etc. poderiam ser usados para situar o altruísmo e a preocupação com o futuro no mundo contemporâneo; no entanto, a devastação desenfreada da natureza, o consumismo que gera lixo dos mais diversos tipos aceleradamente, a violência gratuita em relação ao outro, o descaso dos governos para com a população carente etc. poderiam configurar-se como contraexemplos, negando o espaço do altruísmo e do pensamento a longo prazo na sociedade atual, configurando-a como egoísta e imediatista.

Cabia ao candidato adotar uma posição ideológica, discuti-la, apresentar argumentos plausíveis que a corroborassem, além de exemplos capazes de ilustrá-la, se possível, trazendo ao seu texto o exemplo de Burt Marx e da *palma talipot* e/ou o texto de Bauman e a citação de Lipovetsky. Além disso, a dissertação deveria se mostrar coerente em relação à posição ideológica adotada e de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa.

35.

Tema de redação**Comentários sobre as propostas****Texto 1**

A **proposta 1** pediu ao(a) candidato(a) que escrevesse um comentário sobre o gráfico "Os valores de uma geração" da pesquisa Dossiê MTV Universo Jovem, divulgada pelo site da MTV. O texto seria, de acordo com o enunciado da proposta, enviado por meio do "fale conosco" da emissora. Além disso, o(a) candidato(a) deveria assumir a condição de um(a) jovem(a) que navega pelo site da MTV, que terá a internet como meio de circulação de seu comentário e profissionais da emissora e internautas como públicos-alvos.

Para a construção do comentário, segundo as instruções, era preciso comparar os três anos pesquisados (1999, 2005 e 2008) para analisar e considerar dois valores relativamente estáveis e duas mudanças significativas de valores; além disso, o(a) candidato(a) tinha por obrigação pensar a sua própria condição de jovem, pensar seus próprios valores. Como o gráfico apresenta, não uma, mas algumas combinações possíveis para a consideração exigida, fez-se necessária a leitura crítica com objetivo de selecionar dados que facilitassem a logicidade do texto.

Texto 2

A **proposta 2** pediu um discurso (adequado à modalidade oral formal) de abertura para um evento. Para isso, o(a) candidato(a) deveria assumir a condição de líder de um grêmio estudantil que recebeu reclamações dos estudantes a respeito do ensino de ciências em sua escola. Por ter lido uma entrevista com a professora Tatiana Nahas na revista *Ciência Hoje*, o líder do grêmio estudantil organiza um evento para o qual convidou a professora entrevistada pela revista de divulgação científica.

No discurso de abertura deveriam constar três problemas do ensino de ciências na escola do líder do grêmio e o porquê de se ter convidado a professora Tatiana Nahas. O texto de apoio deve ser usado pelo(a) candidato(a) para elaborar tais justificativas. A saber, em entrevista, a professora aponta três deficiências no ensino de ciência: a) falha por não se dar a conhecer aos alunos a metodologia científica; b) falha quando o aluno não sabe que ciência é uma construção coletiva; e, c) quando não se ensina que, mesmo na ciência, as controvérsias são normais e delas resulta muito avanço.

Enfim, por se tratar de um discurso, a interlocução com a convidada e com os presentes é fundamental.

Texto 3

A **proposta 3** pede um artigo de opinião para uma série de reportagens especial sobre cidades publicada em uma revista de grande circulação. O tema do artigo incide sobre as catástrofes ocorridas em função das chuvas que afetaram o Brasil no final de 2009. Uma crônica de Drummond, "Os dias escuros", serve como texto de apoio; o(a) candidato(a) deveria mostrar em que medida concorda ou não com o cronista, simultaneamente à análise, no artigo de opinião, das catástrofes que afetaram, sobretudo, o Sudeste e o Nordeste do Brasil em 2009.

Dado a crônica ser de 1966, era quase inevitável constatar que pouco se fez para evitar enchentes e outros problemas decorrentes das chuvas no Brasil. Seria bastante difícil discordar do cronista (já que a proposta pede que se relacionem três problemas enfrentados pelas cidades durante as chuvas), pois Drummond aponta mais de três problemas com muita precisão no primeiro parágrafo da crônica.

36.

Tema de redação

A banca requer do candidato uma dissertação com tema específico, a saber, a reflexão sobre se o Grafite, como expressão social, é vandalismo ou arte. Para tanto, era possível fazer uso de três textos de apoio.

Análise dos textos de apoio.

Texto 1 – *Manifestação surgiu em Nova York nos anos de 1970.* Histórico do grafite como manifestação artística, colocando o exemplo de Basquiat como artista "sério" dessa nova linguagem. Seu vínculo, portanto, está com a pop arte e a turma de Andy Warhol.

Texto 2 – *Do vandalismo anárquico à arte politicamente comprometida.* Esse texto proporciona uma reflexão sobre as várias faces do grafite. Questiona se o grafite é apenas intervenção urbana ou se é uma manifestação social passível de ser compreendida como arte.

Texto 3 – *Trecho de uma entrevista com Omer, um conhecido grafiteiro residente da cidade de Montreal, no Canadá.* A entrevista trata de um importante aspecto sobre o assunto ao colocar o grafite como instrumento de educação e inserção social.

37.

Tema de redação

Neste ano, a proposta de redação da Unifesp apresentou três excelentes textos de apoio e um tema bem delimitado, "A intolerância em xeque", para que se reflita sobre a intolerância. É importante notar que o candidato poderia fazer uso de infor-

mações pertinentes ao tema mesmo que não constassem textos de apoio. Além disso, não poderia desconsiderar a expressão 'em xeque', ou seja, era necessário evidenciar na argumentação que os cidadãos e a mídia atuais são mais atentos aos atos de intolerância, que a cultura da tolerância se fortaleceu, embora ainda não esteja consolidada e que, em função desse fortalecimento, as manifestações de ódio, de preconceito e de desrespeito, são com mais frequência, denunciadas, investigadas e punidas.

Por fim, a partir dos textos de apoio, é possível apontar para a causa cultural da intolerância, enumerar e analisar os preconceitos mais incidentes no Brasil, ponderar sobre o histórico político da intolerância, da repressão e considerar as desastrosas consequências da intransigência.

38. Espera-se que o aluno apresente as vantagens do acesso ao mundo virtual, fazendo as ressalvas necessárias. É importante destacar também o papel fundamental da leitura para a formação de cada um. O aluno deve saber argumentar entre essas duas interfaces.

39. Espera-se que o aluno discuta a questão da educação no trânsito, destacando as medidas que têm sido tomadas e posicionando-se a respeito delas: são apenas medidas de poder ou colaboram para a cidadania? Os argumentos devem ser sólidos e coerentes.

22.

Tema de redação

O tema da Fuvest 2012 foi a participação política no mundo atual. A proposta não especifica onde ou como essa participação acontece, apenas pede que o candidato reflita se essa participação política é indispensável, ou seja, se não há outra maneira de decidir o futuro a não ser pela participação política (seja no seu bairro, na sua cidade ou país), ou se essa participação é superada, o que significa dizer que existem outras maneiras de decidir questões importantes para o bom andamento da sociedade.

Para desenvolver o seu texto, o candidato poderia usar as seguintes ideias presentes na coletânea apresentada (bem como outras que julgasse pertinente):

Texto 1 – Aristóteles define a política como "a mais imperativa e predominante das ciências", pois através dela definem-se os rumos que as outras ciências devem tomar. Aristóteles, neste fragmento, entende a política como essencial para o desenvolvimento da pólis.

Texto 2 – Ao comentar a origem da palavra idiota, os autores fazem uma crítica à falta de participação das pessoas na política. Como a origem da palavra remete ao indivíduo que não se preocupa com a vida pública, apenas com a própria, os autores comentam como esse significado teve seu uso mudado nos dias atuais, defendendo que, apesar de ser usada em outra circunstância, a palavra ainda não perdeu seu sentido original.

Texto 3 – O poema de Wislawa Szymborska é semelhante à ideia de Aristóteles. A política decide quem somos e como agimos dentro da sociedade, e todas as decisões afetam os outros, por isso, é inevitável participar da política.

Texto 4 – Zygmunt Bauman defende que, apesar das instituições políticas (por exemplo, os partidos) perderem o seu papel de "propositoras de doutrinas", ou seja, apesar de ainda decidirem os rumos da sociedade, pautam suas decisões baseadas no mercado financeiro. Dessa forma, as decisões políticas não deixaram de ser importantes, apenas são transferidas a essas outras instituições.

Texto 5 – A tirinha faz uma crítica àqueles que insistem em não participar da política. O descaso com a política (considerando-a como em Aristóteles, a ciência a serviço do bem comum) é, na verdade, falta de conhecimento e revela a ignorância do indivíduo.

23.

Tema de redação

Comentários sobre as propostas

Texto 1

Espera-se que o candidato se coloque na posição de participante de um fórum criado por concluintes do segundo grau, em uma página de orientação vocacional na internet, para discutir o que leva uma pessoa a investir na profissão de cientista. Por meio de um comentário, o candidato deveria analisar o gráfico apresentado, chegando a uma conclusão, e posicionar-se em relação a um participante do fórum (Estudante Paulista) que afirma ser o gráfico condizente com a realidade.

A dificuldade estava em determinar qual realidade o gráfico representa. É possível observar que o desejo de ser cientista é maior quanto menor é o desenvolvimento do país.

O comentário é um gênero livre em que, normalmente, se faz a análise de um assunto.

Texto 2

Espera-se que o candidato se coloque na posição de um estudante cuja escola monitora as páginas dos alunos nas redes sociais. Por meio de um manifesto, o candidato, junto dos colegas que o apoiam, pedirá o apoio também dos pais, dos professores e da direção da escola. A leitura do manifesto se daria durante uma reunião dos pais, mestres e direção.

O texto de apoio sugere que a discussão sobre a ética nos sites de relacionamentos é o cerne do manifesto.

O manifesto é um gênero textual que dá a conhecer a ideologia de um grupo e convoca à participação.

Texto 3

Espera-se que o candidato se coloque na posição de um leigo em informática que decidiu produzir um verbete, uma definição de computação em nuvem a ser publicado em uma enciclopédia *on-line* para leigos em computação. Além da definição, era necessário apontar uma vantagem e uma desvantagem no uso da computação em nuvem. Essas exigências do verbete estão, respectivamente, nos textos 1, 2 e 3.

O verbete é um gênero textual típico de dicionários e enciclopédias que traz as acepções de um termo, exemplos e outras informações pertinentes com a intenção, por exemplo, de definir um objeto.

24.

Tema de redação

Enunciada em forma de questão, a proposta de redação pedia uma dissertação a respeito de uma questão moral: a "bajulação". O candidato deveria defender um ponto de vista na defesa de ser a bajulação uma virtude ou ser um defeito. A proposta trazia um excelente texto de apoio; além disso, mais dois textos, um conto de Machado de Assis e uma tira de Laerte, deveriam ser considerados pelo candidato.

Para o encaminhamento da proposta, era necessário observar que nenhum dos textos fornecidos admitia a bajulação como virtude, embora deixassem claro o sucesso de sua aplicação. Toda a questão se concentrava nisso, pois a adulação sempre contou do rol dos deslizes (falhas morais). Em outras palavras, vale o deslize quando o resultado aponta para o sucesso? Pode ser chamado de defeito aquilo que resulta em sucesso? A moralidade deve ser desconsiderada quando o que se quer é vencer?

Enfim, foi uma excelente proposta, pois, além de avaliar bem o poder argumentativo, abre espaço para o candidato fazer reflexões importantes de ordem comportamental.

25.

Tema de redação

A proposta pediu uma dissertação sobre "a questão da variação linguística no contexto da educação". Além disso, o candidato contou com um ótimo texto de apoio, que ilustrou bem os pontos de vista sobre a polêmica.

Por se tratar de uma polêmica, o candidato deveria defender um ponto de vista sobre o assunto, sem perder o foco da questão educacional. De um lado, o candidato poderia defender as teses do professor da Unicamp Sírio Possenti e da Associação Brasileira de Linguística (para os quais tudo não passou de uma falsa polêmica, já que o livro em questão apenas atenta à necessidade de as escolas ensinarem aos alunos que não há apenas o padrão culto da língua, mas há as variantes populares e que devem ser respeitadas) ou, de outro lado, acatar as teses de Lya Luft e do editorial da *Folha de S.Paulo* (para os quais, com a desculpa de promover uma educação democrática, as escolas e os professores assolam a Língua Portuguesa e nivelam por baixo os demais conhecimentos). Ainda, por apresentar teses opostas, seria conveniente elaborar contra argumentações para compor uma estrutura e uma opinião mais sólida.

Por fim, foi uma proposta bem elaborada, com destaque ao texto de apoio, pois tratou de um tema atual e muito importante, mas, principalmente, porque testou muito bem a capacidade argumentativa do candidato.

26. Espera-se que o aluno apresente os benefícios de se ter uma educação de qualidade, discutindo como ela contribui para o progresso da sociedade e da ciência.
27. Espera-se que o aluno discuta a questão do consumismo no eixo de oposição entre a necessidade e a vontade. É importante refletir a respeito da publicidade como fator influenciador na vontade e no desejo de consumir.
28. Espera-se que o aluno discuta a questão da autoafirmação em detrimento do outro. Além disso, é importante que seja discutida a questão das máscaras sociais utilizadas para ser aceito dentro de um grupo.
29. Espera-se que o aluno identifique o que constrói a bagagem cultural de um profissional, quais os alicerces do seu conhecimento e sua relação com a área de atuação. É fundamental que o aluno também identifique que existem bases comuns para todas as áreas, pois constituem pilares fundamentais para a formação.
30. Espera-se que o aluno discuta os fatores éticos que envolvem a liberdade do humor. A proposta pede que se use uma piada para ser tomada como exemplo; por isso, é importante que o aluno a analise de modo a reforçar o seu ponto de vista.
31. Espera-se que o aluno desenvolva a narrativa coerente com o que foi pedido – o transcorrer de uma viagem de ônibus e a recepção aos viajantes –, atentando ao enredo e construindo um conflito que conduzirá ao clímax.
32. Espera-se o posicionamento do aluno a respeito de um programa diferenciado de ensino de língua estrangeira, elucidando as vantagens (ou desvantagens) desse ensino, argumentando em favor do seu ponto de vista.
33. **Proposta 1:** Espera-se que o aluno sintetize, de modo coerente e coeso, as ideias principais do texto de Fábio Altman, sem copiar trechos do texto original.
Proposta 2: O aluno deve se posicionar a respeito da questão discutida no texto, incorporando argumentos contrários para contestar e reforçar o seu ponto de vista.

8.

Tema de redação

A prova de Redação da Fuvest 2013 escolheu um tema atual e relevante a reflexões no mundo contemporâneo: o consumismo. Tema já esperado para um exame de vestibular que requer os melhores candidatos e os mais bem informados, já que as crises econômicas e discussões sobre as relações humanas nos últimos tempos abordam temas sobre mercado, economia, consumo. Uma das únicas dificuldades da prova foi a ausência de excertos, característicos das últimas edições da Fuvest, já que trouxe apenas uma imagem/texto para que o candidato tirasse suas conclusões e levantasse argumentos a partir da imagem de um informe publicitário de cartão de crédito. A relação imagem e texto deveria ser estabelecida pelo aluno para que pudesse trabalhar conceitos, ideologias, visão de mundo ou mesmo uma mentalidade expressa na propaganda e nos paralelos possíveis advindos da análise crítica.

Apesar de a prova deixar o tema aparentemente aberto para o candidato, foi uma excelente escolha temática. Além de fazer os melhores candidatos escolherem um fio de raciocínio com variados exemplos de realidade para sustentar sua tese por meio de argumentos consistentes em teoria e em realidade.

Apesar de a prova deixar o tema aparentemente aberto para o candidato, foi uma excelente escolha temática. Além de fazer os melhores candidatos escolherem um fio de raciocínio com variados exemplos de realidade para sustentar sua tese por meio de argumentos consistentes em teoria e em realidade.

9.

Tema de redação

Comentários sobre as propostas

A primeira proposta textual da Unicamp 2013 exigia que o candidato se posicionasse como um estudante do Ensino Médio e elaborasse um resumo do texto "Pessimismo", de Maurício Horta. De posse dessa informação, o vestibulando deveria elaborar um texto que seria divulgado num painel, destinado à comunidade escolar, sobre as características psicológicas e suas implicações no plano individual e na vida em sociedade. Ao realizar o resumo, o aluno necessitaria fazer uso de linguagem formal e do tom impessoal, características do gênero. Além disso, era esperado que o candidato sintetizasse o ponto de vista de Martin Seligman, o qual trata de contrapor o otimismo no ambiente profissional, pois este pode gerar a catástrofe administrativa. Tal tese pode ser confirmada e ampliada pela filosofia de Arthur Schopenhauer, que mostra o otimismo como causa do sofrimento existencial. Outra situação a ser destacada pelo resumo seria a existência de uma ansiedade decorrente da postura otimista, além de ressaltar que pacientes com baixa autoestima sofrem quando forçados a pensar positivamente, ponto de vista dos psicólogos John Lee e Joane Wood, da Universidade de Waterloo, no Canadá. Para concluir, o vestibulando poderia abordar o posicionamento do filósofo britânico Roger Scruton, pois, segundo ele, o otimismo seria responsável por utopias perigosas (falaciosas), vide o nazismo como um regime otimista, porém terrível, responsável pelas tragédias cometidas durante a Segunda Guerra Mundial. Para evitar situações como essa, a melhor resposta seria sempre antever o pior.

A segunda proposta de produção textual da Unicamp 2013 solicitava ao candidato uma carta de leitor. Tal texto deveria tratar como interlocutores os redatores do jornal *Folha de S.Paulo*, além de contar com os leitores de sua carta, no caso, o público leitor do jornal, já que o texto seria destinado à seção Leitor. Nessa carta, o vestibulando posicionaria-se de forma indignada, pois a matéria lida "Cães vão tomar uma 'gelada' com cerveja pet" não tratava do aumento do consumo de álcool entre adolescentes e jovens. Seria importante ressaltar que a proposta exigia autonomia do candidato, visto que mencionava a necessidade de a carta ser compreendida mesmo sem o conhecimento da matéria que motivou a crítica. Para elaborar a carta de leitor, o aluno deveria fazer uso dos dados da matéria "Vergonha Nacional", retirada da revista *Veja*, a qual fazia menção ao aumento do consumo de álcool entre jovens de 14 a 27 anos, em 27 capitais brasileiras. Estruturalmente, o texto deveria contar com os elementos característicos da carta, contendo o locativo, o vocativo e encerrando-se com as iniciais do nome do candidato/leitor assíduo do jornal.

10.

Tema de redação

O Vestibular da Segunda Fase da Unesp 2013 cobrou do candidato um tema trabalhoso, porém sempre muito atual. O candidato deveria dissertar sobre o ato de **escrever** apresentando o lado do **trabalho**, que envolve a labuta árdua e cotidiana do escritor, e o lado da **inspiração**, que faz do escritor um dependente do tempo e eventuais "salvamentos", segundo os textos de base para as questões 25 a 28 – de Clarice Lispector e Syd Field.

A curta coletânea traz apenas uma proposição que questiona o candidato de forma acintosa, já que poderia trazer, se quisesse ou fosse cabível, suas experiências pessoais ao longo da vida na escola, mas a própria coletânea também possibilitava outras fontes de exploração e exemplificações na vida cotidiana, já que o ato de escrever não se perdeu mesmo em meio a tantas tecnologias muito mais imagéticas – visuais. Além da proposição inicial, havia a possibilidade de explorar as ideias da crônica de Clarice Lispector e o texto de Syd Field, que indicavam que escrever é um trabalho que se "arrasta como um vício penoso" – Clarice Lispector – ou mesmo, segundo Field, "Escrever é trabalho duro, uma tarefa cotidiana, de sentar-se diariamente diante de seu bloco de notas, máquina de escrever ou computador, colocando palavras no papel. Você tem que investir tempo." Entretanto, o ato de escrever também depende da inspiração e deixa o escritor à mercê dela e do evento, segundo Clarice Lispector, é uma "[...] pena que só sei escrever quando espontaneamente a coisa vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos." A inspiração também é importante dentro o trabalho árduo e cotidiano do roteirista; segundo Syd Field, "Escrever um roteiro é um fenômeno espantoso, quase misterioso. Num dia você está com as coisas sob controle, no dia seguinte sob o controle delas, perdido em confusão e incerteza. Num dia tudo funciona, no outro não; ninguém sabe como ou por quê. É o processo criativo; que desafia análises; é mágica e maravilha. Tudo o que foi dito ou registrado sobre a experiência de escrever desde o início dos tempos resume-se a uma coisa – escrever é sua experiência particular, pessoal. De ninguém mais."

Em suma, a prova de Redação da Unesp 2013 trouxe um bom tema e fez com que o candidato trabalhasse de forma metalinguística, já que teve que escrever sobre o ato da escrita. Fez com que o candidato refletisse não só o conceito, a função e os porquês da escrita, mas também procurasse exemplificar como a escrita nos constitui como sociedade, cidadãos e seres humanos.

11.

Tema de redação

A proposta, "Comissão da Verdade: que verdade alcançar?", foi guarnecida por excelentes textos. Em maior quantidade (textos 1, 2 e 3), há argumentos favoráveis à "Comissão da Verdade". Apenas o quarto texto questiona a sua necessidade e eficácia. Não obstante a divergência, todos incidem sobre a questão da memória, da identidade cívica do Brasil – por extensão, dos brasileiros.

A memória de um povo é uma construção histórica e, porque assim, pode ser reconstruída. A questão ética implicada, então, é qual a "melhor", a mais "adequada", memória a ser historicizada? Argumentar em favor da neutralidade, como faz o quarto texto, é desconhecer as forças ideológicas que constroem, desconstroem e reconstróem a história de um povo. Por fim, é importante iluminar o fato de que, sem memória, um povo viveria o futuro malfadado dos sem história, dos retirantes-de-si-mesmos.

Mais uma vez, o vestibular da Unifesp ofereceu ao candidato uma proposta de redação bastante atual e relevante; vale também elogiar a coletânea.

12. Proposta 1: Espera-se que o aluno reconheça a problemática que envolve o confronto de gerações e a vivência nos tempos modernos. É importante que o aluno não componha o seu texto com juízos de valor, pois esse choque de relações ocorre em todas as culturas. O fundamental é discutir como manter o respeito pelas tradições dentro de um contexto globalizado.

Proposta 2: Espera-se que o aluno descreva e argumente de acordo com o interlocutor escolhido. É importante falar do mundo em que vive atualmente e de como espera que seja no futuro – em termos de tecnologia, crenças e valores. A data é essencial, pois é ela quem situa o tempo da interlocução.

13. Espera-se que o aluno identifique os principais problemas que a sociedade brasileira enfrenta. Os termos apresentados pelos memes não estão ali por acaso; portanto, a argumentação dos alunos deve partir dessa reflexão. É importante salientar que a argumentação deve ir em direção às mudanças factíveis e possíveis de acontecer, mas sempre apresentando e propondo maneiras de colocá-las em prática.

14. É importante que o aluno saiba identificar os problemas, as implicações e as consequências decorrentes da proibição e da liberação. Depois disso, é necessário um posicionamento ante o assunto, trazendo argumentos que reforcem o seu ponto de vista.

15. É importante que o aluno identifique o que vem a ser uma cidade partida e como a coletividade pode agir dentro dela. A proposta exige uma contextualização histórica e atual para o desenvolvimento do tema – o que mudou, como mudou, quais são as perspectivas de melhoria –, não se esquecendo de que a cidade é o espaço de convivência do homem.

16. Espera-se que o aluno identifique os prós e contras da prática da delação premiada. A discussão deve envolver os valores éticos e as consequências dessa prática. A discussão não é simples; por isso, é importante que o aluno se posicione e sustente seus argumentos de maneira coerente, por meio de exemplos e justificativas.

17. Espera-se que o aluno reflita sobre os textos oferecidos para construir sua argumentação sobre a importância do Brasil no Ano Internacional da Cooperação pela Água. É importante trazer à tona a problemática da água no mundo – escassez, poluição, distribuição –, discutindo as possibilidades de melhoria e os caminhos para a conservação.

18. Espera-se que o aluno identifique a dualidade da problemática, refletindo sobre as implicações dessa questão – o que publicar, quais os limites, qual a pertinência das informações – e discutindo a questão da censura – quem define os limites, como mensurá-los e se tudo pode ser liberado.

19. Espera-se que o aluno discuta sobre a educação no Brasil, trazendo a questão das diferenças socioeconômicas e da desigualdade social, relacionadas à qualidade do ensino no país.

20. Proposta 1: Espera-se que o aluno sintetize, de modo coerente e coeso, as ideias principais do texto de Eliane Brum.

Proposta 2: Espera-se que o aluno produza uma continuação coerente para o texto de Rosely Sayão, ou seja, a progressão deve seguir o mesmo tema e apresentar clara conexão com os parágrafos iniciais.

Proposta 3: Espera-se que o aluno interprete a charge corretamente, identificando a opinião do autor a respeito do evento. É importante lembrar que a comparação das imagens não foi feita à toa: há um sentido por trás dessa associação.

21. Proposta 1: Espera-se que o aluno discuta os prós e os contras do uso das redes sociais, destacando o cuidado que se deve ter no que diz respeito à exposição da vida pessoal.

Proposta 2: Espera-se que o aluno faça um comentário crítico a respeito da obra escolhida, avaliando os pontos fortes e mais marcantes e também os elementos mais fracos. O texto deve demonstrar a leitura da obra literária; por isso, é importante que a resenha apresente alguns elementos característicos da obra lida.

Proposta 3: Espera-se que o aluno identifique os diversos tipos de energia produzidos, analisando suas fontes, seus custos e suas implicações ambientais. Como são muitas as fontes, o aluno deve fazer um recorte, relacionando os tipos escolhidos – este exercício desenvolve a capacidade coesiva.

4.

Tema de redação

A proposta de redação do Vestibular da Fuvest traz uma instigante reportagem como catalisadora da produção textual. A partir de insensíveis declarações do Ministro de Finanças do Japão, Taro Aso, ao jornal inglês *The Guardian* com relação aos idosos de seu país, suscita-se uma intensa reflexão sobre a sociedade contemporânea.

Dentre outros elementos ultrajantes na reportagem, chama a atenção a declaração de que os velhos deveriam “apressar-se a morrer”, segundo o ministro. Tal opinião justifica-se pela “pressão que suas despesas médicas exercem sobre o Estado”, custando “várias dezenas de milhões de reais por mês” ao Ministério da Saúde e do Bem-estar.

Caberia ao aluno, então, refletir sobre as implicações éticas, culturais, sociais e econômicas das questões colocadas na proposta e escolher os aspectos que considerasse mais relevantes para a construção de seu texto. É importante, portanto, ressaltar que o vestibulando não precisaria dar conta de todos os elementos sugeridos pela proposta, mas seria fundamental que o texto tivesse as declarações do ministro como base de sua elaboração, as quais deveriam servir como um princípio indutivo de raciocínio, ou seja, partindo de dados particulares (fatos, experiências, enunciados empíricos; no caso, as declarações do ministro) e, por meio de uma sequência de reflexões, chegando a conceitos mais gerais.

As questões indagam se essas opiniões são tão raras ou isoladas quanto podem parecer, o que as motiva, o que elas dizem sobre as sociedades contemporâneas, se opiniões desse teor seriam possíveis no contexto brasileiro e como as jovens gerações encaram os idosos.

Seria oportuno o aluno atentar-se para o limitado respaldo da declaração do ministro. Imbuído de uma ideologia capitalista, desconsidera a relevância das questões sociais envolvidas e focaliza, de maneira friamente pragmática, a manutenção da economia local, subjugando a quantidade expressiva (um quarto) de sua população idosa.

Outro aspecto paralelamente relevante é a invisibilidade da figura do idoso na sociedade. Em um contexto cada vez mais dinâmico, marcado – nos termos de Z. Bauman – pela fluidez, efemeridade e obsolescência, os idosos enquadram-se, por vezes, na lógica do descarte. Tratados como empecilho, não são reconhecidos como parte de uma coletividade nem considerados em sua individualidade. Com efeito, subestima-se o papel de mantenedores e construtores precedentes da nação e da cultura, além de se ignorar sua condição fundamental de ser humano.

Resta ao vestibulando, enfim, colocar-se como membro das jovens gerações brasileiras – inseridas em um contexto global de desenvolvimento em diversos setores –, refletindo sobre os percalços na construção de uma ética política e social, a partir da figura do idoso, para além da economia.

5.

Tema de redação

Comentários sobre as propostas

Texto 1

Nesta produção textual, o candidato, posicionando-se como membro de um grupo de alunos, deveria produzir um relatório informando quais os resultados de uma oficina cultural realizada na escola. O texto apresentar-se-ia na norma culta, visto que os interlocutores eram formados por uma comissão de professores. Além disso, seria importante manter a impessoalidade exigida pelo gênero, além dos verbos no passado, já que o relatório serviria para informar sobre os resultados obtidos pela oficina cultural. O relatório privilegiaria o público alvo da oficina (alunos, comunidade: pais amigos dos alunos etc.), haveria espaço também para os objetivos do trabalho, ou seja, proporcionar a experimentação dos mais diversos tipos de linguagens, técnicas e ideias, além de dar oportunidades para a aquisição de conhecimentos e novas vivências. Tal trabalho já justificaria a realização da oficina cultural, ou seja, o impacto positivo sobre a formação cidadã. No texto fonte, o candidato encontrava sugestões de atividades que poderiam ser desenvolvidas: artes plásticas, cinema, circo, cultura geral, dança, design, folclore, fotografia, história em quadrinhos, literatura, meio ambiente, multimídia, música, ópera, rádio, teatro e vídeo. Os impactos da oficina cultural na comunidade também eram sugeridos pelo texto fonte: mostrar caminhos, sugerir ideias, ampliar o campo de visão dos envolvidos no projeto.

Texto 2

Espera-se que o candidato, posicionando-se como membro de uma associação de bairro de uma grande cidade, escreva uma carta aberta, a ser divulgada nas redes sociais, cujo assunto seja mobilidade urbana. Essa carta deveria ser assinada com a utilização das iniciais de um membro de associação de bairro. Seria importante que o candidato encabeçasse sua carta com a expressão “Carta aberta”, por exemplo: Carta aberta às autoridades municipais. Os interlocutores da carta eram as autoridades municipais e a argumentação deveria ser concentrada na reivindicação de melhorias para a mobilidade urbana. As ações a serem reivindicadas estavam sugeridas nos textos da coletânea como, por exemplo: uso de bicicletas públicas de aluguel; pedágios urbanos; utilização do transporte “intermodal”, ou seja, aquele que envolve vários meios de locomoção (bicicleta, metrô, ônibus, trem); viagens mais curtas aos locais de trabalho – por meio de centrais de trabalho –; locais em que a população tenha acesso rápido a serviços desburocratizados eliminando, assim, o excesso de gastos que uma grande cidade tem com a lentidão devido à falta de mobilidade. Além disso, seria interessante que o candidato demonstrasse, por meio da argumentação coerente, como a redução dos congestionamentos contribuiria para a melhoria do ambiente urbano.

6.

Tema de redação

O candidato deve redigir uma dissertação sobre o tema: **Corrupção no Congresso Nacional: reflexo da sociedade brasileira?** Como este se apresenta em forma de pergunta, espera-se que o candidato elabore uma dissertação que a responda. Essa resposta é o tema central da dissertação, ou seja, a ideia principal a ser defendida por meio de argumentos.

A proposta apresenta três textos como subsídios à produção textual do candidato. O primeiro texto traz dados numéricos em relação a condenações de parlamentares, especialmente senadores e deputados, listando alguns tipos de ocorrências. Tal texto faz relação direta com o tema da redação a ser elaborada por se tratar do Congresso Nacional, termo também presente no título sugerido. O candidato que se concentrasse sobre o elemento Congresso Nacional demonstraria uma leitura bem atenta da proposta de redação.

O segundo texto não faz uma distinção entre os políticos e o povo, tratando todos de igual modo, como brasileiros. Ele levanta o impasse entre duas reações às quais o brasileiro pode ser direcionado: manter-se alinhado a seus princípios éticos, ainda que não tenha estímulo para tal, ou aderir à lei do vale-tudo, entregando-se ao agir de forma antiética na tentativa de escapar desse tipo de ação.

No último texto, o brasileiro é retratado como um povo que não tolera a desonestidade dos políticos, mas que não enxerga seus próprios hábitos incorretos como pequenas formas de corrupção, agindo em conformidade com aqueles que não suporta.

Pode-se dizer que os três textos mostram uma tendência clara de que o candidato disserte que a corrupção é, sim, um reflexo da sociedade, ainda que não em sua totalidade. Mesmo que a dissertação em relação à pergunta do tema seja contrária a essa posição, são necessários ao candidato mais argumentos do que os trazidos pelos três textos, fundamentando a sua redação com conhecimentos prévios acerca do assunto.

1.

Comentário da redação

A prova de redação da Fuvest trouxe o seguinte mote aos vestibulandos: **“Camarotização” da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia.** É possível que a proposta possa ter causado um certo estranhamento em alguns alunos ao utilizar o neologismo “camarotização”. No entanto, é de fácil assimilação o uso causativo da terminação “-izar” na expressão “camarotização” da sociedade brasileira. Em outras palavras, é clara a ideia de que, na sociedade brasileira, há utilização privilegiada de determinados espaços por certos “estratos sociais”, ocasionando uma segregação social. Nesse sentido, a coletânea apresentou textos bastante elucidativos.

Os dois primeiros textos trouxeram ponderações do filósofo Michael J. Sandel. O primeiro, adaptado de seu livro *O que o dinheiro não compra*, trata da reconfiguração do espaço na contemporaneidade em comparação ao século XX. Sandel utiliza o estádio para explicitar a mudança no convívio social, apontando a construção de camarotes – anteriormente inexistentes – como a base para a separação entre classes sociais diferentes. A partir de tal consideração, mostra como essa lógica espalhou-se para outros setores, atravancando não só o convívio, mas também a democracia.

O segundo texto, extraído de uma entrevista concedida ao jornal *Folha de São Paulo*, critica a valorização dos espaços e serviços privados em detrimento dos espaços e serviços públicos. Nesse sentido, tem-se o *shopping center* como exemplo de reconfiguração do espaço e, por extensão, da identidade do sujeito contemporâneo. Com efeito, segundo Sandel, inicia-se a destruição da ideia de cidadania e bem comum.

O terceiro texto, de Renato P. Pereira, aborda, em linhas gerais, a atitude segregacionista de parte dos indivíduos mais abastados da sociedade brasileira. Em virtude da ascensão social pela qual passou boa parte da população – comumente tratada como “ascensão da classe C” –, mais pessoas tiveram acesso a locais antes frequentados apenas pela “elite”. Desse modo, percebe-se a consonância com os outros dois textos no que se refere a uma estruturação da ideia de “camarotização” e seus desdobramentos.

O quarto texto, afinal, expõe o testemunho de um professor universitário sobre ensino público e convívio social. Nele, apresenta-se um cenário – até a década de 1960 – em que havia um harmônico convívio entre classes sociais diferentes, amparado pela qualidade do ensino da escola pública. Dessa forma, de acordo com o professor, possibilitava-se aos alunos o compartilhamento de suas experiências de vida e o vislumbre de um futuro semelhante entre si, diferentemente do problemático cenário atual do ensino público, que estabelece uma distância abissal entre os alunos da rede pública, de modo geral pobres, e os alunos da rede privada, com frequência mais abastados.

Seria relevante, portanto, problematizar a possibilidade de construção da democracia brasileira tendo em vista o cenário de “camarotização” no qual estamos e/ou fomos inseridos. Ora, o processo de redemocratização do Brasil, advindo da queda do regime ditatorial, é bastante recente. Com efeito, a democracia nacional é ainda bastante incipiente, o que faz pensar sobre sua (des)construção a partir de determinados paradigmas, como a segregação das classes sociais. Assim, a alusão a um passado brasileiro contrastante com a atual situação de “camarotização” da sociedade poderia motivar o aluno a buscar na história nacional, preferencialmente recente, elementos que acordassem, por exemplo, com a posição do autor do quarto texto. Entretanto, também seria possível discordar de tal posição, buscando respaldo na história para mostrar as bases que desdobram tal situação segregacionista.

Caberia ao aluno, então, atentar-se para a relação entre as palavras-chave da proposta. Nesse sentido, seria importante associar segregação social e democracia à “camarotização” da sociedade, ou seja, a transformação do meio social em espaços cada vez mais seletivos, cujos frequentadores encerram certa sensação de privilégio e prestígio. Essa condição expõe as fronteiras socioeconômicas contidas no Brasil, potencializadas por um núcleo social elitista e intolerante. Nota-se, pois, que a manutenção de uma sociedade pautada pela exclusividade opõe-se ao ideal democrático de igualdade e inclusão social. Poderiam ser citados, dentre outros exemplos contemporâneos, os “rolezinhos”, os casos de intolerância nos aeroportos, as manifestações contrárias à elaboração, manutenção e reconfiguração do transporte e do espaço públicos – principalmente em grandes capitais, como São Paulo.

Foi, enfim, um tema bem elaborado e bastante produtivo para quem estava atento ao cenário brasileiro contemporâneo e executou uma leitura cuidadosa e crítica da proposta.

2. A prova de redação da Unicamp, neste ano colocada na segunda fase, cobrou dos vestibulandos a execução de uma **síntese** e uma **carta-convite**. Assim como nos anos anteriores, a proposta de construção do gênero é definida a partir de uma situação de interlocução seguida de uma coletânea, ambas embasando e delimitando a produção do texto.

O primeiro gênero cobrado pela Unicamp, a **síntese**, deveria ser construído a partir da associação entre dois textos-base: um artigo científico e um trecho de um ensaio. Era fundamental que o aluno extraísse dos textos o conceito de **humanização no atendimento à saúde** e então os relacionasse. Outro ponto importante é o **registro formal** – a adequação à norma-padrão da língua portuguesa. Esses aspectos, então, deveriam ser trabalhados de modo impessoal pelo aluno, ou seja, ele não poderia mencionar o **grupo de estudos** ou o fato de ser um **estudante universitário**, pois esses dados, embora constituam a **situação de interlocução**, descaracterizariam o gênero caso fossem apresentados no texto. Portanto, o gênero deveria ser construído em terceira pessoa do singular, a partir de verbos primordialmente no tempo presente e no modo indicativo.

O segundo gênero cobrado pela Unicamp, a **carta-convite**, apresentou uma extensa série de indicações, exigindo atenção do aluno. Em relação aos aspectos formais (cabeçalho, vocativo, corpo do texto e assinatura), era fundamental perceber que a **carta** a ser redigida pelo estudante representaria um **grupo**, ou seja, deveria ser escrita com a marcação da primeira pessoa do plural. Em segundo lugar, era preciso atentar-se para o fato de que os destinatários compõem um extenso núcleo, resumido pela expressão **comunidade escolar**, mas que deveria ser desdobrada ao longo da produção. Em terceiro lugar, além da assinatura, era necessário constar o dia, o horário e o local da reunião.

No que se refere ao aspecto **convite**, dever-se-ia notar o caráter argumentativo do gênero. Portanto, era preciso construir argumentos para convencer a **comunidade escolar** a participar de uma reunião (todos os dados referentes à reunião também deveriam constar no texto), bem como propor soluções para o problema apresentado. Com efeito, o gênero deveria apresentar um tom mais efusivo. Para tanto, verbos no modo imperativo e advérbios contribuiriam de forma considerável para a execução da proposta.

O gênero, enfim, deveria ser embasado na temática **violência na escola**, a partir de algum(ns) incidente(s) ocorrido(s) na instituição do referido **grupo**. Para cumprir, então, as expectativas da banca, era necessário utilizar informações colhidas na leitura do texto de apoio.

Nesse sentido, embora a prova tenha solicitado gêneros comumente simples, é importante atentar-se para o fato de que a produção textual condicionou-se sobretudo a adequadas leitura e interpretação. Para que conseguisse ter um bom desempenho, portanto, o aluno precisaria apresentar um preciso e produtivo diálogo com a proposta e a coletânea. Enfim, adequação ao propósito e assimilação dos textos de apoio foram as chaves para a prova de redação da Unicamp.

3. Bastante atual, o tema da prova de redação deste ano, “O financiamento de campanhas eleitorais por empresas deve ser proibido?”, foi acompanhado por uma coletânea precisa e sucinta. A proposta, também muito objetiva, exigiu que o candidato assumisse um ponto de vista ou afirmativo ou negativo. Por fim, as instruções mantiveram-se tradicionais, a saber: tomar como base do raciocínio os textos da coletânea, mas o cabedal de conhecimentos do candidato também deve ser explorado.

Constituída de três excertos, a coletânea assim se organizou:

- trecho 1 apenas informa, contextualiza a proposta;
- trecho 2 claramente aponta para uma resposta negativa, ou seja, argumenta pela política livre da agenda econômica, pela qual é sequestrada quando há doações em dinheiro por parte das grandes empresas, argumento também usado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman no livro *Globalização*;

- trecho 3 opõe-se ao 2, argumenta pela importância do investimento financeiro para a manutenção e progresso da democracia, adota o viés liberal que sustenta a autorregulação do pleito pelas urnas, pois, em teoria, apesar do investimento das grandes empresas, os eleitores escolheram livremente seus candidatos, ou seja, desempenham um papel regulador.

Quaisquer posicionamentos ideológicos são lícitos, são possíveis, do ponto de vista político e lógico, bastava o candidato escolher um. No entanto, o que se deu na prática das eleições de 2014 confirma que o partido que recebeu mais investimentos e gastou mais foi o vitorioso.

De modo geral, a prova, porque muito bem elaborada, possibilitou ao candidato desempenhar-se conforme suas habilidades livremente, sem impedimentos de qualquer ordem.

1.

Comentário da redação

A prova de redação da Fuvest 2016 não fugiu aos padrões dos últimos anos da banca. Trabalhando sutilmente, como pano de fundo, com a sociedade desigual e intolerante na qual vivemos, a prova propôs o questionamento: "As utopias: indispensáveis, inúteis ou nocivas?".

O primeiro dos seis textos da coletânea traz a definição de *utopia* de acordo com o *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano. Seria possível extrair a ideia de que utopia, como qualquer outro, é um conceito delimitado pelo entorno sociocultural. O contexto dado pela coletânea para o surgimento desse conceito é o romance de Thomas More que questiona a existência de propriedades privadas e de intolerância religiosa, por exemplo, e que as coloca como desencadeadoras de desarmonia social. No verbete, *utopia*, em sentido positivo, é o projeto de uma sociedade diferente desta em que vivemos. Em sentido negativo, há a ideia de sonho irrealizável. Assim, o texto permite ao aluno posicionar-se em relação ao conceito e procurá-lo nas mais variadas experiências sociais.

O segundo excerto trata da utopia como distanciamento da ordem vigente e da possibilidade de, por meio de potencialidades, perceber outras realidades possíveis. Quem traz a ideia é Paul Ricoeur, filósofo francês contemporâneo, o qual defende que, sem utopia, estaríamos presos sempre à realidade que contempla apenas a ordem vigente. Perguntas úteis para desencadear argumentos seriam "O que nos mantém presos a essa realidade? Por que, na maior parte do tempo, não questionamos a existência de outras realidades possíveis?"

O terceiro texto, de Karl Mannheim, sociólogo do começo do século XX, segue na linha do segundo, apontando que o homem que não mais sonha acaba se transformando em coisa, e, tendo domínio racional da existência, torna-se mero produto de impulsos, sem vontade de produzir ou compreender história. Observar o homem que se cola à burocracia das coisas e ao conforto do pensamento conservador hoje em dia poderia, mais uma vez, desencadear boas reflexões.

André Comte-Sponville, outro filósofo francês contemporâneo, em uma outra chave, propõe, no quarto trecho disponível na coletânea, que ou as utopias ficam no plano da imaginação – sem, portanto, eficácia – ou representam perigo justamente pelo potencial transformador daquilo que as move. Poder-se-ia, com esse texto, trabalhar a inutilidade de utopias num mundo preso a limitações dadas pela própria falta de utopia ou pelo constante conflito entre utopias diferentes.

Na sequência, a prova trouxe o poema "Cidade Prevista", de Carlos Drummond de Andrade. A cidade do título remete a um mundo futuro, que o eu lírico acredita que não verá, com outra ordem vigente. Em meio a uma enumeração de diferenças em relação àquilo com que lidamos diariamente (fronteiras, dores, muros), o poeta apresenta o otimismo de quem crê num mundo melhor; apresenta-se, portanto, utópico. Uma saída com este texto seria relembrar o que a Fuvest já havia apresentado em 2011: a possibilidade de pensamento a longo prazo e, por que não, de uma utopia a longuíssimo prazo.

No último texto, Frédéric Rouvillois discorre sobre a utopia como a busca por uma sociedade perfeita e a necessidade de essa busca tornar-se um projeto totalitário já que seria, por fim, a desapareição de diferenças, conflito e acaso. Trata-se, segundo o autor, de "produzir a unidade pela violência".

O exame, portanto, contou com uma coletânea bastante completa e provocativa. Houve espaço de ação argumentativa para os candidatos, tangenciando o cotidiano do homem contemporâneo sujeito aos processos de globalização e a uma economia que rege suas sociedades e seus mais íntimos impulsos.

2.

Comentário da redação

Sendo fiel aos princípios pelos quais a prova de redação da Unicamp se pauta, neste exame, solicitou-se a elaboração de dois textos de gêneros distintos: **resenha e texto de divulgação científica**, a partir de uma situação específica de comunicação e com o subsídio de textos-fonte, para cada uma das tarefas propostas. Como é, sobretudo, uma prova de proficiência em língua portuguesa, o candidato deveria mobilizar conhecimentos de leitura e escrita para produzir os dois textos, atentando para a situação de comunicação proposta no enunciado de cada uma das atividades: quem escreve, para quem, por qual motivo e com qual propósito.

Assim, para o candidato, as marcas formais do gênero em questão, embora importantes, não são a essência da prova, pois a leitura e a escrita é que serão avaliadas. Dessa forma, aquele que se submeteu ao exame não deveria ficar preso a modelos de texto preestabelecidos, mas sim mobilizar seus conhecimentos na elaboração de uma tarefa específica e detalhadamente orientada. Isso significa que, para ter um desempenho adequado, basta cumprir o que foi solicitado.

Essa característica da prova da Unicamp foi pontual no exame de 2016, como se pode observar no **Texto 1**, em que se espera que o candidato produza uma **resenha** da fábula *A deliberação tomada pelos ratos*, de Jean de La Fontaine. De preferência, em 3ª pessoa e sem marcas de interlocução ou interpelação, o texto, obrigatoriamente com título, deverá apresentar, três partes. Em primeiro lugar, uma síntese da fábula com seus elementos constituintes, ou seja, espaço, tempo, enredo, personagens, voz narrativa e moral. Pode-se, inclusive, chamar a atenção para a estrutura em versos, a ausência dos dois primeiros elementos e a caracterização dos animais como figuras representativas humanas. Ao cumprir essa tarefa, o candidato mostra sua habilidade de ler e apreender o que é essencial.

Na sequência, pede-se uma situação social análoga aos fatos narrados e que envolva um problema coletivo, ou seja, o candidato deve buscar, em seu repertório cultural, uma contribuição pessoal compatível com a situação em que "falar é fácil, mas fazer é difícil" (a temática da fábula). É nesse aspecto que se avalia a capacidade de transferir conhecimentos de uma situação para outra por semelhanças; daí, a analogia. Essa tarefa pode ajudar a explicar, na tarefa seguinte, a ausência de marcas de tempo e espaço.

Dessa forma, na finalização da resenha, é necessário estabelecer relações com a temática da fábula: compara-se a ficção com a realidade, com o cotidiano, mostrando-se a capacidade de interpretar. Cabe ressaltar, nesse quesito, que o gênero em questão reproduz, por meio da interação entre animais, o agir humano a fim de extrair da situação uma reflexão.

Por último, quando se pede a autoria da resenha, por meio da assinatura com um pseudônimo, o candidato pode mostrar apropriação em relação à situação de comunicação, colocando-se, por exemplo, como "leitor aficionado", "estudante universitário", "participante do CAE" etc.

Em relação ao **Texto 2**, observa-se o mesmo detalhamento no que tange aos aspectos a serem avaliados. No caso, o candidato deve produzir um **texto de divulgação científica**, isto é, um texto impessoal, expositivo, composto basicamente de três partes. Com verbos na 3ª pessoa do singular, linguagem formal e objetiva, o candidato não deve marcar interlocução, nem interpelação. É importante ressaltar que as tarefas também não pedem a opinião de quem escreve, nem a chamada "contribuição pessoal". Basta pensar que, se o objetivo da situação de comunicação é "divulgar", a tarefa é, então, tornar público o que o outro disse: uma mera paráfrase. Nesse aspecto, fica clara mais uma vez a essência do exame: avaliar a capacidade de ler e interpretar.

Assim, obrigatoriamente com um título que remeta ao cerne do texto-fonte, a atividade a ser produzida, sobre a indução das emoções, terá o objetivo de divulgar as ideias do neurocientista António Damásio, autor do livro *O sentimento de si: corpo, emoção e consciência*.

Para cumprir o que foi proposto, basta atender às instruções na sequência em que foram apresentadas. Inicialmente, uma explicação sobre indutores de emoção com exemplos do próprio texto-fonte. Para isso, poderá recorrer ao 1º parágrafo. Vale destacar que os indutores são externos, e não biológicos, isto é, são objetos e situações que conduzem a alguma reação emocional.

Em seguida, deve haver uma breve narrativa para exemplificar processos de indução de emoções – o 2º e o 3º parágrafos do texto-fonte podem ajudar o candidato nessa tarefa. Inclusive, ao atentar para a sequência "Um fato que torna óbvio [...]" – que abre o 2º parágrafo – já se pressupõem os exemplos a serem extraídos.

Por último, a finalização do texto de divulgação científica deverá estar baseada no fechamento do texto original e, dessa forma, considerar a relação entre corpo, emoção e consciência, conforme indica o último parágrafo do texto-fonte. A expressão "De uma forma ou de outra" (que aparece nesse trecho) marca a conclusão à qual o autor chegou.

Assim, como o próprio portal da Universidade já explicitou, mais uma vez, a Unicamp comprova, com o vestibular 2016, que "o treinamento exaustivo de modelos de gênero termina por deixar em segundo plano a reflexão fundamental sobre uma série de aspectos na escrita do candidato, tais como: a) o modo como o locutor (aquele que escreve, conforme o enunciado) e o interlocutor (aquele a quem se destina o texto escrito) estão representados na linguagem do texto; b) a pertinência do registro de linguagem adotado (formal, semiformal, informal) na escolha das palavras e expressões; c) o modo como o tema é abordado; d) as estratégias de argumentação adotadas; e) o uso da norma-padrão e das formas de organização textual que atenderão aos tópicos anteriores (estrutura das sentenças, elementos de coesão etc.). A avaliação dos aspectos mencionados depende dos parâmetros da situação de escrita, ou seja, dos interlocutores pressupostos, do propósito da produção e dos textos-fonte oferecidos. Nesse sentido é que a redação solicitada no vestibular da Unicamp deve ser vista como a reprodução de uma prática situada de escrita e não como mero exercício de redação".

3.

Comentário da redação

A prova de redação da Unesp 2016 solicitou uma dissertação em prosa sobre o tema "Publicação de imagens trágicas: banalização do sofrimento ou forma de sensibilização?". Acredita-se que a escolha desse tema foi bastante acertada, uma vez que se trata de um debate atual e que exigiu do candidato uma análise acerca da conduta da sociedade contemporânea diante da superexploração de imagens pela mídia, sobretudo pelas redes sociais.

Entre os grandes vestibulares, a Unesp é reconhecida pelo cuidado de apresentar uma coletânea contundente capaz de assegurar suporte às reflexões dos candidatos. Nesta edição, a coletânea apresentava três imagens que evidenciavam,

em diferentes contextos, o horror ocorrido em algumas partes do mundo, em épocas muito diversas: a famosa fotografia, de 1972 (de Nick Ut e ganhadora do Pulitzer), da menina vietnamita atingida por napalm ao fugir da aldeia bombardeada; a fotografia, de 1993 (de Kevin Carter, também premiada pelo Pulitzer), da menina sudanesa observada por um abutre, em região assolada pela fome, que levou o seu autor ao suicídio; e, por fim, a fotografia, de Nilüfer Demir, que sensibilizou o mundo neste ano de 2015 com a imagem do menino sírio encontrado morto na praia, após naufrágio de barco, alertando a todos sobre os limites da crise dos refugiados.

Além das imagens, quatro excertos foram destacados pela Banca Examinadora: o primeiro ressaltava o questionamento sobre a capacidade de percepção, do homem contemporâneo, do sofrimento. Segundo o texto, ela teria sido desgastada pelo bombardeio diário de imagens. O trecho revelava ainda que, para muitos críticos, a humanidade teria se tornado insensível diante de imagens que deveriam ser importantes, mas que teriam seu efeito reduzido em um mundo saturado por elas. O segundo texto afirmava ser obscuro explorar imagens de horror para expressar o que está acontecendo. O terceiro, pelo contrário, defendia a tese de que, embora a morbidez deva ser evitada a todo custo, imagens fotográficas chocantes podem servir a propósitos humanitários e devem, portanto, ser publicadas. O último evidenciava a opinião de Peter Bouckaert, Diretor da ONG Human Rights Watch, que, por acreditar também que a publicação de imagens de horror configura estratégia de combate ao mal, foi um dos primeiros a compartilhar a fotografia do menino sírio.

Na elaboração dos argumentos, o candidato deveria necessariamente posicionar-se de maneira a responder à pergunta feita pelo tema.

Vale ressaltar que, embora o debate seja recente, ao longo do desenvolvimento humano, a imagem, inclusive de acontecimentos trágicos, sempre se constituiu como elemento fundamental para a construção da memória e do discurso histórico. Francisco de Goya, pintor espanhol, desenvolveu, entre os anos de 1810 e 1815, uma série de 82 gravuras, conhecidas como "Os desastres da Guerra", nas quais relatava, de modo cru e penetrante, o horror e as crueldades cometidas na Guerra da Independência Espanhola. De modo geral, a morte em todas as suas formas, ou a proximidade dela, é o tema mais constante dessas imagens.

Durante o século XX, após o advento da fotografia e do cinema, o fotojornalismo e a divulgação de imagens das guerras havidas foram decisivas para a análise, interpretação e reflexão do contexto político, econômico e social da época. Era a primeira vez que a humanidade tinha a oportunidade de ver, a distância, por meio de fotos e vídeos, os horrores que aconteciam no mundo inteiro em tempo quase real. Como resultado, foram inúmeros os movimentos a fim de transformar a realidade: as lutas pela independência das antigas colônias africanas e asiáticas; as manifestações contrárias às ditaduras militares na América Latina; a oposição à Guerra do Vietnã; os movimentos contrários ao racismo e ao imperialismo; os movimentos de Maio de 68; a Primavera de Praga. Todos episódios que tiveram forte influência da divulgação de imagens de horror.

Contudo, atualmente, observa-se que a superexploração pela mídia das mesmas imagens pode mesmo estar conduzindo a um efeito contrário: o da banalização do sofrimento. Em seu livro, Susan Sotang, citada na coletânea, afirma que, em nossos dias, as imagens de atrocidades tornaram-se "lugares-comum", como se o homem contemporâneo tivesse se acostumado às imagens da violência. Mesmo a fotografia do menino sírio, que se tornou um dos assuntos mais comentados no Twitter e em diversos outros veículos da imprensa internacional, teve um efeito momentâneo, mas que não foi suficiente para promover um levante internacional contra a gravidade da situação dos refugiados.

4.

Comentário da redação

A prova de redação deste ano propôs um tema polêmico: a antiga questão sobre a pena de morte ser ou não eficiente no combate aos crimes hediondos. Apesar de o Brasil não debater essa questão internamente desde a década de 1980, em 2015 defendeu o fim da pena de morte na ONU quando da execução de dois cidadãos brasileiros na Indonésia. Assim, a proposta de redação, amparada por três textos em coletânea, desafia o candidato a dissertar sobre um tópico clássico, embora desaparecido há anos dos exames vestibulares.

A coletânea:

- no "texto 1", há uma contextualização, situando a pena capital na história do Brasil, assim como a recente (2015) volta da questão, que tumultuou as relações diplomáticas com a Indonésia.
- no "texto 2", além de uma lista descritiva dos crimes hediondos, a autora Teresa Caldeira, antropóloga, realça a argumentação mais emotiva (vingativa) que racional dos que defendem a adoção dessa pena, ou seja, apenas "uma minoria argumenta" com a intenção de "resolver o problema da violência". Desse modo, o trecho de Cidade de muros fornece bom material para se elaborar um parágrafo de refutação.
- no "texto 3", a autora Julita Lemgruber, por meio de dados, sustenta o argumento desfavorável à pena de morte por meio de dados comparativos entre países que adotaram a pena e países que não adotaram.

Por fim, para esta proposta, necessita-se de uma estrutura dissertativa bem tradicional, com argumentos, exemplos, dados, refutação e, claro, uma tese bem-definida, pois o desafio não é pensar o tema, que, clássico, já possui argumentos e contra-argumentos cristalizados.

1.

Comentário 1:

Levando-se em conta a ideologia da instituição, observa-se, nesta proposta, que emerge o princípio essencial da prova de redação na Unicamp: avaliar a capacidade do aluno de ler e interpretar uma situação específica de produção subsidiada por um texto-fonte. No caso, o candidato é levado a refletir, à luz da atualidade, sobre um artigo que data de 2012. Essa ideia, inclusive, é especificada na situação de comunicação proposta, pois o enunciador é um estudante do Ensino Médio interessado em questões da atualidade.

Assim, não pode passar despercebido o seguinte trecho do texto-fonte: "Responder a essas questões, aqui e agora, seria um exercício de profecia que não nos cabe fazer. Isso não exclui, entretanto, que a reflexão sobre essas possibilidades esteja proposta, por mais penosa que ela possa ser, principalmente se considerarmos a rapidez dos processos em curso e a tensão mundial presente no embate entre interesses nacionais e direitos humanos".

Afinal, propõe-se que tal enunciador, desafiado ou motivado por questionamentos ("Seremos sensíveis aos discursos e às práticas xenófobas? Defendemos políticas restritivas e repressoras? Carninharemos para a sofisticação dos instrumentos de vigilância sobre um 'outro' que possa ser visto como ameaça?"), escreva uma carta, texto de natureza argumentativa e apelativa.

Cabe ressaltar, entretanto, a necessidade de apontar, no texto a ser produzido, a opinião da autora do texto-fonte, Lená Medeiros de Menezes, sobre o tema para poder discuti-lo, ou seja, "A predisposição do Brasil em receber o estrangeiro de braços abertos é ideia consagrada que necessita sofrer o peso da crítica. Pesquisas variadas têm demonstrado que o país nunca foi imune aos processos de discriminação do 'outro'. Logo, na discussão, vale destacar que a visão de um Brasil supostamente acolhedor contrasta com as atitudes discriminatórias encontradas em território nacional".

Enfim, fica claro que o candidato é desafiado a ler efetivamente o que é proposto. No mais, o texto 1 não ofereceu nenhum tipo de dificuldade. Espera-se que um "eu" (estudante de Ensino Médio) escreva uma carta, preferencialmente com interlocução marcada, para a Seção do Leitor da revista Rio Pesquisa, fazendo menção ao artigo lido e à relação estabelecida pela articulista para, depois, posicionar-se sobre a questão. Não se pode esquecer que, por fim, o gênero solicitado demanda marcas estruturais específicas de uma carta argumentativa.

Comentário 2:

Por sua vez, o texto 2 também põe em pauta a ideia da leitura como fator primordial para a produção escrita. No caso, porém, avalia-se a capacidade de síntese, pois o candidato deveria basear-se apenas em uma notícia para escrever seu texto. Espera-se que seja escrito, em 3ª pessoa, um texto de apresentação de uma campanha para arrecadação de fundos para uma biblioteca comunitária, a qual se mantém com a ajuda de voluntários, e não uma campanha em si; logo, a natureza expositiva do material a ser publicado no site da instituição.

Do ponto de vista estrutural, bastaria atender aos comandos na sequência em que foram solicitados, parafrazeando do texto-fonte o conteúdo; por exemplo, quanto ao histórico, fazer um resumo com dados sobre a biblioteca: quando foi criada, por quem, por que, para que, o acervo, a quem atende etc. Da mesma forma, o candidato deveria proceder para apontar as ações, como: "Hoje a Barca abre ao público de terça a sábado, das 14 às 20 horas – chegou a ser de terça a domingo, em três turnos. Mesmo com as dificuldades, promove atividades semanais, como A Escola Vai à Barca (que recebe alunos de escolas da rede pública e particular), palestras, saraus para adultos, lançamentos de livros, leituras coletivas de livros e passeios mensais de barco pela Lagoa da Conceição".

Com relação ao último comando, fica implícita a ideia de se apontar o problema – "incerteza do futuro", "aluguel atrasado", "sem nenhum patrocínio, convênio, subvenção" etc. – para mostrar a importância da campanha de arrecadação de fundos para a continuidade do projeto; afinal "De 2007 até hoje, os voluntários da Barca viram crianças que engatinhavam lerem as primeiras palavras e depois amarem a leitura". Para finalizar, viria a ideia do porquê da campanha: a necessidade de parceiros fixos que queiram ajudar.

1. Com a pergunta "Devem existir limites para a arte?", a Fuvest 2018 colocou o candidato para dissertar sobre acontecimentos recentes.

O primeiro texto, retirado do site iG, trouxe a ideia da arte como representação de culturas, mas também como expressão sensível. Esse "sensível", porém, é rapidamente associado à ideia do belo, do agradável, e um exemplo contemporâneo mostra a arte como possibilidade de choque e de polêmicas também, de acordo com a produção de determinados artistas. Aqui talvez o candidato tenha se questionado: o que seria a arte, afinal? Vale lembrar que essa resposta é aberta e que, se bem fundamentados, quaisquer recortes ou posicionamentos seriam possíveis.

O segundo texto, retirado da revista IstoÉ, descreveu a obra *Bandeira Branca*, de Nuno Ramos, presente na 29ª Bienal, em 2010, e trouxe à tona o incômodo social relacionado à presença de animais vivos na obra, que atraiu até o local, à época, ativistas dos direitos dos animais. As consequências dos protestos foram a desautorização do Ibama e a descaracterização da obra, que virou mero cenário. Era um texto essencialmente descritivo, jornalístico, factual. Ao candidato caberia, mais uma vez, problematizá-lo.

O jornal *Folha de S.Paulo* traz a notícia do cancelamento da exposição "Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira", no segundo semestre de 2017, que tratava de questões de gênero e diferença. "[...] realizada desde 15 de agosto no Santander Cultural, em Porto Alegre, foi cancelada após protestos em redes sociais" e as obras eram assinadas por 85 artistas, dentre eles, renomados como Candido Portinari e Ligia Clark. O texto seguinte, ainda sobre a mesma exposição, traz a postagem no Facebook do Santander Cultural explicando o motivo da opção pelo fechamento. Segundo a postagem, "Quando a arte não é capaz de gerar inclusão e reflexão positiva, perdeu seu propósito maior, que é elevar a condição humana".

Solange Farkas, para o jornal *Nexo*, lembrou, no último excerto selecionado para a prova, que "A arte é um exercício contínuo de transgressão" e que conhecer novas artes e novos artistas pode nos dar a dimensão da realidade para indivíduos diferentes de nós.

Assim, ao candidato não havia argumentos prontos, dado que a coletânea era majoritariamente expositiva, baseada em fatos e em notícias.

Cabia a ele a relação dos acontecimentos com outros presentes nesse mesmo contexto sociocultural e a apresentação de um texto coeso, coerente e fluido em 30 linhas. Era de extrema importância a resposta à pergunta colocada.

2. A prova de redação da Unesp 2018, assim como nos dois últimos anos, trouxe uma questão para nortear a produção textual dos candidatos. Desta vez focalizando o cenário brasileiro, a seguinte pergunta foi proposta: "O voto deveria ser facultativo no Brasil?"

Considerando o cenário brasileiro de intensos embates políticos, debates sobre o futuro institucional do país e, principalmente, a proximidade das eleições de 2018, o tema mostrou-se bastante atual e proporcionou ao candidato um momento de reflexão sobre uma possibilidade de reconfiguração do sistema de votação brasileiro. Caberia ao candidato, então, observar a abordagem da questão e pensar sobre os desdobramentos de seu ponto de vista na democracia brasileira. Nesse sentido, os textos motivadores foram bastante elucidativos.

A coletânea encaminhada pela prova foi composta por dois artigos jornalísticos adaptados. O primeiro, publicado na revista *Carta Capital*, no contexto das eleições de 2014, começa com um levantamento do instituto Datafolha, segundo o qual 61% dos brasileiros àquela época eram contrários ao voto obrigatório. O artigo também esclarece a obrigação constitucional da votação e apresenta os casos em que ela é facultativa. Na defesa da obrigatoriedade do voto, apresentam-se as opiniões de analistas sobre o tema. De acordo com eles, em razão da deficiente formação política dos brasileiros e do cenário de compra e venda de votos, a obrigatoriedade da votação ainda é necessária e funcionaria como uma prática pedagógica para o desenvolvimento da democracia no Brasil. Expõem-se, ao final, alguns argumentos favoráveis ao voto facultativo. Sugere-se que a maior consciência dos eleitores melhoraria a qualidade da escolha, além de incitar os partidos políticos à realização de programas sobre a importância do voto.

O segundo texto da coletânea, publicado na revista *Exame*, em agosto de 2017, trata da opinião de especialistas que apontam para a descrença política e a não compreensão da importância do voto pela população como problemas que levariam ao abandono das urnas e o consequente prejuízo à democracia. Em oposição, traz uma pesquisa que mostra o Brasil no sentido contrário à tendência mundial de adoção do voto facultativo, além da opinião de um cientista político, que pensa no voto facultativo como mais um passo à plenitude democrática brasileira.

Nota-se, portanto, uma proposta suficientemente completa para suscitar boas possibilidades de contextualização e bons encaminhamentos à discussão do tema, independentemente do posicionamento do candidato em relação à questão norteadora da prova.

3. A prova de redação da Unicamp tem um objetivo bem claro: avaliar a leitura e a escrita como processos inter-relacionados na construção de sentidos. Assim, as atividades apresentadas para os candidatos exigem que eles ponham em prática, no momento da prova, essas competências, ou seja, propõem-se circunstâncias únicas das quais emergem os textos, sem receitas, modelos prévios ou automatizações. Quanto maior a capacidade de desprender-se dessas estruturas e entender para atender ao que se pede na situação proposta, maior a chance do candidato de ter um desempenho satisfatório.

No Vestibular Unicamp 2018 não foi diferente; aliás, essa ideologia da instituição fica mais evidente ainda, pois deveriam ser elaborados dois textos distintos: uma palestra (um texto base) e um artigo de opinião. Independentemente de conhecer ou não características desses gêneros textuais, o candidato com habilidade de escrita e leitura cumpriria as duas tarefas com certa tranquilidade; afinal, está bem claro o que deve ser feito e como fazê-lo.

Conforme o Manual do Candidato de 2018 (disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/07/manual2018.pdf>>), a prova de redação procura "reproduzir o funcionamento do discurso no mundo real. Para que um texto seja bem-sucedido em seus propósitos, o autor deve ter experiência de leitura e delinear um projeto em função de um ou mais objetivos específicos, que deverão ser atingidos por meio da formulação escrita. A avaliação dos textos produzidos levará em conta as condições propostas na atividade", isto é, quem escreve? Por quê? Para quê? Sobre o quê? Para quem? Vale ainda lembrar que deverão ser identificados e cumpridos os comandos para execução de cada proposta.

No texto I, para subsidiar o seu desenvolvimento, apresentaram-se dois textos-fonte, de linguagens distintas – mista e verbal, respectivamente – sobre o fenômeno da pós-verdade. Para realizar a tarefa proposta, o candidato deveria assumir a posição de um aluno de Ensino Médio convidado a fazer uma palestra a seus colegas sobre esse termo tão atual. Considerando-se que é um texto base a ser lido aos colegas, destaca-se que seria natural, desde o início, o diálogo com o público ouvinte, até porque será lido em voz alta na íntegra. Para dar corpo ao que se pede, o texto deve inicialmente explicar o que é pós-verdade, atentando para sua relação intrínseca com as redes sociais. Posteriormente, deve trazer, no mínimo, dois exemplos de notícias falsas que circularam nas redes sociais e que se tornaram pós-verdade. Na finalização da apresentação desse texto oral, deve haver, também, no mínimo, duas consequências sociais da disseminação de pós-verdades. Para a explicação, a exemplificação e as consequências, o candidato poderia contar também com informações de seu conhecimento e não só com os textos-fonte A e B.

Na produção do texto II, o candidato deveria atuar como um estudante leitor de um jornal, escolhido por esse periódico de maior circulação da cidade para manifestar-se, em um caderno especial, sobre o tema "Liberdade de Expressão" após a repercussão de uma mensagem de ódio contra nordestinos postada na internet. No caso, apresentou-se, como texto-fonte, uma série de citações a respeito do conceito de liberdade de expressão e a diferença em relação ao discurso de ódio, que deveria ser considerada na elaboração do texto. É importante destacar que tais opiniões atendem a determinados perfis, como ministro, advogado, ex-deputado, jornalista etc. A tarefa do candidato era elaborar um artigo de opinião para discutir, claramente, se há limite para a liberdade de expressão. Para fazê-lo, bastava atender aos comandos; assim, o texto, obrigatoriamente com título, deverá identificar e explicitar, em primeiro lugar, os dois principais posicionamentos sobre a questão tratada – liberdade de expressão ou discurso de ódio –, lembrando-se de associá-la à postagem que motivou a discussão. Na sequência, é preciso assumir um dos dois posicionamentos acerca dessa questão. Para sustentar essa opinião, o candidato deve construir, ao menos, dois argumentos.